



Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Pedro Jorge Marques de Lemos Cordeiro

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Arquitetura

Orientador:

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Auxiliar do Departamento de
Arquitetura e Urbanismo, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2015



Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Pedro Jorge Marques de Lemos Cordeiro

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Arquitetura

Júri:

Doutor Paulo Tormenta Pinto, Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Doutor Elisiário José Vital Miranda, Professor Auxiliar da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho

Doutor Jorge Manuel Frazão Cancela, Professor Auxiliar da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa

Arquiteto José Alberto Basto Pereira Forjaz, Especialista

Doutora Maria Teresa Lencastre de Melo Breiner Andresen, Especialista

Doutor Eduardo Maria Costa Dias Martins, Professor Auxiliar do Departamento de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Auxiliar do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2015

INDÍCE

ABSTRACT.....	2
RESUMO.....	3
LISTA DE FIGURAS.....	4
LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIACOES.....	9

CAPITULO I:

1. INTRODUO.....	11
2. ESTADO DA ARTE.....	25
3. OBJETIVOS GERAIS.....	28
3.1. “More for less”.....	35
3.2. “Sobre a posio do arquitecto”.....	38
3.3. O PNG enquanto caso de estudo.....	41
3.4. Metodologia aplicada.....	44

CAPITULO II:

4. ENQUADRAMENTO GERAL

4.1. Conceito de paisagem.....	48
4.2. Contextualizao histórica e geográfica.....	51
4.3. Sofala.....	60
4.4. Gorongosa.....	62
4.5. Resenha da atividade turística na Gorongosa.....	71
4.6. Infra-estruturas/acessibilidades.....	76
4.7. O PNG e o Kruger Park.....	80
4.8. Localizao e clima do PNG.....	82
4.9. Historias e mitos do PNG.....	91

CAPITULO III:

5. ETNICIDADES EM MOÇAMBIQUE - GORONGOSA.....	98
5.1. Matrizes únicas em Moçambique.....	99
5.2. Características da populao.....	104
5.3. Etnias locais e suas origens.....	105
5.4. Populao da Gorongosa.....	111

5.5. Dados estatísticos mais relevantes.....	116
5.6. Comunidades locais.....	117
5.7. O habitat.....	118
5.8. Aspetos religiosos e cosmogónicos.....	137
5.9. Materiais, sistemas construtivos e manutenção.....	143
5.10. Principais atividades e fontes de rendimento da população...	147
5.11. Principais problemas da população.....	149

CAPITULO IV:

6. GORONGOSA RESTORATION PROJECT.....	152
6.1. Modelo Conceptual.....	158
6.2. Recuperação e conservação do PNG.....	160
6.3. Objetivos do projeto para o PNG.....	163
6.4. Projeto turístico.....	168
6.5. O PNG e as comunidades locais.....	174
6.6. Comunidades no interior do PNG	177
6.7. O exemplo da comunidade de Mueredze.....	189

CAPITULO V:

7. MODELOS DE INTERPRETAÇÃO DO PNG	
7.1. “Ecological Urbanism”.....	193
7.2. Enquadramento Eco.....	196
7.3. Transdisciplinaridade.....	197
7.4. Responsabilidade social do arquiteto.....	199
7.5. O PNG á luz da atualidade na conservação da natureza.....	203
7.6. O exemplo do Projeto do Grande Limpopo.....	214
7.7. O exemplo do Parque Nacional de Zinave.....	218
7.8. Opiniões de ex-responsáveis no PNG.....	223

CAPITULO VI:

8. ANÁLISE CRÍTICA	
8.1. Natura versus Cultura.....	229
8.2. Propostas e intervenções no PNG.....	231
8.3. O exemplo do Parque Nacional de Virunga.....	244

8.4. O exemplo de Mbarau Niang.....	246
8.5. O exemplo de Rudrapur.....	248

CAPITULO VII:

9. SÍNTESES.....	250
------------------	-----

CAPITULO VIII:

10. CONCLUSÃO

10.1. Considerações finais.....	261
10.2. O Belo e a Eco-cultura na arquitetura.....	273
10.3. “Paraíso”.....	275
10.4. “Paraíso perdido”.....	278
10.5. “Correções”.....	282

LISTA DE REFERÊNCIAS:

11. BIBLIOGRAFIA.....	285
Teses e Dissertações.....	292
Periódicos.....	293
Documentos em suporte eletrônico.....	295
Websites e Blogs.....	298
Documentos FAPF.....	300
Filmes e vídeos.....	301
Literatura complementar.....	302
Letras de músicas.....	304
Eventos.....	305
11.1. FONTES PRIMÁRIAS.....	306

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

AGRADECIMENTOS

Ao

Professor Doutor José Luís Possolo Saldanha
pela eficiência, confiança e estímulo com que orientou este trabalho.

Professor Doutor João Pereira Neto (Diretor da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa) pela disponibilidade e generosidade com que me apoiou na pesquisa bibliográfica.

Dr. Marc Stalmans (Diretor científico do PNG)
pelo apoio e informação disponibilizada.

Dr. Vasco Galante (Diretor de comunicação do PNG),
pelo apoio e informação disponibilizada.

Sr. Luís Fernandes (responsável no PNG entre 1961 e 1975),
pela informação, contactos e relatos de experiências vividas no PNG.

Professor Doutor Luca Bussotti (Professor da UEM e investigador de estudos Africanos no ISCTE-IUL) pela disponibilidade e pelos contactos proporcionados.

Professor Arquitecto Luís Lage (Diretor da FAPF da UEM) pela informação disponibilizada.

À família e aos amigos

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

In Memoriam

***Maria João Madeira Rodrigues,
Professora Catedrática da FA-ULisboa***

“O mundo parece não ter uma consciência de si; [...] caminhamos para a incerteza com a valoração do sentir.”

“A relação do homem com o mundo é genericamente uma relação predatória; [...] a consolidação do sujeito passa por uma correção do ponto de partida.”

“A ética é talvez o único e possível coordenador do caos; [...] uma nova ética subentende uma estética renovada.”

“A lógica não tem de ser racionalista, pode ser poética; [...] o pensamento do espaço é a arquitetura; [...] ao expressar modos, comportamentos e sentimentos a arquitetura faz significar a sociedade.”

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

ABSTRACT

In this work, the Project of «Restoration of Gorongosa National Park» is taken as an example of the relevancy of the architect's role in human territorial interventions and as a privileged player in improving the inter-relations of the various areas of knowledge that take part in the transformation of the landscape, whether cultural or «natural».

Taking into account the need of an overall interpretation of the data of a given territory and the multifarious wishes of its actors, the architect applies the basic requirements of its discipline as a natural result of his all-embracing field of knowledge.

Thus, by isolating the most relevant themes in the process of the restoration and conservation of the Gorongosa National Park, the architect takes the first step towards the sinergetic planning of the actions in hand, giving primacy to the ecological balance between the culture and its social sustainability.

The result is a comprehensive research which conveys a methodological hypothesis for an overall understanding of the issue, with its own virtues and shortcomings, as well as an «architectural» proposal, constructed by means of a disciplinary network, aiming for an enduring full equilibrium.

Key-words: Architecture; Methodology; Cross-disciplinary; Equilibrium; Synergy; Synthesis; Humanization.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

RESUMO

O Projeto de “Restauração do Parque Nacional da Gorongosa” serve neste trabalho como exemplo da relevância do papel do arquiteto na intervenção no território enquanto interlocutor privilegiado para constituir entendimentos nas inter-relações das diversas áreas disciplinares que participam na transformação da paisagem, cultural ou “natural”.

Tendo em conta a necessidade de uma leitura global dos dados de um território e dos múltiplos desejos dos seus atores, o arquiteto, aplica naturalmente os requisitos fundamentais da sua área disciplinar como consequência natural da sua formação abrangente.

Deste modo, isolando os temas mais relevantes no processo de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa dá-se o primeiro passo para um eventual desenho sinérgico das ações em desenvolvimento, privilegiando o equilíbrio ecológico e estético entre a cultura e a sustentabilidade social.

O resultado é uma pesquisa abrangente que serve de hipótese metodológica para a compreensão global do problema colocado, das suas virtudes e eventuais lacunas da mesma, e uma proposta “arquitetural” construída através de uma rede disciplinar, para um equilíbrio pleno e mais duradouro.

Palavras-chave: Arquitetura; Metodologia; Transdisciplinaridade; Equilíbrio; Sinergia; Síntese; Humanização.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

LISTA DE FIGURAS

- Fig.1: Paisagem exótica, Henri Rousseau, 1910
- Fig.2: O sonho, Henri Rousseau, 1910
- Fig.3: Jardim de nós mesmos, Robert and Shana ParkeHarrisson, 2000
- Fig.4: O dia da árvore (T.I.) – Robert and Shana ParkeHarrisson, 2000
- Fig.5: Mapa de iluminação artificial no planeta / intensidades / domínio
- Fig.6: Esquema de fluxos migratórios do povo Bantu
- Fig.7: Ruínas do Great Zimbabwe, localizadas no actual Zimbabwe
- Fig.8: Mapa Monomotapa, século XVI
- Fig.9: Ruínas do Mapumbwe, possivelmente a primeira capital do império do Mwene Mutapwa
- Fig.10: *Sala da PIDE*, Malangantana, 1965
- Fig.11: Desenho de Punch, 13 Maio de 1970
- Fig.12: Gungunhana, 1895
- Fig.13: Quadro de contagem de animais entre 1968 e 1972
- Fig.14: Quadro de contagem de animais entre 1994 e 2010
- Fig.15: Acampamento de Chitengo, 1951
- Fig.16: Mapa mundial das florestas húmidas
- Fig.17: Mapa dos parques naturais no sudeste africano e localização do PNG
- Fig.18: Floresta de tílias: PNG, Julho de 2013 (fotografia do autor)
- Fig.19: Família de elefantes: PNG, Julho de 2013 (fotografia do autor)
- Fig.20: PNG, Julho de 2013 (fotografia do autor)
- Fig.21: Casa dos Leões, Julho de 2013 (fotografia do autor)
- Fig.22: Mapa de picadas do Parque Nacional de Caça da Gorongosa, 1952
- Fig.23: Mapa de picadas do Parque Nacional da Gorongosa, 1960
- Fig.24: Mapa de picadas do Parque Nacional da Gorongosa, 1970
- Fig.25: Mapa da organização tradicional no centro de Moçambique (Regulados)
- Fig.26: Mapa dos principais grupos étnicos africanos
- Fig.27: Mapa dos principais grupos étnicos Moçambicanos
- Fig.28: Vestígios arqueológicos dos Khoisan

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- Fig.29: Painel M'Gomo com figuras representativas do quotidiano Sena
- Fig.30: Pele de gazela ornamentada pela técnica de pêlo depilado
- Fig.31: Técnica de madeira de M'Gomo queimada e figuras raspadas em baixo-relevo
- Fig.32: Mulher jovem da comunidade de Vinho, Gorongosa, Julho de 2013 (fotografia do autor)
- Fig.33: “Distribution and numbers of tribal Kraals in the Gorongosa system (data from air count by K. L. Tinley)”
- Fig.34: Cena final de Melancholia (Lars Von Trier, 2011)
- Fig.35: “O primeiro edifício” segundo E. Viollet-le-Duc (segunda metade do século XIX)
- Fig.36: Catedral Metropolitana de Brasília, Óscar Niemeyer, período de construção 1958-1970
- Fig.37: Sofala século XVI, autor desconhecido (publicado por Tracey em 1940)
- Fig.38: Thomas Baines – Attack on stocks kraal in the fish river bush, 1858
- Fig.39: Thomas Baines, 1859
- Fig.40: Distribuição clássica da aldeia Tonga, publicada por Junod em 1962
- Fig.41: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013 (1) fotografia do autor
- Fig.42: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013 (2) fotografia do autor
- Fig.43: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013 (3) fotografia do autor
- Fig.44: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013 (4) fotografia do autor
- Fig.45: Curandeiro e seus objetos - Imagem fotografada de painel expositivo no Museu de História Natural, em Maputo, Julho de 2013
- Fig.46: O círculo na cultura tradicional africana
- Fig.47: Recinto familiar “nómada” do interior de Sofala, Julho 2013.
- Fig.48: Secagem ao sol de blocos artesanais maciços de argila, aldeia de Vinho, Julho de 2013.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Fig.49: Casa de “maticado” em construção, Serra da Gorongosa, Julho de 2013.

Fig.50: Mapa atual do limite e da zona de proteção do PNG, 2010. Cortesia de Dr. Marc Stalmans.

Fig.51: Desenho de enquadramento do PNG, Tinley

Fig.52: Topografia e drenagem da região da Gorongosa, Tinley

Fig.53: Perfil da serra da Gorongosa à costa do oceano Índico

Fig.54: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(1)

Fig.55: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(2)

Fig.56: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(3)

Fig.57: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(4)

Fig.58: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(5)

Fig.59: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010
(6)

Fig.60: Esquema do Modelo Conceptual do Projeto de Restauração do PNG

Fig.61: Panorâmica da Savana da Gorongosa (Serviços do PNG)

Fig.62: A fauna e as planícies do Tando (Serviços do PNG)

Fig.63: Safaris fotográficos no PNG (Serviços do PNG)

Fig.64: Pôr-do-sol em Bué Maria (Serviços do PNG)

Fig.65: Cavernas de Cheringoma (Serviços do PNG)

Fig.66: Cascatas do rio Murombodzi (Serviços do PNG)

Fig.67: Floresta húmida da serra da Gorongosa (Serviços do PNG)

Fig.68: Visita à comunidade de Vinho (Serviços do PNG)

Fig.69: Escola e Centro de Saúde de Vinho (construídas pelo PNG), Julho de 2013
(fotografia do autor)

Fig.70: Limite de PNG e localização de comunidades através do Google Earth

Fig.71: Comunidade de Vinho

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- Fig.72: Comunidade de Mueredze
- Fig.73: Mapa parcial de Vinho
- Fig.74: Mapa parcial de Mueredze
- Fig.75: Comunidade de Goinha
- Fig.76: Comunidade de Goronga
- Fig.77: Mapa parcial de Goinha
- Fig.78: Mapa parcial de Goronga
- Fig.79: Formalização de acordo com a comunidade de Mueredze
- Fig.80: Formalização de acordo com a comunidade de Mueredze
- Fig. 81: Novo Bairro de Mueredze, junto à Vila de Muanza (imagem cedida por Dr. Marc Stalmans)
- Fig.82: Tipologia habitacional do novo Bairro de Mueredze, junto à Vila de Muanza
- Fig.83: Organograma de ações e interdependências do projeto PNG
- Fig.84: Organograma comparativo arquitetura/PNG
- Fig.85: Esfera de colaboração transdisciplinar na construção metodológica da investigação
- Fig.86: Entrevista a Luís Fernandes, Ex-administrador da Gorongosa
- Fig.88: Entrevista a Carlos Fonseca, Biólogo da Universidade da Aveiro
- Fig.89: Proposta do Arquiteto José Forjaz para o PNG, 2005
- Fig.90: Proposta do Atelier Crafford&Crafford para os Serviços Científicos do PNG
- Fig.91: Levantamento do acampamento de Chitengo sobre imagem do Google Earth
- Fig.92: Vista geral de Chitengo
- Fig.93: Nova receção de Chitengo
- Fig.94: Refeitório do Centro de Investigação
- Fig.95: Residência de investigador, tipologia T2
- Fig.96: Tipologias pré-fabricadas em sistemas mistos de construção (1)
- Fig.97: Tipologias pré-fabricadas em sistemas mistos de construção (2)
- Fig.98: Sistema modular de pré-fabricação metálica - Estrutura mista

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- Fig.99: Alçado nascente (refeitório)
- Fig.100: Alçado nascente (quartos)
- Fig.101: Lavatórios exteriores (refeitório)
- Fig.102: Refeitório (vista interior)
- Fig.103: Sala de trabalho polivalente
- Fig.104: Quartos para educandos
- Fig.105: Resultado gráfico de sessão de esclarecimento no Centro de Educação Comunitário_CEC
- Fig.106: Produção de briquetes no Parque Nacional de Virunga
- Fig.107: Aldeia antiga de Mbaru Niang, Ilhas das Flores, Indonésia
- Fig.108: Reabilitação da aldeia de Mbaru Niang, Ilhas das Flores, Indonésia
- Fig.109: Escola primária de Rudrapur, Bangladesh (1)
- Fig.110: Escola primária de Rudrapur, Bangladesh (2)
- Fig.111: Arcadia, Thomas Cowperthwait Eakins Peter (1884-1916)
- Fig.112: Adão e Eva na Dignidade do Paraíso, Peter Paul Rubens (pintado entre 1610-1615)
- Fig.113: Ilustração de Gustave Doré (1866) para a edição de “Paradise Lost” de John Milton (1667).
- Fig.114: (1) Terra devastada, Nick Brandt, 2013
- Fig.115: (2) Terra devastada, Nick Brandt, 2013
- Fig.116: Pintura de Malangatana
- Fig.117: “Mending Earth” – Robert and Shana ParkeHarrison

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIACÕES

ACTF	Área de Conservação Transfronteiriça
ACTFGL	Área de Conservação Transfronteiriça do Grande Limpopo
AP	Área Protegida
BAD	Banco Africano de Desenvolvimento
BBC	British Broadcasting Corporation
CITES	Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora
CEC	Centro de Educação Comunitário
EUA	Estados Unidos da América
FAPF	Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico
Frelimo	Frente de Libertação de Moçambique
GIS	Sistema de Informação Geográfica
GSD	Harvard University Graduate School of Design
IPAD	Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento
ISEG	Instituto Superior de Economia e Gestão
IUCN-ROSA	International Union for Conservation of Nature – Regional Office for Southern Africa
ONG	Organização não-governamental
PIDE	Polícia Internacional e de Defesa do Estado
PNG	Parque Nacional da Gorongosa
PNZ	Parque Nacional de Zinave
PRODER	Programa de Desenvolvimento Rural
PTF	Parque Transfronteiriço
PTFGL	Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo
RAU	Reforma Administrativa Ultramarina
Renamo	Resistência Nacional Moçambicana
SIGAP	Sistema de Gestão de Áreas Protegidas

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

UA	Universidade de Aveiro
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
USAID	United States Agency for International Development
U-TT	Urban Think Tank

CAPITULO I:

1. INTRODUÇÃO

Os alicerces da academia e da experiência são capitais para a fundação da ideia e construção deste tema assim como para todo o processo de trabalho realizado. Uma relevância que é manifesta nas particularidades da abordagem, interpretação e escolha de referências. É neste sentido que se encontra pertinência para expor, em modo de resenha, o caminho percorrido até a um lugar tão distante como a Gorongosa.

No ano 2000 iniciei um programa de mestrado em “Cultura Arquitetônica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna”. Tive como principal motivação a possibilidade de vir a compreender melhor aquilo que se passava na arquitetura ocidental mais relevante e atual, ou pelo menos a mais publicada.

Encantado pelas teorias desconstrutivistas de Jacques Derrida, pela fenomenologia de Merlau-Ponty, mas principalmente pela apologia social do acidente global em Paul Virilio, escolhi como tema para dissertação “*a velocidade como meio para novas formas do espaço*”. Com este assunto pretendia encontrar uma ligação entre as aceleradas alterações na sociedade contemporânea e as suas consequências arquitetônicas mais evidentes. Neste sentido, fui conduzido a aprofundar os meus conhecimentos sobre a obra de autores como Frank Gehry, Peter Eisenman, Daniel Libeskind, Peter Zumthor, Herzog & de Meuron, entre outros.

Tornou-se, desde logo, claro que o exemplo mais representativo para este tema seria o trabalho de Zaha Hadid, não por ser “o melhor” exemplo de uma arquitetura que se afirmava contemporânea mas porque evidenciava, por si, uma resposta mais direta a esse cenário hiper-dinâmico.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Assim, as obras e sobretudo os projetos de Zaha Hadid davam forma a um *ethos* urbano contemporâneo almejado no tema da dissertação pela palavra “velocidade”, já usado por Virilio no ensaio “La vitesse de libération” (1995). A produção deste trabalho foi, à semelhança do contexto temático em pesquisa, um processo bastante acelerado, o que resultou numa conclusão que me parece ter sido bem direcionada mas insuficientemente afirmativa. Atualmente, serve-me de principal lição a ideia de uma arquitetura que não deverá assentar predominantemente numa expressão formal e sobretudo não deverá correr atrás de uma imagem “fashion” que represente uma qualquer inspirada vanguarda.

Pelo contrário, como síntese de um trabalho sobre a velocidade e as suas implicações na arquitetura, devo destacar a compreensão da importância da arquitetura não se transformar na fixação de um momento ou de um clima (sobretudo quando dinâmico), mas de preferência, poder ambicionar a uma extensão no tempo como é característico nos materiais inertes que convencionalmente utiliza.

Assim, e usando as palavras proferidas por Maria João Madeira Rodrigues, este trabalho serviu para compreender que também na arquitetura é necessário “*parar para perceber o que realmente é essencial*” para que não seja o “*ruído exterior*” a estabelecer os princípios de uma ordem para o mundo.

Como sempre, também no momento de definição do tema para mestrado foram importantes algumas leituras lúdicas do passado, entre as quais destacaria “A lentidão” de Milan Kundera que de modo complementar à compreensão do “problema da velocidade” estabelece uma ideia de proporcionalidade entre a velocidade e o esquecimento e que se poderá demonstrar, por exemplo, na situação de alguém que está a caminhar e abandona para tentar lembrar um assunto esquecido.

“(…) *A nossa época entrega-se ao demónio da velocidade e é por essa razão que se esquece tão facilmente de si mesma. Ou prefiro inverter essa*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

afirmação e dizer: a nossa época está obcecada pelo desejo de esquecimento e é para saciar esse desejo que se entrega ao demónio da velocidade”.
(KUNDERA, M.: 1995: 91)

Com isto, fundou-se o sentimento de que existia aqui um filão extensível às matérias da arquitetura uma vez que estas estão intrinsecamente ligadas aos modos de agir e pensar dos homens.

Em 2011, quando iniciei o atual programa de doutoramento, pensava desenvolver um tema pelo qual me tinha interessado há um par de anos e que se circunscrevia ao debate sobre a eventual (in) existência de uma arquitetura portuguesa, sendo que seria certo ou pelo menos razoável haver um modo de ser português ou pelo menos uma paisagem portuguesa.

Neste propósito fiz várias e diversificadas leituras desde “A casa portuguesa” de Raul Lino, “Quinas vivas” de José António Bandeirinha ou “Introdução ao estudo da história da arquitetura portuguesa” de Alexandre Alves Costa. Assim como a leitura de ensaios sobre a cultura portuguesa de autores como Maria de Lurdes Pintassilgo, Boaventura Sousa Santos, José Gil ou Eduardo Lourenço.

Revisitei a vasta obra de Orlando Ribeiro, os “opúsculos geográficos” em geral, e “Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico” em particular.

Por fim, um elo com a história interpretada por José Mattoso levou-me a “Portugal – O Sabor da Terra”, assim como uma interpretação contemporânea da geografia portuguesa aconselhou Álvaro Domingues em “Cidade e Democracia: 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal” ou mesmo “A Rua da Estrada”, uma demonstração bem-humorada da transformação urbana de um país que se caracteriza por ser incharacterístico.

No início de 2012, no âmbito da disciplina de Projeto de Investigação em ATMC, é lançado um exercício (Roteiro Cultural) que visava anunciar uma ideia passível de servir de tema de investigação. Foi no desenvolvimento deste que se materializou o estímulo para encontrar no Projeto de recuperação

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

do Parque Nacional da Gorongosa uma oportunidade para um tema de tese de doutoramento.

A inclusão do texto que se segue pretende assegurar uma partilha genuína sobre as fundações do tema da investigação, tema esse que naturalmente e progressivamente se foi afastando de algumas direções apontadas.

Assim, durante o desenvolvimento do trabalho optei por limitar uma pretensa abrangência ao domínio de uma ética contemporânea, sem que isso signifique qualquer desvalorização face à mesma no problema da intervenção no território, mas apenas deixando claro que esta não é mais matéria de substância concreta desta pesquisa. Contudo, a ética, estará inevitavelmente implícita pois acredito que o ato de conservação é fundado na sua legitimidade moral.

“Roteiro Cultural”

“No início de Fevereiro, durante este Inverno seco e luminoso, atravesso o pinhal de Leiria em direção a uma certa paisagem integral da costa atlântica nacional. Após uma descida atribulada pela falésia que declina sobre a praia do Vale Furado, passeio entre pedras e conchas dispostas pelas ondas da última maré. Encontro um pedaço de argonauta tão fino que parece impossível ter resistido à força do mar. Já sabia da existência destas estranhas e ancestrais criaturas mas só recentemente tive conhecimento, numa visita ao museu da ciência da universidade Coimbra, da extraordinária evocação geométrica da sua carapaça, capaz de desafiar a mais erudita consciência matemática da humanização.

O argonauta¹ é um viajante á deriva, ao sabor da corrente, que se permite entregar ao acaso com indiferença pelo destino pois, em limite, qualquer um lhe serve. Remete-nos para os grandes feitos da nação cantados por Luís de Camões e para frases como “Navegar é preciso; viver não é preciso” com reflexos na poesia de Fernando Pessoa ou na música de Caetano Veloso.

¹ É um género pelágico de polvo em que a fêmea cria uma concha fina como papel enrolada à volta do corpo.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Uma máxima sedutora para uma liberdade que sublinha uma total disponibilidade para desfrutar os caminhos da vida. O argonauta é ainda uma sugestão do viajante, uma disponibilidade para a deriva e uma inspiração para a conquista de nós próprios pelo mundo. Proponho ouvir-se Alegria, Alegria² ou Os Argonautas³ de Caetano Veloso.

Assim, no alento do sonho, sem esforço, levado pelas correntes marítimas do norte assim como pelas aventuras de Jack London, pelos destinos exóticos de Hugo Pratt ou pelo imaginário de Kipling, o argonauta continua a sua viagem pela costa ocidental africana, como um grande marinheiro.

Dobra o Cabo da Boa Esperança e alcança as águas do Índico para então encalhar nas praias da costa de Sofala, mais propriamente na atual cidade da Beira, em Moçambique.

Ali, por estranhas forças de sucção, numa interação entre a alta mar e a estação seca do trópico de Capricórnio, o argonauta é sugado para montante da corrente de água doce que inunda o interior da província de Sofala, lendário esconderijo de acossados, e o último lugar seguro para Gungunhana⁴. Por fim, o argonauta descansa nas águas calmas de um pequeno lago, na companhia das histórias que brotam entre os salpicos de uma cascata na encosta da serra da Gorongosa.

Na raiz sonhadora desta grande viagem até á Gorongosa estão dois romances de Jonathan Franzen, “FREEDOM” e “THE CORRECTIONS”, leituras empolgantes do verão passado. O primeiro, sobre a liberdade, as

² “Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase Dezembro
Eu vou...”

³ “O barco!
Meu coração não aguenta
Tanta tormenta, alegria
Meu coração não contenta
O dia, o marco, meu coração
O porto, não!...”

⁴ Gungunhana foi o último imperador do Império de Gaza, situado no sul de Moçambique. Cognominado o Leão de Gaza, reinou entre 1884 e 1895, ano em que foi feito prisioneiro por Joaquim Mouzinho de Albuquerque.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

suas diversas frentes, pessoais e coletivas, e as suas estereotipadas consequências como resultados perversos de uma ambicionada conquista ou mero desejo de liberdade.

No seio desta história está um personagem íntegro, “Walter”, que é convidado por um magnata a intermediar a compra de terras num corredor do centro do E.U.A. com intuito de recuperar o último território de nidificação de um passarinho com o nome de Mariquita-azul. Walter entrega-se, como sempre, de alma e coração à causa até compreender as verdadeiras motivações do seu benfeitor - muito para além das adoráveis Mariquitas.

Esta leitura cruzou-se com uma forte divulgação da reabilitação do parque nacional da Gorongosa pela national Geographic, através de revista e documentário “Africa’s Lost Éden: Gorongosa – Bringing an oasis back to its former glory”. Acontece que também neste caso, por mero acaso, o projeto é impulsionado por um magnata americano Greg Carr (porventura a única semelhança com a ficção de Franzen) que após uma visita a Moçambique elege a Gorongosa para implementar, através da Fundação Carr, o projeto de restauração do Parque Nacional, recuperando o seu ecossistema, protegendo e desenvolvendo o setor do ecoturismo a fim de beneficiar as comunidades locais.

A nossa imaginação é provavelmente o mais completo espaço de liberdade, os “links” estabelecidos não dependem sequer de uma consciência, de uma veracidade ou sequer de uma eficácia, surgem de um contexto e de uma vontade, sem limites de distância ou orçamento. Assim surge esta ideia, ideal, provavelmente irreal para um projeto de investigação sobre o processo de recuperação do Parque Nacional da Gorongosa.

O outro livro de Franzen, “Correcções”, desenrola-se no seio de uma família comum do interior do E.U.A. e põe em evidência os seus percursos individuais, dentro e fora dos laços familiares. As suas ambições e as ambições que têm para os outros resultam num constante desejo de corrigir. Assim as correções assumem um carácter fulcral nas relações e sobretudo

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

nas tensões que temos para com os outros, como é exemplo a necessidade de controlar. Construímos porque sonhamos, “a obra nasce”, e corrigimos os outros porque fazem parte desse nosso sonho.

Acionado o projeto de recuperação do Parque Nacional da Gorongosa serão necessárias inúmeras correções, correções de uma história colonizadora e sobretudo correções sobre sucessivas guerras que assolaram com particular incidência este território.

Os portugueses no cumprimento do sonho ultramarino e após decisiva captura de Gungunhana, levaram cerca de vinte e cinco anos a declarar a Gorongosa como reserva de caça controlada (1920).

Por volta de 1935, os 1.000 km² de área de caça foram elevados à categoria de reserva, com o aumento da sua superfície para 3.000 km².

Em 1960 a reserva foi elevada a categoria de Parque Nacional, com a área de 3.770 km².⁵

Durante o período da guerra colonial (1964–1974) a Gorongosa serviu de refúgio à FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) assim como durante o período sequente da guerra civil (1976–1992) serviu de base à RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana). Devido á instabilidade militar dominante na região, o Parque Nacional da Gorongosa ficou encerrado por mais de dez anos tendo ficado ao fim desse período com a fauna e a flora seriamente danificada e com as infraestruturas turísticas inutilizáveis.

Em 1995, um programa de emergência financiado pela Comunidade Europeia e implementado pelo IUCN-ROSA estabeleceu uma equipa anti-caça furtiva e ao mesmo tempo iniciou a reabilitação faunística do Parque.

Em 1996 foi elaborado um Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito com a responsabilidade de reabilitar as infraestruturas do Parque,

⁵ Um Parque Nacional é uma zona delimitada e legalmente protegida, destinada ao fomento, proteção, conservação da vegetação e dos animais bravios nele existentes bem como as paisagens ou formações geológicas de particular valor científico, cultural ou estético visando o interesse público.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

estabelecer práticas de gestão sustentável dos recursos, promover pesquisas aplicadas e criar bases para o desenvolvimento do turismo.

Em 2004 a Fundação Greg Carr (Carr Foundation) assinou um memorando de entendimento com o Estado Moçambicano com o objetivo de apoiar a recuperação, manutenção e repovoamento do Parque Nacional da Gorongosa (PNG).

Em 2006 finaliza-se o Plano Estratégico Distrital de Desenvolvimento de Gorongosa.

Em Junho de 2010 o governo moçambicano decide aumentar de 3.700 para 4.067 Km² a área do PNG com vista à criação de uma zona de transição/proteção do parque com as comunidades locais.

Miguel Portas num texto a que chamou “Quatro macacos” descreve a Gorongosa como um lugar sombrio, longe do Paraíso perdido declarado pela National Geographic. Para o autor o local está marcado pela tragédia, quer sejam as doenças dos pântanos, as inundações, as secas ou as pragas de gafanhotos quer a recorrência histórica dos “bandidos armados” marcam o local como lugar de constante “guerra pela sobrevivência”.

A destruição causada pelas guerras transformou o Parque Nacional, outrora carregado de vida animal, num local expectante, a aguardar a reposição da fauna e da flora – este é atualmente um processo em franco desenvolvimento. Expectante está também a população local que espera aqui uma oportunidade para melhorar as suas vidas.

No envolvimento desta ideia sobre a Gorongosa como um Paraíso, que já não é ou que nunca foi, proponho que se ouça “Gorongosa”⁶ dos Irmãos Catita.

Tal como para Miguel Portas, a letra de Manuel João Vieira insinua, pela ironia, a desconfiança no futuro deste local, sublinhando os erros do

⁶ “...Gorongosa, já não és terra famosa
E perdeste os teus encantos naturais
Já não há mais animais
Só atrasados mentais
Gorongosa, já não és mais cor-de-rosa, Gorongosa”

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

passado, a incompetência grotesca da gestão colonial e a sua mesma continuidade nos governos da república de Moçambique.

“No conjunto, uma colonização mixuruca. Nada que, aliás, Chissano não imite, quando atribui concessões de exploração e administração integral de ilhas e parques naturais a companhias de África do Sul. Em Moçambique, a farsa precede as tragédias.” (PORTAS, M.: 2002: 92)

Ainda na sequência do discurso sobre a ideia do paraíso moçambicano, o realizador Miguel Gomes lança o filme “Tabu”. Neste o autor divide a estrutura do filme em duas partes: a primeira parte “Paraíso perdido” decorre em Lisboa contemporânea (Dezembro de 2010) e a segunda parte “Paraíso” decorre em Moçambique entre 1960 e 1961. Aqui, a insinuação de “Tabu” serve, como noutras abordagens sobre o tema da Gorongosa, Moçambique, “o Paraíso” ou “o Paraíso perdido” como um complemento à relevância deste imaginário distante mas aparentemente próximo de uma geração contemporânea de escritores, músicos e realizadores portugueses ou de língua portuguesa.

No mês passado Mia Couto publica “a confissão da Leoa”, uma sugestão da “câmara clara” que me apressei a ler, pois parecia ter todos esses ingredientes exóticos da fantasia de uma natureza bela e brutal. A história decorre no contexto de uma série de ataques de leões aos habitantes de Kulimani, uma povoação no extremo norte de Moçambique. O enquadramento da história serve de pretexto para narrar o misticismo que envolve a população e os seus enredos macabros, fiéis a crenças da qual a ciência ainda não tem chave nem licença para explicar. É nessa obscuridade trágica que o autor centra a história, nos laços do isolamento das pequenas localidades que tal como comenta “as terras pequenas têm braços muito grandes”.

Esta é porém uma síntese mais abrangente do que a perceção de Miguel Portas relativamente à especificidade assombrada da bela Gorongosa. Para Mia Couto é mais uma oportunidade de desmistificar o território moçambicano e as suas injustiças ocultas, nos cultos das pequenas

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

comunidades fundeadas sobre uma natureza esmagadora. É talvez por aqui que melhor se entende a necessidade visceral que o homem tem em controlar a natureza, que parece advir de uma experiência traumática com a mesma - ou ela ou nós.

Por outro lado, cada vez mais, deste lado de cá, no espaço do “mundo ocidental” sentimos a necessidade de inverter um exagerado controlo sobre a natureza, pois reconhece-se o planeta como um sistema em cadeia, em que um desequilíbrio poderá ter uma consequência global, pondo em perigo a nossa imediata sobrevivência.

“Há muito o homem entortou a Natureza.

Porque o homem pensa a Natureza como se esta fosse uma mesa a que pode cortar uma das pernas para a endireitar.

Mas a paisagem não é uma coisa

que possa ser corrigida por cidadãos

bem equipados, a paisagem é que te corrige.

É a terra que te come, e não o inverso.” (M. TAVARES, G.: 2010: 130)

Mas regressando ao sopé da serra da Gorongosa, ultima estação do mar lusitano, na envolvência da floresta húmida, o argonauta assiste sobre os reflexos da lagoa onde mora às intempéries naturais, trovoadas, chuvas torrenciais, secas assim como às consequências da guerra e da fome que levaram a população da planície a abrigar-se nas terras altas da serra. Ainda hoje o projeto de recuperação e conservação da natureza do Parque Nacional da Gorongosa tem como prioridade “educar” as populações que se refugiaram nas montanhas para sobreviver à guerra. Esta apropriação do território teve como principal consequência a desflorestação, quer pela construção das casas quer pela limpeza dos terrenos com potencial agrícola, através de queimadas vulgarmente descontroladas. Com isso a serra tornou-

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

se mais vulnerável à erosão assim como as suas nascentes mais vulneráveis à poluição, com graves sequelas para todo o ecossistema a jusante.

O conflito principal reside na legitimidade da população que vive dentro do parque versus a legitimidade e argumentação científica do projeto de restauração da natureza em precisar de que a mesma mude de lugar. O que implica alterar modos de vida e romper com laços afetivos sedimentados naquele lugar. Para que isso seja possível, o projeto em curso prevê a sensibilização das populações através da compreensão ecológica deste sistema natural, um processo complicado, segundo o moçambicano Mia Couto, para um povo que descreve como esotérico, místico, com credos ainda incompreensíveis à razão.

No entanto, o projeto não cede às dificuldades e tem introduzido algum emprego para os residentes nas proximidades do parque⁷, sobretudo no que diz respeito à necessidade de controlar a caça furtiva mas também na fundação de escolas e postos de saúde - possíveis pelas parcerias com governos e empresas como é o exemplo recente da doação de livros ao PGN pelo Ministério de Educação Português.

Em resumo, o projeto tem três grandes frentes associadas: a restauração e conservação da natureza, a responsabilidade social do projeto e por fim a recuperação das infraestruturas do parque e implementação de novas infraestruturas que permitam a angariação de fundos, através das receitas turísticas, para que se assegure a sustentabilidade social e económica do mesmo.

Este roteiro cultural serve no seu próprio devaneio para resumir temas e desejos que permaneciam inatingíveis e para os quais sentia muita dificuldade em fixar. Deste modo, congratulo-me com a eficácia do exercício, pois sem a pretensão de estruturar uma ideia de tese fabricou um processo de depuração das minhas motivações com consequência para uma eventual proposta emergente.

⁷ Os soldados tornaram-se guardas de caça e as armas servem agora para afugentar os caçadores furtivos.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Bem no início de 2012, inspirado nas leituras de Franzen e em conhecimentos adquiridos por anos de visionamento de documentários sobre a “natureza selvagem dos quatro cantos do mundo”, pensei no Projeto de Restauração do Parque Nacional da Gorongosa como uma oportunidade para ligar o “Know How” da minha formação de arquiteto (na análise do território ou em processos de edificação e reabilitação de edifícios) com a curiosidade jovial de viajante pela paisagem integral, por locais em que permanece uma coexistência repartida entre uma natureza selvagem e o homem.

Nesta sequência, escrevi à Fundação Carr que me pôs em contacto com o diretor dos serviços científicos do Parque Nacional da Gorongosa, Dr. Marc Stalmans, com o qual tenho mantido uma correspondência regular.

Inicialmente, apresentei o meu interesse no projeto e pedi-lhe que me informasse sobre o desenvolvimento das intervenções mais relevantes no parque, a reabilitação e construção de estradas e pontes assim como a reabilitação e construção de edifícios, explicando como seria relevante compreender a intensidade da dinâmica de intervenção arquitetónica, as tipologias propostas e os materiais utilizados. Mas também, no sentido de obter uma compreensão mais lata do território, sugeri que me enviasse cartografia com a definição dos limites do Parque, a localização das aldeias habitadas, das infraestruturas turísticas previstas, entre outras propostas de referência para o PNG.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- *From: stalmans@gorongosa.net*
- *To: pedrolcordeiro@hotmail.com*
- *Subject: RE: Proposta de Projecto de Investigação*
- *Date: Tue, 21 Feb 2012 17:40:37 +0200*

Caro Arquitecto Cordeiro

Are you running ArcView? Please let me know. I can provide you with some shape files of the boundaries etc. With regard to infrastructure, one can divide it into 2 main components. The first one is the more utilitarian type that is used by Park Management for Park protection and management. There the architectural qualities are limited and functionality and price are the determining factors. Such infrastructure comprises gravel roads (mostly working from the old colonial network), bridges (some replacements of old 1934 and later colonial bridges), refurbishment of the airstrip, outposts for the rangers, staff housing, wildlife holding facilities for re-introduction etc. The one facility which has received a lot of architectural attention is the CEC (Community Education Centre) which has a very special identity and is probably the first such 'green' facility in the whole of Mozambique).

The second one is the tourism infrastructure. At present the major improvement has been the restoration of Chitengo, the main rest camp. This camp was twice attacked and still had walls with bullet holes! A number of cabanas have been restored and a new restaurant with grass roof has been build. The other tourism development will consist of mostly privately operated camps. Only one is already in operation. The style is basically canvas. The others are in planning and there are no strict architectural guidelines except that the buildings must fit in the landscape. Each of the operators/investors will use their own architect. There is a lot of architectural expertise available, especially in South Africa, on bush camps and bush lodges.

Cumprimentos

Marc

- *Dr Marc Stalmans*
- *Director of Scientific Services*
- *Parque Nacional da Gorongosa*
- *Moçambique*

A disponibilidade demonstrada pelos serviços científicos do PNG aumentou a probabilidade de incluir o estudo da implementação deste projeto de

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

restauração e conservação da natureza como um eventual caso de estudo para um projeto de investigação sobre o panorama da intervenção no território e a sua complexidade ética contemporânea.

Para Aldo Leopold, conhecido pelo pai da conservação da natureza nos E.U.A., “Conservation is a state of harmony between men and land” (LEOPOLD, A.:1949 e por consequência uma ética contemporânea deverá considerar a ecologia, o que obriga a evidentes correções na liberdade de ação de todos os intervenientes no território, em prole do equilíbrio do planeta e da sobrevivência profissional e humana.”

Pedro Lemos Cordeiro, Maio de 2012

2. ESTADO DA ARTE

As motivações patentes nesta investigação circunscrevem uma moldura de estímulos que combina a racionalidade e os afetos como a forma de aproximação a um contexto que normalmente se apresenta disperso, no que respeita ao alcance dessa consciência.

Primeiro, uma dissertação de Mestrado que serve de introdução à filosofia e à sociologia contemporânea, inerente à compreensão da arquitetura contemporânea.

Seguiu-se uma pesquisa sobre uma cultura portuguesa e uma paisagem portuguesa que olhasse a problemática da identidade e os seus atributos poéticos, sociais, filosóficos e geográficos.

Ao mesmo tempo, em nome do valor da vida, vai-se reconhecendo a gravidade dos problemas ambientais, sociais e humanos de que somos corresponsáveis enquanto “escultores” e organizadores do território.

Considerando toda uma sobreposição de estímulos e filtrando o que é essencial na arquitetura, na sua adequabilidade a um território (económico, cultural e ambiental), assim como, nas “naturais”⁸ aptidões do arquiteto em produzir sínteses (em contextos complexos) e leituras transdisciplinares, acreditei ser possível haver também aqui, no Projeto de Reabilitação do Parque Nacional da Gorongosa, um lugar privilegiado para uma investigação abrangente sobre as dinâmicas da Paisagem Natural, Cultural, Social e Humana.

Durante o curso desta pesquisa verifiquei a inexistência de matéria documental semelhante à proposta de tese que apresento. O que não foi uma grande surpresa, no sentido em que o estímulo para o desenvolvimento deste trabalho resulta de um conjunto de motivações pessoais, unidas por uma ideia que se funda na correspondência sistémica dos problemas e das soluções na intervenção do homem no planeta.

⁸ Leia-se “naturais” no sentido do que está na base da formação do arquiteto.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

O que acredito poder ser um valor acrescentado na tomada de consciência de um mundo maior, no sentido em que precisamos de o compreender de modo abrangente, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, tendemos a senti-lo de um modo abreviado e indivisível. Isto, enquanto um possível contributo do arquiteto para o que poderá ser a sua parte num efetivo processo civilizacional (HARRIES, K.: 1975; TÁVORA, F.: 1962; LEACH, Neil et al: 1997).

Contudo, e apesar de um sentido menos direto do suporte das fontes de referenciação para o desenvolvimento desta pesquisa, verificou-se que o evento *Ecological Urbanism* (MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY: 2009) serviu de forte inspiração para a projeção de novas escalas de intervenção e da construção dos seus conceitos metodológicos. Uma relevância ampliada na ideia de um território dinâmico e articulado multidisciplinarmente.

Neste sentido, ciente de uma estrutura que se definiria por sintetizar dados de diversas frentes disciplinares, seguiu-se um agrupamento de fontes por áreas tão diversas quanto:

- a) História de Moçambique (NEWITT, Malyn: 1995; OLIVER, Paul: 1997; SCHEBESTA, Paul: 1966; LIESEGANG, G.: 2008).
- b) Antropologia e Etnografia em Moçambique (GELFAND, M.: 1973; MERCIER, Paul: 1961; CHICHAVA, Sérgio: 2008; SOUSBERGHE, L.: 1965; MEDEIROS, Eduardo: 1996).
- c) Geografia (HOOLLOWAY, Lewis; HUBBARD, Lewis: 2001).
- d) Contexto geofísico e ecológico da Gorongosa (VASCONCELOS, A.: 1958; FERNANDES, F.: 1968; TINLEY, K.L.: 1977; STALMANS, Marc; BEILFUSS, Richard: 2008).
- e) Conservação da natureza (LEOPOLD, Aldo: 1949; LOVELOOK, James: 1979; DOWIE, Mark: 2009).
- f) Arquitetura tradicional moçambicana (BRUSCHI, S.: 2001; BRUSCHI, S.; CARRILHO, J.; LAGE, L.: 2005; CARRILHO, J. et al: 2001; CARRILHO, J.: 2005).

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- g) O Parque Nacional da Gorongosa e o turismo (BIVAR, G.: 1910; EÇA de QUEIRÓS, J.M.: 1965; GUNN, Clare A.: 1988; CARR, Greg: 2009).
- h) “O projecto de restauração do Parque Nacional da Gorongosa” (ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DE GORONGOSA: 2006; CARR, Greg: 2009).

Um conceito metodológico de frentes de investigação que não evitou as influências de uma antologia de autores, em áreas como a pintura (BAINES, Thomas: 1859; ROUSSEAU, Henri: 1910; MALANGATANA, Ngwenya: 1965), a fotografia (PARKEHARRISON, Robert and Shana: 2000; BRANDT, Nick: 2013), a literatura (FRANZEN, Jonathan: 2003; FRANZEN, Jonathan: 2011; HEMINGWAY, Ernest: 1935; COUTO, Mia: 1992; COUTO, Mia: 2012; M. TAVARES, G.: 2010), o cinema ou a música (DYLAN, Bob: 1976; CAETANO, Veloso: 1968 e 1972; VIEIRA, Manuel J.: 2001).

3. OBJECTIVOS GERAIS

No contexto atual de uma escassez geral de recursos, a conservação e a reabilitação do património, cultural e natural, parece ser cada vez mais apropriada. Longe de um olhar museológico (SEMES, S.W.: 2009), reconhecemos a necessidade de economizar recursos mas também de revigorar a arquitetura (nas suas diferentes escalas e matérias) sobre a perspectiva de uma renovada utilidade. “Antes de arquiteto, o arquiteto é homem, e homem que utiliza a sua profissão em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence.” (TÁVORA, F.: 1962).

Pretende-se vincular uma nova consciência para a interdependência umbilical entre o homem e a natureza, ao invés do conceito de manipulação da modernidade (HARRIES, K.: 1975) e dessa forma adequar os modelos de intervenção no território de modo a poder assegurar melhor as futuras gerações. “Temos de fazer as pazes e aceitar o nosso lugar no mundo natural.” (MCDONOUGH, W.: 1994).

Pelo “Sonho” das fantasias da selva de Henri Rousseau ou no limbo dos dilemas de um “Jardim das Delícias” de Hieronymus Bosch encontramos o “Projeto de Restauração do Parque Nacional da Gorongosa” (PNG), modelo do desejo universal consubstanciado em devolver à terra um Paraíso, perdido por anos de guerra, pela destruição, pela fome e pelo medo, com consequências para a *deslocalização* das comunidades residentes, para a *desflorestação* e para o desaparecimento de 95% da fauna local. Mas também assente na esperança mais prosaica do projeto, que reconhecendo a atração íntima do homem pelo belo natural (KANT, I.: 1790), radica a sua conservação e sustentação económica nas receitas de um turismo controlado, o *ecoturismo*.

“(...) pelo menos numa sociedade que ninguém precisa de destruir a vida selvagem para sobreviver, o valor de preservar as áreas significativas de

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

vida selvagem que ainda existem excede imensamente os valores que podiam ser obtidos com a sua destruição.” (SINGER, P.: 2008).

A complexidade do PNG inclui as expectativas do projeto de restauração do sistema ecológico versus as expectativas de uma população local dependente, com cerca de dez mil habitantes, e o seu êxito passará por encontrar uma ética coletiva definidora de uma moral em prol do mútuo entendimento. Desse modo, o sentido ético e moral, assente numa natural consciência de *alteridade*, intensifica-se no conceito do útil (RODRIGUES, M.J.: 2002). Uma utilidade que se exige face ao reconhecimento generalizado dos danos causados por uma planificação fraturada.

A rede atual de informação projeta uma consciência holística que se estabelece através de uma ideia de continuidade nas influências *eco* sistémicas. Para Mohsen Mostafavi, a responsabilidade de todos os planeadores do território deve ser interpretada como uma oportunidade para pensar e dar resposta a uma escala global.

“A holistic evolutionary approach is used in the Gorongosa thesis III which emphasis is on the salient reciprocal relations and kinetic succession of land surfaces and biotic communities, influenced by landscape processes and prime mover components.” (TINLEY: 1977; i)

A compreensão da paisagem como um todo que se influencia e correlaciona é a base do trabalho de pesquisa do Ecologista Kenneth Tinley. O que se propõe neste trabalho é que esta ideia sistémica e de correlação entre elementos e dinâmicas seja alargada a um território que está para além de um ecossistema supostamente “natural”, podendo assim aplicar-se a todos os lugares. Importa sobretudo que, em responsabilidade, qualquer interpretação/intervenção deva ter na origem um modelo de pesquisa suficientemente abrangente para ser capaz de equacionar e hierarquizar todas as suas frentes de ação.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Poder-se-á questionar a capacidade do homem em se organizar para uma gestão mais eficaz do território, tendo em conta o passado de uma história que é manifestamente predatória, assim como as atuais divergências e complexidade de motivações nas suas ações. A resposta está porventura, já não unicamente, numa moralidade do problema mas no facto de este ser um problema crescente e generalizado, o que poderá transformar a ideia comum sobre uma demanda utópica numa consciência de emergência capaz de mobilizar o mundo.

Este trabalho de investigação encontra também na visão holística dos problemas, até aqui associada sobretudo à ecologia e aos ecossistemas naturais, uma possibilidade de extrapolação disciplinar, em que considerar o todo implica incluir todos os tipos de territórios aos olhos de todas as matérias disciplinares.

O lugar do arquiteto nesta empresa, fazendo justiça à abrangência da sua formação e ao ónus do passado, servirá para agregar toda essa largura de informação de modo a poder produzir sínteses que tornem possível uma compreensão mais abrangente da história do lugar nas suas características geofísicas, antrópicas, dinâmicas naturais e culturais, enfim tudo o que deva ser ponderado numa ação de transformação do território, seja esta a construção, a reabilitação ou a conservação.

Esta aptidão da arquitetura deriva sobretudo da génese da sua formação, a qual nunca se conformou com o sentido para uma especialização profissional, pois reconhece que a sua eficácia se deve principalmente a uma capacidade de leitura abrangente e que para isso a sua base de conhecimento deverá continuar a ser a mais alargada possível, entre a história, a filosofia e a arte através da geometria e da técnica.

“Acredito que, nos dias de hoje, o arquiteto e o urbanista devem ampliar o seu perfil generalista através de uma formação humanística abrangente que incorpore conhecimentos atualizados de história, filosofia, antropologia, sociologia, economia, comunicação social, política e arte. Sem essa

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

perspetiva abrangente, dificilmente o arquiteto conseguirá enfrentar a complexidade dos desafios que são impostos no mundo contemporâneo” (JANOT, L.F.: 2013). Do mesmo modo, a arquitetura encontra na visão transdisciplinar um lugar mais útil para exercer a sua “especialidade” profissional.



Fig. 1: Paisagem exótica, 1910 – Rousseau



Fig.2: O sonho, 1910 - Rousseau

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Estas duas telas de Rousseau (1910), pintadas no âmbito do tema das “fantasias da selva”, refletem ambientes paradoxais que continuam bem próximos das relações contemporâneas entre a natureza e o homem. Se por um lado existe uma disputa de domínio entre a natureza e o homem, representada na tela “Paisagem exótica”, existe também um desejo onírico de harmonia entre os mesmos, como expressa o “Sonho”.

Assim, temos por essencial a brutalidade da selva como desafio à nossa capacidade de dominar o mundo e simultaneamente um deslumbramento pela beleza da mesma, objeto da divina perfeição e modelo cultural do sublime.

A paisagem, sobretudo neste seu modo imaculado, carrega consigo o sentido de um equilíbrio mais duradouro e belo, desde sempre perseguido pelo homem.

Atualmente o homem, num mundo cada vez mais humanizado, dominado por uma cultura globalizante e capaz de influenciar os lugares mais remotos, encontra no que são retalhos de uma paisagem “natural”, ou menos intervencionada, motivos indelévels para a sua fixação, como se de um registo da origem ou de uma obra de arte se tratasse. Esta, serve sobretudo de deleite estético para um ainda possível reconhecimento do que seria o mundo original, e cada uma destas “ilhas” de paisagem, servem de sínteses emolduradas em exposição pelo mundo, mas nem sempre disponíveis a qualquer carteira. Como se de repente a obra divina da ecologia e da biodiversidade passasse a ser uma obra do homem e da sua capacidade de reerguer o que parecia para sempre perdido.

Este tipo de intervenção na paisagem sugere também, como a intervenção dos arquitetos e urbanistas nas cidades velhas, uma ação de reabilitação, quer na dimensão pontual da recuperação de um valor, quer na necessidade de a entender num contexto mais alargado, em que as fronteiras ou a sua delimitação requerem, por si, uma acrescida artificialidade.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.3: Jardim de nós mesmos (T.1.) – Robert and Shana ParkeHarrison, 2000



Fig.4: O dia da árvore (T.1.) – Robert and Shana ParkeHarrison, 2000

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O trabalho fotográfico do casal americano, “Robert and Shana ParkeHarrison”, reflete, ao contrário da natureza luxuriante pintada por Rousseau, a ausência do contexto natureza enquanto resultado duma exploração desenfreada dos recursos naturais do planeta. O sentido dramático das fotos pretende sensibilizar cada um de nós para a evidência de um problema comum, que necessita de todos para o combater.

Há aqui, claramente, um sentido de alerta para os problemas ambientais do planeta, a par da responsabilidade do homem para as suas dramáticas consequências.

As fotografias, em cima, fazem parte de uma série intitulada “The Architect’s Brother” enquanto parábola visual para uma ética ambiental. A primeira, “Garden of Selves” (jardim de nós mesmos) representa o domínio do ser humano, assente no individualismo e numa ensimesmada inconsciência das evidências de um coletivo processo de destruição. A segunda fotografia, pertence à mesma série intitulando-se “Arbor day” e devendo ser interpretada, no contexto deste trabalho, como o exemplo de um futuro que se adivinha no caso de não serem feitas as necessárias correções para uma gestão mais equilibrada da intervenção do homem no planeta.

O tema dos problemas ambientais, sob a iminência de uma natureza irreparável, e de uma (in) consciência do homem para as suas evidências são temas recorrentes na obra destes fotógrafos, pelo que teria como exemplo muitas outras fotografias com a mesma intensidade dramática.

Neste caso interessa-me sobretudo a imagem de um homem, espalhado por todo o planeta, dominado por uma aparente sofisticação que se manifesta sobretudo ao nível da técnica, mas que na verdade parece não ter competência para olhar além da sua própria individualidade. Assim como, a chamada de atenção para o retrato de uma humanização que se baseia na dependência de uma exploração desmedida da natureza e que não acautela, sequer, a sua própria sobrevivência.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.5: Mapa de iluminação artificial no planeta / intensidades / domínio civilizacional

3.1. “More for less”

No contexto das doutrinas académicas da arquitetura e do urbanismo está cada vez mais presente a discussão sobre os temas da sustentabilidade dos recursos e de novos modelos de intervenção versus o papel do arquiteto, uma escolha que oscila entre uma intransigência disciplinar em prole de um modelo ortodoxo e uma mudança de princípios/prioridades face à consciência de um novo paradigma.

Primeiro um mundo moderno inscrito na máxima do “less is more”, depois o pós-moderno do “less is bore” e agora a sugestão de um clima para “more for less”. Esta última, a mais recente máxima para a arquitetura e o urbanismo, foi lançada em 2009 pela Harvard Graduate School of Design (GSD), sob tutela de Mohsen Mostafavi e Homi K. Bhabha durante o evento “ecological urbanism”.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Um conceito que assenta na pertinência de uma leitura transdisciplinar e sistémica do território e visa o seu entendimento à escala mais alargada possível, no que respeita às suas características, intervenientes, dinâmicas e inter-relações dos diversos elementos ponderáveis. E com isso, exige um papel mais responsável para o arquiteto, arquiteto paisagista e urbanista, no que respeita ao exercício profissional enquanto interveniente no território. Um pressuposto para a melhor compreensão da dimensão global das suas ações e das suas consequências mais ocultas.

“Architects have been aware of the issues for some time, of course, but the proportion of those committed to sustainable and ecological practices has remained small. And until recently, much of the work produced as sustainable architecture has been of poor quality... Sustainable architecture, itself rudimentary, often also meant an alternative lifestyle of renunciation, stripped of much pleasure. This has changed, and is changing still. Sustainable design practices are entering the mainstream of the profession..., there is a need to find alternative design approaches that will enable us to consider the large scale differently than we have done in the past. The urban, as the site of complex relations (economic, political, social, and cultural), requires an equally complex range of perspectives and responses.”
(MOSTAFAVI, M.: 2009)

Os conteúdos inicialmente desenvolvidos por professores e alunos da GSD, resultaram numa exposição itinerante e conferências, culminando numa publicação de quarenta projetos com o título “Ecological Urbanism”, seleccionados por Mohsen Mostafavi e Gareth Doherty.

No contexto pedagógico do Ecological Urbanism pensa-se que a qualidade de intervenção ou a melhor resposta a um problema dependerá, antes de mais, de um processo de análise abrangente, capaz de compreender a complexidade dos problemas territoriais e as ligações mais relevantes para então construir, com maior probabilidade, uma solução adaptada ao problema que se nos

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

coloca sem hipotecar o futuro. *“Não se trata aqui de encontrar a imortalidade mas de dar um certo valor ao que é mortal”* (M. TAVARES, G.: 2010: 29)

3.2. “Sobre a posição do arquiteto”

“Os seus campos de actividade são múltiplos – porque múltiplas são as facetas do espaço organizado. Projecta e realiza edifícios, dedica-se ao planeamento do território a escalas várias, desenha mobiliário.

Para ele, porém, projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstancia.” (TÁVORA, F.: 1962; 74)

Entre os mais evidentes problemas da contemporaneidade inclui-se a escassez dos recursos naturais, os problemas ambientais e uma evidente ineficácia na gestão e organização do território. Na sua generalidade, as ações até aqui implementadas não compreendem a globalidade dos problemas e parecem depender demasiado da tecnologia, quando na verdade, se trata de uma matéria de princípio.

Atualmente, o apelo à responsabilidade do arquiteto move-se por essa nova e mais generalizada consciência da necessidade em tornar sustentável a utilização dos recursos. Uma suposta inclusão do tema da ética neste trabalho advém dessa mesma consciência, de uma interiorização das atuais circunstâncias, de uma compreensão sistémica do planeta e da necessidade de prevenir a recorrência dos erros em futuras ações no território, que em limite é o nosso derradeiro património.

A beleza neste paradigma da arquitetura e paisagem não é uma condição excluída, continuará sim a ser exclusiva, mas fará sempre parte da circunstância, do estímulo, das capacidades coletivas e individuais dos intervenientes. Neste sentido, privilegia-se uma consciência que exige uma generalizada fundamentação das propostas, um processo responsável e demonstrável nas suas frentes de ponderação. Pressupõe-se em qualquer circunstância, em qualquer território, um conjunto de medidas de análise capazes de avaliar as linhas de força dos problemas, dos recursos e das

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

oportunidades. Uma abordagem transversal à escala e a todas as áreas do conhecimento.

Por último, crê-se que a formação interdisciplinar e panorâmica do arquiteto relativamente às tecnologias, à história, à geografia, às ciências sociais, à filosofia, à estética, entre outras, permitem-lhe ser o elemento aglutinador de toda a informação, assim como um privilegiado interlocutor, intérprete e gerador de sínteses, capaz de fazer convergir o todo em função de um objetivo comum.

É normal que face a uma vontade de grande mudança no paradigma profissional da arquitetura e do urbanismo, enquanto resposta a um problema crescente e que se coloca mais veemente do que nunca, surjam dúvidas quanto à capacidade de mobilizar todos os agentes em função de uma causa que se pretende global, num mundo que sabemos ter enormes assimetrias.

Para Fernando Pessoa, “até para ser moderno foi preciso sonhar”, o que projeta um sentido abrangente para o sonho, em contradição com um ideal que seria puramente romântico (sonhador), e que é vulgarmente organizado em módulos, separados por uma visão pragmática e “moderna”.

Neste outro sentido abrangente do sonho, o ideal é sempre o impulso capaz de criar uma dinâmica que tende para problemas concretos, degenerando por vezes em delírios antrópicos.

Na origem de uma certa doutrina modernista europeia encontrávamos cidades destruídas pela guerra e por consequência a necessidade de encontrar soluções alargadas para a sua reconstrução. Por outro lado vivia-se sobre um grande impulso tecnológico, o que servia a ambição de mudança na arquitetura e no urbanismo e ao mesmo tempo garantia a naturalidade da sua refundação, mais adequada a um futuro que se adivinhava.

A sugestão para um “ecological urbanism” acarreta, como outrora, uma ideia para uma ação em grande escala sobre um território que também é necessário repensar. Contudo, difere das dinâmicas da modernidade dos meados do século XX, pois visa a implementação de medidas que melhorem a gestão dos recursos

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

do planeta, por considerar que estes são limitados e essenciais para a própria sobrevivência.

Entre uma atitude de reabilitação pós-guerra que se empenha em modelos adequados a um futuro tecnológico que se acomodava, mas que se reconhecem hoje desadequados, e uma atitude de correção de problemas apontados como insustentáveis para a vida como a conhecemos, sugere-nos a seguinte síntese:

- O modernismo assentava sobre um território parcial e na ausência de referências (tabula rasa), assim como na dimensão de um futuro orientado para um momento de atualização tecnológica.

- O “ecological urbanism” surge do juízo de pelo menos grande parte da comunidade científica que entende que o planeta, tal como o conhecemos, não irá suportar a intensidade da atual exploração dos recursos, e como tal, será urgente corrigir o contexto da intervenção territorial. Um apelo focado na formação dos arquitetos e urbanistas por serem parte relevante neste processo.

Por um lado, um certo modernismo circunscrito num problema datado assim como delimitado por um território. Por outro, um problema galopante sobre uma dimensão global que promete exigir a cooperação de todos para a sua capacidade de correção.

Também aqui se vislumbra uma outra diferença na substância que suscita a requisição de todos, sobre uma nova e mais exigente perspectiva transdisciplinar.

3.3. O PNG enquanto caso de estudo

A reabilitação do Parque Nacional da Gorongosa (PNG) insere-se neste trabalho, não porque representa o melhor exemplo possível sobre a utilidade do modo de agir e pensar do arquiteto neste tipo de ações, mas, pelo contrário, porque serve para demonstrar que em limite qualquer ação no território poderá encontrar pertinência na sua participação, e assim tornar o PNG num caso de estudo clarificador.

Um papel que se poderá definir como estruturante para que exista um equilíbrio entre os vários intervenientes, e que é um resultado de uma formação que se baseia em produzir sínteses de programas, por vezes, muito complexos. Deste modo, seria difícil encontrar desafio maior do que um projeto que combina a recuperação de um ecossistema e o desenvolvimento humano, com premissas muito específicas na proteção territorial, coexistindo com o turismo e o desenvolvimento das comunidades locais.

Um tema que coloca ainda em diversas frentes (disciplinares) a discussão sobre o que é natural face ao domínio do homem sobre o planeta. Afinal a recuperação de um ecossistema é uma iniciativa cultural. Se a cultura apenas diz respeito ao homem e este decide sobre o que deve ser ou não natural então, em rigor, talvez só possamos falar de lugares culturais, desenhados por princípios da natureza, protegidos, adequados a um sistema ecológico.

Sobre esta mesma dicotomia a investigadora Teresa Nóvoa conta-nos a sua inspiração para o trabalho que desenvolveu no PNG e na Serra da Gorongosa: *“A primeira coisa que prendeu a minha atenção foi o conceito básico de recuperação da paisagem natural, especialmente quando é rica e “selvagem” como a Gorongosa. Fiquei intrigada pela aparente contradição de manipular para repor a originalidade no ecossistema, a sua forma natural, e assumindo que para preservar seria necessário transformar. De facto, estes princípios remetiam para uma representação Ocidental da separação entre o que é natural e cultural, o que tornou este assunto mais apelativo.”* (NÓVOA, T.: 2012)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A questão põe-se também no poder de decisão sobre a permanência ou transformação do território, e este parece depender apenas de nós, mesmo que sentenciado por uma cultura de valores que tem oscilado numa projeção de futuro entre o curto e o médio prazo. Assim, independentemente das características locais, a abordagem estratégica ao território pretende fazer-se nos pressupostos de uma influência sistémica dos elementos e da sua abrangência transdisciplinar, construindo dessa forma uma base de conhecimento capaz de uma resposta mais responsável e de maior alcance temporal.

A Gorongosa e em particular a reabilitação da área afeta ao PNG tem seguramente a necessária complexidade para uma abordagem metodológica que possa incluir a diversidade disciplinar e a sua demonstração através de sistemas específicos de inter-relações entre envolvidos, intervenientes, dominadores e dominados.

Os aspetos antrópicos são aqui muito importantes e possivelmente de difícil alcance. Estamos perante uma cultura ancestral que habita a selva, que depende dos seus recursos naturais e tenta escapar às suas adversidades. Comunidades que constroem habitações, servem-se de estradas e pontes, trabalham em campos agrícolas conquistados à floresta – onde caçam e cortam lenha para cozinhar e vender – que legitimamente desejam uma vida melhor e têm grandes expectativas relativamente à reabilitação do PNG, já sabendo porém, que estão obrigados a mudar de hábitos no que diz respeito à interação com o ecossistema do parque.

Em suma, propõe-se com este trabalho uma recolha geral da toda a informação produzida para aquele território, relacioná-la de modo a obter novas associações, capazes de otimizar os recursos materiais e humanos existentes, com impacto no seu desenvolvimento e na melhoria das condições de vida das pessoas que habitam, trabalham e fazem turismo no PNG.

A escolha do PNG, enquanto lugar e caso de estudo para esta pesquisa, não pode renegar um certo encantamento pelas histórias – meio contadas meio sonhadas – sobre a força da paisagem africana (como um símbolo do

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

selvagem), enlaçado em narrativas de banda desenhada e outros textos literários como são exemplos “As aventuras de Tintim”, Spirou”, “Corto Maltese”, as experiências de Jack London ou “O livro da Selva” (KIPLING, R.: 1884), “As verdes Colinas de África” (HEMINGWAY, E., 1935) ou mais recentemente “Liberdade” (FRANZEN, J.: 2010) ou “A confissão da leoa” (Couto, Mia: 2012), entre documentários do canal Odisseia e da National Geographic, assim como séries documentais como o “Mar das Índias” de Carlos Azevedo (2000) com apresentação de Miguel Portas.

No cinema, destacaria “As raízes do céu” (HUSTON, John: 1958) fundamentado na conservação da natureza, ou “Africa minha” (POLLACK, Sydney: 1985) e encantadora interpretação de Meryl Streep, ou “Dersu Uzala” (Kurosawa, Akira: 1975) e os valiosos ensinamentos de um nativo da Taiga, e por último, “Tabu” (GOMES, Miguel: 2012) onde se expõe o delírio de uma África sonhada como um paraíso, que se adivinha nunca ter sido.

A Gorongosa e o projeto de recuperação do seu Parque Nacional associado ao fatídico mito de um paraíso que atrai a desgraça tornaram este estudo impulsivamente irresistível. Acompanhar o desenvolvimento da implantação de um modelo de “restauração” da fauna e da flora associado às preocupações sociais dos nativos/habitantes, tendo como meio de sustentabilidade económica a implementação do ecoturismo, esboça toda uma complexidade de propostas, interesses, forças, limites, necessários a uma pesquisa que deve ser capaz de recolher e organizar a informação sobre cada uma dessas ações, intervenientes e desejos, satisfeitos e por satisfazer.

3.4. Metodologia aplicada

Resenha: do impulso à construção de um método

À semelhança do exercício profissional da arquitetura, quando por hipótese nos é encomendada a elaboração de uma biblioteca ou de um centro de saúde, este trabalho de investigação surge sem que exista um pleno “background” de conhecimento aplicado ao território moçambicano e à Gorongosa. Foi neste contexto que se fundou a necessidade de encontrar pessoas e entidades que pudessem colmatar esse desconhecimento, pois a relevância temática assentava exatamente na construção de um processo de trabalho que em limite poderia ser a sua principal substância, como modelo aberto, criterioso e demonstrável.

Assim e após o estímulo inicial, optei por organizar um índice provisório de subtemas que me ajudassem a estruturar a pesquisa sobre um território de que pouco ou nada sabia. Posteriormente fiz uma pesquisa bibliográfica muito diversificada entre bibliotecas e sítios na internet que organizei em leituras de acordo com os itens prescritos. A partir desse momento, e após a elaboração de um primeiro texto em que se definia o contexto e os objetivos da pesquisa, entrei em contacto com os Serviços Científicos do parque para avaliar a sua abertura ao projeto e a sua eventual colaboração no desenvolvimento do mesmo.

Só então, apresentei a minha ideia para tese aos professores do programa de doutoramento em Territórios Metropolitanos Contemporâneos, aos quais devo a abertura e confiança para que um tema sobre um território como o PNG tivesse aqui cabimento.

Estimulado pela aceitação do PNG e do ISCTE iniciei contactos com outros “atores” envolvidos no projeto de reabilitação do parque. Assim foi com o grupo visabeira (titular da concessão de exploração hoteleira do PNG), através de contactos com a responsável de projeto daquela instituição (Arq. Margarida Mesquita) e ainda com o Dr. José Arimateia, Presidente da

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

visabeira turismo, dos quais obtive entre outras informações sobre o local, o primeiro mapa do “Acampamento de Chitengo” onde está localizada a principal infraestrutura turística do PNG.

Numa outra frente da investigação contactei o Professor de Sociologia, Luca Bussoti, Investigador Auxiliar no Centro de estudos Africanos do ISCTE/IUL, o qual me apoiou no encontro de outras fontes bibliográficas desta pesquisa como também em estabelecer contactos com professores da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), em Moçambique. Deste modo consegui a colaboração do Professor Arquiteto Luís Lage, atual Diretor da Faculdade de Arquitetura da UEM, em Maputo.

Por outro lado, através da divulgação informal do meu trabalho, conheci o último administrador do PNG (durante o período colonial), o Sr. Luís Fernandes, a quem devo uma notável contextualização sobre o que era o funcionamento do parque, turismo, logística, infraestruturas, fauna e o relacionamento do PNG com as comunidades locais. Prosseguindo, fui tendo contacto com pessoas que visitaram o PNG durante as últimas duas décadas de colonização, pelos quais obtive diversos relatos de experiências, quase sempre, encantados pela beleza da paisagem e o fulgor de vida animal no Parque.

Através ainda do Sr. Luís Fernandes obtive o contacto com o Diretor de Comunicação do PNG, Dr. Vasco Galante, que viria mais tarde, durante a minha estadia no parque, a fornecer-me informação fundamental, como é o exemplo da maioria dos mapas do PNG aqui apresentados. Pelo mesmo meio conheci o Dr. Carlos Fonseca, atual Coordenador da Unidade de Vida Selvagem (UVS) do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, o qual, tendo acompanhado os primeiros anos de recuperação da fauna no PNG, no âmbito da primeira parceria do parque com instituições universitárias europeias, me ofereceu um enquadramento geral e pessoal do projeto.

Contudo, motivado por uma compreensão mais prosaica do problema relativamente às contas do Parque e ao modo de funcionamento duma

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

estrutura como esta, consulte o Professor Pedro Neves do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), o qual me sugeriu bibliografia, sobretudo no que diz respeito à responsabilidade social destas instituições.

Devo ainda referir, entre outras consultas convencionais a disponibilidade do Professor Doutor João Pereira Neto, Diretor da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, em ter colocado a sua energia e cultura em prole da triagem de informação sobre a Gorongosa, muito significativa sobretudo em documentação publicada até 1974. A que se seguiu a pesquisa em diversas bibliotecas, entre as quais o IICT (Instituto de Investigação Científica Tropical) e o Museu Nacional de Etnologia.

Desde o início deste trabalho tinha presente a necessidade de fazer uma visita de campo ao parque. Iniciei a sua preparação em Setembro de 2012 com a colaboração do Dr. Marc Stalmans, Diretor científico do PNG, e viajei para Moçambique no mês de Julho de 2013, permanecendo cerca de uma semana no PNG e outra em Maputo. Durante essa curta mas proveitosa estadia, tive oportunidade de consultar a biblioteca geral da Universidade Eduardo Mondlane e o Arquivo Histórico de Moçambique assim como oportunidade para visitar o Museu de História Natural de Moçambique. Encontrei-me com o Professor Luís Lage na Faculdade de Arquitetura (FAPF-UEM) e com o Professor Luca Bussotti na Universidade São Tomás de Moçambique (USTM).

No parque, para além dos convencionais safaris, visitei o Centro de Educação Comunitário (CEC) do PNG, a comunidade de Vinho, o Centro de Saúde e a Escola ali erguidos pelo PNG, assim como a Serra da Gorongosa, enquanto referência incondicional para o ecossistema do Parque e do habitat da maioria das comunidades que o envolvem.

Foi assim num processo articulado entre contactos e fontes diversificadas que se foi construindo o trabalho. Contudo, esteve sempre presente uma evidente escassez das fontes específicas sobre “o território a desbravar”, quer nos documentos disponíveis sobre o projeto atual do PNG quer na documentação

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

existente sobre o território da Gorongosa e em particular sobre as suas comunidades locais.

Todas ações aqui explanadas foram, a partir do momento da aceitação institucional (ISCTE) do tema, acompanhadas ativamente, com sugestões e estímulos, por parte do Professor e Orientador José Luís Saldanha.

Síntese metodológica

Contudo, e em modo de síntese, pretende-se utilizar uma metodologia aplicada à paisagem enquanto um geo-sistema (caracterizado por uma combinação dinâmica de elementos geográficos diferenciados – físicos, biológicos e antrópicos), assim como numa procura de ligações e interdependências dos elementos ativos. Deste modo, trata-se de encontrar uma metodologia aplicada às particularidades do território considerando a sua fisionomia, ecologia e contexto histórico/genético no funcionamento de um sistema de paisagem, expondo as relações existentes, as suas fragilidades e potencialidades.

As sinergias encontradas num determinado território irão também sublinhar a sua própria unidade de paisagem assim como o reconhecimento de um sistema complexo e influenciado pelo todo (enquanto unidade integrada nessa compreensão holística e sistémica do planeta).

Neste sentido a metodologia aplicada baseia-se na necessidade de uma compreensão transdisciplinar do território, apoiada no conjunto dos seus intervenientes, recorrendo à diversidade de fontes, convencionais, de contacto pessoal, dentro e fora da zona de pesquisa. Por forma, a reunir um conjunto de informação tão abrangente quanto as suas fontes e obter assim um quadro de pesquisa heterogéneo e o mais completo possível.

CAPITULO II:

4. ENQUADRAMENTO GERAL

4.1. Conceito de paisagem

O conceito atual de paisagem e a sua interpretação resulta da evolução de um conjunto de pensadores e estratégias de análise para uma perspectivada ciência da paisagem. A palavra deriva do latim *pagus* que significa país, no sentido de lugar, território. O conceito de paisagem, como a interpretamos hoje, existiria mesmo sem a existência específica do termo, o que justifica a sua utilização em traduções correntes de textos do período romano como é exemplo a carta de Plínio a Gallus, no qual descreve a sua nova residência.

“Aqui e ali, paisagens variadas. Por instantes os bosques avançam e atacam a estrada, por instantes atrasa e desenrola-se em vastas pradarias;”
(PLÍNIO, o jovem: séc. I)

No entanto, as primeiras referências à aplicação propositada do termo parecem ser do final do séc. XV, suscitadas pelo Renascimento Setentrional, impulsionado pelo artista alemão Albrecht Dürer, apontado por pintar a mais antiga paisagem “pura”⁹ (JANSON, H. W.: 1992: 491) assim como por ser autor de grande inspiração para a escola de paisagistas holandeses.

A primeira referência em português do termo “paisagem” tem também uma conotação pictórica e está presente nos “Diálogos em Roma”:

“Pintam em Flandres propriamente para enganar a vista exterior, ou coisas que vos alegrem ou de que não possais dizer mal, assim como santos e profetas. O seu pintar é trapos, maçonarias, verduras de campos, sombras de árvores, e rios e pontes, a que chamam paisagens, e muitas figuras para cá e muitas para acolá.” (HOLANDA, F.: 1548)

⁹ Montanhas de Itália, 1495.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

A partir do séc. XVII surgem as primeiras definições de paisagem como é exemplo o dicionário de Webster, sempre vinculadas a uma imagem pictórica, como a representação de uma secção da natureza.

No séc. XIX o termo “paisagem” associa-se à Geografia do ponto de vista da sua morfologia. Assim, no enquadramento de uma visão menos subjetiva distinguem-se homogeneidade e heterogeneidade dos elementos que distinguem a paisagem.

O geógrafo naturalista alemão Alexander Von Humboldt (1769-1859), contemporâneo de Goethe, escreve no livro “Kosmos” que a natureza (da qual o ser humano faz parte) é dinâmica e interdependente, o que o torna precursor de uma visão una e global da complexidade da paisagem natural no planeta. Posteriormente, J Ch. Smits teoriza sobre a doutrina do Holismo (Holismo e Evolução, 1926) como um universo que é um todo e uma superfície terrestre que é uma unidade integrada, assente nas relações dinâmicas e complexas dos seus intervenientes.

Durante a segunda metade do séc. XX passa a haver uma maior tomada de consciência para esta complexidade inclusiva, do homem enquanto parte da natureza assim como da sua dependência da mesma enquanto consumidor e transformador dos seus recursos. Neste sentido passa a haver um maior enfoque na conservação da paisagem e o seu desenvolvimento consuma-se no aparecimento da Ecologia como ciência.

“Desde os começos da era cristã até 1800, a média de extinção dos mamíferos foi de uma espécie em cada cinquenta anos; durante o século XIX foi de uma espécie em cada dezoito meses, sendo uma maioria esmagadora de 1850 a 1900; finalmente, de 1900 até agora, a frequência tem sido de uma espécie em cada ano.” (EÇA de QUEIRÓS, J.M.: 1965: 77)

A partir dos anos 70, entre a proliferação de estudos académicos sobre a ecologia do planeta e o nascimento de inúmeras ONGs em áreas de atuação como o Ambiente e a Ecologia, surgem também organizações mundialmente

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

mobilizadoras, e fundadoras de ações protecionistas, como é o caso mediático da Greenpeace.

“Em 1971, motivada pelo sonho de um mundo verde e pacífico, uma pequena equipa de activistas zarpou de Vancouver, no Canadá, num velho barco de pesca. Esses activistas, fundadores da Greenpeace, acreditavam que um grupo de alguns indivíduos podia fazer a diferença.” (GREENPEACE: 2013)

Na base da sua existência a Greenpeace é sobretudo uma organização que sente que “a sustentabilidade do mundo não pode ter fronteiras”. Nesse contexto em 1991, depois de uma longa e dramática campanha para a preservação da Antártida, num momento em que se distribuía pelas potências mundiais a exploração dos seus cobiçados recursos, foi assinado o protocolo de Madrid. Documento que aprova a proteção, até ao ano 2048, do único continente não explorado. Este “adiamento” resultou do grande empenho da Greenpeace assim como da colaboração de individualidades mundiais como Jacques Cousteau.

Atualmente, um contexto de interpretação da paisagem assente numa ecologia sem fronteiras, necessitará de tornar a sua compreensão mais abrangente (mundialmente generalizada), face à sua capacidade de influenciar a opinião pública e o seu impacto no modo de agir sobre o território. É, pois, inevitável repensar os modelos de intervenção do homem nos inúmeros “pedaços de terra” que constituem o todo (dimensão holística). É irresponsável continuar a ter uma perspetiva de bolha da paisagem, esquecendo todas as dinâmicas e sinergias existentes em qualquer território. Este domínio do homem sobre a paisagem, incluindo aquela com maior significado natural, transforma-a em paisagem cultural, no sentido em que a sua permanência ou transformação está dependente de um valor cultural, que pondera a sua maior ou menor utilidade.

4.2. Contextualização histórica e geográfica

A história de Moçambique encontra-se documentada desde o século X, por via de um viajante árabe com o nome de Al-Masudi, o qual descreve a relevância comercial entre a região do Golfo Pérsico e os “Zanj” da “Bilad as Sofala”, que incluía parte da costa centro e norte dos atuais limites do país.

No entanto, através de vestígios arqueológicos sabe-se que a sua ocupação humana convive com a longa história evolutiva do homínídeo e a sua reconhecida origem africana.

“Os primeiros vestígios arqueológicos de seres humanos na Gorongosa datam de 300.000 a.C. Considera-se que as paisagens relativamente húmidas da Gorongosa foram um refúgio para os primeiros humanos durante as fases secas da era Pleistocénica.” (BLOG DA GORONGOSA: 2012)

Apesar do longo e complexo processo evolutivo da espécie humana o Bosquímano¹⁰ é considerado por muitos cientistas como o mais antigo homem moderno (*Homo sapiens*), e a sua origem é a África austral. Deste modo, apesar de uma história recente dramática e de uma população em acentuada queda, pensa-se que o Bosquímano terá sido o primeiro *Homo sapiens* a circular pelo território de Moçambique e a caçar nas terras da Gorongosa.

O Bosquímano é um caçador recolector, a sua malfadada história está marcada pelas grandes migrações das etnias Bantu durante os primeiros cinco séculos d.C.

¹⁰ Antes das migrações dos Bantu o povo Bosquímano encontravam-se por toda a África Austral. Hoje, estão reduzidos a cerca de 100000 indivíduos e habitam as zonas mais inóspitas do sul de África como o deserto do Kalahari. Mattias Jakobsson e Carina Schlebusch, investigadores da Universidade de Upsala (Suécia) defendem a tese de que o povo Bosquímano é o mais antigo homem moderno do planeta, tendo diversificado a sua origem genética muito antes da migração humana para fora do continente africano.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Originários da África ocidental, em particular da região do Congo, os Bantu iniciam a sua aventura migrando para leste, fixando-se na região dos Grandes Lagos e só posteriormente se dirigem para sul. Através do grande vale do Rift chegam às terras de Moçambique e por fim a toda a África austral. As suas principais características étnicas estão modeladas pelas aptidões guerreiras e pelos conhecimentos agrícolas, servindo-se para ambas da técnica metalúrgica do ferro.

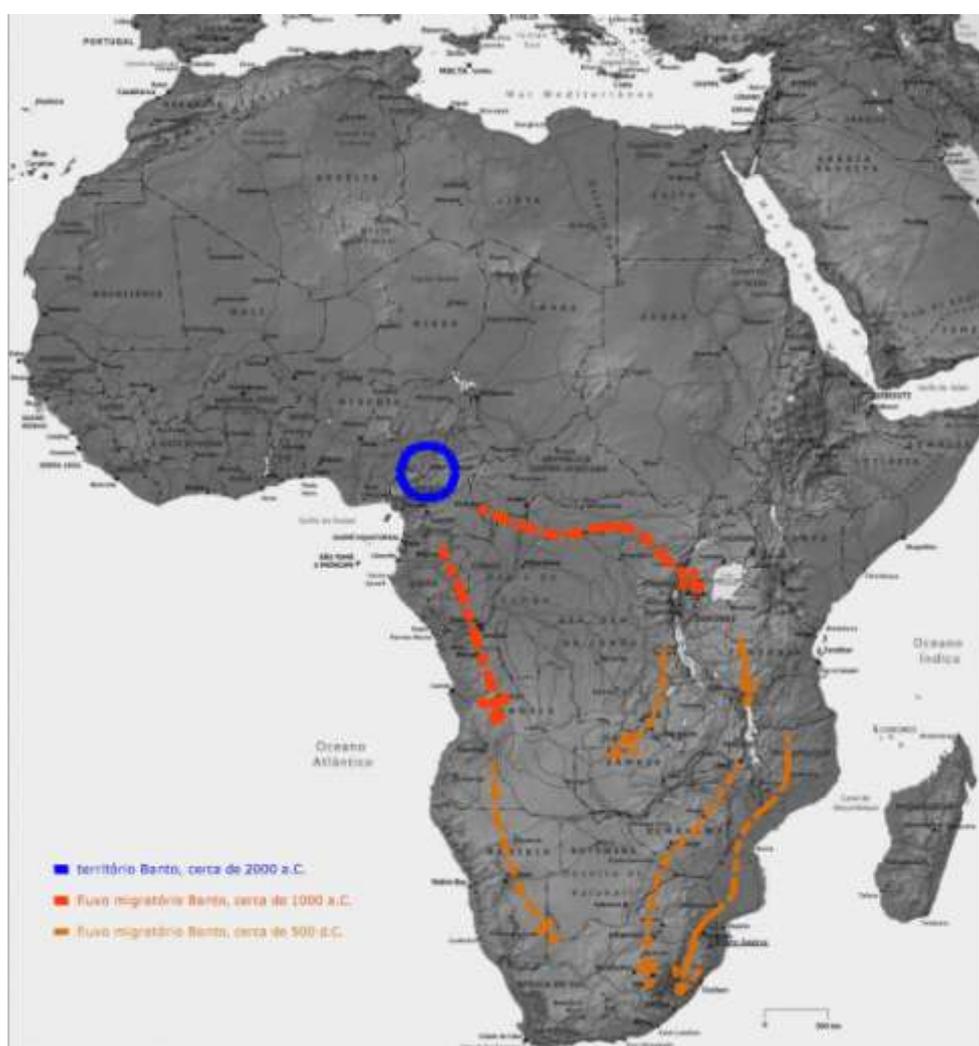


Fig.6: Esquema de fluxos migratórios do povo Bantu

Contudo, é no século X que se iniciam os primeiros registos escritos sobre a história do Sudeste Africano preconizados pela influência dos homens do Índico, com particular incidência para os oriundos da região do Golfo

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Pérsico. Estes estabelecem entrepostos comerciais para troca de produtos vindos do interior do continente, fundamentalmente ferro, ouro e marfim, por artigos como tecidos vindos da Índia, entre muitos outros.

O acentuar desta dinâmica comercial tornou esta costa do Sudeste Africano mais povoada e mais complexa, do ponto de vista da sua estrutura política, dando origem a diferentes estados na região.

Um dos mais importantes é o primeiro estado do Zimbabwe, que existiu entre o século XI e meados do século XV. O seu nome deriva das grandes muralhas de pedra que a aristocracia construía em volta das suas habitações, e que pontuavam como centro de uma grande urbe de palhotas circundantes, capazes de albergar dezenas de milhares de habitantes.

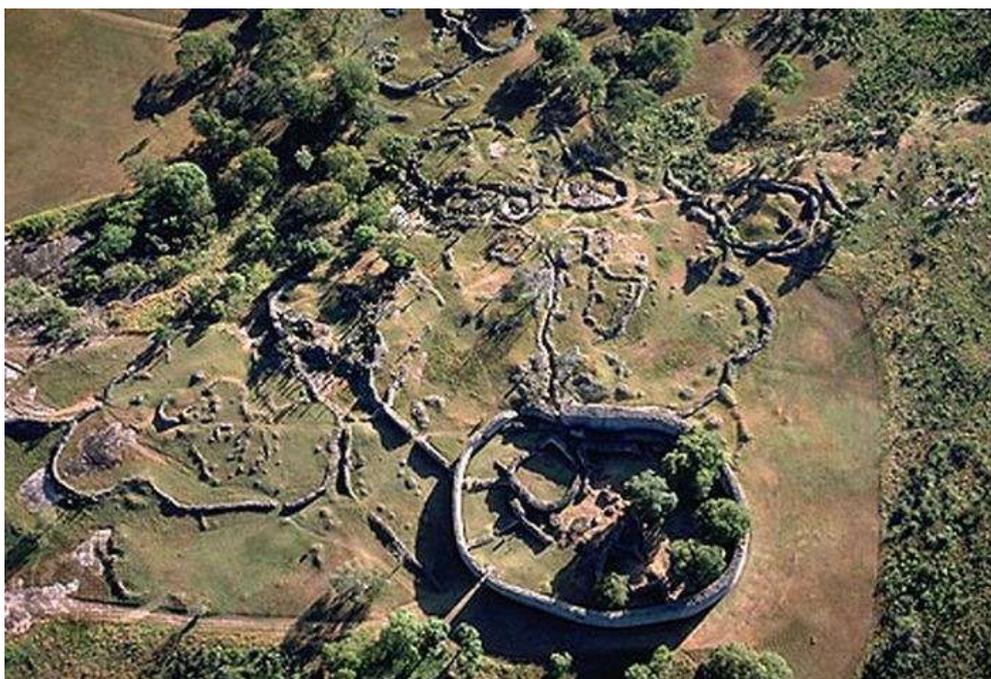


Fig.7: Ruínas “Great Zimbabwe”

As primeiras abordagens aos dados existentes, sobre esta parte da história africana, levaram os historiadores a pensar que foram motivos relacionados com rivalidades entre comunidades do Grande Zimbabwe ou até invasões de outros povos a causa mais plausível para o desaparecimento total das comunidades e dos seus enormes assentamentos.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Contudo, teses mais atuais defendem a existência de uma ligação intrínseca entre o fim do Grande Zimbabwe e o início do Império dos Mwenemutapas (Monomotapas). Acredita-se mais num processo de transformação/transição do que numa rutura que tenha resultado na sua total extinção.



Fig.8: Mapa com localização do Império de Monomotapa, século XVI.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Os Monomotapas, tal como os povos do Grande Zimbabwe falavam a língua chiShona. O domínio do território Monomotapa chegou ao século XVI delimitado a norte pelo rio Zambeze, a sul pelo rio Limpopo, a leste pelo Oceano Índico, sendo que a sudoeste mantinham uma área de influência que quase alcançava o deserto do Kalahari.

Estabeleceram a capital do império na proximidade do rio Zambeze, a norte da actual província de Manica, local onde estavam localizadas a maioria das minas de ouro e com as quais controlavam o comércio. Um valor determinante para a fixação dos mercadores árabes assim como posteriormente para a fixação dos interesses portugueses.

A vontade dos portugueses em conhecer este reino lendário levaria à organização de várias expedições, cujo objetivo inicial era estabelecer relações comerciais diretas com o Monomotapa e a sua terra. Alguns dos portugueses incumbidos de levar a bom termo essa missão diplomática, viriam a relatar sobre as suas experiências e impressões, como é o caso de Duarte Barbosa.

Em 1518, o autor do *Livro das Coisas da Índia*, recolhe as primeiras informações capazes de transmitir uma imagem mais pormenorizada sobre a sua situação geográfica, bem como as cidades e os habitantes do Reino Monomotapa.

Um pouco mais tarde, em 1563, pela iniciativa de Giovanni Battista Ramusio vem a público um texto que, graças a este humanista italiano, tem uma grande divulgação pela Europa. Uma sistematização geográfica, económica e humana conta que: "*Entrando in questa terra di Cefala adentro vi è il regno di Benamataxa, che è molto grande e di Gentili, che i Mori gli chiamano Caferes. Sono uomini negri, vanno ignudi, e dalla cintura in giù vanno cpoerti di panni varii colori e di pelli dibesti salvatiche;*" e um pouco mais à frente "[...] *Benamataxa, dove è molto popolo, il re è solito per lo piú dimorare, e quivi i mercatanti Che vanno a Cefala si forniscono del tanto oro il quale danno ai Mori senza peso per panni dipinti e per paternostri di Cambaia, che fra questi Gentili sono molto usati e apprezzati. E quei della*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

città di Benamataxa dicono Che ancora l' oro viene di luogo molto piú lontano, all' incontro del capo di Buona Speranza, d'un altro regno soggetto a questo re di Banamataxa, il quale è molto gran signore e tiene moltri altri re per suoi sudditi, e molti altri paesi che sono molo adentro fra terra, cosí per mezzo il capo di Buona Speranza come verso Mozambique e piú oltra".
(RAMUSIO, G. B.: 1550 apud Monomotapa: o Reino do Ouro, 2010)

Barbosa fala assim de um reino de grandes dimensões, onde o seu chefe poderoso e rodeado de acólitos, o Monomotapa, era dono de largos recursos económicos.



Fig.9: Ruínas do Mapungbwe (Grande Zimbabwe), possivelmente também a primeira capital do império do Mwene Mutapwa.

Segundo o autor, as ruínas do Grande Zimbabwe, que tanto intrigaram os viajantes, revestiam-se de signos e intencionalidades múltiplas, ora voltadas para o imaginário externo (exibindo a monumentalidade da sua civilização), ora destinada às estruturas de controlo político interno para preservação do status de poder exercido pelo Mwene Mutapwa, que traduzido da língua

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Shona para nosso idioma significa: *“Senhor dos vassallos submetidos pela guerra” ou simplesmente “Senhor de tudo”*.

O poder do reino Monomotapa vacila quando após a morte do seu rei em 1597 lhe sucede o chefe Gatse Lucere, um momento que é aproveitado por outros chefes rivais para atacar a sua nova autoridade.

“Em 1628, alguns anos após a morte de Gatse Lucere, um frade dominicano escreveu que o chefe tinha tido apenas um olho e que a debilidade da sua posição se deviam em parte à sua imperfeição ritual. É, talvez, mais provável que esta história seja simbólica e que reflecta os sentimentos despertados por um monarca estruturalmente fraco ao fim de trinta anos de lutas internas e guerra civil.” (Newitt, M.: 1995: 83)

É no contexto da instabilidade vivida no reino do Monomotapa que os portugueses estabelecem com este uma aliança que visa a sua proteção. O que viria a traçar um futuro de progressiva dependência do Monomotapa para com os portugueses e conseqüentemente um maior acesso destes para com as riquezas do reino.

É de notar que originalmente os portugueses nas suas referências àquelas terras do Sudeste Africano não lhe atribuíam o nome de Moçambique, pois, para estes era apenas o nome da Ilha de *Mussa Bin-Bique*, situada no extremo norte do país, lugar onde os navegadores lusos paravam durante as suas incursões pela Ásia.

Entre o comércio do ouro, do marfim e sobretudo dos escravos, os portugueses foram construindo uma rede de entrepostos comerciais ao longo da costa de Moçambique que vieram posteriormente a ser essenciais para a sua paulatina capacidade de colonizar.

“Para onde quer que avançassem em regiões desconhecidas, a primeira e mais nobre tarefa consistia, na perspectiva nacional, em conquistar regiões para o

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

comércio e, assim, acabar também ideologicamente com o Islão”.
(SHEBESTA, P.: 1966: 24)

Por outro lado, a aventura dos descobrimentos portugueses, para além da procura de riqueza pelo mundo, assentava formalmente numa missão evangelizadora comprometida com a Igreja de Roma, e que se traduzia sempre na inclusão de um seu representante.

“No ano de 1505, Pêro de Anaiá aportou em Sofala com pequenos barcos; para a sua empresa foi ali recebido festivamente pelo xeque mouro Zufu, um venerável mas cego ancião, e por uns cem mouros... Aqui pareceu confirmar-se o que João de Castro (1548) dizia dos seus compatriotas, quarenta anos mais tarde: Os portugueses foram para a Conquista levando numa das mãos a Cruz e na outra a Espada; mas logo que encontraram ouro, largaram a Cruz e a Espada e encheram os bolsos.” (SHEBESTA, P.: 1966: 41)

“A Conquista e o colonialismo baseiam-se, por um lado, nesta incompreensão culposa e, por outro, na superioridade técnica. Enquanto que se não tomam a sério as pessoas estranhas, pensa-se que se tem o direito de se lhes dar assistência, quer dizer, de colonizá-las intelectualmente e espiritualmente.”
(SHEBESTA, P.: 1966: 76)

“Os conquistadores amolecidos também pelo clima tropical e sucumbindo ás atracções do Oriente, começaram a servir mais os seus desejos e impulsos egoístas do que a servir o ideal da Conquista.” (SHEBESTA, P.: 1966: 12)

“É-se tentado a crer que os portugueses tomaram como modelo o estilo de vida dos mouros, que rejeitava a discriminação de raças e cultivava a vida em comum com os nativos, o que levava a uma mistura de sangues, visível em

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

todas as regiões onde mouros ou portugueses foram colonizadores.”
(SHEBESTA, Paul: 1966: 42)

No final deste longo e complexo processo de colonização a administração portuguesa, consciente da sua incapacidade para governar o país, divide o território Moçambicano num modelo de concessões de exploração, sobretudo a empresas estrangeiras, predominantemente de capital anglo-saxónico. Não devemos esquecer que Portugal era oito vezes mais pequeno que Moçambique e que tinha nas mãos (ou pelo menos a pretensão) outras seis colónias para administrar.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

4.3. Sofala

“É de notar que os primeiros relatos portugueses sobre a África Oriental não contam nada sobre a Zambézia, em contrapartida, contam mais sobre o imperador do ouro Monotopata e sobre as minas de ouro no seu território. Para descobri-las e tomar posse delas é que Sofala foi fundada e construída como fortaleza.” (SHEBESTA, P.: 1966:58)

*Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defesa
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza, Que
defenderá Nhaia com destreza.
(CAMOÊS, L. de:1572: C. X, est.94)*

Nesta estrofe dos Lusíadas, Camões conta como Pedro de Anaia, um castelhano ao serviço da corte portuguesa, defendeu com sucesso a fortaleza de Sofala. Esta foi erguida com autorização do Rei de Sofala para guardar o ouro da feitoria portuguesa e foi atacada pelos nativos antes ainda de ter sido terminada. (SARAIVA, H.: 2003)

O poema revela-nos ainda uma caracterização de uma cena quantitativa enquanto uma “bruta multidão” e um modo correspondente de habitar “seus ninhos [...] sem portas”. Tanto a quantidade de nativos como a palhota enquanto “ninho” vulnerável são evidências que continuam a impressionar a paisagem do interior de Sofala, em particular as comunidades que vivem no parque nacional da Gorongosa.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“Vasco da Gama, na sua viagem, não reparou em Sofala¹¹, ao sul da foz do rio Zambeze. Foi descoberta por Pedro Álvares Cabral na sua viagem para a Índia no ano de 1500. Acreditou-se estar feita uma importante descoberta, pois diziam os mouros habitantes de Sofala, esta seria a Ophir do Antigo Testamento, o porto onde a frota de Hiram, rei de Tiro, costumava ir buscar ouro, marfim e madeiras preciosas para Salomão, rei de Israel.” (SHEBESTA, Paul.: 1966: 41)

“Quando ali chegámos – escreve Monclaro, depreciativamente, sobre a Zambézia – deparámos com o que o país tinha, efectivamente, para oferecer: enfermidades. No espaço do ano que ali permanecemos, morreram cerca de cem soldados. E ainda nem sequer tínhamos penetrado no interior do país.” (SHEBESTA, Paul: 1966: 117)

Como sabemos, apesar da afirmação de Shebesta sobre a fundação de Sofala, esta já era citada por mercadores árabes desde o séc. X, relevando as suas riquezas, sobretudo o ouro.

Durante a maior parte do período colonial Sofala era parte integrante do “Distrito de Manica e Sofala”. Só a partir de 1970 foi dividido no distrito de Sofala e Distrito de Vila Pery (antigo nome da cidade de Chimoio).

Durante o período do Governo de Transição (de 7 de Setembro de 1974 a 25 de Junho de 1975) o distrito de Sofala passou a ser a província de Sofala, tal como é hoje.

Atualmente a província contém quatro municípios: cidade da Beira (capital de província); cidade de Dondo; vila da Gorongosa e vila de Marromeu. E divide-se em doze distritos: Búzi; Caia; Chemba; Cheringoma; Chibabava; Dondo; Gorongosa; Machanga; Maringué; Marromeu; Muanza e Nhamatanda.

¹¹ Sofala (em árabe: Sophur) não é nome próprio, mas a palavra para cabo, colina, península.

4.4. Gorongosa

Por volta de 1820, aquando das guerras de resistência contra a ocupação Portuguesa em Moçambique, a Gorongosa já era considerada como um estado poderoso, fundado no vale do Zambeze por famílias *lusó-afro-indianizadas*. Importa referir que o Estado de Gorongosa incidia particularmente sobre a região do Báruè, na margem direita do rio Zambeze.

Manuel António de Sousa é uma figura incontornável na história da Gorongosa do século XIX. Nascido em Goa, vai com cerca de 20 anos para a Zambézia com o objetivo de ajudar um tio (Félix Mascarenhas) na administração da sua propriedade. Casa com a prima e estabelece-se na região do Sena onde faz fortuna com o comércio do marfim. A prosperidade do negócio e os homens armados que o acompanham nas caçadas tornam-no rapidamente um homem poderoso. Manuel António de Sousa, mais conhecido por Gouveia e pela lealdade ao reino de Portugal era implacável para com os reis indígenas. Em 1856 aproveita a guerra de sucessão do reino de Gaza para se instalar nas montanhas da Gorongosa, onde estabelece um bastião para defesa dos seus interesses.

Em 1863, reconhecido pelos serviços prestados ao reino é tornado capitão-mor de Manica e Quiteve. Em 1874 é reconhecido como senhor de Manica e mais tarde, depois de casar com a filha do rei do Barué, passa a ser rei daquela região.

Através de carta José Xavier de Moraes Pinto, capitão secretário do governo de Manica, dá a conhecer o que se passa no terreno:

“Foi no dia 1.º de Janeiro que esta povoação foi fundada. Deu-se-lhe o nome de Gouveia. Porquê? Vou dizer-lo. Como v. ex.ª não ignora, foi confiado no poder e na dedicação de Manuel António de Sousa que o capitão Paiva de Andrada propoz e conseguiu a criação d’este districto. Manuel António, o aguerrido guerrilheiro destas paragens, sempre pronto para auxiliar o governo em tudo quanto pôde, e que para titulo de gloria já tem o de haver

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

libertado as terras de Sena das correrias dos landins de Muzila, Manuel António, digo, é conhecido entre os cafres por Gouveia, corruptela derivada de Goa, sua pátria. É próximo d'este ponto e na alcantilada serra da Gorongosa, n'um sitio chamado Massara, que elle tem, como o nosso Viriato, a sua cava, fortificação natural d'onde elle já por vezes e com pequeno numero de pretos se tem defendido dos ataques da gente landim.” (PINTO, J.X.:1886: 9-13)

“Os primeiros cinco mezes, depois da nossa chegada aqui foram consumidos na construção de abrigos, um tanto com feitio de casas, mas de um acabamento pouco cuidado... As construcções que se fizeram, e estão concluídas, são: a casa do governador; dita para secretaria e morada do secretário; dita para o doutor e ambulância; dita para o comandante da força; quartel; casa para o capitão Paiva de Andrada, e onde se achava estabelecida a capitania mor; um grande barracão para o abrigo das fazendas e material de guerra; três grandes palhotas circulares para armazéns; uma outra para celleiro; e mais algumas palhotas para abrigo dos serviçaes da nossa pequena colónia. Faltavam e ainda faltam alguns outros estabelecimentos a construir, mas a fome, que infelizmente nos tem apoquentado, e que desgraçadamente promete continuar de uma maneira horrorosa, pela falta de chuvas, há de nos prender os braços por muito tempo.” (PINTO, J.X.:1886: 9-13)

“Da nossa ocupação por terras desta parte oriental do continente africano existem marcos, especialmente nas zonas do litoral, rareando e poucos quando se caminha para o interior. Estão a perder-se os marcos que Manuel António deixou – desaparecem as ruínas de sua casa na serra, e as da sua outra casa na margem esquerda do Nhandué, naquela casa em que viveu com a filha do Xipatata; desaparecem as ruínas do forte de Massara que dizem ser do seu tempo; desaparecerão as mangueiras magníficas e perder-

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

se-á também o “banco do Gouveia”, se continuarmos nesta vida descuidosa.” (MACEDO, J.: 1968: 20).

Em colaboração com forças oficiais portuguesas, em particular na guerra contra o rei Bonga, Manuel de Sousa faz amizade com Joaquim Paiva de Andrada, um dos fundadores da Companhia de Moçambique. Desde logo, esta foi a principal companhia do referido Estado, dedicava-se ao recrutamento de nativos para a escravatura, levando-os para fora de Moçambique. Esta prática terá provavelmente contribuído para as primeiras revoltas dos nativos contra os escravagistas na região de Gorongosa.

Durante a longa guerra de resistência dos nativos, assistiu-se à incorporação de homens de diversas etnias nos guerreiros de *Macombe*, os quais, no fim da guerra, se fixaram definitivamente na Gorongosa dando origem a uma mistura de grupos tribais, com consequências directas no surgimento de línguas locais como é o caso de *Chiduma* ou *Chigorongoze*, que provém da mistura do *Sena*, *Báruè* (Shona) e *N'dau*.

Gorongosa é hoje um distrito da província de Sofala com sede na vila de Gorongosa. O distrito tem limites a Norte com o distrito de Maríngue, a Sul com o Nhamatanda, a Este com Cheringoma e Muanza e a Oeste com a província de Manica, através dos distritos de Macossa e Gôndola.¹² Contudo a Gorongosa é hoje conhecida sobretudo, não pela vila ou pelo distrito mas pelo parque nacional da Gorongosa. (ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DA GORONGOSA, 2006)

Desde os tempos da Companhia de Moçambique, a Gorongosa era parte da região do Báruè. Em 1917 dá-se a última revolta da população nativa contra o trabalho forçado imposto pela Companhia, mais concretamente na decorrência da abertura da estrada Macequece-Tete e na cobrança de impostos. Deste acontecimento resulta a derradeira vitória dos colonizadores e por arrasto a substituição estratégica das autoridades tradicionais locais por

¹² Plano Estratégico Distrital de Desenvolvimento de Gorongosa, concluído pela Administração Distrital da Gorongosa em Fevereiro 2006.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

outras não naturais, de modo a enfraquecer os impulsos das emergentes ondas de resistência à dominação colonial.

Em 1926, durante a introdução da cultura do algodão em Moçambique, e mais tarde em 1940, tida como cultura obrigatória, a região de Gorongosa foi submetida ao regime de opressão e do nacionalismo económico, na altura, vigente em Portugal.

Em 1962, no contexto geral de uma África que desperta para a descolonização, surge a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), uma organização socialista liderada por intelectuais moçambicanos, como é o exemplo do seu líder precursor Eduardo Mondlane¹³.

Em 1964, um primeiro atentado da Frelimo à base portuguesa de Chai, no norte de Moçambique, regista o início da guerra pela independência (Newitt: 1995: 452). Em 1965, a intervenção da PIDE levam à prisão intelectuais moçambicanos como Luís Honwana¹⁴ e o artista Malangantana.



Fig.10: *Sala da PIDE*, Malangantana, 1965

*“A Lua brilha
e a estrela
canta um poema triste
do céu que é enorme
do mundo que é vasto
das crianças que esperam
papá que nunca chega*

*A Lua brinca no céu e salta
e as crianças calaram as vozes
[e perguntam:
Mãã, o papá quando chegará
para nos contar as mil histórias”*

¹³ Eduardo Mondlane nasce em 1920, Gaza, Moçambique. Depois de estudar Antropologia em Lisboa termina os estudos nos Estados Unidos. Obtém um doutoramento em Sociologia pela Northwestern University, trabalha para as Nações Unidas como investigador dos motivos que estavam na origem da independência dos países africanos. Juntamente com outros independentistas funda a Frelimo em 25 de Junho de 1962.

¹⁴ Honwana torna-se militante da Frelimo em 1964, pouco tempo depois é preso pelas autoridades coloniais por um período de três anos. Após a independência de Moçambique foi alto funcionário do governo e presidente da organização nacional de jornalistas de Moçambique.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

No decorrer da guerra pela independência, e em contraste com as frentes do centro e sul do país, a FRELIMO tem um rápido sucesso no norte, sendo que no final de 1965 já conquistara grande parte da região de Maconde (extremo norte). No entanto, os anos seguintes decorreram entre avanços e recuos de ambos os lados, sendo que em 1972 «a atividade da guerrilha começou na zona de Manica, ameaçando pela primeira vez uma secção importante da população de colonos.» (NEWITT, M.: 1995: 458). A facilidade com que a FRELIMO se deslocou para sul do Zambeze surpreendeu os portugueses, e teve, do ponto de vista psicológico, um impacto decisivo para o desmoronar da estrutura colonial.



Fig.11: Desenho de Punch, 13 Maio de 1970.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

É mais uma vez, no contexto de conflitos armados que se afirmam essas vantagens geográficas da Gorongosa, e que permitiram à FRELIMO, na sua luta pela libertação, considerar o distrito como ponto estratégico para as operações militares, em particular no eixo Beira-Inhaminga e Beira-Vila Pery (hoje Chimoio).

Posteriormente, durante o período da guerra civil, a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) fixou ali a base militar principal, na *Casa Banana*, Gorongosa.

“Tudo aponta para que em 1834, o centro do estado angune de Nxaba se situasse algures na região de Manica e Quiteve, sendo bastante provável que a sua zona preferida fosse a Gorongosa, do mesmo modo que, cento e cinquenta anos depois, esta acabasse por se transformar na base de operações da Renamo, que cortou as estradas e pilhou as comunidades de camponeses do Moçambique do século XX.” (NEWITT, M.:1995:241)

Hoje, a Gorongosa é um distrito rural da Província de Sofala, de categoria de 2ª Classe no quadro da classificação dos distritos do país, e a sua administração é exercida pela Administração Pública. Não obstante, as tentativas citadas para a substituição do poder tradicional não anularam a totalidade da sua influência, pelo contrário, são aparentemente mais considerados e a sua representação é estruturada pelos *Régulos* (no topo da hierarquia), *chefes de Povoações*, *Fumos* e outras pessoas influentes. Estes, na sua maioria, são ouvidos e parecem colaborar com as autoridades na implementação dos programas do Governo.

“O «banditismo» foi, ciclicamente, o modo como grupos africanos e de brancos responderam ao ciclo de morte que marca aquelas paragens. Primeiro as secas, depois as pragas de gafanhotos, o fim das culturas e da caça, e finalmente, a guerra pela sobrevivência. O que se segue nem sempre é melhor. Quando regressam as chuvas, os cursos de água alteram-se e com elas veem as doenças. Foram elas aliás, que derrotaram as primeiras incursões portuguesas

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

no interior de Moçambique, num filme invertido ao dos conquistadores espanhóis que espalharam as maleitas entre os índios.” (PORTAS, M.: 2002: 91)

Em jeito de síntese, e acompanhando as palavras de Miguel Portas nesta sua observação sobre a Gorongosa, parece claro o destino recorrente deste território para a tragédia, sobretudo no que diz respeito aos conflitos bélicos e disputas territoriais, pois suscita a todos, pelas suas características e isolamento, a segurança de um lugar privilegiado para defender ou iniciar uma guerra.

Neste pequeno resumo de acontecimentos, contamos desde logo com a Gorongosa como o local escolhido para o centro do estado *Angune* (1834), num momento em que diversas facções disputavam aquele reino¹⁵. Posteriormente é feito bastião por Manuel António de Sousa (1856). No século XX, durante a fase final da guerra pela independência, transforma-se num hipotético centro operacional da FRELIMO (NEWITT, M.: 1995: 458). Durante toda a guerra civil moçambicana foi o local escolhido pela RENAMO para situar o seu quartel-general. A sua fixação transformou a Gorongosa numa zona de intensa guerrilha entre as partes, mas sobretudo lançou aquele território no caos e na barbárie, alastrando-se mesmo às próprias comunidades locais.

“...os homens organizaram-se em grupos de combatentes e dedicaram-se à pilhagem, à mortandade e à violação no território dos seus vizinhos, onde conseguiram recuperar algumas das mulheres raptadas em confrontos anteriores. Deste modo, travou-se uma guerra de morte com lanças e machados entre a população civil das duas antigas chefias, fora do controlo e sem a intervenção direta das forças organizadas quer do governo quer da RENAMO.” (GEFFRAY, Christian: 1991: 40)

¹⁵ Barué dissolvera-se no caos criado por uma série de facções que disputavam entre si o título de Macombe, por exércitos angunes que atravessavam o reino sempre que bem lhes apetecia e por grupos de guerreiros esfomeados que faziam tudo o que podiam para sobreviver nesta terra montanhosa e desolada.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Por fim, nos tempos que correm, e depois de mais de dez anos de paz, a Gorongosa parece ter-se tornado novamente um refúgio para a RENAMO e conseqüentemente uma centralidade para a condição sistémica da instabilidade vivida, ali e no resto do país.¹⁶

¹⁶ Sobretudo desde Maio de 2013, momento em que a Renamo se incompatibiliza com o governo da Frelimo.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

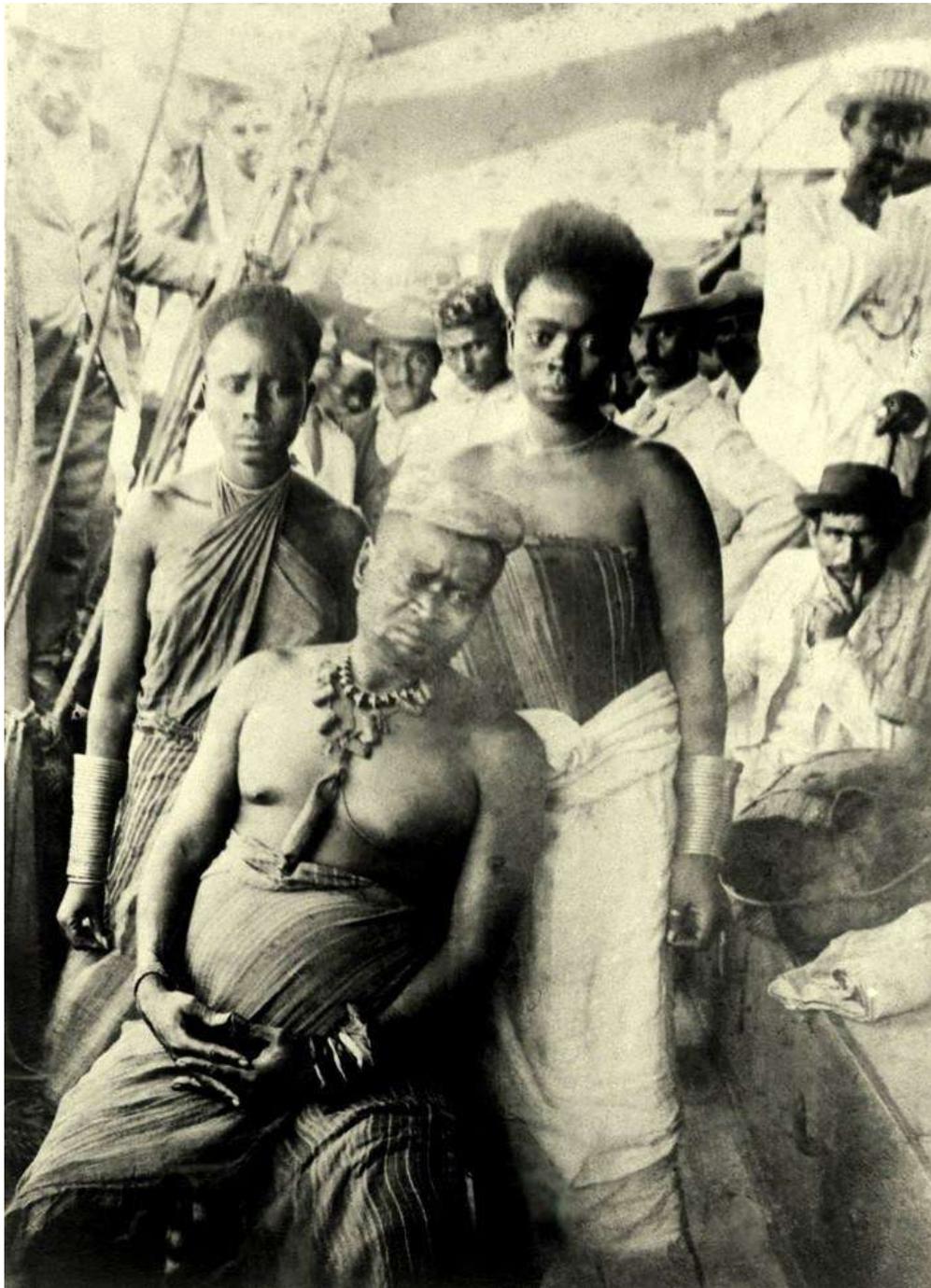


Fig.12: Gungunhana, ultimo rei dos povos Angunes também conhecido por Leão de Gaza. È feito prisioneiro e levado com as suas mulheres para Portugal, a bordo do Vapor Neves (1895).

4.5. Resenha da atividade turística na Gorongosa

Já desde os finais do século XIX, após as últimas campanhas da colonização portuguesa no território de Moçambique entre as quais se destaca a simbólica captura de Gungunhana, que a Gorongosa era famosa pela exuberância da sua fauna, enquanto parte de toda uma paisagem esplendorosa.

A região da Gorongosa é dominada pelo vale cavado do Rift. A drenagem centrípeta é recolhida pelo lago Urema que constitui a parte mais baixa da bacia hidrográfica. A serra da Gorongosa é a única grande proeminência na região, o que se traduz numa excepcional captação de humidade e consequente precipitação necessária à proliferação de vida.

Desde logo, o turismo nos seus primeiros avanços e aventuras revelou a região da Gorongosa, sobretudo a bacia do vale do Rift a sul da Serra da Gorongosa, como um lugar de eleição para viajantes destemidos, o que foi vincando uma particular apetência para o seu futuro turístico.

Entre os finais do século XIX (1891) e meados do século XX a região da Gorongosa estava sob a administração da companhia de Moçambique, uma empresa privada concessionária da região centro do país.

Em 1920, por iniciativa da Companhia de Moçambique é criada uma reserva de caça na Gorongosa com cerca de 1000 km².

Em 1935 é alargada para uma superfície de 3200 km², visando a proteção do habitat de rinocerontes e inhamitós.

Em 1960 a reserva foi elevada a categoria de Parque Nacional, com a área de 3.770 km².¹⁷

Em 1966, depois do início da guerra colonial (1964), o governo resolve diminuir a área do PNG visando aumentar a área de terrenos agrícolas em proveito das comunidades locais.

¹⁷ Um Parque Nacional é uma zona delimitada e legalmente protegida, destinada ao fomento, proteção, conservação da vegetação e dos animais bravios nele existentes bem como as paisagens ou formações geológicas de particular valor científico, cultural ou estético visando o interesse público.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Em 1968, convidado pelas autoridades governamentais, o ecologista Kenneth Tinley chega à Gorongosa para redefinir as fronteiras do Parque.¹⁸

Durante o período da guerra colonial (1964–1974) a Gorongosa serviu de base à FRELIMO assim como durante o período sequente da guerra civil (1976–1992) serviu de base à RENAMO. A fixação da RENAMO na Gorongosa teve como consequências a instalação de um clima de terror nas populações locais e a quase total destruição da fauna existente no PNG.

“A luta teve lugar de forma continuada dentro do Parque e na Serra da Gorongosa até 1992. Após a guerra, entre 1993 e 1996, caçadores profissionais deram continuação à carnificina que os animais sofreram durante o conflito armado, tendo sido a sua população reduzida em cerca de 90%.” (GNP: 2012)

TOTAL NUMBERS OF THE MAJOR LARGE HERBIVORES RECORDED IN SIX TOTAL AIR COUNTS ACROSS THE GORONGOSA ECOSYSTEM.

	DRY SEASON ¹ Nov. 68	WET SEASON ¹ Feb. 69	DRY SEASON ² Oct. 69	WET SEASON ² Jan. 70	WET SEASON ³ Mar. 71	DRY SEASON ⁴ Oct. 72
Elephant	1.565	1.634	2.072	2.185	1.401 (7)	2.542
Buffalo	10.928	11.214	11.168	11.756	12.953	13.295
Wildbeest	3.020	2.989	2.734	7.060	5.618	6.427
Waterbuck	1.930	1.804	3.557	2.223	2.697	3.362
Zebra	1.196	2.899	2.391	3.583	2.938	3.331
Eland	134	226	342	429	356	126
Sable	436	84	628	361	352	483
Hartebeest	87	352	472	839	603	344
Hippo	2.972	—	—	—	—	3.483

Author's co-observers in the air counts:

1. J.L.P.L. Tello
2. F.C. Costa
3. S.J. Liversidge
4. T.P. Dutton

Fig.13: Quadro de contagem de animais entre 1968 e 1972

¹⁸ Até aqui as fronteiras do PNG tinham sido definidas de modo arbitrário ou político. A convocação de Tinley insere-se num contexto de preocupação instalada com as migrações sazonais e a estabilidade da vida selvagem, sempre condicionada pela forte pressão exercida naquele território, quer por empresas de exploração quer pela agricultura das comunidades nativas. (Tinley: 1977: 2)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Species	estimate in 2010	estimate in 2007	estimate in 1994
Baboon Troops	201	241	no data
African Buffalo (Sanctuary)	361	85**	not applicable
Bushbuck	1326	1205	0
Bushpig	312	267	no data
Common Reedbuck	6612	5149	334
Duiker	257	173	no data
African Elephant	438	300	108
Lichtenstein's Hartebeest	796	436	0
Impala	1195	648	0
Kudu	818	497	0
Nyala	1110	385	22
Oribi	2834	1603	22
Red Duiker	163	118	no data
Sable Antelope	865	383	0
Steenbuck	187	17	no data
Warthog	5876	3872	0
Waterbuck	13233	4501	129
Blue Wildebeest (Sanctuary)	243***	200**	0
	total in 2010	total in 2007	estimate in 1994
Hippopotamus	226	221	0
	seen in 2010	seen in 2007	estimate in 1994
Zebra	19	2	65
Common Eland	43	5	0
Average increase (3 years)****	38.9%		

Fig.14: Quadro de contagem de animais entre 1994 e 2010

No fim do período de instabilidade militar o esplendor ecológico tinha desaparecido e as infraestruturas turísticas estavam inutilizáveis.

Entre 1994 e 1999 o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) desenvolveu esforços para restaurar as infraestruturas do PNG e recuperar a sua fauna bravia. Nesse contexto, em 1995, um programa de emergência financiado pela Comunidade Europeia e implementado pelo IUCN-ROSA estabeleceu uma equipa anti-caça furtiva e ao mesmo tempo iniciou a reabilitação faunística do Parque.

Em 1996 foi elaborado um *Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito* com a responsabilidade de reabilitar as infraestruturas do Parque, estabelecer práticas de gestão sustentável dos recursos, promover pesquisas aplicadas e criar bases para o desenvolvimento do turismo.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Em 2004 a Fundação Greg Carr (Carr Foundation) assinou um memorando de entendimento com o Estado Moçambicano com o objetivo de apoiar a recuperação, manutenção e repovoamento do Parque Nacional da Gorongosa (PNG).

Em 2006 finaliza-se o Plano Estratégico Distrital de Desenvolvimento de Gorongosa.

Em Junho de 2010 o governo moçambicano decide aumentar de 3.700 para 4.067 Km² a área do PNG com vista à criação de uma zona de transição/proteção do parque com as comunidades locais. Atualmente a zona de proteção do PNG inclui também a serra da Gorongosa.

Durante o período colonial, mesmo depois de 1960, momento em que a Gorongosa passou de uma Reserva de Caça a Parque Nacional, existiam tantas zonas para coutadas de caça como locais onde apenas se podia fotografar os animais. Os clientes do PNG obtinham uma licença com a discriminação do tipo de animal a abater e a pele era posteriormente curtida e vendida.

As primeiras descrições dos visitantes da Gorongosa (século XIX) até ao início dos anos 70 são na generalidade relatos de espanto pela abundância da fauna como pela beleza e diversidade das paisagens.

“...this sojourn by the Sungue (Urema Plains! will remain one of the most vivid of my memories. The thousands of animals, scattered over the arid plains, the flocks of wading, web-footed, and many other kinds of birds which fly over at sunrise to feed; the peaceful, solemn, yet imposing landscape, bounded on the blue horizon by the mountains of Gorongosa and Chiringoma; all these things will remain graven on my memory”. (W. VASSE: 1904)

“Há no território de Manica e Sofala, administrado pela companhia de Moçambique, várias regiões onde abunda a caça; mas d’essas regiões a mais povoada de animaes é a que ocupa quasi toda a Circumscripção da

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Gorongosa e parte da de Cheringoma, parecendo que toda a fauna africana elegera ali o seu habitat.” (BIVAR, G.: 1910: 269)

“Falemos hoje da Reserva de Caça da Gorongosa, que constitui uma das principais atrações turísticas de Moçambique. Foi ela aberta ao público há uma boa dezena de anos. E, desde essa data, de ano para ano, tem redobrado o número de visitantes. Estende-se ao norte da Capital de Manica e Sofala, numa vasta área coberta denso matagal nuns pontos e aberta em largos tandos noutros. Servem-lhe de limites três rios: o Urema, o Vanduzi e o Pungue. O limite ocidental é a estrada que passa por Vila Paiva de Andrade. (FERNANDES, A.: 1951: 51)

Em 1960, no momento de oficialização do Parque Nacional da Gorongosa, aquelas paisagens já eram um destino de referência mundial.

“A Gorongosa era um destino procurado por celebridades que incluíram John Wayne (actor), Joan Crawford (atriz), Gregory Peck (actor), James Lovell (astronauta), Tippi Hedren (atriz) e James Michener (escritor).” (GNP: 2012)

4.6. Infra-estruturas/acessibilidades

“... a Gorongosa dista apenas um dia da Beira; de maneira que o viajante que embarque n’um dos paquetes da União-Castle até Cape-town, e ali tome o caminho-de-ferro para a Beira, pode achar-se acampado em plena região de caça menos de 20 dias depois da sua partida da Europa.” (BIVAR, G.: 1910: 270)

“A par dessas condições naturais, verdadeiramente de eleição, têm sido desenvolvidas iniciativas diversas, tendentes a proporcionar aos visitantes as necessárias comodidades e segurança, enquanto que novas estradas e picadas se rasgam e diversos melhoramentos se acrescentam à relação das obras já realizadas.

Estão neste caso as novas instalações do Acampamento do Chitengo, inauguradas há poucos dias pelo Sr. Governador do Distrito de Manica e Sofala, Coronel Macedo Pinto. O restaurante, a cozinha e os armazéns já existentes, foram consideravelmente ampliados. Edificou-se um estabelecimento onde são postos à disposição dos turistas, a preços muito acessíveis, objectos de arte regional e levantaram-se mais quatro blocos, cada um com dois quartos e casa de banho anexa, que, com os anteriormente construídos permitirá o alojamento com todo o conforto, de cerca de cinquenta turistas.” (BOLETIM, SGL: 1959: 17)

“Situado a 150 quilómetros a nordeste da Beira, a cidade mais europeia em África, e que lhe dá acesso por bem delineada estrada que dela parte, constitui a Gorongosa uma riqueza nacional com uma área total de 3500 quilómetros quadrados servida por quinze picadas com uma área de cerca de 500 quilómetros. Ao lado da estrada, bela fita de asfalto cortada na planura imensa, ladeada de pequenas casas de campo, palhotas típicas e plantações diversas, em que o açúcar e o algodão ocupam a sua maior extensão.” (MATOS, A.: 1965: 221)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

O Parque Nacional da Gorongosa “é limitado: a norte, pela estrada Zongorgué-Nhanguage e pelos rios Nhanfice e Nhandinde; a leste, pela estrada Dondo-Inhaminga, que segue ao longo da linha de caminho de ferro da Trans-Zambézia Railway; a sul, por uma picada que liga a estrada anterior à estrada Beira-Vila Pery e pelo rio Púnguè até à povoação de Bué-Maria; a oeste, pela estrada que, passando por Vila Paiva de Andrada, segue para a povoação de Zongorgué.” (FERNANDES, F.: 1968: 4)



Fig.15: O acampamento de Chitengo é construído em 1951 para servir de quartel-general da Administração da Reserva e acomodar turistas.

“É o acampamento de Chitengo, que serve a Gorongosa e que é constituído por quatro edifícios de alvenaria com vários quartos cada um, rondáveis com dois quartos cada um e umas cinco outras casas, então em construção, mas hoje já concluídas e destinadas a alojar, com relativo conforto, o turista que chega.

Ao lado destes aglomerados, que só aos turistas se destinam, outras instalações existem para serviços oficiais, escritórios, restaurantes,

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

balneários, etc... Não faltam também pequenos estabelecimentos onde se vendem os mais belos trabalhos da arte indígena, um posto de correio e uma «boîte».” (MATOS, A.: 1965: 222)

Atualmente a maioria dos visitantes chega ao PNG através da Cidade da Beira, normalmente vindos de Joanesburgo ou Maputo. O parque tem um aeródromo onde é possível aterrar pequenos aviões, embora, por norma, não assegure transferes aéreos. A possibilidade de voar para o parque resulta no aluguer de um avião em África do Sul ou numa das principais cidades Moçambicanas. Contudo, os preços do mercado são para muito poucas carteiras.

Os problemas com as acessibilidades ao PNG prendem-se sobretudo com o clima de instabilidade política e as suas repercussões, projetadas no receio de viajar para a Gorongosa.

Na cidade da Beira como em Maputo é comum ouvir dos próprios moçambicanos comentários associados ao risco de viajar até ao PNG, sobretudo para quem pretende viajar pela estrada Nacional 1, vindo do Sul (Save), o que obriga a passar por Muxungué, lugar onde desde Maio de 2013 têm ocorrido confrontos entre as forças do governo (FRELIMO) e as forças armadas da oposição (RENAMO).

Para além dos factos da atualidade (Julho 2013), existe uma ideia forte, associada à história de violência a que esteve sujeita a Gorongosa durante o período da guerra civil, que assenta na grande vulnerabilidade do PNG aos desenvolvimentos do conflito, podendo a qualquer momento transformar-se no seu principal palco de guerra. Este facto, aparentemente pouco provável, contribui muito para a pouca aderência do turismo no atual projeto do PNG.

Assim, parece-me que não são as horas de voo, os pavimentos das estradas ou outras dificuldades associadas às viagens de carro que comprometem o turismo no PNG, mas efetivamente o receio pela segurança, o que levou inclusive o estado português a desaconselhar as viagens para aquela zona de Moçambique.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Num outro plano estão as condições para receber os turistas no PNG, e estas à margem dos valores praticados (que podem ser vistos com mais ou menos razoabilidade dependendo dos termos de comparação), são tão boas como em qualquer unidade hoteleira competente.

As possibilidades de estadia no acampamento de Chitengo, actual Girassol (Gorongosa lodge & safari), são diversas, começando por um local preparado para campistas, seguindo-se de uma hierarquia de quartos singulares e duplos (Garden rooms) e culminando na tipologia de Bungalows, uma pequenas casas em planta circular, algumas recuperadas e outras novas, mas com base no desenho das pré-existentes (período colonial).

Contudo, o acampamento de Chitengo tem hoje um conjunto de novas valências como o novo espaço de restaurante (e uma cozinha primorosa), um grande edifício de receção, uma loja de artesanato local, um auditório/sala polivalente para conferências, a somar às infraestruturas recuperadas como as piscinas ou os elementos de segurança como estradas e vedações.

Em suma, o PNG tem hoje ótimas condições no que respeita a instalações e serviços para receber turistas, incluindo o mais exigente.

4.7. O PNG e o Kruger Park

“Nem o Nacional Parque de Kruger, na África do Sul, o iguala nem em quantidade de espécies nem na sua variedade ... a sensação que o visitante tem de que todas aquelas florestas e tandos não foram tocados pela mão do homem... Dada a extensão enorme da planície, bem como a dispersão das diferentes espécies que constituem zonas de ocupação conforme as suas condições de fertilidade alimentar...” (MATOS, A.: 1965: 245)

Como se pode verificar as comparações com o Kruger Park sempre se fizeram e continuam a fazer. Nos diversos textos que descrevem o PNG é bastante comum encontrar a comparação com o Kruger, pois apesar da sua menor dimensão seria à data (até ao início da guerra civil de Moçambique) consensual que era mais intensa a aventura para os visitantes do PNG, quer pela diversidade de paisagem, diferente da savana de África do Sul, como pela frequência de avistamentos das várias espécies animais, concentradas numa paisagem rica em água e conseqüentemente em alimento, favorecendo a cadeia alimentar das diferentes espécies, como fator principal dessa abundância.

“O Kruger Park é talvez um jardim para o turista ver alguns bichos, ao passo que a Gorongosa é a floresta adulta ou a «chama» abrasadora onde há muitos bichos que o homem pode ver e admirar – é um natural jardim zoológico.” (MATOS, A.: 1965: 424)

“Com efeito, à excepção da girafa e do avestruz (que aliás existem em outros pontos do território, como por exemplo no Alto Save), não há espécie da fauna sul e leste africana que não esteja representada, na Gorongosa. Algumas espécies são raras como em toda a parte, outras são extremamente abundantes como em parte nenhuma.” (BIVAR, G.: 1910: 270)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“É uma autêntica jóia da natureza. Não se procure civilizá-la. As próprias picadas que o atravessam oferecem-lhe um aspecto rústico próprio, compatível, absolutamente, com o fim que, naturalmente, fora destinado.” (MATOS, A.: 1965: 422)

“Este perigo de cair no «estilo jardim zoológico» ou no estilo «termas de luxo» é um assunto que tem de ser tratado com grande cuidado – e sei que ele constitui uma das preocupações dos Serviços de Veterinária.” (EÇA de QUEIRÓS, J.M.: 1965: 72)

Também Greg Carr, numa entrevista à National Geographic, questionado sobre os objetivos turísticos do PNG e o número pretendido de visitantes refere que o Kruger Park lembra um parque de diversões, e não é isso que pretende para a Gorongosa. Nem em dimensão nem em conforto, pois será imprescindível poder sentir a sua verdade selvagem.

“O ponto é dosar, de maneira judiciosa, o conforto e a segurança indispensáveis com um primitivismo que concorde com a imagem que em geral se faz do mato. É realmente difícil conhecer os limites mais adequados... Kanga N’Thole é um modelo dificilmente excedível de dosagem equilibrada entre o conforto e o primitivismo da selva. A casa é de madeira, e feita de tábuas sobrepostas qua não conheceram a plaina. Por entre as frinchas do corredor pode-se ver parte dos grandes cipós que roçam as janelas. Tudo é dum rústico autêntico, sincero, sem sofisticacões. Mas nos quartos há camas deliciosas – e no quarto de banho há água a ferver a todas as horas.” (EÇA de QUEIRÓS, J.M.: 1965: 74)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

4.8. Localização e clima do PNG

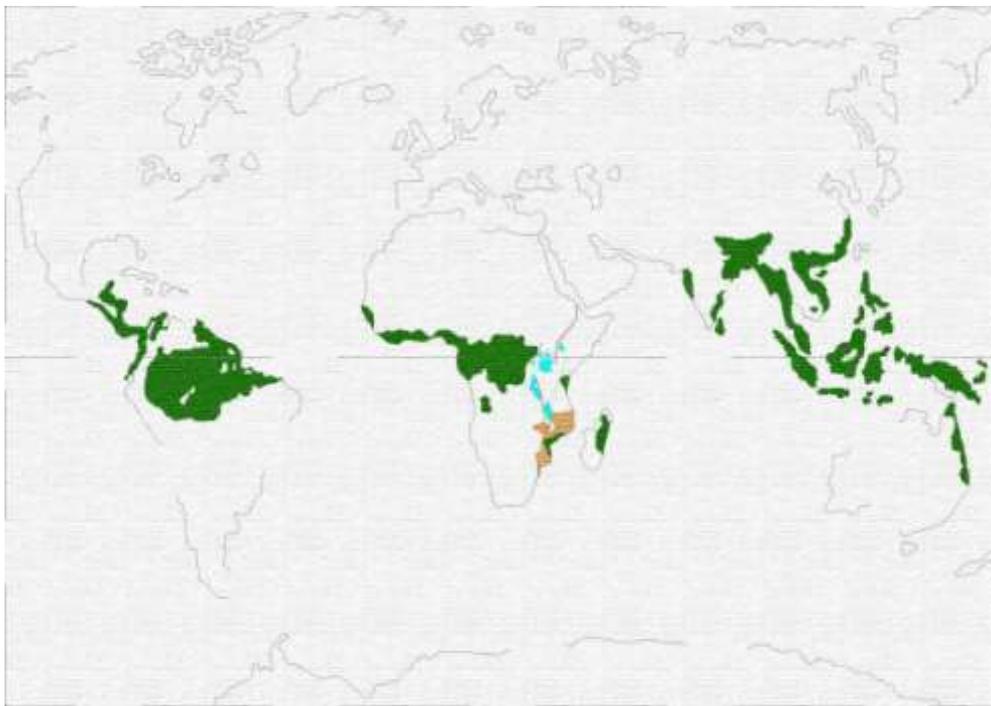


Fig.16: Mapa (A): distribuição das florestas húmidas no planeta (a verde escuro); os grandes lagos africanos (a azul claro), o vale do Rift (delimitado por linhas vermelhas); a localização de Moçambique (a castanho claro).

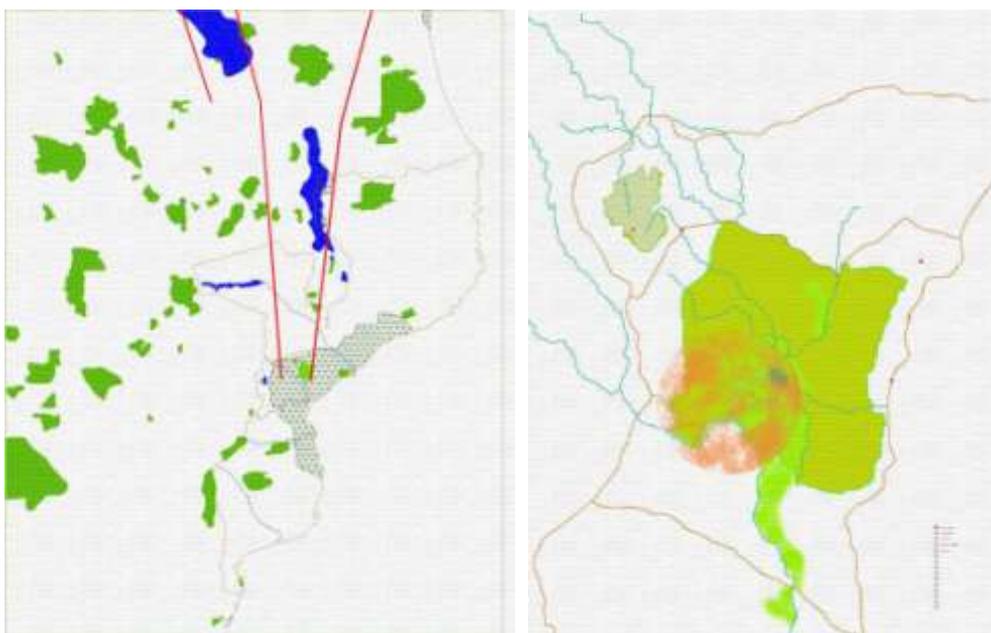


Fig.17: Mapa (B): outros parques naturais/reservas no sudeste africano (manchas verdes) e indicação do Grande Vale do Rift (linhas vermelhas). Mapa (C): o PNG (a verde), mancha de picadas turísticas (laranja) e serra da Gorongosa (verde seco).

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

O Mapa (A) da fig. 16 pretende evidenciar a localização das florestas húmidas no continente africano e assim compreender a excecionalidade da floresta húmida do PNG, concretamente na serra da Gorongosa, enquanto a mais meridional de todo continente africano.

De um modo sucinto podemos verificar a existência de dois fatores principais e de exceção que influenciam a diversidade e abundância de vida no PNG. O primeiro será a serra da Gorongosa, que com os seus 1863 metros de altitude, consegue captar e transformar em chuva a humidade gerada no Oceano Indico. Assim, a “montanha mágica” absorve a água e irriga todo o território à sua volta. Com níveis de pluviosidade com cerca de 2m por ano sustenta uma floresta tropical no cume.

“A floresta tropical de altitude existente na serra da Gorongosa, com quase 75 quilómetros quadrados de extensão, é uma ilha ecológica num mar de savana e pradaria.” (WILSON, E. O.: 2013)

O segundo fator de enorme relevância para a singularidade do PNG prende-se com a sua localização sobre o término do Grande Vale do Rife como indica o Mapa (B) da fig. 17.

“A planície compreendida entre os dois planaltos anteriores corresponde à baixa do Urema: tem uma largura de cerca de 40 km e as suas cotas não ultrapassam, em geral, 80 metros. Toda esta planície de terras baixas está relacionada com um afundamento resultante da acção de um sistema de falhas paralelas. Este sistema de falhas – conhecido pelo Rift Valley da África Oriental afecta não só a região em apreciação, como uma extensa faixa que se estende, com algumas interrupções, desde a Síria até Moçambique.” (FERNANDES, F.: 1968: 8)

A convergência destes dois fatores geofísicos, a presença da serra da Gorongosa e o Vale do Rife basicamente circunscrevem as condições para a

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

existência de enormes fluxos de água, rios e lagos que oscilam fortemente nas suas grandezas conforme a estação do ano.

Outro aspecto relevante é a geologia do parque. O grande vale do Rift termina praticamente na Gorongosa. O parque é muito húmido na região central e, na estação das chuvas, a água pluvial desce as encostas do Rift e leva o lago Urema a transbordar. Na época seca, o lago fica muito pequeno. A expansão e contracção desse lago gera uma enorme zona de pradaria... Na década de 1960, escrevia-se que a Gorongosa tinha mais animais que qualquer outro parque africano. Há uma razão para isso: o ecossistema é perfeito. Mas tem de ser compreendido.” (CARR, Greg: 2009)

Considerando a classificação climática de Köppen e a condição mais ou menos simétrica dos hemisférios (norte e sul) encontramos uma moldura climática para a Gorongosa que se caracteriza por “C – zona de climas temperados quentes e chuvosos”. (AZEVEDO, A. L.: 1980)

Pois apesar da ideia generalizada de que Moçambique se inclui num clima tropical húmido, o facto é que existe uma diferença considerável entre o Verão e o Inverno, tanto ao nível das temperaturas registadas como da precipitação. O que difere das habituais zonas tropicais húmidas, sem uma evidente definição de inverno.

Considerando a especificidade da serra da Gorongosa e do Vale do Rifte, o PNG, durante o período das chuvas (Verão), vê grande parte da sua área submersa, o que interfere com a atividade turística do parque mas principalmente com a deslocação dos animais dentro do seu território e maior dinâmica de fertilização.

Apesar da distância do PNG face ao litoral (cerca de 70 Km em linha reta) é possível sentir a influência das marés nos níveis de água do parque. A convergência da saturação dos solos e das planícies inundadas no PNG, normalmente durante o mês de Janeiro e Fevereiro, são visivelmente amplificadas pelas marés vivas do Indico – “o que pode ter consequências

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

imprevisíveis para os níveis de cheia nos lagos e rios do parque” (GALANTE, V.: 2014).

Em síntese, as condições geofísicas do PNG, fortemente influenciadas pela serra da Gorongosa e pela capacidade de retenção do Vale do Rifte, assim como pelas oscilações dos caudais que se assinalam entre os períodos de chuva e seca, permitem a convergência de extraordinárias condições para a existência de um ecossistema único, tão deslumbrante para os visitantes, biólogos e ecologistas, que é comumente apontado como um dos “últimos paraísos na terra”.

Serra da Gorongosa – A Montanha Mágica

A Serra da Gorongosa está situada na circunscrição da Gorongosa, limitada “a nordeste e sudeste, respectivamente, pelos rios Nhanduguè e Vanduzi, cujos cursos sensivelmente paralelos correm na direcção NW-SE; a noroeste, pelos rios Nharessenguere e Mudicapinda, afluentes, respectivamente, dos mencionados rios Vanduzi e Nhanduguè; a sueste, pela estrada que liga Vila de Paiva de Andrade à povoação de Zongorguè. (...) “O maciço da Gorongosa, de contorno elíptico quase perfeito e com os eixos N-S e E-W, respectivamente, de 34 e 24 Km de comprimento, tem uma área aproximada de 64 000 ha. Com a peneplanície circundante, a área total da zona trabalhada tem 161 890 há.” (FERNANDES, J.: 1968: 5)

A dimensão e altitude do maciço da Gorongosa têm a capacidade de reter uma grande percentagem de humidade, que por condensação é transformada em grande quantidade de chuva, a qual está na origem dos rios que irrigam o famoso ecossistema do PNG.

“...a serra apresenta os seus flancos em grande parte abruptos e escarpados, o que, associado à grande altitude, torna muito difícil o acesso aos diferentes,

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

embora pouco extensos, plateaux da parte cimeira... Base das numerosas ribeiras e rios que aí têm o seu início.” (FERNANDES, J.: 1968: 6)

“O ponto de altitude máxima da serra é o pico Gogogo, com 1863m... A peneplanície, da qual emerge imponente a Serra da Gorongosa, apresenta cotas de valores que oscilam entre 300 e 600 m, e é caracterizada pela grande homogeneidade da sua topografia, com declives suaves que raramente ultrapassam 10% e linhas de água pouco pronunciadas que dão origem, frequentemente, à formação de pequenas lagoas a meio do seu curso... A rede hidrográfica da região da Serra da Gorongosa é muito variada e resulta, como o clima, da influência do maciço montanhoso (verdadeiro castelo de água) e da peneplanização da superfície circundante.” (FERNANDES, J.: 1968: 7)

Os principais centros de ação que influenciam o clima da Serra da Gorongosa são as baixas pressões de convergência intertropical denominadas por:

- a) A célula anticiclónica da zona subtropical do hemisfério sul sobre o Oceano Índico (anticiclone do Índico).
- b) A depressão de origem térmica que se forma sobre a África meridional durante a estação quente (Outubro a Março).
- c) O anticiclone de origem térmica que se forma sobre a África meridional durante a estação fria (Abril a Setembro).

Os itens supracitados estabelecem as condições que resultam numa alternância entre uma época das chuvas (de Novembro a Abril) e uma época seca (de Maio a Outubro). Por norma o mês mais chuvoso é Fevereiro e o mais seco é Maio.

A média da humidade relativa anual do ar é de aproximadamente 75% e o valor médio anual de insolação é aproximadamente 3237 horas, o que corresponde a 73% do máximo possível. (FERNANDES, J.: 1968: 8)

Conclui-se que as zonas mais baixas são caracterizadas por uma forte insolação, no entanto, com a subida da serra os valores vão progressivamente diminuindo.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Dependendo da altitude a vegetação divide-se em duas regiões perfeitamente distintas:

- a) *“a primeira abrange a serra propriamente dita, maciço granito-gabroide com altitudes superiores a 600 m”;*
- b) *“a segunda, constituída pela superfície aplanada circundante, inteiramente abrangida pelo complexo granito-gneissico, com cotas compreendidas entre 300 e 600 m.”*
- c) *Nas zonas mais elevadas, de exposição sul e oeste encontram-se formações de floresta húmida e densa...;*
- d) *Na exposição norte e leste, consideravelmente mais seca, embora com solos idênticos, as formações arbóreas dispõem-se em floresta aberta.”*
(FERNANDES, J.: 1968: 28)

“Diversos factos levam-nos a supor que a Serra da Gorongosa teve origem em tempos geológicos não muito recuados, na idade Karroo ou posterior. A sua posição de isolamento no meio da vasta zona aplanada constituída por formações antigas granito-gneissicas, a sua forma elíptica com o eixo maior na direcção norte-sul e a abundância de filões de rochas básicas, enquadram-se perfeitamente na tectónica de fractura do Leste Africano, com inicio no período terciário. A rocha predominante do maciço da Gorongosa é o granito.”
(FERNANDES, J.: 1968: 29)

“Em territórios novos ou subdesenvolvidos, um dos factores que mais fortemente condiciona a densidade e distribuição das populações é, sem dúvida, a natureza do solo. (FERNANDES, J.: 1968: 29)

O conflito militar associado à capacidade agrícola do sopé da serra e nas suas encostas tem-se traduzido numa progressiva ocupação humana daquele território. Algo que causa grande apreensão ao atual projeto do PNG, consciente

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

das interações dos ecossistemas e das suas suscetibilidades face às atividades dominantes da população.

Na serra da Gorongosa existem diversos tipos de solos. *“Nesta região de boa densidade populacional, europeia e indígena, encontram-se, entretanto, muitas zonas completamente despovoadas, algumas delas porque as condições naturais do solo não consentem uma exploração agrícola rentável e, algumas outras, como resultado de uma exploração desordenada que provocou o depauperamento do solo e o seu conseqüente abandono.”* (FERNANDES, J.: 1968: 33)

“A zona montanhosa é a que apresenta os mais flagrantes exemplos de alteração do solo pela intervenção do homem. [...] Estes solos, que foram desarborizados e posteriormente abandonados para exploração agrícola, beneficiam de particulares condições de regeneração, não só devidas à natureza do material originário como à presença de alguns afloramentos rochosos que constituem um obstáculo ao seu erosionamento acelerado e ainda pelas favoráveis condições climáticas locais, propícias ao rápido desenvolvimento da vegetação natural. As queimadas anuais a que os indígenas sistematicamente sujeitam a vegetação nascente e a pastorícia desordenadamente praticada impedem, entretanto, que esses solos readquiram as boas características dos vizinhos solos normais que se encontram sob cobertura florestal.” (FERNANDES, J.: 1968: 33)

Assim como demonstram as referências citadas, a serra da Gorongosa tem um papel fundamental na fertilidade do ecossistema do PNG, pois funciona como elemento de captação de humidade e conseqüente irrigação de todo o parque. Por ser uma exceção na paisagem, a serra da Gorongosa possui a única floresta tropical-húmida em Moçambique, e da sobrevivência desta dependerá a sobrevivência da biodiversidade do PNG. Pois a proeminência da serra na paisagem e a sua capacidade para influenciar os níveis de

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

pluviosidade, condicionam fortemente as planícies férteis do Tando e consequentemente as pastagens dos animais que a habitam.

A partir dos finais dos anos 60, a serra da Gorongosa passou a ser cientificamente compreendida como parte condicionante do ecossistema do PNG. Após diversos estudos preconizados pela Junta de Investigações do Ultramar (1953, 1956, 1958), visando o reconhecimento geológico e petrográfico da Serra da Gorongosa, o ecologista Kenneth Lochner Tinley confirma a urgência em anexar a Serra ao PNG, por ser a sua principal “fonte de vida”.¹⁹

No documentário intitulado “introdução à Gorongosa” o ilustre biólogo E. O. Wilson, em conversa com o assistente local Tonga Torcida, reforça a relevância da serra da Gorongosa e a sobrevivência da floresta húmida como condição para a sobrevivência do ecossistema do PNG.

Tonga Torcida refere que as comunidades continuam a cortar a floresta para criarem “machambas”²⁰ na serra. A floresta tem um papel fundamental na retenção da humidade, as consequências da sua desflorestação são visíveis nos maiores períodos de seca. Mesmo que o início da recuperação da floresta seja imediato são estimados cerca de duzentos anos para a sua total recuperação.

“Sadly, it's much easier to create a desert than a forest.” (LOVELOCK, J.: 1979)

“A serra da Gorongosa é uma preocupação. Não está dentro do parque, mas é muito afectado. Os agricultores querem criar ali mais zonas de cultivo. Há muita investigação no nosso projecto e, por isso, contratámos algumas dezenas de pessoas para ajudar a replantar a floresta na montanha, procurando travar a desertificação.” (CARR, Greg: 2009) Evitando, pelo menos, a erosão nas zonas mais vulneráveis.

¹⁹ Ecologista americano convidado pelo parque para estabelecer os novos limites do PNG.

²⁰ Pequenos terrenos de produção agrícola das comunidades.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Estas palavras de Greg Carr, proferidas durante uma entrevista em 2009 à National Geographic, já não correspondem à realidade, pois em consequência do desenho ecológico do parque e das iniciativas tomadas pelo PNG assim como pelo historial de evidências formadas em volta da sua relevância, a serra da Gorongosa foi finalmente formalizada e legislada como parte integrante da zona de proteção do parque.

A compreensão da enorme importância da serra da Gorongosa na retenção das águas, e por conseguinte na sua capacidade de irrigar o PNG, levou também os ecologistas que trabalharam e trabalham no parque a subscrever a sugestão da serra como uma “Montanha mágica.”

O resgate do tema da “montanha mágica” de Thomas Mann (1924) associado à serra da Gorongosa é praticamente acidental. Esta sugestão (que não é minha mas dos responsáveis do PNG) é proposta como uma plataforma cultural (ocidental) capaz de projetar e classificar a relevância desta no contexto da biodiversidade da Gorongosa.

Por outro lado e sem analogias eruditas, a serra da Gorongosa é vista pela população nativa como um lugar “mágico” que é para esta bem real, pois a magia é parte integrante da sua realidade cultural.

*O leão vive na montanha (...). Há lá uma enorme pedra. Nhamadzi, o leão costuma estar nessa pedra numa caverna onde tem os filhotes. Quando os leões selvagens querem matar uma pessoa, Nhamadzi protege o seu povo perseguindo os outros e afastando-os para longe.*²¹ (TRACZ, V.: MUALA, D.: 2010: 17)

²¹ Palavras de Eugénio de Almeida Canda, chefe de Canda. Tradução pessoal do inglês.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

4.9. Histórias e mitos do PNG

A maioria da documentação encontrada sobre o PNG relata histórias de encantamento experimentadas em indescritíveis paisagens e a sugestão da sua enorme riqueza natural, sobretudo pela densidade de animais que seria comum avistar. Alguns desses relatos, por exagerados que sejam, sugerem sempre a realidade de uma experiência intensa e marcante.

Assim foi a minha estadia no PNG, muito marcada por aquelas deslumbrantes paisagens que se sucedem em espanto pela diversidade e força de uma natureza aparentemente intacta.

Ainda longe do esplendor de outrora, é já muito frequente o avistamento de animais como o javali africano, babuínos, diversos tipos de antílope como as impalas, cobos, palancas negras, inhalas, pala-palas, entre outros. Assim como é possível, embora menos frequentemente, avistar leões, hipopótamos, búfalos, zebras ou bois-cavalos. Inesquecível é sentir que estamos no habitat do elefante, primeiro porque este faz questão de o assegurar sempre que o encontramos, segundo porque grande parte da paisagem está marcada pela sua presença. O exemplo mais elucidativo é a floresta de tílias, pautada pelos inúmeros troncos de árvores espalhados pelo chão. As tílias são o seu alimento favorito e o derrube das árvores é o modo de permitir a alimentação aos elementos mais jovens do grupo.



Fig.18: Floresta de tílias: PNG, Julho de 2013

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

“O barulho que fazem, abrindo caminho através da floresta, o inconfundível som dos ramos partidos e árvores derrubadas, chega até nós vindo de todas as direcções.

Ao encontrá-los, a primeira medida de precaução que se impõe é parar o carro imediatamente, sem o mais leve ruído.” (MATOS, A.: 1965: 245)



Fig.19: Família de elefantes, PNG, Julho de 2013

“Alguns sustos têm, no entanto, causado aos que se aproximam demasiadamente, mas apenas sustos e nada mais. Um empurrãozinho, uma amolgadela com a pata ou a tromba e... o bruto retira-se com ar de indiferente superioridade. A coisa não vai além de uma brincadeira, a não ser que, nessas carícias, ao tactear com a tromba o motor do carro, se possa queimar...

Vimos nestas circunstâncias, um enraivecido de tal modo, que, com um pequeno gesto, com a tromba virou o carro e, seguidamente com um leve toque de pata tudo reduziu a um monte de destroços. Mas não causa saudade recordá-lo...” (MATOS, A.: 1965: 241)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.20: PNG, Julho de 2013

Ainda hoje, se usam as mesmas precauções com os elefantes do PNG. No entanto é o passado recente de guerra civil e a conseqüente chacina que serve de argumento aos responsáveis do parque para a agressividade “anormal” destes animais. Certo é que, ao contrário de outros parques em África, os elefantes da Gorongosa ficam bastante nervosos com a presença do homem, algo que também pude presenciar.

“...Solar do Leões, constituído por meia dúzia de casas de pedra e cal, mais ou menos desmoronadas e que, outrora, segundo as informações do guia, foram habitações humildes de funcionários florestais. Um belo dia, porém, um destes, possivelmente caçador, matou a única cria que, com a mãe, por ali passara. Tal funcionário, no desempenho do seu cargo, esteve ausente da sua casa durante um ou mais dias e, ao regressar, nada restava das portas da sua humilde habitação, toda esfacelada, e no seu interior havia tristeza e desolação, nada restando do recheio, totalmente danificado e transformado em fragmentos irreconhecíveis.” (MATOS, A.: 1965: 379)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.21: Casa dos Leões, Julho de 2013

Uma outra versão, muito mais provável, refere que estas instalações foram construídas na planície aluvial do Tando perto do rio Mussicadzi, por volta de 1940, mas que dois anos depois, devido à recorrência de inundações durante a época das chuvas, foram definitivamente abandonadas passando para o futuro acampamento de Chitengo²².

Nestes dois últimos anos, porém, entrou-se activamente numa fase de remodelação. Graças à clara visão e espírito empreendedor do actual Governador da Província, Dr. Gouveia e Melo. Referimo-nos à nova Pousada do Chitengo, à entrada da Reserva de Caça. Tem esta Pousada alojamentos para 52 pessoas, podendo, no entanto, alojar mais 20. Num cercado de arame farpado, ficam estas instalações separadas em cinco blocos, onde não faltam as instalações sanitárias, bons quartos arejados, um óptimo refeitório, chuveiros, etc., e onde não falta a luz eléctrica. Dão acesso à Reserva de Caça da Gorongosa, duas óptimas estradas que atravessam respectivamente o rio Urema e o Rio Pungue, onde recentemente foram inauguradas duas pontes: uma em alvenaria e outra em madeira. Perto da nova Pousada há também um campo de aviação para aviões de turismo, mas,

²² O Chefe Chitengo era o líder de uma das comunidades locais da Gorongosa. Em honra da sua colaboração atribuiu-se o nome de Chitengo ao acampamento central do PNG, o qual se mantém até hoje.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

num futuro próximo, será ali construído um aeródromo próprio para nele aterrarem aviões maiores.” (FERNANDES, A.: 1951: 51)

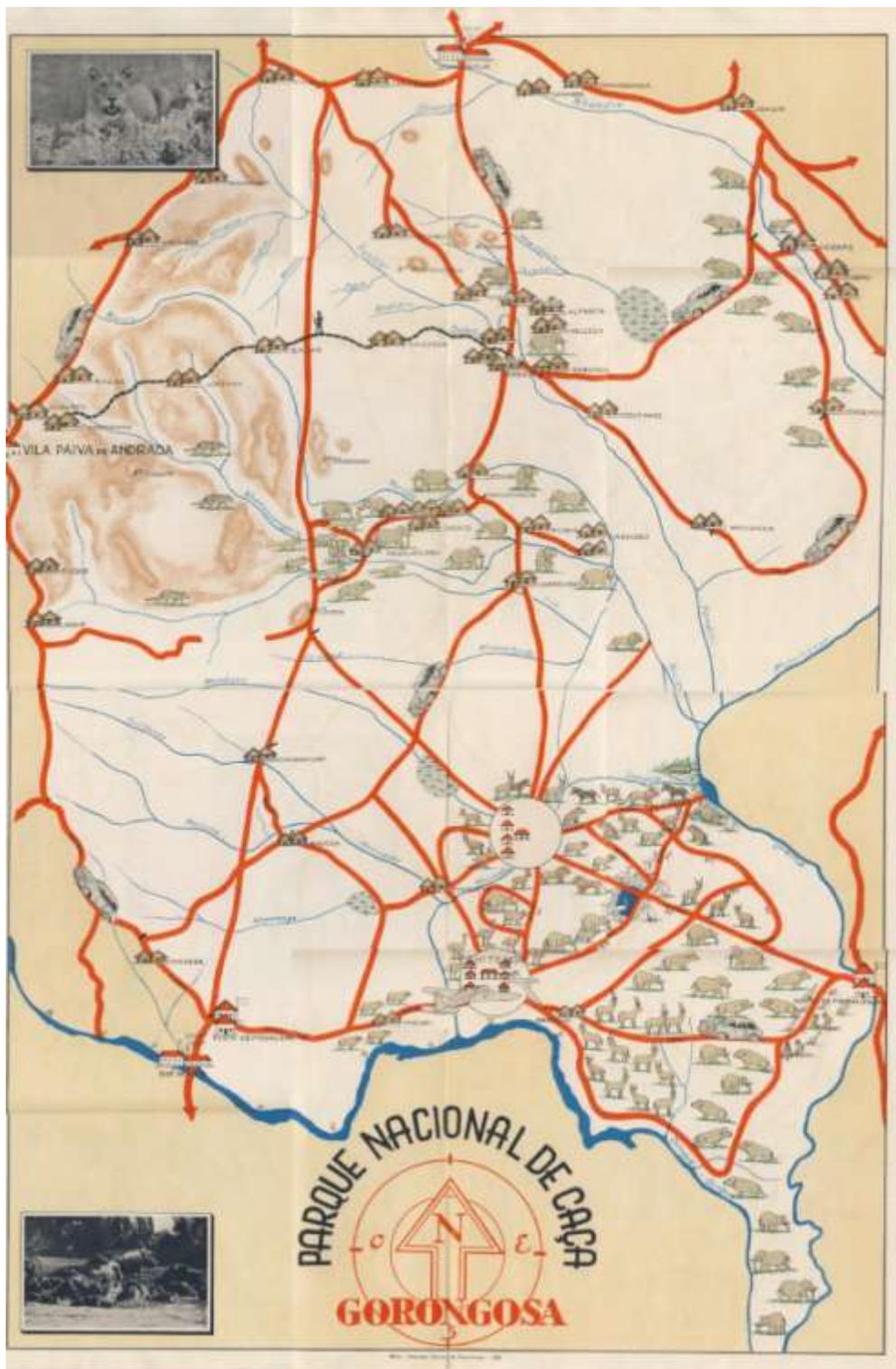


Fig.22: Mapa de picadas do Parque Nacional de Caça da Gorongosa, 1952

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

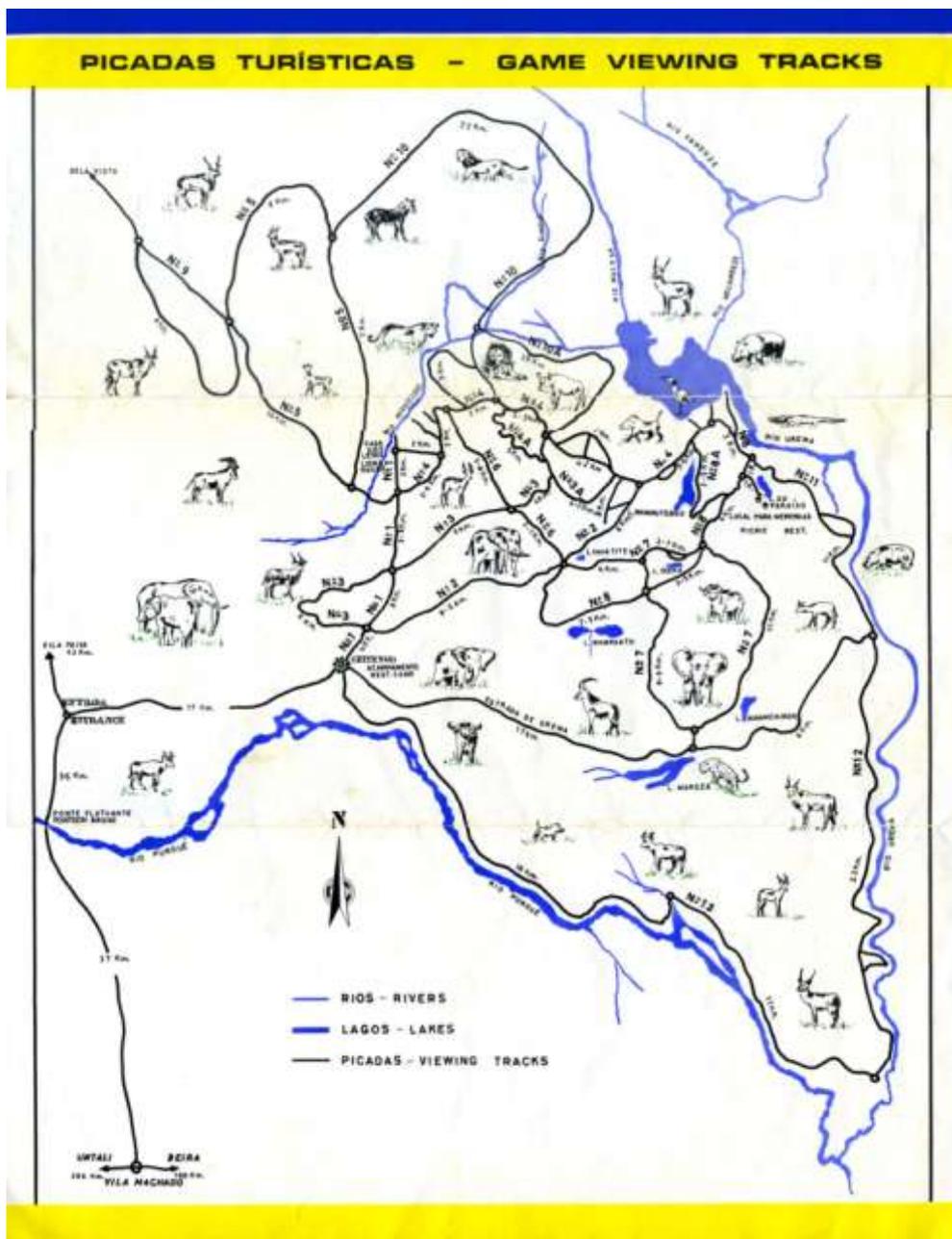


Fig.23: Mapa de picadas do Parque Nacional da Gorongosa, 1960

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território



Fig.24: Mapa de picadas do Parque Nacional da Gorongosa, 1970

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

CAPITULO III:
5. ETNICIDADES EM MOÇAMBIQUE - GORONGOSA

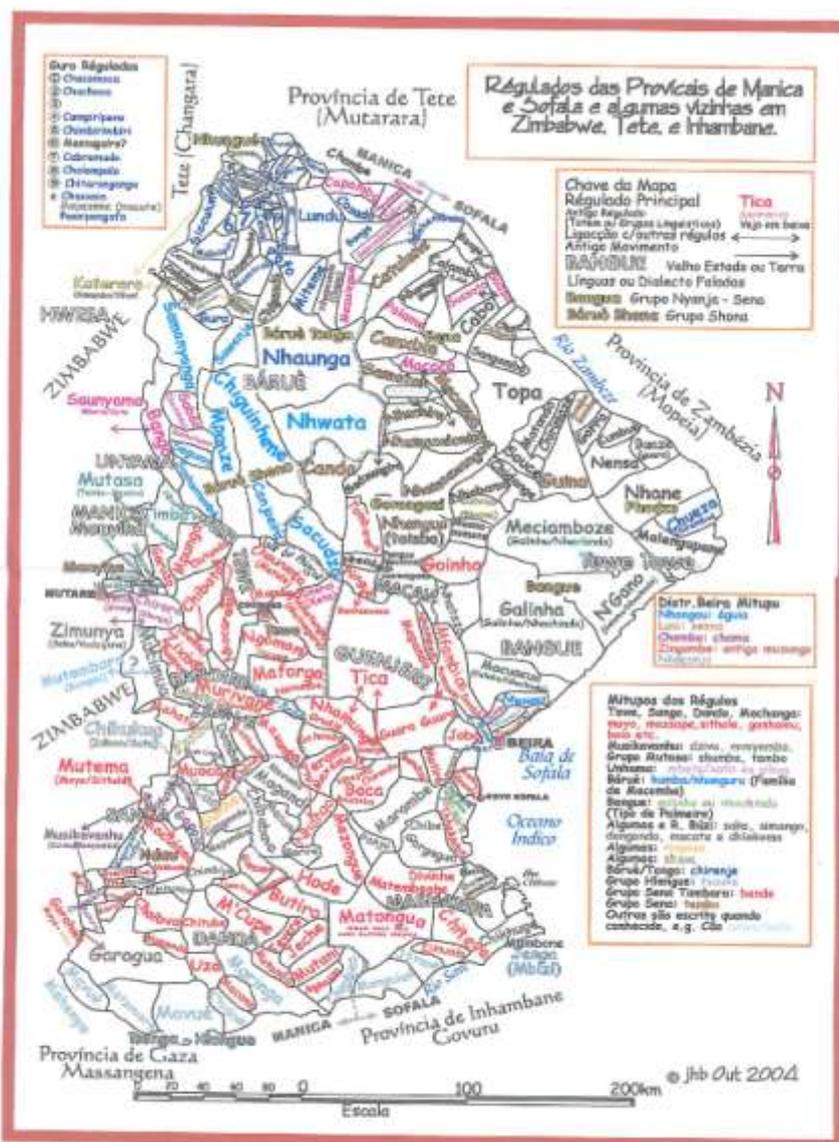


Fig.25: Mapa da organização tradicional (Regulados) – cortesia do Dr. Vasco Galante, Diretor de Comunicação do PNG.

Etnia é um “grupo fechado, descendendo de um mesmo antepassado ou, mais geralmente, tendo a mesma origem, possuindo uma cultura homogênea e falando uma língua comum.” (MERCIER, Paul : 1961 : 65)

5.1. Matrizes étnicas em Moçambique

No séc. II e III, no atual território de Moçambique, a população era maioritariamente negra. Atualmente a língua mais difundida é de origem Bantu. No norte prevalecem os Macuas e os Ajauas, no centro são os Shona, Senas, Angonis e Maraves. No sul os Tonga e os Chope. Desde o séc. X todo o litoral foi fortemente influenciado pelos muçulmanos vindos da pérsia. (OLIVER, Paul: 1997: 2140).

“No território que é hoje Moçambique foram existindo ao longo da história do seu povoamento áreas culturais particulares que nalguns casos e momentos, deram origem a entidades étnicas e sub-étnicas e a comunidades políticas mais ou menos homogêneas que se foram transformando, todas elas, ao sabor das migrações e de outros eventos locais e regionais.”
(MEDEIROS, Eduardo: 1996)

Os Shona são uma diversidade de povos que, dispersos pelo leste do Zimbabwe e centro oeste de Moçambique, têm em comum a língua Bantu (OLIVER, Paul: 1997: 2138).

Os Bantu são um grupo étnico, com origem no centro de África, que desde os primeiros séculos d.C. se deslocaram para a África austral. De acordo com Paul Oliver os primeiros Bantu chegaram ao sudeste africano entre o séc. V e X d.C.

Mais tarde, já no séc. XIX, cerca de 1830 deu-se um segundo fluxo de migração os povos Bantu, desta vez empurrados do sul pelo poder do Chaka, chefe da etnia Zulu. Impulsionados pela perseguição a sul, os Shona dirigem-se para norte onde encontram um outro povo hostil, os Ndebele (Matabele), guerreiros e pastores, que à semelhança dos Zulus subjagam as tribos mais fracas como os Shona (Mashona), um povo sedentário e pacífico. Durante cerca de cinquenta anos os Shona foram continuamente hostilizados pelos Ndebele.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Entre as etnias ancestrais do sudeste africano, tipo Khoisan (Bosquimano) e a chegada dos Bantu vindos do norte, tendo em conta a sua dispersão pelo grande continente africano e a tendência nómada destes povos, circunscrevem-se as dificuldades inerentes a uma fixação territorial e cultural das etnias e das suas fontes. Neste caso, a língua é a mais segura característica para o enfoque de uma etnia neste panorama de miscigenação hiper-dinâmica dos povos do sudeste africano.

“Aquando da conquista colonial no fim do século passado o processo de formação dessas entidades foi interrompido, tendo sido igualmente destruídas todas as formas de organização política territorial e tendo sido também divididos os territórios de alguns povos pelos traçados de fronteiras coloniais. Durante o domínio subsequente a administração colonial fixou de algum modo as grandes áreas linguísticas, mas sem se tornar possível o desenvolvimento e a afirmação de entidades culturais próprias. As várias partes foram reduzidas a uma só: o colonizado.” (MEDEIROS, Eduardo: 1996)

“Muito recentemente as estruturas espaciais do habitat, particularmente ao nível da organização territorial e política, fixaram-se numa organização social específica, produto da articulação entre a organização político-territorial tradicional e a organização sócio-económica colonial.

Estas estruturas sócio-espaciais de carácter tradicional-colonial foram profundamente afectadas pelo movimento de aldeias comunais²³, provocando reacções, por vezes muito vivas, das populações rurais contra a nova estruturação espacial-territorial das aldeias, sobretudo lá onde a terra se tinha tornado escassa em consequência das concentrações algodoeirais.

²³ As “aldeias comunais” fazem parte de uma estratégia da FRELIMO, iniciada durante o conflito armado com Portugal (1965), para uma reconstrução económica e social: «os camponeses foram reunidos para efeitos de protecção em aldeias comunais, criaram-se cooperativas de produção e comercialização e montaram-se campanhas de educação e saúde». (Newitt: 1995: 454)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Nestas vastas áreas, a implantação das aldeias comunais desencadeou variados mecanismos e estratégias de reconstituição dos velhos poderes sobre a terra, em colisão aberta com o poder e administração estatal.”

(CASAL, A.Y.: 1996)

Para Sérgio Chicava os conflitos atuais em Moçambique, quase sempre conotados de conflitos étnicos, são acima de tudo conflitos políticos, que em certa medida podem ter tido uma origem étnica, mas que se traduzem efetivamente numa desequilibrada balança do poder político no país.²⁴

“A maneira como foi organizada a economia de Moçambique nos finais do século XIX, com a emergência do capitalismo colonial, é outro factor de explicação. Nessa altura a economia de Moçambique foi transformada numa “economia de serviços”, baseada na exploração dos portos e caminhos-de-ferro que serviam essencialmente os países vizinhos, nomeadamente as antigas Rodésias (do Norte e do Sul) e a África do Sul. O antigo distrito de Manica e Sofala (correspondente às actuais províncias com o mesmo nome), foi ligado, no centro, às Rodésias e a Lourenço Marques (actual Maputo), e, no extremo Sul, à África do Sul. Nenhuma ligação ferroviária Norte-Sul foi construída, como teria sido importante numa óptica de estruturação do espaço Moçambicano.” (CHICAVA, Sérgio: 2008)

²⁴ Uria Simango (natural do Norte de Moçambique), vice-presidente da Frelimo e natural substituto do falecido presidente Eduardo Mondlane é “descartado” da presidência do partido por homens do Sul (Samora Machel e Marcelino dos Santos). Neste contexto publica um documento intitulado Gloomy Situation in Frelimo: “Desde 1966, tem-se manifestado uma tendência no grupo, infelizmente composto por gentes do sul, que incluíam o falecido presidente da Frelimo, no sentido de tomarem decisões por eles próprios e impô-las aos outros por meio das suas manobras. O falecido presidente foi criticado por certas pessoas do Sul pelas consequências que este método poderia trazer na causa final. Não se fez caso deste aviso. Este grupo continua com este método. Realizaram-se vários encontros na casa de Janet (esposa de Eduardo Mondlane) tendo tomado parte neles só membros da tribo. Temos de compreender que em Moçambique não existe nenhuma tribo superior às outras... Todas as tribos devem receber um tratamento idêntico. Devem ter os seus direitos atualmente, durante a luta, e depois da independência.” Citação retirada de: Chicava, Sérgio “Por uma leitura sócio histórica da etnicidade em Moçambique”, IESE, 2008).

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A estrutura ferroviária de Moçambique só faz sentido à luz das concessões territoriais que o estado ultramarino concedeu a privados, como a Companhia de Moçambique (1891-1942) que administrava grande parte do centro do país ou a Companhia de Niassa (1894-1929) que administrava o extremo norte do país. È por demais evidente que os três troços construídos não tinham a intenção de “cozer o país” e estavam apenas ao serviço dos interesses empresariais que se baseavam na exploração dos recursos. Deste modo, todas as ligações eram direcionadas para os países vizinhos e portos principais. Não sabemos porém se esta condição/organização terá sido também condicionada por divergências étnicas, políticas e territoriais entre o sul, centro e norte, tal como constatamos hoje. Um fator que pensamos ter sido acentuado pelo processo político de constituição da Frelimo, desde logo acusada de discriminar os moçambicanos a norte do rio Save.

Este é também um sentimento que o processo democrático de Moçambique e o acordo de Roma (fim da guerra civil) não conseguiu apagar. Penso que pelo contrário, é um problema instalado e que tem aumentado sobretudo desde a descoberta recente dos muitos recursos minerais do país, sobretudo o carvão e o gás natural, maioritariamente localizados no centro e norte do país.

Este clima de desigualdade é frequentemente abordado pelos moçambicanos do centro e do norte como pude verificar em conversas de circunstância, durante a minha estadia em Moçambique. É no contexto destas divergências que se têm vindo a extremar posições, com evidências na ascensão do conflito entre a Renamo e a Frelimo, tendo como palco principal, e mais uma vez, a região da Gorongosa.

No final de Julho de 2013, quando saía do PNG, no sentido Maputo, ao percorrer a única estrada que articula o Norte com o Sul (Nacional 1), fui obrigado a integrar uma coluna com centenas de carros sobre escolta militar, durante cerca de 100 km. Uma cautela do governo face aos incidentes do mês anterior (Junho de 2013), em que a Renamo ameaçou dividir o país ao meio (pelo simbólico rio Save).

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

No entanto, e para que se tenha um panorama mais abrangente da complexidade das divergências etno-políticas de Moçambique, que não se traduzem unicamente no sentido Norte-Sul, temos como um exemplo historicamente consensual de divergências internas, o período escravagista e modo como os grupos étnicos do litoral colaboravam com os comerciantes de escravos na captura dos Macuas (populações do interior).

Um recente episódio (1995), mas revelador da permanência destas clivagens entre etnias, aconteceu quando o arcebispo da Beira, Dom Jaime Gonçalves (da etnia Ndau) interdita a utilização do dialecto Xi-sena durante os cultos, favorecendo o Xi-ndau, o que provocou a indignação dos Senas e consequentes confrontos entre grupos, assim como o fecho da catedral pelo período de um ano.

5.2. Características da população

Na sua generalidade, a vida quotidiana da família e das comunidades está muito associada à presença dos familiares mortos. A veneração e respeito pelos mortos, as preces, as oferendas, os pedidos de proteção são testemunho da crença natural sobre os espíritos dos antepassados.

O sucesso na agricultura, caça, pesca ou outra atividade é entendido como resultado da obediência aos espíritos e prova de auxílio e proteção.

O culto dos antepassados coexiste hoje em Moçambique com a prática de outras religiões. No estabelecimento da ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos o curandeiro e o adivinho desempenham um papel fundamental. Adivinhar, curar, modificar a sorte de alguém, falar com os espíritos, fazer chover, etc., são consideradas atividades que decorrem da posse de poderes especiais por parte destes indivíduos.

5.3. Etnias locais e suas origens



Fig.26. Mapa de distribuição das principais famílias de línguas africanas, baseado no trabalho de Mark Dingemans 2004.

De acordo com o antropólogo e missionário alemão Paul Shebesta, os Tonga, desde as migrações dos povos Bantu, serão «os negros mais antigos do sudeste africano», tendo sido posteriormente ofuscados por tribos guerreiras e criadoras de gado. Na sua origem os Tonga eram agricultores que «desbravam a estepe sub-tropical e cultivavam principalmente milho-miúdo, outros cereais e tubérculos. Não criam gado para além de cabras, galinhas e, por vezes, porcos.» Devido à mosca tsé-tsé a criação de gado bovino não é possível no baixo Zambeze e a pesca é mais comum que a caça. Durante a sua passagem por estas

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

paragens (1950-60) Paul Shebesta verificou que na caça as armas mais utilizadas eram o arco e a flecha, sendo que quando se tratava da caça ao hipopótamo utilizavam arpões mas sobretudo lanças. (SHEBESTA, P.: 1966: 52)

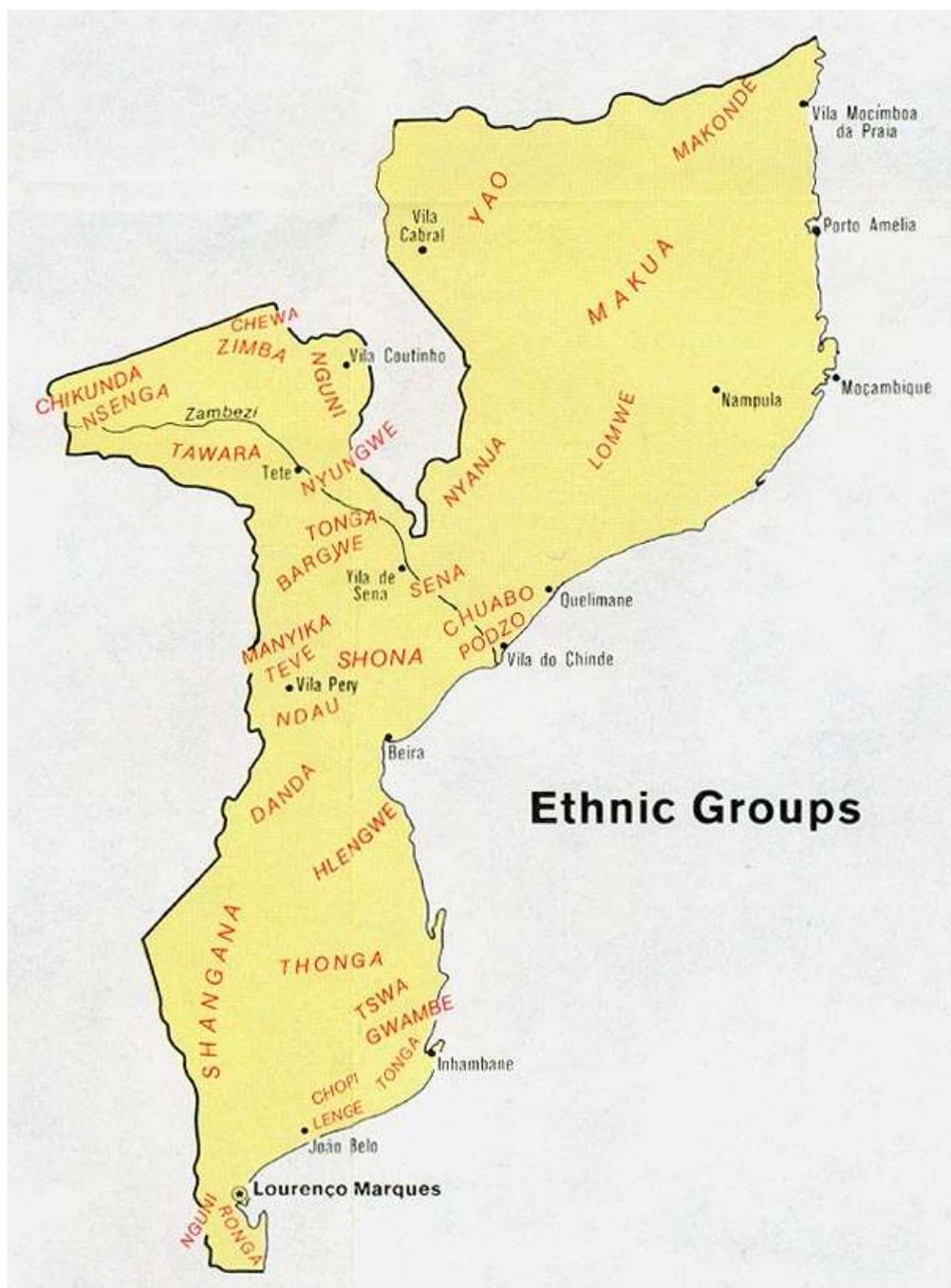


Fig.27. Mapa etnolinguístico de Moçambique. Universidade do Texas, 1973.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Sobre os Shona, atualmente o grupo mais populoso do Zimbabwe mas também de grande influência na região da Gorongosa, Michal Gelfand escreve: *“Africa has something to offer the world in human behaviour and this the Shona man and human can give by their fine example.”* (GELFAND, M.: 1973)

Nos diversos artigos que publicou, este distinto professor de medicina e conhecedor profundo dos seus costumes, declarava uma grande admiração pela cultura e valores dos Shona, como um povo que contrastava com o “individualismo material” dos povos do oeste africano.

Outrora o centro do Grande Zimbabwe situa ainda hoje o centro das comunidades Shona, entre o rio Limpopo e o Zambeze. Os Shona, tal como os Sena, não se chamam Shona, este nome tem origem no dialeto linguístico usado por estes, uma língua próxima dos povos Bantu. (GELFAND, M.: 1973: 6-8)

O grupo Sena Gorongosa é o mais meridional ao sul do Zambeze, e o mais ocidental nos confins da fronteira Rodesiana dos grupos Sena. Os seus vizinhos mais próximos são vizinhos Shona, a que eles chamam de Manyka e com os quais parecem manter relações amigáveis e de aliança. Também a língua Shi-manyka dos Shona é-lhes muitas vezes familiar embora seja bem diferente da que por eles é falada, a que chamam Ki-gorongosa ou Xi-gorongosi.

“Gorongosa is a district of Sofala province in the centre of Mozambique. Gorongosa society is founded on patrilineal kinship, polygyny, and an agricultural system of production. Although colonial Portuguese officials attempted for more than a century to classify the ethnicity of the Gorongosas, the local people identify themselves with a place rather than an ethnicity. They call themselves Ma-Gorongosianos, referring to the constellation of the Gorongosa Mountains, which are said to possess mystical powers.” (IGREJA, V. et al: 2008: 356)

Embora os Sena também se reconheçam pela palavra Sena têm mais claramente consciência de pertencer a um grupo regional de nome Ndzindza

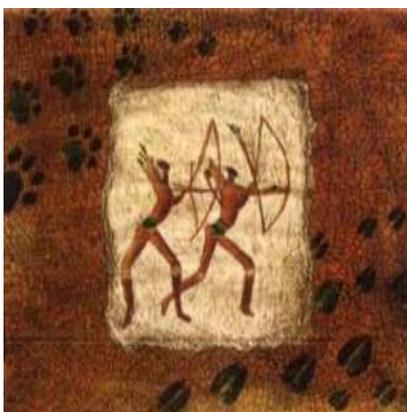
**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

(povo, conjunto da tribo). O povo da Gorongosa, apesar de invasões e consequentes cruzamentos étnicos, preservou sempre a sua originalidade Ndzinza.

Quanto aos nomes atribuídos aos povos, trata-se de definições com simples valor prático que são utilizadas para identificar agregados culturais e políticos, não necessariamente étnicos, e que raramente possuem limites certos no tempo e no espaço (Fabietti, U., L'identità etnica. Storia critica di un concetto equivoco, La Nuova Italia Scientifica, Roma, 1995)."
(BRUSCHI: 2001: VII)

"...é preciso lembrar que os nomes variam em relação à maneira como os povos se chamam uns aos outros, e que a definição do contexto a que se atribui o nome é também variável ou arbitrária." (BRUSCHI: 2001: VII)

É provável que a região montanhosa em que se insere tenha contribuído para uma certa resistência cultural. No entanto, e apesar da permanência não têm memória de uma antiga organização política e hierárquica do território. Estes grupos compreendem um certo número de clãs pouco organizados e sem desempenhar qualquer papel político formal, embora tendam a ser, cada vez mais, considerados em intervenções no território, como é o caso da reabilitação do parque nacional da Gorongosa. (SOUSBERGHE, L.: 1965)



À esquerda (fig.28) vestígios arqueológicos dos Khoisan (Bosquimanos), à direita (fig.29) painel M'Gomo com figuras representativas do quotidiano Sena.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



À esquerda (fig.30) pele de gazela ornamentada pela técnica de pelo depilado, à direita (fig.31), técnica de madeira de M'Gomo queimada e figuras raspadas em baixo-relevo.

O que temos como certo sobre os Sena são as suas múltiplas origens, e por conseguinte a expressão da sua grande complexidade e diversidade, impossível de fixar no tempo e no espaço.

As suas origens seguem uma cronologia de fatores de miscigenação que, grosso-modo, se podem remeter aos povos Khoisan (à cerca de 100 000 anos atrás), sabendo que as migrações Bantu chegam ao Sudeste africano nos primeiros séculos d.C., e que rapidamente se transformam no povo dominante.

De acordo com a dispersão Bantu pelo território surgem naturalmente um conjunto de sub-etnias que com o passar dos anos se assumirão também individualmente, ou seja, dos Bantu e um pouco de Khoisan, dependendo dos locais e da sua influência surgem um conjunto de outros povos. Alguns dão origem ao reino do Grande Zimbabwe, assim como a fusão de outras mestiçagens constrói os alicerces para a fundação do Império Monomotapa. Quase ao mesmo tempo, surgem os mercadores da Índia e das Arábias e instalam-se ao longo da costa do Índico, que pouco a pouco ficará famosa por todo o mundo. Seguem-se os portugueses impulsionados pela fortuna destas terras, desejosos de conhecer as propaladas riquezas de Sofala.

A chegada de outros povos e das suas culturas constrói uma diversidade de dominâncias territoriais e aumenta a complexidade e a dimensão das já tradicionais migrações africanas. Estas, até aqui, cingiam-se a um contexto indígena e eram maioritariamente impulsionadas pelas necessidades

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

iminentes, por um instinto de sobrevivência que os levava a procurar terras mais férteis com água e animais para caçar.

5.4. População da Gorongosa

A miscigenação resulta em Sofala, como na Gorongosa, de uma dinâmica semelhante à maioria dos lugares do sudeste africano, sem que por isso as culturas se tenham necessariamente diluído numa só, sobrepondo-se e subsistindo especificidades próprias e diversificadas.

Numa entrevista à RTP2, em Dezembro de 2013, o escritor Mia Couto refere a importância dos nomes e dos géneros para a cultura de Sofala, assim como o credo na alma das coisas como as árvores e animais. Isto, por si só, parece suficiente para que possamos reconhecer que estamos perante uma cultura “dos antípodas”, se comparada ao modelo racional vigente no denominado mundo ocidental.

Basta a suposição de uma realidade que pode conversar com os mortos, com os animais e as árvores, para podermos verificar a enorme distância que existe entre o nosso pragmatismo ocidental e o mundo encantado das florestas de Sofala, em que a natureza se expressa com tamanho vigor que se evidencia entranhada nas consciências e nos relacionamentos das suas comunidades.

Na região da Gorongosa existe ainda um conjunto de comunidades possíveis de distinguir, quer pelo domínio do régulo quer pelo sub-dialecto do Sena usado, consoante as comunidades a que pertencem. Apesar de estas se compreenderem mutuamente distinguem com diferentes nomes os sub-dialectos existentes, como por exemplo o xi-sena ou xi-gorongosi.

De um modo mais ou menos vincado as estruturas de organização social e familiar também são por estes distinguíveis, pelo que se permitem identificar culturalmente.

Contudo essas semelhanças são suficientemente subtis para que tenhamos muita dificuldade em notá-las, sejam no modo de construir as casas, nas técnicas agrícolas, nas técnicas de caça, na pesca ou nos rituais de culto.

No entanto, julgamos possível a sua distinção, nem que se baseiem num conjunto de dinâmicas ligadas às especificidades do território, potenciadas

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

pela exceção da serra da Gorongosa (a montanha mágica), pela abundância da água e pela bacia do vale do Rifte, como uma inevitabilidade cultural (causa – efeito) nos modos e nos modelos utilizados por os que ali habitam.

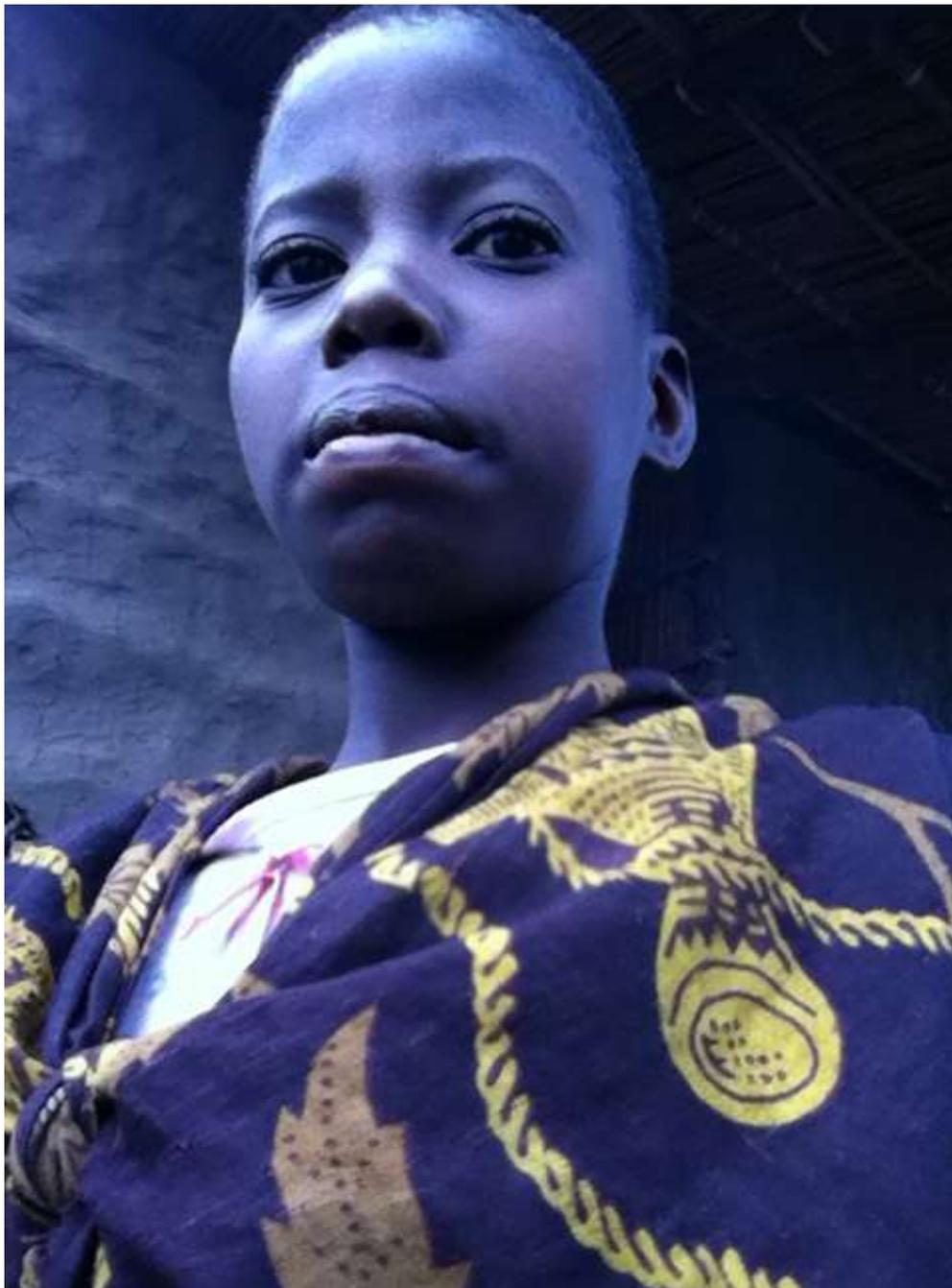


Fig.32: Mulher Azul – jovem da comunidade de Vinho, Gorongosa, Julho de 2013

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Neste sentido e do ponto de vista do local habitado, poderíamos distinguir as comunidades localizadas no perímetro do PNG, no interior do PNG ou serra da Gorongosa.

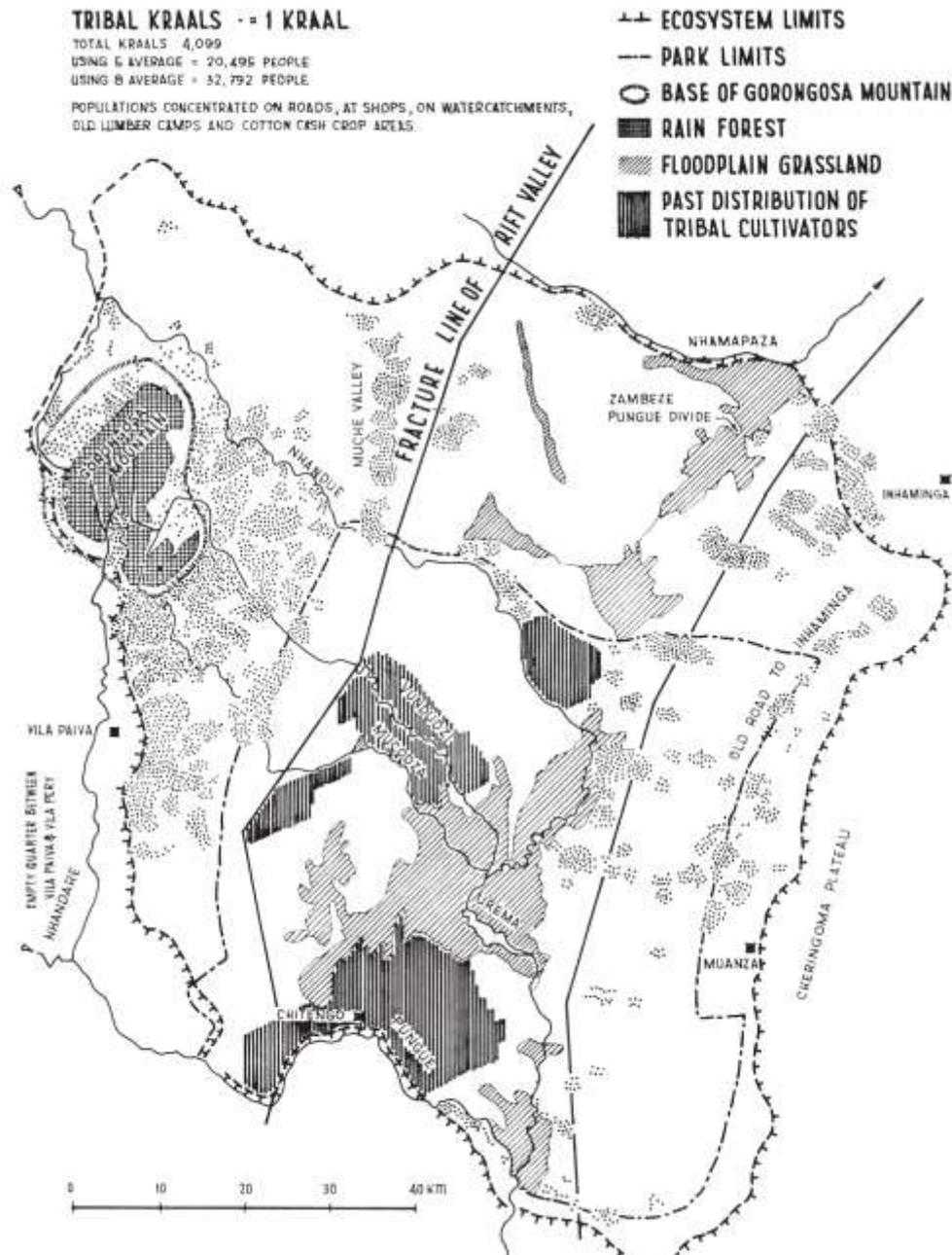


Fig.33: “Distribution and numbers of tribal Kraals in the Gorongosa system (data from air count by K. L. Tinley, 1971)”

Sobre os dados da distribuição das comunidades existentes dentro do perímetro do PNG apenas se conhece o levantamento do ecologista

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

americano K. Tinley, de 1971. Neste mapa verifica-se que a presença humana no interior e envolvente do PNG terá sido maior do que se poderia pensar. Tinley regista-a, reconhecendo os diversos assentamentos tribais que se encontravam dentro dos limites do Parque.

Para este ecologista, o problema do impacto da sua permanência naquele território resulta sobretudo nas potenciais alterações bióticas²⁵ da paisagem, e que neste caso incidem sobre a propensa desflorestação e a transformação dos terrenos por via das produções agrícolas, acentuadas pela característica itinerante dos assentamentos destas comunidades.

A caça na Gorongosa parece também existir desde sempre, remonta-nos seguramente à presença do Bosquímano e continua durante a ocupação Bantu, mas só parece ter um verdadeiro impacto no ecossistema com a chegada dos forasteiros, árabes e indianos, sendo que terá sido substancialmente aumentada pelo aparecimento dos Portugueses.

A proximidade com o Zambeze, enquanto principal meio de acesso às riquezas do Império Monomotapa, fizeram, desde logo, desta região um centro de comércio que se traduziu numa corrida aos recursos mais apetecidos como era o exemplo do ouro e do marfim.

Em qualquer processo de planificação para o desenvolvimento de uma determinada região, é fundamental conhecer a população que nela vive, incluindo dados quantitativos, estruturas e dinâmicas sociais. Estes e outros indicadores permitem ainda fazer uma análise do seu crescimento e das suas necessidades, em função do espaço e dos recursos disponíveis à sua volta numa determinada época.

O grupo étnico que habita dentro e na zona envolvente ao PNG é chamado de Ma-gorongoze, que provém da fusão do Báruè, Sena, Shona e Nda. A língua local falada por aquela população é de igual modo chamada por Chigorongozi ou Xiduma.

²⁵ Representa o que é característico num sistema vivo.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Na sua generalidade a população desenvolve tipos de agricultura tradicional, exceto uma minoria que vive na sede do distrito e ocupa-se de atividades terciárias, sem no entanto deixar de trabalhar a terra.

5.5. Dados estatísticos mais relevantes

De acordo com as projeções do Recenseamento Geral da População e Habitação de 1997, a população do distrito da Gorongosa foi estimada em cerca de 92.555 habitantes. Assim, é o 5º distrito mais populoso da Província de Sofala.

À semelhança da realidade nacional moçambicana, a população feminina (51,3%), é mais numerosa do que a masculina (48,7%). Existem 18.511 agregados familiares na Gorongosa, com um tamanho médio de cinco pessoas por família.

A generalidade dos dados quantitativos presentes neste texto tem origem no Plano Estratégico de Desenvolvimento do Distrito elaborado pela Administração do Distrito de Gorongosa. Característica da Habitação e Modo de Vida da População. (ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DE GORONGOSA: 2006)

A maior parte da população do distrito vive com base na agricultura, a que está sujeita a mão-de-obra da família. Os rendimentos deste tipo de agricultura servem apenas para a subsistência da família, incluindo a alimentação, o vestuário, a assistência médica, entre outras necessidades.

Para fazer face às demais necessidades, os camponeses trocam parte da sua produção por dinheiro ou diretamente em produtos industriais.

A maior parte da população residente na sede do distrito é proveniente da cidade da Beira ou de outros locais, trabalham na função pública ou noutros sectores da economia.

5.6. Comunidades locais

Entende-se por uma comunidade, o grupo de indivíduos que coabitam um determinado espaço de terra e que compartilham os mesmos benefícios e dificuldades. Para que possamos precisar aqui o seu âmbito consideramos as comunidades tradicionais da Gorongosa pelos *regulados*, dirigidos pelo chefe tradicional (régulo), no contexto de uma organização tradicional que se vai adaptando a partilhar o poder com uma administração governativa nacional.

Atualmente, a abordagem ao desenvolvimento das comunidades, perspetivada pelo governo moçambicano, visa impulsionar a participação das comunidades no desenvolvimento do território em parceria com o governo distrital e o sector privado, um modelo que se aplica com particular pertinência ao projeto de reabilitação do PNG.

Em Julho de 2001 realizaram-se as primeiras ações por parte do governo moçambicano sobre o modelo interativo previsto. As primeiras comunidades visadas foram a comunidade de Tambarara, a de Canda e a de Nhambita.

Este impulso da administração governamental para o desenvolvimento comunitário prevê ainda a necessidade da criação de “comités” de gestão dos recursos naturais. Estes seriam liderados por um representante eleito pela comunidade, integrado no conselho consultivo do distrito.

O objetivo principal pressupõe confirmar a melhor utilização dos recursos naturais, assegurando uma exploração sustentável e beneficiando a generalidade dos seus intervenientes.

5.7. O habitat

O conceito do “habitat” está convencionalmente associado a um sistema ecológico condicionado pelo espaço físico e fatores bióticos²⁶, relativos a um ecossistema. A palavra “habitat” no contexto deste trabalho refere-se ao “habitar” em sentido lato, ao contexto natural/artificial da paisagem habitada, e em particular à casa como lugar e sua representação cultural.

Como tal, no centro do habitat humano está a habitação, e esta terá porventura origem no modelo do refúgio que representa, por sua vez, “a base do conforto físico e moral do homem”, estabelecida por uma “percepção totalmente animal do perímetro de segurança”, por uma ideia de abrigo e pelos ritmos de sociabilização: “por isso não tem sentido procurar uma cisão entre o animal e o humano para explicar os nossos sentimentos de adesão aos ritmos sociais e ao espaço habitado...” (RYKWERT: 1972: 22)

Deste modo Rykwert sugere que os princípios do modelo original do abrigo servem igualmente o homem como os animais, pois referem-se a princípios básicos de defesa e relação com o mundo. O que nos remete para uma casa original que se altera conforme os diferentes contextos e o modo como estes interferem nas relações internas familiares e/ou das comunidades onde essa mesma casa se insere.

Na última cena do filme “Melancholia” o realizador dinamarquês Lars Von Trier enfatiza a ação, composta pela sugestão de uma iminente colisão entre planetas, insinuando o fim do mundo e da humanidade, representada por três personagens que se “abrigam” na estrutura de uma simples cabana de paus ao alto, ligando a origem da evolução humana ao seu fim, como se no essencial, afinal, nada tivesse mudado. (MELANCHOLIA: 2011)

²⁶ Conjunto de um ou mais seres vivos e não vivos dentro de um ecossistema.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.34: Cena final de Melancholia (Lars Von Trier, 2011)

É derivado da ideia de um sentido essencial para a sobrevivência que assenta o abrigo como suporte incondicional do conceito de habitar. A originalidade em Lars Von Trier consubstancia-se na projeção de uma cultura ocidental contemporânea, muito sofisticada, mas que afinal está tão desprotegida como sempre face a forças da natureza, incomensuráveis e imprevisíveis. É aqui, no ponto em que o homem se desliga de um viciado antropocentrismo, como medida de todas as coisas, que se pode ambicionar a um estado de consciência mais lúcido e capaz de se situar perante o mundo e os seus essenciais problemas.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.35: “O primeiro edifício” segundo E. Viollet-le-Duc (segunda metade do século XIX).

O sentido inaugural da casa levou Viollet-le-Duc a esboçar aquilo a que chamou “o primeiro edifício”, enquanto representação do primeiro ato de construir um abrigo. Coincidência ou não, o modelo idealizado pelo arquiteto oitocentista possui evidentes semelhanças às habitações mais comuns africanas assim como à cabana de Lars Von Trier.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.36: Catedral Metropolitana de Brasília 1958-1970 (Arquiteto Óscar Niemeyer)

Também a Catedral Metropolitana de Brasília, obra de referência no contexto da arquitetura moderna e contemporânea, remete-nos para a mesma simplicidade da cabana, abrigo dos homens, ao mesmo tempo que se projeta verticalmente insinuando o caminho do céu, na sua dimensão puramente sublimar. Aqui a simplicidade do abrigo sugere a humildade dos homens perante a grandiosidade dos céus, representado por Deus.

Do ponto de vista arquitetônico, e se assim o entendermos, poderá também representar um reflexo da essência do abrigo no contexto da construção de um mundo manifestamente moderno, ligando-o à sua condição ancestral.

E é sobretudo neste contexto incontornável da construção de abrigos que se centra esta pretensa resenha daquilo que é o Habitat no Sudeste Africano, tendo em conta o contexto histórico e geográfico local, de modo a permitir a melhor compreensão entre as suas diversas relações de causalidade.

Apesar de uma tendência normal para caracterizar a arquitetura africana, aferindo as suas particulares características às particularidades de um povo, a

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

noção da sua complexidade histórica impede-nos de fazer simples articulações. Não é possível estabelecer com segurança uma relação direta entre etnia/povo e estilo ou sequer o “modo de fazer” dada a grande dinâmica migratória do passado, a miscigenação pacífica entre povos nativos, entre nativos e visitantes, entre todos e colonizadores.

“Os tipos, identificados no âmbito da produção urbanística e arquitectónica africana, são relacionados com os complexos políticos e culturais que produziram-nos, e, normalmente, tais complexos são representados por povos e por fases históricas. Todavia, isso não significa que os tipos propostos coincidam com as classificações utilizadas na “arte tribal”. De facto, as interpretações modernas excluem que exista a correspondência mútua entre tipo, estilo e etnia, na qual se baseava o conceito de “arte tribal”. (KASFIR, S.L.: 2: 1984 apud BARGNA, Ivan: 1988: 158)

A definição de aldeia no contexto do Sudeste Africano refere-se a um conjunto de casas que pertencem a indivíduos ou grupos economicamente independentes, embora possam reconhecer antepassados comuns assim como desenvolver algumas atividades em conjunto, sobretudo no que diz respeito a rituais religiosos ou à defesa dos seus interesses contra terceiros.

“...a distinção entre uma casa da família alargada e uma aldeia, que tanto preocupou os antigos visitantes, assenta mais no sistema económico do grupo do que na dimensão do assentamento.” (BRUSCHI: 2001: VIII)

Os primeiros relatos sobre as comunidades africanas e os seus modos de habitar foram feitos por geógrafos árabes a partir do século VIII, assim como por europeus a partir do século XVI. Contudo alguns dos documentos mais antigos não são de grande rigor. O exemplo de um desenho de Sofala nos finais do século XVI corrobora a ideia de uma interpretação europeia

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

fantasiosa, provavelmente baseada em relatos ou textos de viajantes.
(HENRIQUES, I.: 1998: 20)



Fig.37: Sofala século XVI, autor desconhecido (publicado por Tracey em 1940)

Neste caso o autor reconstituiu uma visão de Sofala dominada pela água e pela corrente estilística dominante, na pintura holandesa ou italiana. Por exemplo, a representação de gado bovino (que sabemos não poder sobreviver naquelas paragens), o tipo de palmeiras desenhadas (substancialmente diferentes das autóctones) ou os diversos remates de cobertura dos edifícios (de influencia diversa europeia) projetam esta fantasia para uma composição que se preocupa, mais que tudo, com os cânones académicos de representação da paisagem. (HENRIQUES, I.: 1998: 20)

“...descreveram os assentamentos africanos com palavras e imagens da própria cultura urbana. Assim, falaram de impérios poderosos e ilustraram cidades majestosas escondidas no interior das florestas ou na margem dos desertos.” (BRUSCHI: 2001: 2)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

A chegada dos europeus ao sudeste africano foi, quase sempre, documentada com espanto pela dimensão dos povoamentos existentes e pela quantidade de população nativa que encontraram. Sobretudo no interior do continente eram, muitas vezes, surpreendidos com povoações que do ponto de vista civilizacional eram também relativamente desenvolvidas como era o caso do reino Monomotapa.

“Note-se porém que, mesmo nas cidades mais importantes, a maioria dos produtores eram agricultores e as construções, similarmente às habitações rurais, eram realizadas em materiais vegetais ou argila, bem como as muralhas, quando existiam, e os edifícios principais, incluindo o palácio.”
(BRUSCHI: 2001: 6)

No entanto e apesar da surpresa destes homens ao encontrar aglomerados populacionais de grande dimensão não sabiam como os haveriam de classificar, pois genericamente todos os abrigos e aldeias eram construídos com materiais pouco duráveis, o que os levava a caracterizar como lugares temporários e volúveis.

“...a questão que mais dificulta o reconhecimento do fenómeno urbano em África é a falta do requisito da permanência. Muitos dos assentamentos africanos mais importantes, capitais de estados poderosos e extensos, não possuíam programaticamente, ou perderam este requisito e foram portanto definidos pelos europeus como capitais temporárias, itinerantes ou móveis.”
(BRUSCHI: 2001: 3)

Entre as primeiras fidedignas representações do habitat do sudeste africano temos o legado ilustrativo de Thomas Baines²⁷, um artista aventureiro e

²⁷ Thomas Baines (1820-1875) foi um explorador, pintor e naturalista inglês. Entre muitas outras aventuras nas terras africanas, em 1858 acompanhou David Livingstone na épica viagem ao longo do rio Zambeze, tendo sido, por isso, um dos primeiros homens brancos a conhecer as cataratas de Victória, assim como a documentar a cultura e paisagem africana.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

reconhecido por pintar com detalhe a vida e a paisagem de uma África praticamente desconhecida.

O primeiro exemplo ilustrado sublinha a ideia de uma aldeia vulnerável de palhotas assente numa paisagem imensa, isolada e intacta. No segundo observamos a atividade diária das famílias no seu habitat, as diferentes tipologias de construção e até os sistemas construtivos utilizados. Um conjunto muito semelhante à composição de habitações e dependências que encontramos até hoje no interior do centro e norte de Moçambique.

Este tipo de representação, fidedigna do século XIX, não tem paralelo com a informação ilustrada sobre as civilizações africanas antecedentes, como o “Great Zimbabwe” ou o “Monomotapa”, as quais, partindo de parcas ruínas sugerem uma organização centrípeta de grandes aglomerados de palhotas, organizadas em volta de um suposto palácio em pedra - tal como se estabelecem e crescem as cidades de uma Europa medieval: um castelo, um forte, envoltos numa muralha que delimita essas estruturas militares ou palacianas e uma cidade que cresce à sua volta dependendo da estabilidade e dos recursos disponíveis.



Fig.38: Thomas Baines – Attack on stocks kraal in the fish river bush

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.39: Thomas Baines - 1859

As condições de insegurança que caracterizaram a história dos povos africanos reforçam a ideia simplificada da precariedade da cidade Africana. Na verdade os tipos de assentamentos, a sua organização e construção, serviam sobretudo a necessidade de se defenderem dos animais mas sobretudo dos seus inimigos, quer de grupos vizinhos como posteriormente do colonizador europeu.

Algumas das capitais africanas surgem dessa informalidade dos assentamentos militares que, pela sua progressiva complexidade e dimensão, acabaram por vingar na atual história africana.

Estes grandes assentamentos africanos tinham uma população variável, que podia chegar aos 50 000 habitantes, no entanto não tinham uma população estável, pois eram totalmente parasitários em relação ao território à sua volta.

Como consequência, as capitais eram abandonadas quando se esgotavam os recursos primários imediatamente disponíveis no ambiente circundante (em média, de dez em dez anos, no caso dos campos de tendas dos imperadores

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

etíopes) ou quando morria o chefe e mudava a direção das campanhas de conquista (no caso do kraal dos reis Zulu).

Em relação à classificação dos assentamentos africanos em cidades permanentes, para o controlo dos itinerários comerciais e capitais temporárias, para o controlo e drenagem dos recursos do território, constituem um caso distinto os restos de extensas estruturas de pedra que se encontram na pradaria de clima temperado da África Austral (os assentamentos de tipo Zimbabwe e os mais recentes dos povos Sotho e Venda). Neste caso a permanência das estruturas impressionou de tal maneira os visitantes que os assentamentos num primeiro momento foram todos automaticamente considerados urbanos. Todavia, num exame mais aprofundado não sempre é possível identificar neles regras de organização ou detetar diferenças de funções que justifiquem a sua atribuição à categoria de cidades. Para os assentamentos de tipo Zimbabwe o carácter urbano foi confirmado uma vez que foi reconhecido o raciocínio da distribuição dos vários assentamentos no território que correspondia a uma articulada hierarquia de poder. Pelo contrário no caso dos assentamentos do século XIX dos povos Sotho e Venda, apesar das dimensões importantes da população, só é possível reconhecer um conjunto muito extenso de casas com base familiar sem regras de organização claras.” (BRUSCHI: 2001: 11)

De acordo com as primeiras descrições árabes (anteriores ao séc. X) sobre o Sudeste Africano, passando pelas pinturas de Thomas Baines (séc. XIX), até à primeira metade do séc. XX, segundo Bruschi (2001), verificamos que os assentamentos recorrem a uma estrutura organizacional que se caracteriza por uma ordem hierárquica definida pela proximidade a um espaço circular comum, com exceção das ruínas do grande Zimbabwe, onde o centro era a habitação do rei.

Por outro lado também, dentro de cada recinto familiar, existe uma estrutura hierarquizada que define a organização do mesmo, de acordo as dependências necessárias a cada família e variando conforme os locais, dependendo da

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

possibilidade de criar gado, do número de familiares e da sua complexidade social.

“No tipo mais antigo de casa (casa tipo kraal), o recinto do gado encontrava-se sempre no centro e, enterrados em baixo do recinto, estavam os celeiros comuns. Na parte oposta à entrada, localizava-se a casa do membro mais importante da família (chefe ou a sua primeira esposa); nos lados, por ordem de importância na hierarquia familiar, as casas dos outros membros (outras esposas, filhos casados, estrangeiros acolhidos sob a protecção do chefe). Perto da entrada principal, estavam os edifícios onde viviam, divididos por sexo, rapazes e raparigas já crescidos.

A ideia concepção originária deste tipo de casa deriva da importância atribuída ao gado pelos povos do grupo Bantu, e o tipo apareceu provavelmente antes do século VII, quando a actividade de criação de gado e a actividade de cultivo ainda não correspondiam a economias distintas. Sucessivamente, com a diferenciação da economia familiar, os agricultores continuaram a utilizar o mesmo esquema circular nas próprias casas, embora no espaço central o curral do gado não existisse e fosse substituído por um espaço comum ou lugar de reunião...

Até metade do século XX, as duas variantes deste tipo de casa circular, com ou sem curral do gado no seu centro, estavam difundidas por toda a África Austral, embora com diferenças locais na forma dos edifícios, justificadas por diferentes características da economia familiar.” (BRUSCHI; CARRILHO; LAGE: 2005: 4)

Contudo, devemos entender a origem ancestral do círculo na cultura africana, não apenas como uma resposta pragmática a uma sistema de defesa militar ou à protecção do gado, mas enquanto uma complexidade de fatores, mais ou menos verificáveis, que atravessam tanto a vida prática como a espiritual.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“É interessante notar que os famosos assentamentos de tipo Zimbabwe, difundidos dos séculos XII a XV no planalto entre os rios Zambeze e Limpopo, no actual Moçambique e Zimbabwe, pertenciam igualmente ao tipo de casa organizada com edifícios cilíndricos com cobertura cónica, dispostos à volta de um espaço circular. Todavia, num primeiro momento, os seus vestígios não foram interpretados como tal e foi imaginada uma intervenção de culturas estranhas para justificá-los. Só com grande dificuldade e depois de muito tempo foram reconhecidos como pertencentes ao tipo clássico de casa ainda presente na região. As muralhas de pedra, quando descobertas pelos primeiros visitantes europeus, foram interpretadas como poderosas obras de defesa militar. Elas tiveram a função de isolar simbolicamente os edifícios onde moravam os membros da classe dominante, como as vedações em materiais vegetais protegiam simbolicamente os do povo comum. A torre cónica, que sempre esteve presente nas casas dos indivíduos mais importantes, constituiu um enigma durante muito tempo e só recentemente foi reconhecida como sendo um celeiro simbólico para testemunhar a riqueza do dono da casa. Ademais, hoje sabemos que, fora das muralhas, se estendiam os muito mais populosos assentamentos das classes subalternas, constituídos por casas do mesmo tipo, mas com vedações construídas com materiais que desapareciam logo.” (BRUSCHI: 2001: 46)

No caso dos assentamentos do Grande Zimbabwe, o núcleo representava o centro do poder, as dependências do rei como a ostentação da riqueza, sublinhada pelos grandes celeiros.

No entanto, a diferença para os seguintes assentamentos diverge sobretudo na opulência do poder e na sua real dimensão. Pois, atualmente como na história mais recente dos assentamentos africanos, continuamos a encontrar a residência do chefe e os seus bens principais no centro da aldeia, mesmo que limitados a umas cabeças de gado. Permanecem, igualmente, num local vigiado e pronto a ser defendido de qualquer predador.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“O sistema de assentamentos dos Zimbabwe foi abandonado por volta de meados do século XV por causa do declínio do comércio do ouro e da exploração excessiva dos limitados solos férteis da região. A tecnologia de construção das muralhas de pedra transitou para o reino que se seguiu (reino do Monomotapa), em Khami, Naletale, Dhlo Dhlo. Nestas localidades, a muralha de pedra constituía a base sobre a qual surgia a casa do chefe, mas o significado simbólico era o mesmo.

Desaparecidos os antigos reinos, as muralhas de pedra continuaram a ser utilizadas em áreas limitadas (povo Venda na actual RSA), mas as casas constituídas por edifícios cilíndricos, com cobertura cónica, dispostos à volta de um espaço circular, mantiveram-se em toda a área correspondente ao actual Moçambique, mais precisamente na área de influência dos antigos reinos Shona e Marave, e eram utilizadas pelo povo Yao no norte e pelo povo Tsonga no sul.” (BRUSCHI: 2001:142)

A dominância do círculo na estrutura organizadora dos assentamentos repete-se na construção individual das palhotas, também estas originalmente construídas em planta circular. O círculo como abrigo e como ponte com os elementos cosmogónicos, da lua e do sol, repetem-se numa harmonia inspiradora de ligação com a magia de uma natureza de que muito se depende.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

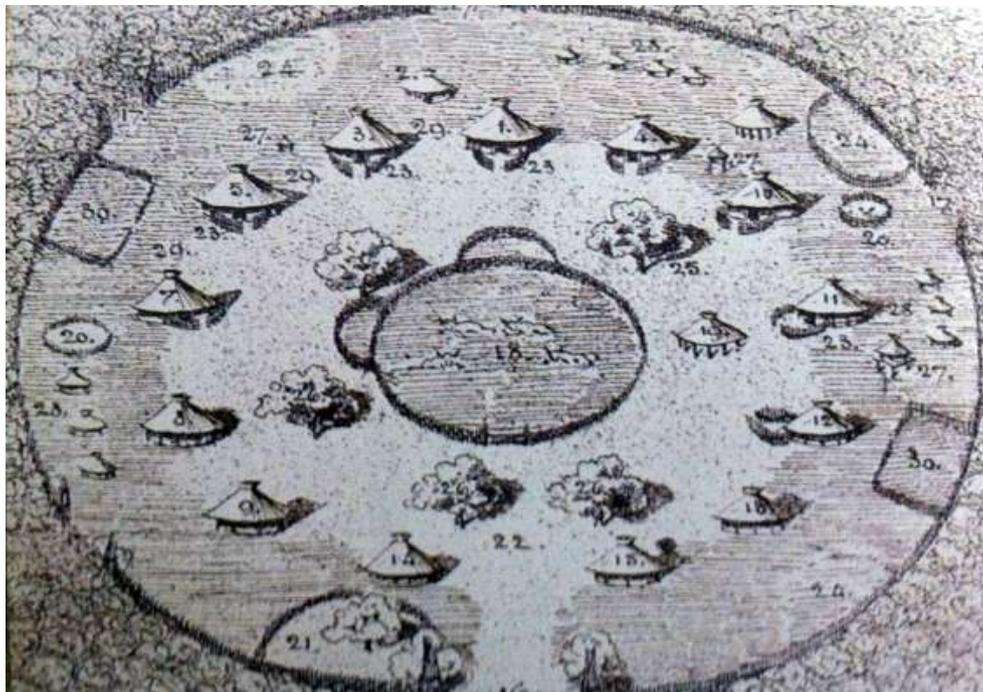


Fig.40: Distribuição clássica da aldeia Tonga, publicada por Junod em 1962 no livro “The life of a South African Tribe”.

A consciência do nativo africano dum mutualismo entre homem e ambiente é reforçado no ato cultural da construção do abrigo, como uma oportunidade para estabelecer contacto com as forças do mundo que o envolvem, estreitando laços com algo que nenhuma abstração cultural ousou separar. Por conseguinte, a relação com o mundo e a natureza permanece dependente e inclusiva, sem uma consciência de emancipação que tende a demarcar o homem da natureza.

O processo de evolução das casas originais nos assentamentos moçambicanos é particularmente difícil de compreender devido á utilização de materiais perenes, como a argila, as madeiras e o caniço. De acordo com o investigador Sandro Bruschi, a ainda comum “casa de caniço” moçambicana, representada por Thomas Baines em 1858, surge provavelmente no início do séc. XIX.

“Esta representação é importante para o conhecimento da evolução da casa Shona entre os séculos XIX e XX. O edifício principal é cilíndrico, com

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

paredes de pau-a-pique e cobertura cónica de capim, de tipo clássico. Mas as dependências são inteiramente em caniço, de forma rectangular e cobertura de uma água. Trata-se provavelmente da mais antiga representação do tipo de construção económica, fácil e rápida de executar, que viria mais tarde a generalizar-se nos assentamentos urbanos de baixo custo do país.” (BRUSCHI: 2001: 147)

“As casas são rectangulares ou quadradas com telhados de duas águas e são feitas de estacas e canas; assim é pelo menos na região de Sena, ao longo do Zambeze. Para lá da Lupata constroem-se cabanas redondas com telhado cónico. Parece que esta espécie de construção é mais original e mais adequada aos Tonga.” (SHEBESTA: 1966: 52)

De acordo com as fontes existentes será, no mínimo, perigoso no contexto de uma reedificação da arquitetura tradicional africana, atribuir com rigor datas de origem e autores (etnias) para modelos de habitação tradicional e as suas técnicas de construção, fundadas em elementos sempre mutantes, perfilados pela miscigenação étnica e a transitoriedade geográfica.

“É preciso todavia considerar que, embora os tipos de casa sejam normalmente referidos a povos diferentes, os nomes deles representam definições com simples valor prático, que são utilizadas neste contexto para identificar agregados culturais e políticos, não necessariamente étnicos, e que raramente possuem limites certos no tempo e no espaço. É preciso também estar cientes de que os tipos de que falamos, assim como as sociedades que o exprimem, mudaram e mudam constantemente no tempo, embora esta mudança tenha sido acelerada progressivamente nos últimos anos. Pode, portanto, acontecer que o tipo analisado e considerado “clássico” nos estudos de arquitectura, na realidade corresponda a um período breve e transitório na história da evolução cultural, a tentativa de conservá-lo artificialmente ou de reproduzi-lo, embora rigorosamente, pode

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

ter efeitos negativos bloqueando o próprio processo de evolução criativa. Evidentemente que isso não é válido só para a arquitectura mas para todos os objectos de estudo da antropologia cultural, embora só à pouco tempo os estudiosos contemporâneos tenham iniciado a tomar em conta, no desenvolvimento de uma determinada cultura, dos efeitos da imposição de modelos de interpretação vindos do exterior.” (BRUSCHI; CARRILHO; LAGE: 2005: 2)

Algumas das fontes citadas, sobretudo as mais recentes, são fruto do trabalho de um grupo de professores da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico (FAPF) da Universidade Eduardo Mondlane. Estes, em parceria com outras instituições, como é o caso particular da Universidade Itaca de Roma, uniram esforços no sentido de dar forma ao impulso do arquiteto José Forjaz em *“inventar o quadro e a ideia de uma arquitectura moçambicana”*. (CARRILHO: 2005: 5)

Uma consideração relevante na produção de matéria de investigação desenvolvida nestes documentos da FAPF inscreve-se, não apenas, na caracterização histórica de uma arquitectura popular moçambicana que existe de variados modos, dependendo da origem e intensidade das influências exteriores, mas principalmente na capacidade de compreender e explicar a sua evolução, quer pela história dos povos quer pelos materiais e técnicas utilizadas.

Deste modo, o Professor Salvatore Diema escreve, numa introdução ao trabalho de Júlio Carrilho sobre a arquitectura do Ibo, mas que aqui serve de modo abrangente ao trabalho da FAPF, que *“a passagem do «quarto» circular de materiais efémeros, para um «quarto» quadrangular de pau-a-pique ou pedra e, deste, para um núcleo habitacional de partição múltipla, com o piso sobrelevado e uma cobertura de quatro águas projectadas para o exterior com vista à protecção das paredes de material degradável das*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

chuvas, sendo as águas laterais da cobertura encaixadas sob as águas frontal e posterior. O mesmo processo evolutivo acabou por permear também a arquitectura formal da vila a qual resulta ao mesmo tempo numa arquitectura duplamente miscigenada, pela arquitectura swahili e pela adopção de elementos da arquitectura indiana e portuguesa/ocidental.”
(CARRILHO: 2005: 6



Fig.41: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013



Fig.42: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.43: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013



Fig.44: Habitações familiares do sopé sul da serra da Gorongosa, Julho de 2013

Nas habitações do sopé da Serra da Gorongosa predominam as construções de planta circular ou quadrada, com uma superfície mínima de 6 m^2 e máxima, a 18 m^2 e em ambos os casos, as casas podem ou não ter “varanda”²⁸ (telhado avançado) como telheiro (em capim).

²⁸ Palavra utilizada no documento referenciado para Alpendre

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O material de construção empregue é local, as paredes são construídas normalmente de (paus e bambus), caniço ou bambu, e *maticadas*²⁹ de argila previamente identificada para o efeito. O teto é muitas vezes cónico e coberto de capim.

As condições de vida da população são tipicamente rurais. Alguns dos edifícios localizados na sede do distrito são construídos de material convencional, com áreas de superfície maiores do que as casas anteriormente caracterizadas e muitas vezes destinadas a serviços sociais, económicos e exceccionalmente algumas residências.

De acordo com o Recenseamento de 1997, cerca de 99,5% da população do distrito vive em habitação particular, 0,45% vive em habitação colectiva e uma minoria muito insignificante não tem habitação. (ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DE GORONGOSA: 2012)

²⁹ Revestidas / rebocadas.

5.8. Aspetos religiosos e cosmogónicos

“A bruxaria é geral. As bruxas procuram apropriar-se das secreções do corpo daqueles que querem enfeitiçar. O bruxedo (u-fiti) é também o maior flagelo do Zambeze.” (SHEBESTA: 1966: 56)

Paul Shebesta, antropólogo e missionário, considera os bruxos e os bruxedos como verdadeiros inimigos das pessoas pela enorme crueldade implícita na maioria dos seus feitiços. Dá o exemplo de uma bebida venenosa que era dada a indivíduos suspeitos de bruxedo.

“Se o suspeito vomitasse o veneno, era considerado culpado e era morto; se fosse ao contrário, o queixoso devia pagar uma multa ao acusado.” (SHEBESTA: 1966: 56)

Todo o tipo de credos místicos continuam a ter impacto na vida dos moçambicanos, sendo um dos mais conhecidos e preocupantes a permanência do preconceito por albinos, alvos comuns de perseguição, mutilações e morte. Pensa-se que, durante os últimos anos na vizinha Tanzânia, cerca de oitenta albinos terão sido mortos nesses rituais. Num artigo com o tema “Os albinos não morrem: crença e etnicidade no Moçambique pós-colonial” João de Pina-Cabral sugere a possibilidade de esta crença ter que ver com problemas étnicos, fundados na “grande divisão étnica «preto»/«branco» vigente na África pós-colonial”. (PINA-CABRAL: 2004)

Entre outros exemplos, felizmente menos dramáticos, obtive junto do guia local chamado Castro Doliz Morais, durante um passeio pelo PNG, a informação de que já não existem hienas na Gorongosa. Apesar de durante o período da guerra civil a maioria dos animais ter sido caçada para alimento dos militares, as hienas eram sobretudo perseguidas pelos soldados, porque tradicionalmente se acredita (tal como o próprio Castro parece crer) que o

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

nariz e a cauda deste animal tem o poder de descobrir outros animais, e como tal descobrir o inimigo - provavelmente baseados nas reconhecidas qualidades das hienas em encontrar comida. Algo que se veio a verificar fora da realidade, pois em Novembro de 2013 uma hiena foi captada por uma máquina fotográfica no interior do PNG.

Por ultimo, o mesmo tipo de crença faz com que normalmente os homens mais importantes das tribos, régulos, fumos ou curandeiros exibam peles e dentes (de leão ou leopardo) como demonstração da sua força e poder.



Fig.45: Curandeiro e seus objetos - Imagem fotografada de painel expositivo no Museu de História Natural, em Maputo, Julho de 2013

A ideia de que o homem é parte integrante do universo e está sujeito às leis que o regem é uma circunstância enraizada nas diversas culturas da humanidade.

Os apelidados povos “primitivos” mais próximos e dependentes das leis da natureza (que definem a circunstância das suas vidas) tendem não só a respeitá-las como a adorá-las, através de mitos, ritos, símbolos e imagens. De

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

algum modo, acreditam que a sua interação os possa conduzir à possibilidade de influenciar um destino que não está nas suas mãos, mas na benevolência dos “deuses”.

Neste sentido, o professor (historiador/filósofo) Mircea Eliade sugere que a tomada de consciência do nativo relativamente à sua situação no *cosmos* induz, inevitavelmente, a uma posição metafísica.

Na generalidade, os povos da África austral exercem o culto dos mortos num contexto denominado por “manismo”, uma crença na capacidade dos mortos poderem continuar a influenciar a sorte dos vivos.

Os espíritos são como o vento

Eles estão contigo em todo o lado.

Consegues ver o vento?

Consegues agarrá-lo na tua mão?

Os espíritos caminham contigo.

Tu és parte da família deles.³⁰

(TKACZ, V.: MUALA, D.: 2010: 21)

O respeito e o medo das almas dos antepassados estão na base de uma ordem social das comunidades. No entanto, também a divisão do espaço na organização das aldeias e a separação dos usos segue uma ordem cosmogónica, estruturada entre o Caos, o Cosmos e a área de transição. Primeiro, o território da aldeia compreende o centro das atividades sociais e de ordem pública. Mais afastado encontra-se o matagal e a floresta. Por norma, a zona que delimita a mata da aldeia traduz-se num lugar de transição, utilizado normalmente para as culturas agrícolas e que tem o nome tradicional de “machamba”. Em síntese, a aldeia simboliza a ordem e o matagal representa o caos.

Palavras de Jorge Francisco Afonso Tambarara, chefe de Tambarara, em 3 de Setembro de 2009. Tradução pessoal do inglês.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Quando a população muda de lugar e funda uma nova aldeia, normalmente por motivos de subsistência - quer pela produtividade dos solos ou de outra necessidade que escasseia - o processo de transição é acompanhado por ritos de passagem que se baseiam em cerimónias mágico-religiosas.

Esses ritos, além do conceito de renovação periódica repetindo o acto da criação, incluem também a identificação dum «Centro»: uma árvore que se torna sagrada (perto da qual deve ser construída a casa do chefe na povoação tsonga, por exemplo), ou um local no qual é depositado um preparado à base de fruta e cereais (por exemplo, na povoação maconde o preparado é de frutos e farinha de mapira, a «ntela», marcando o lugar da futura construção da casa dos homens). Esta cerimónia tem a função de indicar se o local é propício para a edificação da nova povoação, de afastar o perigo/espíritos maus; liga espiritualmente o fundador (o chefe) aos restantes membros da povoação.” (MENEZES, Carlos: 2001: 59)

O simbolismo do círculo reflete-se no modelo circular dos recintos familiares e nas construções das habitações, justificado predominantemente pelos credos religiosos e cosmogónicos da população nativa de Moçambique.

No interior de Sofala, pelo seu maior isolamento, estes aspetos têm ainda hoje uma grande relevância.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território



Fig.46: O círculo na cultura tradicional africana

“A figura mais importante do céu é o círculo. Os astros que trazem a luz, a energia, as colheitas - o sol, a lua, a terra - têm forma circular. A lua é vista essencialmente como um ser feminino (em certas partes do mundo é vista como um ser masculino). Também por analogia é na palhota que são concebidos os seres humanos. Portanto, a palhota é um «ser gerador», um ser protector, tem a forma redonda dentro de um outro ser maior, igualmente redondo, que é a povoação.” (MENEZES, Carlos: 2001: 60)

Os próprios materiais utilizados na construção das palhotas conferem às habitações o sentido cíclico da vida, na sua dimensão mais efémera, reforçando a ideia de um território que é habitado sem um sentido de propriedade pessoal, estando a sua pertença maioritariamente ligada aos espíritos do lugar.

“O regime de propriedade da terra nas povoações tradicionais, contrariamente às cidades, não é factor de permanência indefinida. Em muitos povos do nosso planeta, encontram-se crenças segundo as quais a

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Terra e todos os seres vivos têm uma natureza sobrenatural, e que todos os seus ocupantes estão de passagem.” (MENEZES, Carlos: 2001: 63)

“Isto é mais um indicador de que o assentamento tradicional não possui nenhum factor material que o faça fixar-se ao lugar. Por outro lado, a combinação destes materiais com a forma das habitações resolve eficazmente todos os problemas térmicos do microclima interno.” (MENEZES, Carlos: 2001: 62)

A organização dos recintos familiares da África austral e em particular da Gorongosa são constituídos na generalidade por “palhotas” (quarto de dormir), celeiros, currais e cozinha, e lugares destinados às atividades artesanais como a fabricação de artesanato ou instrumentos de produção.

O aspeto que mais diferencia o ordenamento do espaço físico nestes locais, face a outros mais desenvolvidos, substancia-se na proximidade (pequena distancia) que separa os seus diferentes usos.



Fig.47: Recinto familiar “nómada” do interior de Sofala, Julho 2013.

5.9. Materiais, sistemas construtivos e manutenção

Na sua generalidade as construções da região da Gorongosa utilizam materiais tradicionais. Os sistemas construtivos utilizados assentam naturalmente numa base de dependência dos materiais locais, como a argila sob a forma de tijolo ou de reboco, estacas de madeira, bambu, cordas de fibras naturais, capim para as coberturas e, até mesmo, tintas derivadas de materiais naturais.

“Na maior parte dos casos, as paredes são erguidas com blocos maciços de argila fabricados in situ, geralmente secos ao sol ou, menos frequentemente, cozidos também próximo do local da habitação. Para tal ergue-se como que uma fábrica de blocos à frente da casa, secando-os ao sol ou queimando-os consoante as capacidades da economia familiar. Será isto uma dádiva das características do solo da região para compensar os imensos sacrifícios do isolamento da cidade do resto do país?” (CARRILHO, J. et al: 2001: 6)



Fig.48: Secagem ao sol de blocos artesanais maciços de argila, aldeia de Vinho, Julho 2013.

“Hoje em dia, são muito raras as casas de «maticado», processo de construção inicialmente comum, e que se traduzia numa estrutura de estacas de pau redondo travadas por uma estrutura secundária de bambu ou varas, por entre a qual se arrumam pedras. Cria-se, assim, uma matriz estrutural que molda o espaço interior e sobre a qual se aplica argila amassada e homogeneizada no local. O reboco, quando existe como elemento autónomo,

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

é geralmente feito de material argiloso mais fino, obtido numa baixa (zona pantanosa) da cidade ou, mais recentemente, comprada a particulares, como o Sr. Assumane que, tendo verificado a importância do material, resolveu dedicar-se à sua exploração e comercialização informal.” (CARRILHO, J. et al: 2001: 7)



Fig.49: Casa de “maticado” em construção, Serra da Gorongosa, Julho 2013.

Entre a vila da Gorongosa e a Serra, é ainda bastante frequente encontrar o tipo de casa de “maticado” que o investigador da FAPF afirma em desuso, no entanto a generalidade das casas que se encontram são já de planta quadrangular e não de planta circular como seriam os modelos originais.

“A madeira privilegiada para a construção da estrutura das palhotas é o simbiri, porque particularmente robusto e durável, enquanto para ligar as estacas que suportam a estrutura são utilizados os ramos do miombo (tazonzo), particularmente flexíveis e resistentes.” (BELLOTI: 2012:18-19)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A figura nº49 revela-nos o início da montagem da estrutura em estacas de pau e o início da aplicação do seu travamento horizontal. Verifica-se também que, dependendo do local e das madeiras mais frequentes, existem variações visíveis nas espessuras dos paus e dos seus afastamentos.

No geral as casas necessitam de uma manutenção constante, sobretudo pelas oscilações das estações, entre períodos longos de seca e de chuvas. No entanto, são as paredes e a cobertura os elementos que mais necessitam de cuidados. No caso das paredes, a origem dos problemas advém das fortes dilatações e consequentes fissuras. Já a cobertura obriga à necessidade de substituição do capim numa regularidade que não deve ultrapassar os dois anos.

Em suma, os materiais de construção e a manutenção das casas incide sobre os modelos que pensamos ancestrais, que perduram na região da Gorongosa, sabendo-se, porem, que à semelhança de outros lugares as tradições mudam com as alterações do contexto político, económico, social, ambiental, como um todo cultural.

Na realidade, dentro da região da Gorongosa, existem evidentes assimetrias no desenvolvimento das comunidades e diferentes níveis de evolução nos modelos de construção de casas, dos mais tradicionais aos que se assemelham aos bairros informais do litoral, genericamente conhecidos pelos seus telhados de zinco.

No entanto esta pesquisa - por um certo pragmatismo, mesmo reconhecendo a relevância do estudo dos processos e dinâmicas da transformação dos sistemas construtivos e morfológicos da casa tradicional moçambicana - procurou sobretudo distinguir o que ficou do passado na construção das casas da região de Sofala. Privilegiando o que permaneceu no tempo, sendo que para isso se procurou uma leitura alargada aos vestígios arqueológicos do Grande Zimbabwe, passando pelo mais antigo registo da palhota africana (desenho de Thomas Baines) para então encontrar a proximidade que subsiste entre estes e alguns exemplos que permanecem na região da Gorongosa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A tentativa de abordar a origem poderá eventualmente permitir uma prática mais ligada às fundações da história e da cultura daquelas comunidades. Contudo, apesar das fortes dinâmicas evolutivas, sobretudo desde o início do século XX, primeiro com a consolidação da ocupação colonial e dos seus modelos e depois com o processo de transição política da independência de Moçambique e, não menos importante, tendo em conta ritmo acelerado com que decorre atualmente o desenvolvimento económico em Moçambique, parece ainda assim persistir o registo de um certo ato inaugural de construir um “abrigo”.

5.10. Principais atividades e fontes de rendimento da população

A informação sobre as atividades e fontes de rendimento nas comunidades que habitam o interior do PNG é praticamente inexistente, assim como é escassa a que envolve as comunidades que se encontram na zona de tampão do PNG. Como tal, seria bastante relevante poder contar com estudos mais aprofundados sobre uma temática que sendo transdisciplinar (estatística, de índole demográfica, económica, antropológica, etc.) influencia fortemente a qualidade de vida daquelas comunidades.

A informação relativa às comunidades que habitam o interior do PNG tem origem no trabalho de dissertação de mestrado da antropóloga Teresa Nóvoa, que refere a atividade predominantemente piscatória de Mueredze, a primeira comunidade proposta para o processo de deslocalização. Desde logo, esta alteração suscita a eventual impossibilidade em manter a pesca como atividade dominante desta comunidade, pois se a proximidade da antiga aldeia ao lago Urema impulsionou a atividade a decorrente mudança para a periferia de Muanza, e conseqüente afastamento ao lago, provavelmente impedirá a sua continuidade.

É plausível que pelo menos os membros mais jovens da comunidade ambicionem uma vida diferente e sejam eles mesmos a estimular a possibilidade de mudança, sobretudo se houver ofertas de emprego associadas (de que não temos conhecimento, à exceção da comunidade de Vinho). Contudo, a informação obtida pelos serviços do PNG indicia uma grande resistência da comunidade de Mueredze em se deslocar. Em julho de 2013 este processo já decorria há sete anos e só 30% da sua população tinha aceite o desafio da administração do PNG. Um assunto que, de acordo com a gestão mista do PNG, está delegado no governo de Moçambique, que tem como responsável direto o Dr. Mateus Mutemba (Administrador do PNG).

Todavia e de um modo genérico podemos afirmar que a grande maioria da população pratica uma agricultura de subsistência existindo, no entanto, um número residual da mesma a dedicar-se a outras ocupações. Há também

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

algum emprego formal em instituições do governo, ONGs ou pequeno comércio, embora não deixem de praticar a atividade agrícola e pecuária.

Em geral, os produtos e animais destinam-se ao consumo das famílias, que apenas são canalizados para comercialização no caso de haver excedentes (como nos últimos anos terá acontecido).

Há casos notáveis de artesãos que se dedicam ao fabrico de esteiras, peneiras, carpintarias e latoarias. Na generalidade são estas as atividades de rendimento da população da Gorongosa.

Ao longo do inquérito à população da Gorongosa foi encontrado um modelo tradicional de rendimento, localmente conhecido por *ganho-ganho*. Esta atividade assenta na base de venda de força de trabalho para a realização de determinada tarefa concreta, e como recompensa ou salário são remunerados em dinheiro ou produtos previamente acordados entre as partes. (ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DE GORONGOSA: 2006)

Uma outra atividade muito comum, que prolifera, generalizada em pelo menos grande parte do país, é a produção de carvão, resultante da colheita de paus e troncos da floresta que são posteriormente queimados, embalados e vendidos, em particular ao longo das estradas com maior fluxo viário.

A maioria deste produto destina-se ao uso doméstico, em particular à confeção. É claro que isto levanta um problema florestal que será aprofundado em outra parte deste trabalho.

“De acordo com a monitorização da vegetação desenvolvido por Stalmans e Peel (2010:8) na área protegida, a colheita de lenha para a construção das palhotas não tem, em geral, um impacto significativo sobre os recursos do parque...” (BELLOTI: 2012:19)

A opinião de Marc Stlamans, aqui referida por Sara Belloti relativamente ao Parque Nacional de Zinave, é também reafirmada por este no contexto do Parque Nacional da Gorongosa.

5.11. Principais problemas da população

Através do programa de Desenvolvimento Rural de Sofala (PRODER) elaborado, entre 2002 e 2004, numa parceria entre o Ministério da Agricultura de Moçambique e a Cooperação Técnica Alemã, sobre a comunidade de Tambarara, na Gorongosa, podemos ficar com uma ideia quanto às principais preocupações e ambições da generalidade das comunidades que vivem na Gorongosa.

“O processo levou muito tempo porque as pessoas se encontravam ocupadas como sempre em trabalhos de machamba – lavouras, colheita – e outras vezes por causa das chuvas – Novembro a Dezembro/2003, não querendo deixar de lado a extracção de ouro que se verifica até hoje nesta comunidade e daqueles que só sabem viver numa zona sem se preocuparem com aspectos comunitários, é o caso de negociantes, moradores dos arredores da vila que são a grande percentagem dos habitantes.” (BERTA, R: 2004: 7)

Através da consulta à população em sete povoados, pode-se concluir que o emprego é o grande objetivo da maioria da população, sobretudo dos jovens. Ter um posto de trabalho numa serração, fábrica ou outro tipo de função remunerada é visto como um modelo de vida seguro. Outras preocupações prendem-se com a necessidade do Estado abrir mais poços de água potável e construir pontes, centros de saúde, escolas e mercados para compra e venda de produtos.

Na generalidade dos contactos pessoais que tive com a população local verifiquei que o PNG é reconhecido e desejado como um bom lugar para trabalhar. Atualmente o parque tem cerca de 600 funcionários³¹, entre guias turísticos, funcionários de hotelaria, guardas do PNG, empregados na construção de instalações e manutenção de estradas “picadas”, entre outros.

³¹ Um número já superior aos 500 funcionários durante o período colonial de acordo com a informação do Sr. Luís Fernandes, último responsável português no PNG.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O envolvimento das comunidades é também pretendido pelo PNG, pois reconhece que o sucesso do seu plano de reabilitação e sobretudo de conservação a longo prazo irá depender da sensibilidade das comunidades, assim como na sua compreensão para a mais-valia da preservação do ecossistema e dos benefícios que podem retirar deste mesmo projeto. Contudo, dever-se-á sempre ter em consideração os problemas básicos com que a população local se debate, compatibilizando o tema da conservação com o desenvolvimento social e económico.

Através da sobreposição de mapas do ecologista K. Tinley (anos 70) e de afirmações de responsáveis do PNG percebeu-se que não havia informação rigorosa sobre a população que habita o interior do PNG, o que deu origem a uma pesquisa apoiada em visualizações aerofotogramétricas como o “Google earth”. Só assim, se tornou possível obter uma aproximação mapeada dos recintos habitacionais que permanecem dentro do parque. Desta forma, e por comparação com os dados de Tinley, podemos talvez afirmar que a população atual a residir dentro do PNG deverá variar entre os 5000 e os 10000 nativos.

A (discutível) pretensão do PNG, quer do ponto de vista social como da política de conservação da natureza atual, assenta manifestamente na deslocalização progressiva destas pessoas.

Pois, como já foi referido, a administração do parque iniciou este processo com a pequena comunidade de Mueredze, um processo que decorre há cerca de sete anos, contudo, apenas 30% da população da comunidade transitou para a nova aldeia, construída na periferia de Muanza. Questiona-se assim a viabilidade de um processo de deslocalização que dura há anos e retirou apenas cerca de 100 pessoas do interior do parque, perante um número de população seguramente superior a 5000.

Também associado ao problema da pobreza está o alto índice de crescimento da população (os casamentos prematuros e a elevada natalidade), mas também a existência de muitos desmobilizados e desempregados na idade ativa, assim como o alto índice de analfabetismo.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Desta forma e sem alternativas aparentes, a população, dispersa pelo território, sobreviveu durante décadas da agricultura de subsistência (machambas), da pesca e da caça furtiva. Atividades que decorrem tradicionalmente sem a observância do ordenamento territorial.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

CAPITULO IV:

6. GORONGOSA RESTORATION PROJECT

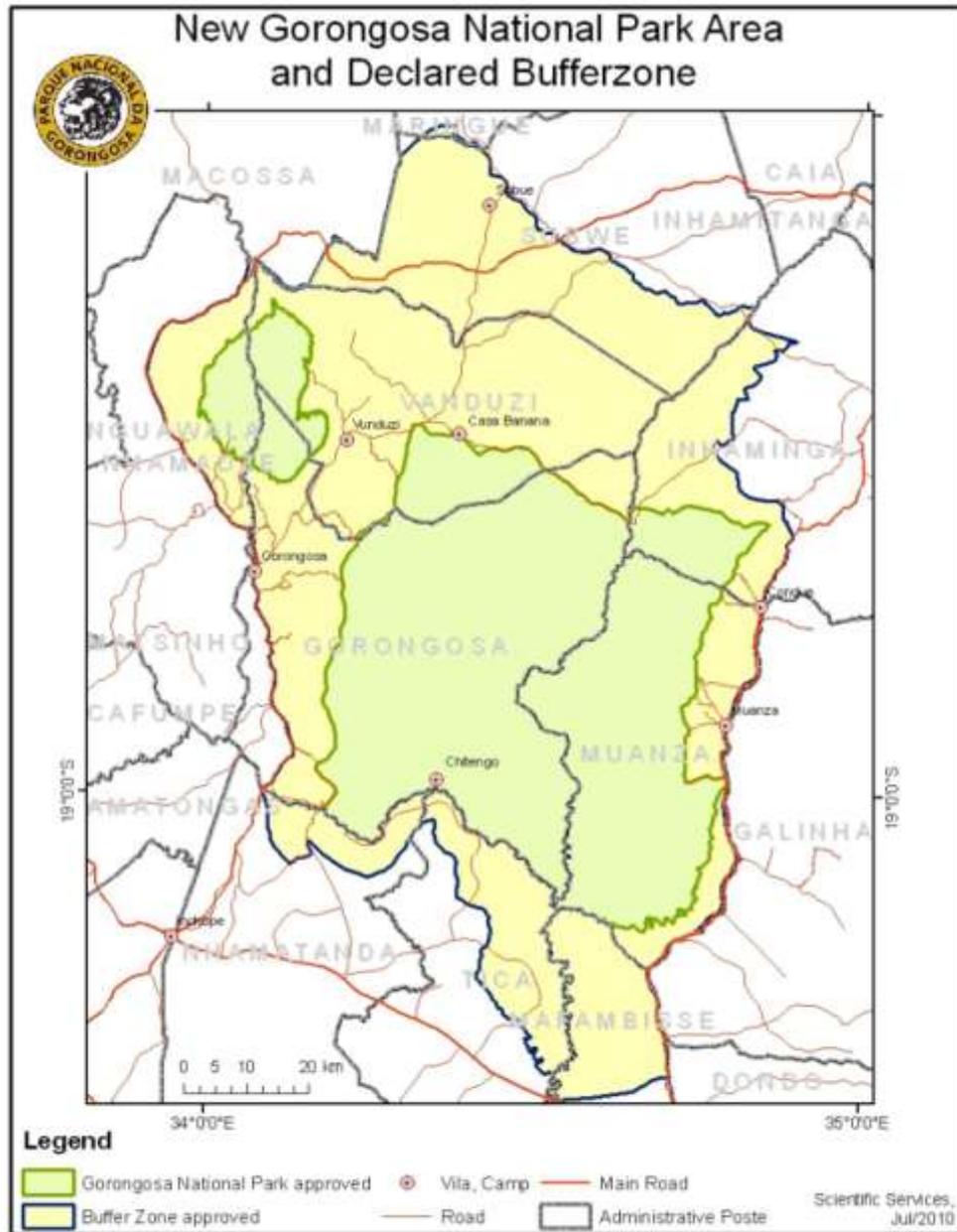


Fig.50: Mapa atual do limite e da zona de proteção do PNG, 2010. Cortesia de Dr. Marc Stalmans.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A novidade deste mapa face aos anteriores limites do PNG baseia-se na aprovação da inclusão da Serra da Gorongosa enquanto área de proteção envolvente ao PNG (Buffer Zone). Esta é uma grande vitória do parque, pois desde os anos 70 que a proteção da Serra e da sua floresta era referida como indispensável à ecologia do Parque (Tinley, 1977). Deste modo a área do PNG é agora definida por quatro regiões, a Serra da Gorongosa (Gorongosa Mountain Region), Áreas Intermédias (Midlands Region), o Vale do Rift (Rift Valley Region) e o Planalto de Cheringoma (Cheringoma Plateau Region). Estas regiões correspondem às quatro unidades originalmente descritas por Tinley e servem de base para a definição dos quinze tipos de paisagem registados pelos serviços científicos do PNG. (STALMANS & BEILFUSS: 2008)

• *Gorongosa Mountain Region*

Gorongosa Lower Montane Grassland & Woodland Landscape

Gorongosa Montane Grassland & Shrub-forest Landscape

Gorongosa Montane Forest Landscape

• *Midlands Region*

Midlands Moist Miombo Landscape

Midlands Dry Miombo & Mixed Woodland Landscape

Midlands Alluvial Landscape

Midlands Inselberg Landscape

• *Rift Valley Region*

Rift Valley Alluvial Fan Landscape

Rift Valley Riverine & Floodplain Landscape

Rift Valley Colluvial Fan Landscape

Rift Valley Lake Urema Landscape

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

• *Cheringoma Plateau Region*

Cheringoma Plateau Seaward Slope Landscape

Cheringoma Plateau Limestone Gorge Landscape.

Cheringoma Plateau Calcareous Sandstone Riftward Slopes Landscape

Cheringoma Plateau Argillaceous Sandstone Riftward Slopes Landscape

“Despite some problems with the Tinley units, it is still felt that Tinley’s (1977) work provides a hugely important baseline on which any further work should preferably be based.” (STALMANS & BEILFUSS: 2008: 4)

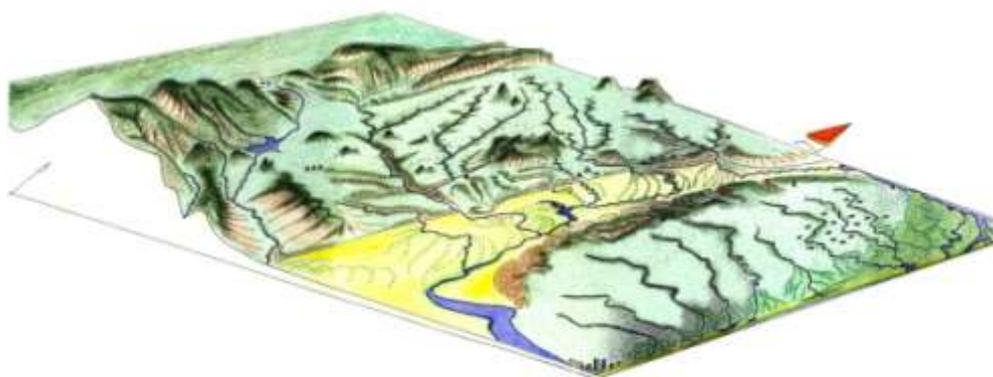


Fig.51: Desenho de enquadramento do PNG, K. Tinley, 1971.

As considerações dos ecologistas, atuais responsáveis de investigação e conservação do PNG, são ilustrativas da relevância basilar do trabalho desenvolvido por Tinley durante a década de 70.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

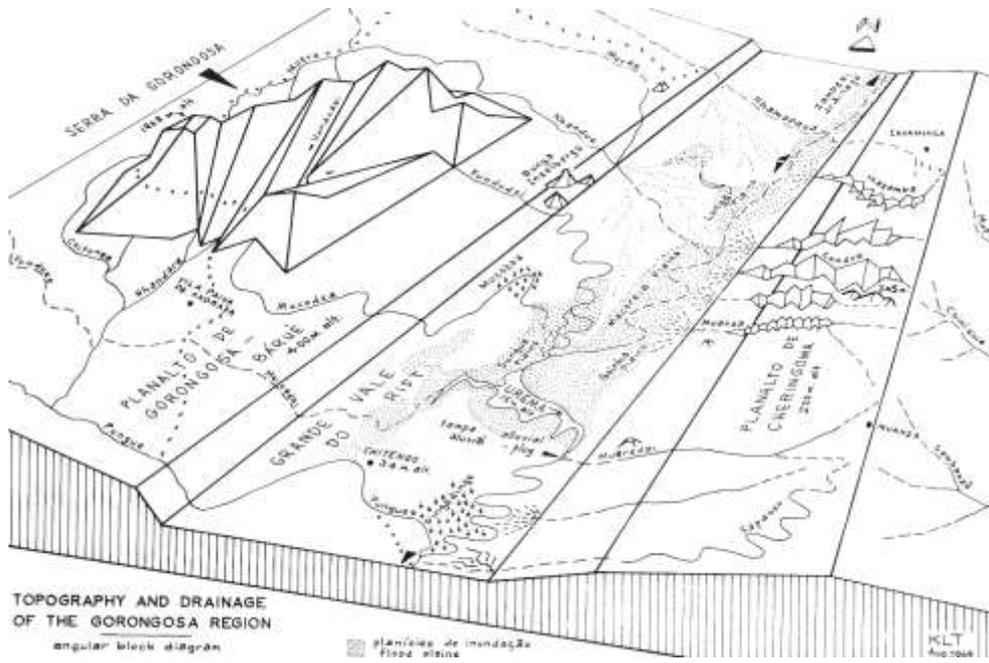


Fig.52: Topografia e drenagem da região da Gorongosa, Tinley 1971.

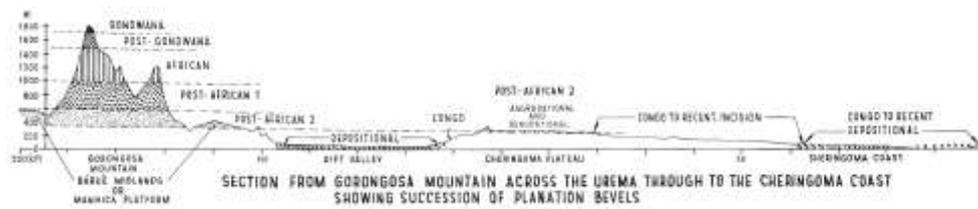


Fig.53: Perfil da serra da Gorongosa à costa do oceano Índico, Tinley 1971.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

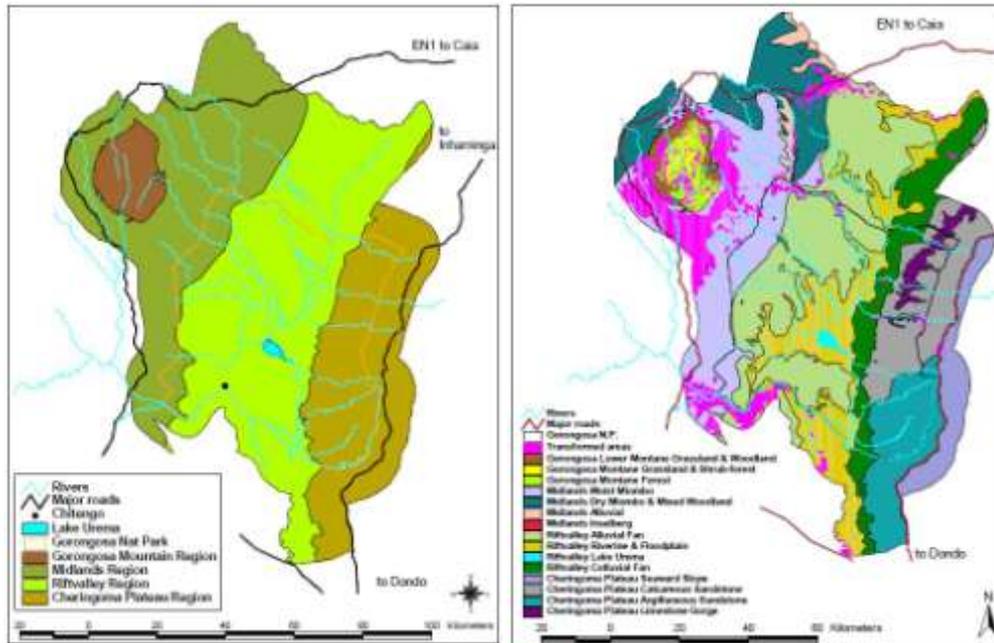


Fig.54 e 55: Caraterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010

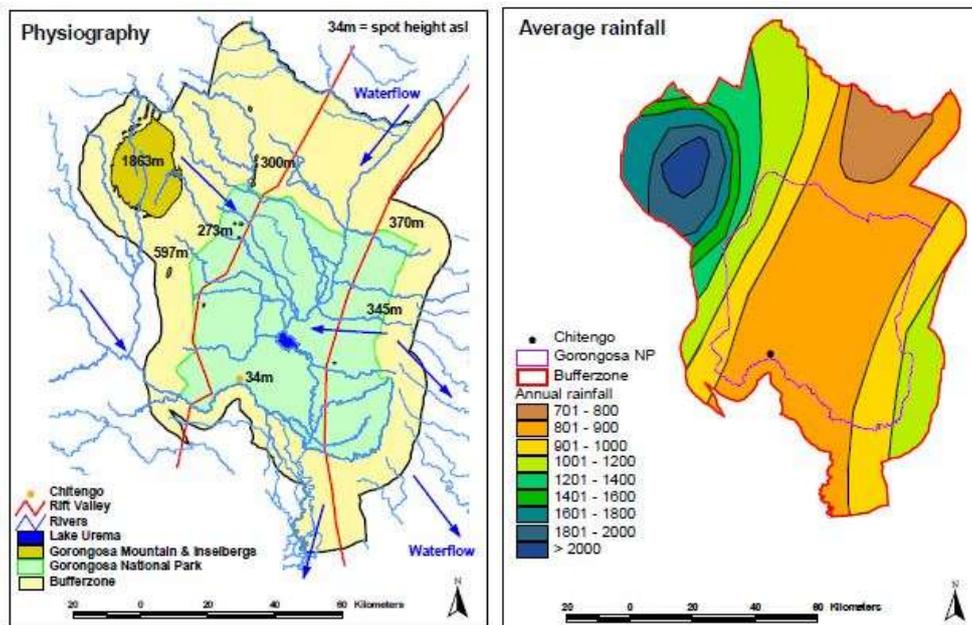


Fig.56 e 57: Caraterização geofísica do PNG - Departamento Científico do PNG, 2010

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

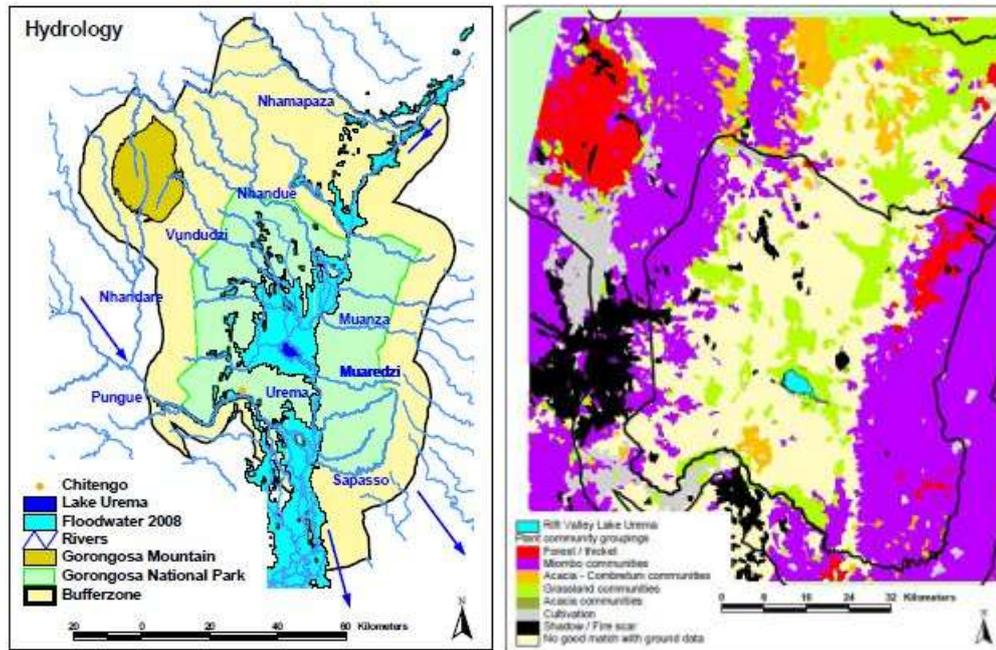


Fig.58 e 59: Caracterização geofísica do PNG - Departamento científico do PNG, 2010

O estudo desenvolvido pelos serviços científicos do parque “Landscapes of the Gorongosa National Park” (STALMANS & BEILFUSS: 2008) conclui que a paisagem do PNG continua bastante diversificada e como tal permanece extremamente adequada aos herbívoros, permitindo assim suportar níveis de carga de animais comparáveis aos melhores dados históricos.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

6.1. Modelo conceptual

O modelo conceptual pretendido pelo PNG assenta no princípio fundamental da recuperação e sustentação de um ecossistema baseado na participação e no desenvolvimento humano das comunidades locais, sendo esta uma matéria incondicional na esfera atual das orientações para a conservação da natureza. Neste sentido, e porque em qualquer grande decisão é sempre necessário um apoio generalizado, devemos também incluir os representantes governamentais como possíveis impulsionadores de políticas adequadas ao território, à sua intervenção e/ou conservação.

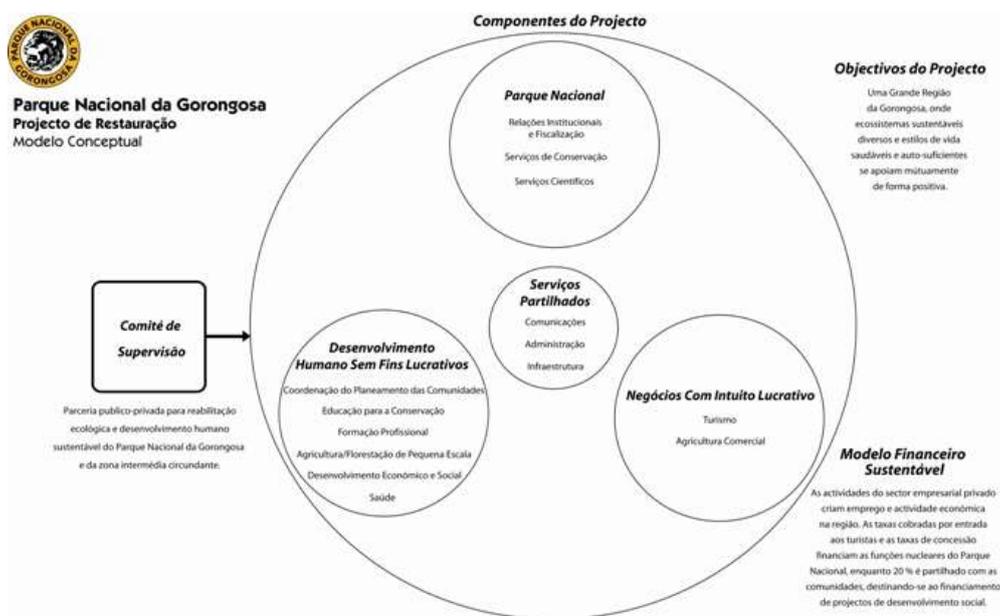


Fig.60: Esquema do Modelo Conceptual do “Projecto de Restauração” do PNG

Logo após o período da guerra civil, entre 1994 e 1999, o governo de Moçambique iniciou o esforço de reabilitação do parque através do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), recorrendo à ajuda da União Europeia e da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Mas só em 2004 surge a Fundação Greg Carr como um parceiro com capacidade de estruturar e acionar um projeto que necessitará de um longo período de implementação.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Assim, para além da garantia de cooperação política que se vem confirmando, por exemplo, no alargamento da área de proteção do parque, existem esforços visíveis para incluir a participação das comunidades no desenvolvimento do projeto, com o objetivo de posteriormente serem os mesmos a dar-lhe continuidade.

Para esse efeito, o parque desde logo procurou empregar habitantes locais na sua estrutura de funcionários, sobretudo no que diz respeito à proteção da natureza, convertendo muitos dos caçadores em habilitados guardas. Hoje, a sua abrangência funcional verifica-se em todas as atividades que decorrem no parque, desde cargos de direção como é o caso do atual Diretor de Conservação (Pedro Muagura), passando pela hotelaria e formação, aos guias de safaris, assim como na construção e manutenção de picadas.

As ações de inclusão social na atividade do parque continuam para além do seu mais direto funcionamento, fomentando a educação e os cuidados de saúde da população, através da construção de escolas e centros de saúde na periferia do parque, assim como, levando cuidados de saúde móveis e bibliotecas ambulantes às populações mais distantes.

Atualmente a população acolhe o projeto do PNG com uma generalizada simpatia, pois apesar das restrições que se lhes colocam face à gestão dos recursos dentro da Zona de Proteção do Parque, iniciou-se um processo de sensibilização das vantagens que este lhes poderá trazer, quer numa política de receitas partilhadas, quer nas oportunidades de trabalho mais indiretas, como é a possibilidade do escoamento dos seus produtos agrícolas.

Neste sentido, o parque dá formação e orienta as populações para os melhores locais de produção agrícola, assim como para os produtos mais adequados aos diversos tipos de solos.

6.2. Recuperação e conservação do PNG

“...eu procurava um projecto que juntasse as necessidades da conservação da natureza com o desenvolvimento humano. A Gorongosa pareceu-me uma boa oportunidade. Há 40 anos, era um dos parques africanos mais conhecidos, mas convive hoje com uma das piores situações de pobreza do globo.” (CARR, Greg: 2009)

“O desafio para todas as pessoas que trabalham em conservação é reconhecer que têm também que ajudar as pessoas que vivem perto das áreas protegidas... No pólo oposto, as pessoas envolvidas em projectos de desenvolvimento humano reconhecem agora que não se pode deixar de proteger o ambiente enquanto se promove o desenvolvimento... Eu quero juntar esses dois mundos porque, para restabelecer aquele ecossistema, tenho de ajudar as 250 mil pessoas que vivem na zona-tampão.” (CARR, Greg: 2009)

Após o estabelecimento da parceria entre a Fundação Carr e o governo moçambicano, verificou-se que existia *“muito mais vida selvagem do que se pensava. Havia 300 elefantes e pensava-se que não tínhamos nenhum. Havia 150 hipopótamos, muitos crocodilos, alguns leões. O nosso diagnóstico apontou a necessidade de reconstituir a população de predadores, como os leões, e recuperar os ungulados do parque, como os gnus, os cobos-de-crescente e as zebras. Tivemos sucesso na recuperação dos dois primeiros, mas ainda faltam as zebras. Quase todas as espécies reintroduzidas provêm de Kruger, excepto as zebras, que são de subespécie endémica. Elas deverão vir do Zimbabwe, embora a situação política do país trave perspectivas de cooperação. Provavelmente teremos rinocerontes antes de conseguirmos zebras. Reintroduziremos também búfalos do Limpopo (Moçambique) e hipopótamos de Isimangaliso (A.Sul).” (CARR, Greg: 2009)*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Uma das primeiras ações do novo projeto para o PNG foi estabelecer um santuário de vida selvagem dentro do parque para proteção das espécies reintroduzidas e reduzir a necessidade de novas reintroduções.

Em 2009, numa entrevista à National Geographic, Greg Carr manifestava a preocupação da população de leões não estar a aumentar. Identificou na contenção dos incêndios para níveis sustentáveis uma outra dificuldade.

“Por ano, pode arder até 20% daquele território, e isso terá acontecido regularmente durante os últimos dez mil anos, mas se queimarmos 70% ou 80%, temos um problema. (CARR, Greg: 2009)

Um problema associado aos incêndios, assim como à desflorestação, inscreve-se em atividades como a caça furtiva e o abate de árvores para a produção de carvão. Por exemplo, os caçadores furtivos utilizam o fogo, criando corredores na floresta, para dirigir os animais para locais onde os pretendem capturar ou abater, o que se reflete em mais fogos descontrolados. Por outro lado, a população tem como atividade comum queimar madeira para a produção de carvão. Esta é uma atividade que se estende a todo o país e que certamente muito contribui para um acelerado processo de devastação da floresta. No caso do PNG, de acordo com o Dr. Marc Stalmans, parece ser apenas mais uma atividade que dificulta a reposição do ecossistema.

Durante o evento oficial de estabelecimento de uma parceria entre o projeto de restauração do PNG e a Universidade de Coimbra, Greg Carr aponta a pobreza e o aumento da população, à semelhança do que se passa na maioria dos parques africanos, como sendo as maiores ameaças para o ecossistema da Gorongosa, (CARR, Greg: 2014). O que leva a um consumo continuado dos recursos, incompatível com a preservação do equilíbrio ambiental e conservação da biodiversidade. Os últimos números levam o PNG a estimar cerca de 3000 animais mortos por ano em consequência da caça furtiva.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Um outro problema advém da instabilidade política, entre o governo da FRELIMO e a oposição da RENAMO, que se vem a acentuar desde Maio de 2013, com a incidência de alguns acontecimentos violentos na província da Gorongosa. No que diz respeito diretamente ao PNG, foi sobretudo sentida uma forte diminuição das receitas turísticas, pois propagou-se o receio de uma escalada de violência que podia atingir diretamente o parque. O que na verdade, até agora não se confirmou, até porque de acordo com Greg Carr “ambas as partes do conflito mostram respeito pelo projeto do PNG e parecem ver o parque como um território neutral” (CARR, Greg: 2014).

6.3. Objetivos do projeto para o PNG

“Recuperar a biodiversidade do parque...conseguir algum tipo de protecção para a serra da Gorongosa. Mesmo que seja apenas o estatuto de reserva florestal. Isso é fundamental para proteger o abastecimento de água... uma próspera industria turística..., criar muitos empregos na agricultura e se tivermos sucesso nos projectos de interesse social, como as clínicas e as escolas.” (CARR, Greg: 2009)

Para além da reposição do ecossistema e da sua conservação futura, o projeto de Greg Carr compreende a necessidade de sensibilizar, educar e compensar as populações que interagem com o parque.

Desde logo, os melhores exemplos desta estratégia far-nos-ão evocar um conjunto de iniciativas do PNG que visam a cumplicidade entre o parque e as populações, assim como os projetos que visam diretamente o auxílio das comunidades e a melhoria das suas condições de vida: o CEC (centro de educação comunitário); a escola da comunidade de Vinho; o centro de saúde de Vinho; as clínicas móveis para aceder às comunidades mais isoladas; os furos para garantir a qualidade da água e diminuir conflitos com crocodilos e outros animais; o emprego de locais nas atividades do PNG; apoio técnico às práticas agrícolas das comunidades; a partilha de receitas do PNG para com as comunidades.

Este é *a priori* um caso excepcional no panorama da conservação da natureza, pelo virtuosismo quase “idealista” do projeto e em particular por parecer reunir todas as condições técnicas e financeiras necessárias à sua melhor execução. Contudo, apesar do reconhecimento da administração do PNG da necessidade de envolver as comunidades locais neste processo (pois só estas poderão garantir o seu futuro) verifica-se uma clara prioridade na implementação de medidas sobre a reposição biótica do ecossistema comparada a uma sensação de menor eficácia nos resultados associados ao desenvolvimento da população nativa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Assim, o parque iniciou um conjunto de pesquisas científicas necessárias à compreensão daquele ecossistema e da sua capacidade de regeneração, assim como dos *inputs* necessários, sobretudo no que diz respeito à reintrodução de animais.

Por outro lado, a articulação entre as atividades de regeneração do ecossistema e as dinâmicas com as comunidades locais é exercida de um modo indireto, ou seja, o governo moçambicano assina a sua intermediação através da eleição de um administrador do PNG, responsável em estabelecer o contacto necessário com as populações num modelo articulado com a direção de Gregg Carr e os serviços científicos do PNG que assume em outras frentes a representação do Parque.

Por último, todas as atividades que visam o rendimento no PNG, como a exploração da unidade hoteleira do acampamento de Chitengo ou dos safaris no PNG, são sub-concessionadas a empresas privadas.

Em suma, o modelo conceptual desenvolvido, pelo acordo de gestão conjunta (2008-2028) entre o governo Moçambique e a fundação Carr, configura-se na prática numa separação de tarefas, sendo que ao governo compete sobretudo articular as atividades do PNG com as comunidades locais, e ao projeto de Carr cabe a regeneração biótica do ecossistema e a gestão das receitas turísticas, sendo que parte destas tem como fim apoiar as comunidades envolvidas, de que é exemplo mais claro a comunidade de Vinho.

A procura de informação sobre a matéria de gerência e trabalho desenvolvido pelas duas entidades envolvidas no PNG revelou uma grande assimetria na documentação acessível. O trabalho desenvolvido pela equipa de Greg Carr está bem documentado em sítio da internet, em constante atualização, bem como nos documentos disponibilizados pelos seus serviços científicos. A sua análise não parece deixar qualquer dúvida relativamente aos esforços desenvolvidos na regeneração do ecossistema do PNG. O trabalho desenvolvido pelo governo de Moçambique não acompanha essa mesma acessibilidade, pois encontramos evidentes dificuldades em documentar o conteúdo das suas atividades. Sem que com isto se deva questionar o esforço

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

do governo moçambicano, pois sabemos que este ficou com a tarefa mais complexa e difícil de implementar, dadas as enormes implicações nos modos de vida da população e pela sua normal resistência.

Servimo-nos assim de alguns momentos de referência citados no sítio do PNG e em jornais nacionais, como a formalização do acordo com a comunidade de Mueredze ou a entrega do primeiro cheque às comunidades locais, que recebem 20% do valor total das taxas pagas pela entrada de turistas no PNG.

Pelo contrário, o trabalho desenvolvido pela fundação Carr sobre a regeneração do ecossistema do PNG está bem documentado, assim como as atividades promocionais do projeto. Uma preocupação que nos remete à organização da equipa de trabalho e em particular à inclusão de um diretor de comunicação para todas as atividades do parque.

No que diz respeito à articulação com as comunidades o projeto de Carr estabelece três prioridades: *serviços de saúde*³², *educação ambiental*³³ e *desenvolvimento económico*³⁴. É pois neste contexto que o projeto do PNG construiu o centro de saúde e a escola de Vinho, assim como implementou furos de água nas comunidades circundantes ao parque, ou continua a desenvolver campanhas de sensibilização ambiental através do Centro de Educação Ambiental (CEA). Do mesmo modo, os serviços científicos do parque propõem auxiliar as comunidades para uma maior adequação da produção agrícola aos terrenos explorados, assim como no escoamento dos seus produtos na logística alimentar do PNG.

É notório que a matéria mais sensível de todo o processo de recuperação e conservação do PNG é, como na generalidade destes projetos, a ponderação

<http://www.gorongosa.org/our-story/community> “Prevenção de doenças, incluindo VIH/SIDA e malária; prestação de serviços de saúde reprodutiva, incluindo o planeamento familiar, melhoramento da nutrição infantil, planeamento familiar e a prevenção da violência de género.”

<http://www.gorongosa.org/our-story/community> “Ensino dos princípios e valores da conservação ambiental e da agricultura sustentável; construção de escolas.”

<http://www.gorongosa.org/our-story/community> “Criação de empregos no Parque; ensino de fontes alternativas de renda, empoderamento das mulheres e apoio à educação de meninas.”

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

dos direitos e deveres dos seus responsáveis para com as comunidades locais, assim como da projeção dos benefícios reais do projeto para as populações que residem dentro e fora do parque. Aqui a questão também se coloca em como beneficiar aqueles que permanecem dentro do PNG, pois para já a previsibilidade de deslocar a curto ou médio prazo a comunidade de Goinha e Goronga, substancialmente mais numerosas que Mueredze, parece muito improvável.

Por outro lado, estas populações encontram-se em locais com difíceis acessos que durante os períodos de chuva podem até ficar inacessíveis. Na realidade, à exceção de Mueredeze, não encontrei no decurso desta pesquisa quaisquer dados sobre a interação do PNG com essas comunidades, pois as referências sobre as ações do PNG com as populações locais estão sobretudo concentradas nas que vivem em redor dos limites da área de conservação, como se pode verificar na página do sítio da Gorongosa sobre o apoio à saúde:

“Os nossos programas de assistência médica pautam-se por uma ideia simples mas poderosa: a saúde do Parque Nacional da Gorongosa está directamente ligada à saúde das pessoas que vivem à volta do Parque. E vice-versa.”³⁵

“Veja aqui algumas das coisas que estamos a fazer para melhorar a saúde das milhares de pessoas que vivem à volta da Gorongosa:”³⁶

Verifica-se assim que existe uma separação efetiva no modo entre aqueles que vivem dentro e em volta do PNG, sendo que sobre os que permanecem dentro não se encontra qualquer matéria de divulgação, e se porventura colocamos aos serviços científicos algumas questões que visem saber mais, somos remetidos para o responsável do governo. (Ver ANEXO I e II).

³⁵ <http://www.gorongosa.org/pt/our-story/community/health>

³⁶ Ibidem

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Os efeitos das estratégias implementadas no envolvimento das comunidades são diversos. Atualmente existem mais de quinhentos funcionários nativos a trabalhar no PNG, ultrapassando já os mais prolíferos anos da era colonial. Se considerarmos que cada família tem um número médio de 5 elementos podemos estimar um número de empregabilidade do PNG com um alcance direto aproximado a 2500 pessoas, o que representa por si uma alavanca importante na economia daquela região.

Também o apoio à saúde quer na construção de centros de saúde ou em consultas de ambulatório quer na formação de parteiras terá certamente reflexos positivos na qualidade de vida das comunidades. Do mesmo modo a implementação de furos de água permite o acesso a água potável, assim como diminui a probabilidade dos sinistros encontros com crocodilos.

Talvez estes sejam para já os mais reconhecíveis benefícios da população nativa da área envolvente ao parque, contudo, não menos importante, é a recuperação de um património natural que estava em modo acelerado de extinção e que porventura poderá ainda servir de alavanca para o desenvolvimento das comunidades locais assim como garantir a permanência de um património que é também, *per si*, um valor universal.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

6.4. Projeto turístico

Cronologia da reabilitação do PNG

Em 2004, após a visita de Greg Carr à Gorongosa, dá-se início a um efetivo processo de recuperação do PNG, formalizado pela assinatura de um memorando entre o governo de Moçambique e a Fundação Carr.

Em 2005, como uma das primeiras medidas de implementação do projeto de recuperação do PNG, foi construído um santuário vedado para a reintrodução de animais.

Em 2006, no contexto do desenvolvimento humano previsto na implementação do projeto, o Parque constrói uma escola primária e um centro de saúde para a comunidade de Vinho, situada na proximidade de Chitengo, mas fora dos limites do PNG. Em Janeiro do mesmo ano, responsáveis do PNG e da comunidade de Canda (Serra da Gorongosa) encontram-se para discutir o desenvolvimento de ações nesta comunidade. Deste encontro resultou a contratação de sessenta fiscais para trabalhar na conservação e nas atividades turísticas do Parque, enquanto guardas e guias de passeios às cascatas e à floresta húmida da Serra.

Em 2007, o Presidente Guebuza inaugurou um dos nove novos bungalows de Chitengo.

Em 2008, o PNG assina com o Governo de Moçambique um acordo por vinte anos para uma gestão conjunta do Parque.

Em 2008, o programa 60 Minutos da CBS faz uma reportagem *in loco* sobre o projecto de restauração do PNG.

Em 2009, é inaugurado um acampamento safari em tendas de luxo na margem do rio Mussicadzi, no centro do PNG, assim como um novo restaurante no acampamento de Chitengo.

Em 2009 a Gorongosa recebeu sete mil visitantes, quatro mil turistas, aos quais se somaram três mil estudantes e membros de comunidades locais. Para Greg

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Carr o PNG tem o objetivo de dentro de 20 anos vir a ter cerca de cem mil visitantes por ano.

“... O Kruger, por exemplo, tem perto de dois milhões de visitantes por ano... Eu gosto do Kruger mas sinto-me num parque de diversões.” (CARR, Greg: 2009)

Em 2009, o PNG oferece os primeiros serviços de uma clínica de saúde móvel às comunidades sem acesso a um centro de saúde.

No mesmo ano, iniciou-se a partilha com as comunidades circundantes das receitas provenientes das taxas de turismo cobradas pelo PNG, cerca de 20%. Em 2010 é inaugurado o CEC (centro educativo comunitário), sendo também anunciado a incorporação da Serra da Gorongosa no Parque e a constituição de uma zona de tampão.

Em 2011, E. O. Wilson, um reconhecido biólogo, visita o PNG para recolher informações para a publicação de um novo livro “Vida na Terra”, assim como uma expedição de cientistas do Field Museum de Chicago veio investigar a fauna selvagem da Serra da Gorongosa.

Em 2011, é atribuído ao Grupo Visabeira Turismo a concessão de exploração hoteleira no PNG, em Chitengo, que passa a chamar de Girassol Gorongosa Lodge & Safari.

Em 2012, a National Geographic produz mais um documentário sobre o PNG, desta vez sobre os seus elefantes. No ano seguinte, a série da BBC “África” exhibe no seu último episódio “África: o Futuro” o parque Nacional da Gorongosa, apresentado por David Attenborough, durante as ações de investigação desenvolvidas por E. O. Wilson. Neste mesmo ano o famoso Biólogo escreve para a edição de Junho da National Geographic um artigo sobre a Serra da Gorongosa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Principais referências turísticas do PNG



Fig.61: Panorâmica da Savana da Gorongosa



Fig.62: Fauna e planícies do Tando

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.63: Safaris fotográficos no PNG

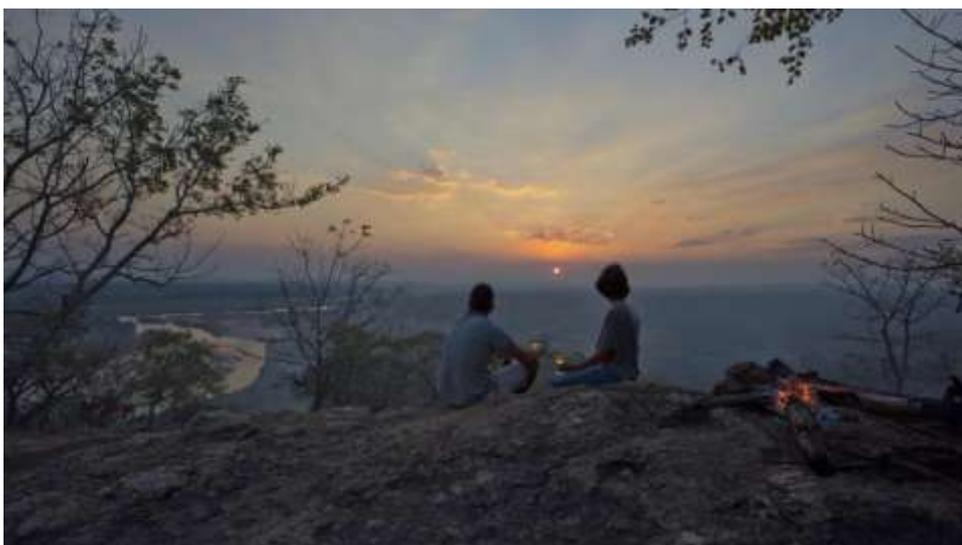


Fig.64: Pôr-do-sol em Bué Maria

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.65: Cavernas de Cheringoma

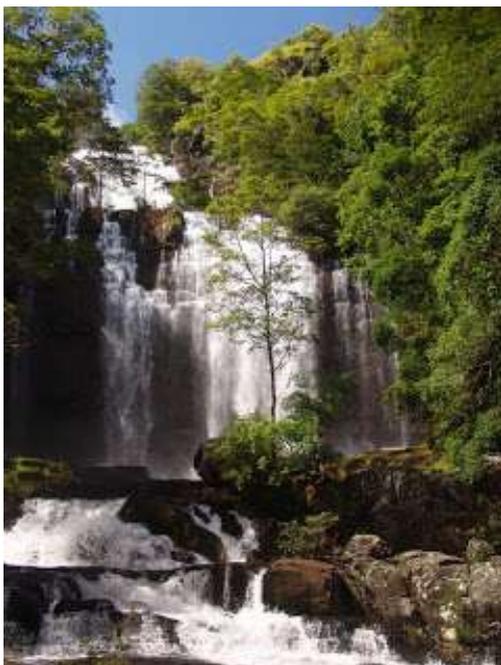


Fig.66: Cascatas do rio Murombodzi

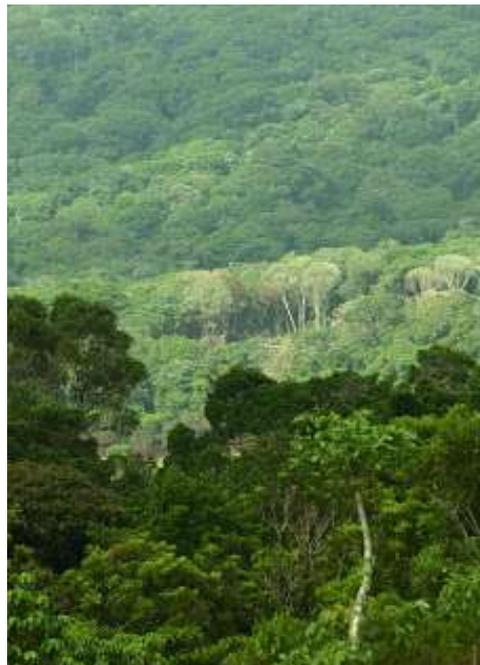


Fig.67: Floresta húmida da serra da Gorongosa

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.68: Visita à comunidade de Vinho

6.5. O PNG e as comunidades locais

A premissa fundacional deste projeto de recuperação do PNG assenta na articulação desejada com as comunidades locais, o que decorre de uma transformação de princípios na conservação da natureza que atualmente compreende a necessidade de incluir as populações nativas nas ações desenvolvidas, em prol do ecossistema de um território, que não deverá mais ser exclusivo.

Tendo em conta a excecionalidade do projeto do PNG e a necessidade de recuperação de um ecossistema destruído pelas circunstâncias da guerra e suas anormais consequências, poder-se-á dizer que a generalidade dos projetos de conservação da natureza só existem porque até à data, e desde a sua origem, coexistiu a harmonia entre a biodiversidade e os povos nativos, o que permitiu a sua sobrevivência. Os mesmos são, hoje, ouvidos na maioria das convenções sobre a conservação da natureza, onde frequentemente afirmam a sua posição como aqueles que “têm provas dadas como protecionistas, doutro modo não estariam a escolher a sua terra para a conservar.” (DOWIE, M. 2009: xvi)

“As comunidades que vivem no parque não colocam problemas? São comunidades pequenas e recentes, provavelmente deslocadas pela guerra civil e, na maior parte dos casos, vivem perto das fronteiras do parque, pelo que talvez consigamos convence-las a mudar de local. Se as condições na zona de tampão melhorarem em termos de escolas, electricidade, centros de saúde e se ali criarmos melhores condições de cultivo, essas comunidades provavelmente deslocar-se-ão para lá.” (CARR, Greg: 2009)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.69: Escola e Centro de Saúde de Vinho (construídas pelo PNG), Julho de 2013

“Creio que há uma ligação óbvia entre o desenvolvimento humano e o ecoturismo: se criarmos uma grande indústria de turismo no parque, vamos criar empregos, mas isso não é suficiente.” (CARR, Greg: 2009)

“A maior parte dos habitantes vive da agricultura, pelo que temos de nos envolver e ajudar a melhorar as colheitas. Não só porque isso melhorará as suas condições de vida, mas também porque a agricultura sustentável, o uso adequado da água e manutenção das florestas afectam tudo o resto.” (CARR, Greg: 2009)

“Que tipo de contributo pode o parque dar aos agricultores? Eles conseguem cultivar muitas coisas, mas não têm meios para além do cultivo. Por isso, a fruta apodrece nas árvores. Não existem estruturas para empacotar a fruta, processá-la, exportá-la para outros locais, ou seja, o que lhes falta são as outras fases do processo agrícola. Começámos assim por montar uma fábrica de secagem de fruta. Compramos fruta a produtores locais, secamo-la e exportamo-la. Com essa etapa, aumentamos o seu lucro e melhoramos a percepção que essas comunidades têm do parque. Além disso diminuámos a necessidade de caçar furtivamente ou de cortar mais árvores e cultivar mais terrenos. Em último caso reduzimos a pobreza e a má nutrição.” (CARR, Greg: 2009)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“Com o crescimento do número de animais, antecipa problemas com as comunidades locais? Os elefantes, por exemplo, são um problema no Botswana...

Se tivermos três mil elefantes em vez dos 300 actuais, será um problema. Se um elefante passar por uma quinta pode destruí-la numa noite, afectando o rendimento anual de um agricultor. Essa é uma das razões que me leva a defender a não-reintrodução de muitos elefantes. Vamos manter os que já temos e aumentar essa população. Por força da experiência, as manadas do parque já conhecem os territórios onde não podem ir. Se trouxéssemos novos animais, eles vagueariam por todo o lado.” (CARR, Greg: 2009)

6.6. Comunidades no interior do PNG

Como já foi referido, o projeto de reabilitação do PNG entendeu desde o início que seria necessário deslocar as aldeias que estivessem implantadas dentro dos limites do parque, uma vez que o aumento da população animal iria agora aumentar exponencialmente. O que teria como principal consequência uma maior probabilidade de conflito com os habitantes locais, em particular, com leões e elefantes, tendo, com estes últimos, já sido registados alguns problemas.

Sem que, até à data, tenha encontrado mais informação sobre esta matéria, aproveitei a minha estadia no parque para questionar o Dr. Marc Stalmans (atual diretor dos serviços científicos do parque) sobre a quantidade de aldeias localizadas dentro do parque, assim como, sobre o ponto de situação dessa campanha de “deslocalização das comunidades”. Referiu-me que, embora não fosse matéria da sua responsabilidade, tinha conhecimento de que as aldeias dentro do parque seriam três, Goinha, Goronga e Mueredze. Esta última, com cerca de setenta famílias, é a única que tem o processo de deslocalização em curso, contudo iniciado há cerca de sete anos, como evidência das dificuldades óbvias de uma ação deste tipo.

“...todos os organismos envolvidos na gestão do Parque e do projecto de desenvolvimento raciocinam de acordo com modelos territoriais estabelecidos pelo Governo, que vêem o território dividido em Comunidades e Localidades administrativas, demonstrando pouco interesse naquelas que são as questões tradicionais. Em particular, no que diz respeito à organização sócio-territorial dos povoados, o factor mais importante parece ser que nos documentos oficiais e nos relatórios elaborados pelas ONGs não existe uma lista fiável dos povoados presentes no interior do PNZ.” (BELLOTI: 2012:20-21)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Do mesmo modo, este mesmo défice de informação que refere Sara Belloti relativamente ao Parque Nacional de Zinave (PNZ), também é verificável na documentação existente sobre o Parque Nacional da Gorongosa (PNG). Pois a informação oficial sobre as comunidades que vivem dentro do PNG é não somente escassa, como as questões que a este propósito colocamos nunca alcançaram uma resposta plenamente satisfatória.³⁷

Assim, através das ferramentas possíveis, procurou-se localizar as comunidades no PNG, o que se veio a revelar um longo processo de mapeamento, dada a pouca definição das imagens do *Google earth* naquela parcela de território, assim como no diluído contraste da intervenção humana na paisagem, em grande parte motivado pela utilização de materiais locais, como a madeira, o colmo e a terra.

A fig.70 resultou deste processo, numa sobreposição de imagem aérea com a localização dos principais assentamentos das comunidades que se inserem dentro dos limites do PNG, entre outros locais e infraestruturas referenciadas neste trabalho.

No canto superior esquerdo (a noroeste) salienta-se a presença da serra da Gorongosa. A linha laranja (interior) representa o limite do PNG e a linha castanha (exterior) o limite da zona de proteção do PNG (buffer zone).

Tendo em conta os cerca de 200 000 residentes na área do limite de proteção do PNG³⁸, verifica-se que o número da população que habita o interior do parque é, por comparação, pouco significativo. Uma percentagem que não deverá passar os 5%, o que perfaz um máximo de 10 000 habitantes.

Os pontos laranjas, assinalados dentro dos limites do PNG, indicam os principais locais habitados pelas comunidades como são os exemplos de Mueredze, Goinha e Goronga. Esta última parece estender-se bastante a norte, ao longo do rio Nhandue.

³⁷ As questões remetidas ao Administrador do PNG (Mateus Mutemba) nunca obtiveram resposta (ver em anexo I do tema “Comunidades Habitantes no PNG”).

³⁸ De acordo com a delimitação oficial, aprovada em 2010 pelo governo de Moçambique.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

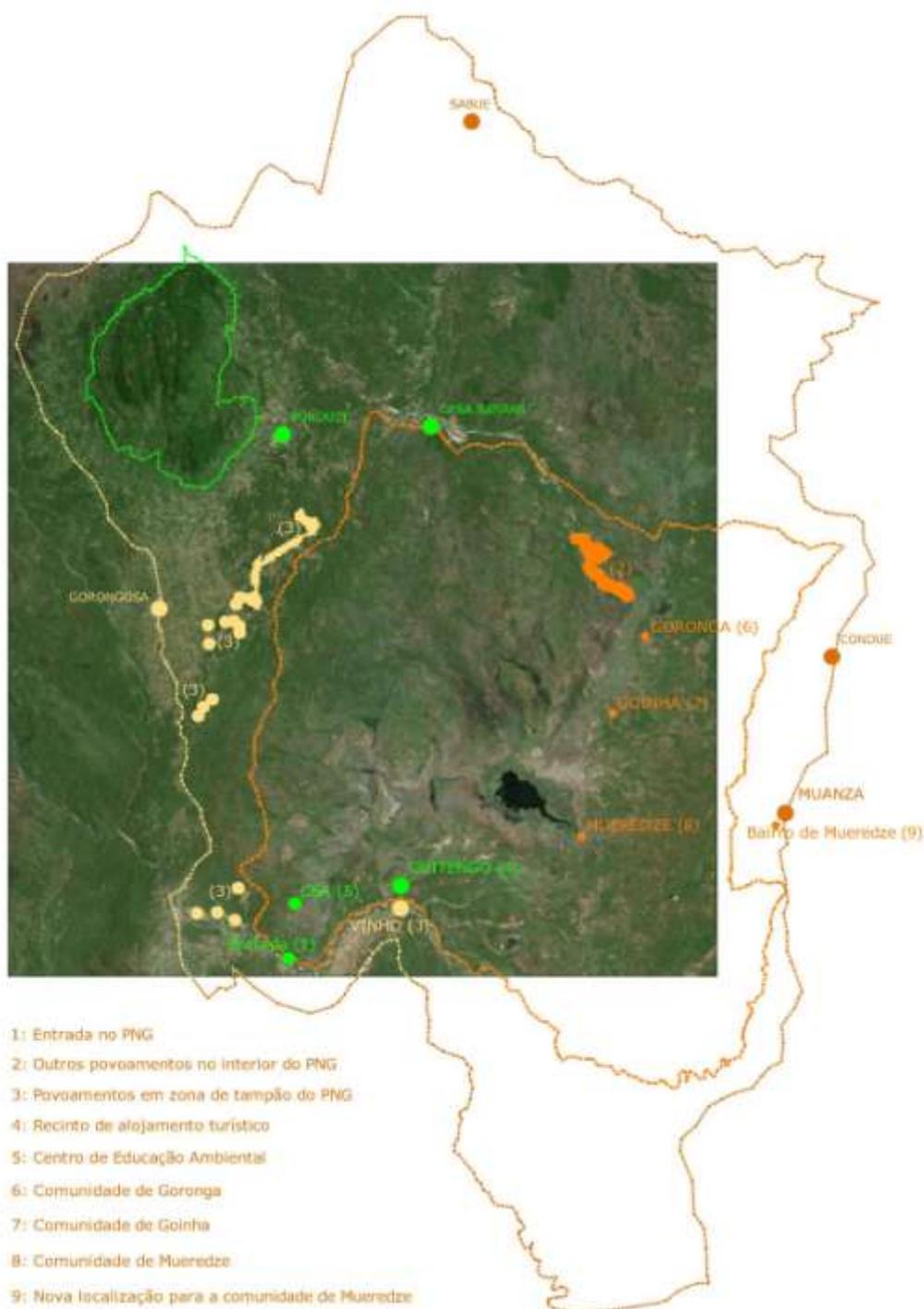


Fig.70: Mapeamento do PNG através do programa GoogleEarth (localização dos principais equipamentos e das comunidades situadas dentro e fora dos limites do parque).

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

A grande maioria da população que habita no interior do PNG encontra-se num eixo norte-sul, ao longo das terras intermédias (entre a Serra e o Tando), que se destaca na imagem pontuada a amarelo. Esta maior densidade ocidental era já assinalável, porventura de um modo ainda mais evidente, no mapa de Tinley (1971) sobre a distribuição dos *Kraals* na Gorongosa (fig. 33).

No mapeamento atual verificou-se que Mueredze, situada na proximidade do lago Urema, é a mais pequena entre as restantes comunidades. De acordo com Marc Stalmans (diretor científico do PNG) esta reúne cerca de setenta famílias, algumas das quais já em transição para o “bairro de Mueredze”, na periferia da vila de Muanza.

A comunidade de Goinha é sensivelmente maior (com cerca de 300 famílias), situando-se a norte de Mueredze.

Por último, Goronga parece ser uma comunidade maior, sobretudo se considerarmos toda a sua extensão para norte do parque. Uma dúvida que resulta dos dados indicados pelo PNG, que apontam para a existência de apenas estas três comunidades dentro do parque.

As comunidades que residem no extremo ocidental do PNG, alinham-se mais ou menos com o rigor dos limites estabelecidos em 1960, momento em que foi formalizada a categoria de Parque Nacional.

No entanto, é também esta a área do território em que se encontra a maior parte da população que vive dentro da zona de proteção do PNG (fig.68: zona limitada a castanho no extremo ocidental do parque).

Esta concentração, já verificada por Tinley em 1971, reforça a ideia de uma grande densidade humana estabelecida na zona mais ocidental do PNG. O que permite delimitar uma mancha que se desenvolve na paisagem no sentido sul-norte, até à encosta da serra da Gorongosa. Essa ocupação acentua-se nas evidências das suas explorações agrícolas, com consequências notórias para a desflorestação e desenho do emparcelamento dos terrenos.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.71



Fig.72

As fig.71 e 72 evidenciam algumas diferenças entre a comunidade de Vinho (fora dos limites do parque) e a comunidade de Mueredze (no centro do parque).

A comunidade de Vinho, separada do PNG pelo rio Pungué, vive sobretudo da agricultura, embora se verifiquem outras pontuais atividades como a extração de barro para a produção de tijolos artesanais ou a piscicultura.

Esta comunidade tem a vantagem acrescida de estar muito perto do acampamento de Chitengo (onde se concentra a maior parte do turismo do PNG), o que a torna no principal polo de recrutamento para funcionários do parque. Esta proximidade resultou ainda noutros apoios importantes como a construção de uma escola primária e de um centro de saúde, assim como na

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

instalação de furos que visam assegurar a qualidade da água consumida, diminuindo assim o principal foco das doenças.

Por outro lado, a comunidade de Mueredze que habita junto ao lago Urema (no coração do parque) vive sobretudo da atividade piscatória, o que resulta numa atividade agrícola quase inexistente.

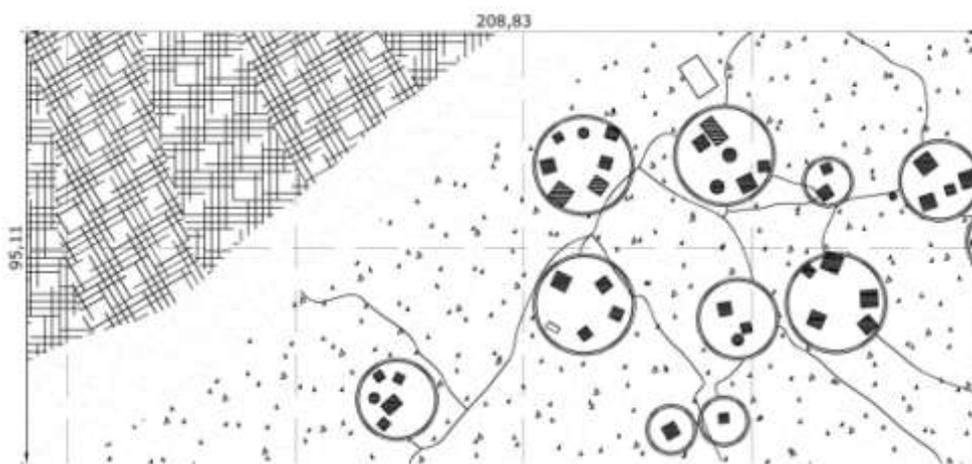


Fig.73 Mapa parcial de Vinho

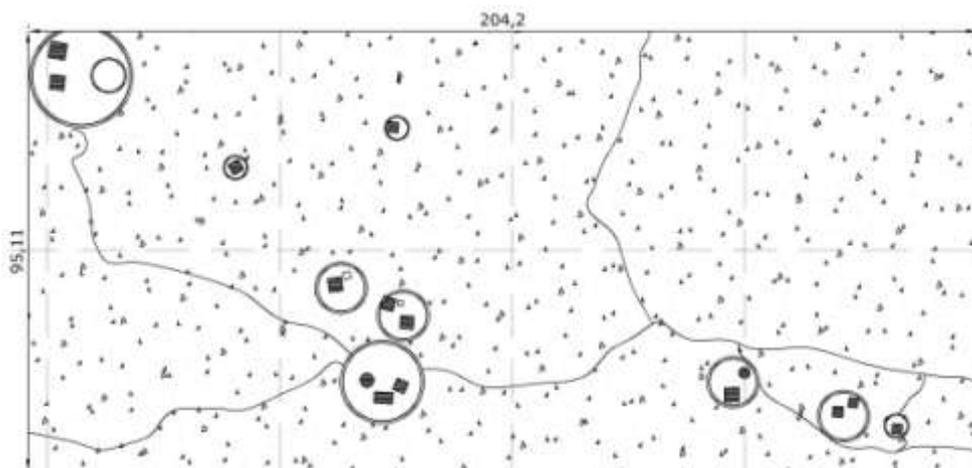


Fig.74 Mapa parcial de Mueredze

Uma análise tipológica destas comunidades revela diferenças na concentração dos assentamentos familiares e na dimensão das famílias em cada recinto familiar (delimitado pelas circunferências assinaladas).

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Deste modo, verificamos que embora a implantação das aldeias tenha por princípio genérico e espontâneo uma organização dispersa, a comunidade de Vinho estabelece-se no território de uma forma mais concentrada, com famílias mais numerosas e habitações de maior dimensão, comparando por exemplo com a aldeia de Mueredze. O que pode ler-se numa perspetiva de vantagem qualitativa e diferencial de prosperidade entre estas duas comunidades.

Nesta parcela mapeada da comunidade de Vinho podemos ainda destacar a existência de três habitações com telhados de chapa, assim como um retângulo (na parte superior direita) que representa um buraco, provavelmente resultante da extração de barro, agora convertido em viveiro. Sinais que acrescentam complexidade à vida de Vinho e contrastam com a menor intervenção humana na paisagem de Mueredze.

Nesta comunidade piscatória verificamos que as famílias são mais pequenas, pois cada recinto familiar possui apenas duas ou três dependências (cerca de metade de Vinho), assim como também se encontram mais dispersas.

A tipologia das casas tradicionais é semelhante à das outras comunidades, tendo na sua maioria planta quadrangular, havendo ainda algumas de planta circular como os originais “jungolukus”³⁹. Contudo, não existem casas de planta retangular e cobertura metálica como as que pontuam Vinho e grande parte do território moçambicano.

Na fig.74 encontramos, no canto superior esquerdo, aquilo que parece ser um pequeno curral para a criação de gado suíno ou caprino, pois sabemos que a existência da mosca tsé-tsé nesta parte de Moçambique não permite a criação do gado bovino. Contudo esta estrutura é uma exceção na paisagem destas comunidades, possivelmente por se inserir dentro do parque, o que implicará a necessidade de proteger os animais da fauna bravia existente no PNG.

A paisagem que envolve a comunidade de Mueredze, instalada nos limites do lago Urema, caracteriza-se por uma vegetação escassa, muito comum na

³⁹ Nome local para as palhotas tradicionais da Gorongosa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

savana africana, assim como pela ausência de campos de cultivo, uma exceção no panorama face a todas as outras comunidades.

A comunidade de Goinha e de Goronga apresentam um modelo mais comum de transformação do território expandida por campos agrícolas, localmente conhecidos pelas “machambas”. A expansão destas e o seu abandono construíram passo a passo uma marca texturada, onde se revela a dimensão das culturas e das famílias que habitam aquele território.



Fig.75



Fig.76

A fig. 75 e fig.76 são imagens que nos permitem compreender o estereótipo das aldeias na Gorongosa, assim como a ajudar a clarificar o seu modelo de implementação no território, que tende a estabelecer-se ao longo duma linha

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

de água ou rio, assim como a organizar-se num modelo em que os terrenos das *machambas* funcionem como margem de segurança ao “caos” (à floresta e aos seus animais).

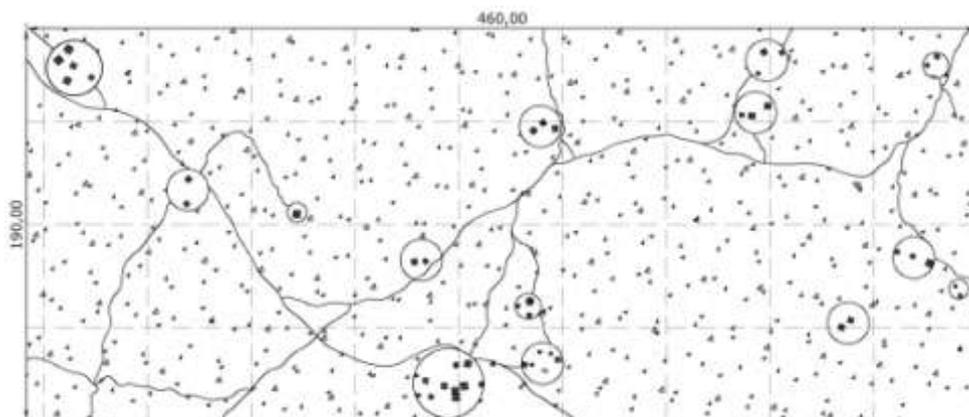


Fig.77 Mapa parcial de Goinha

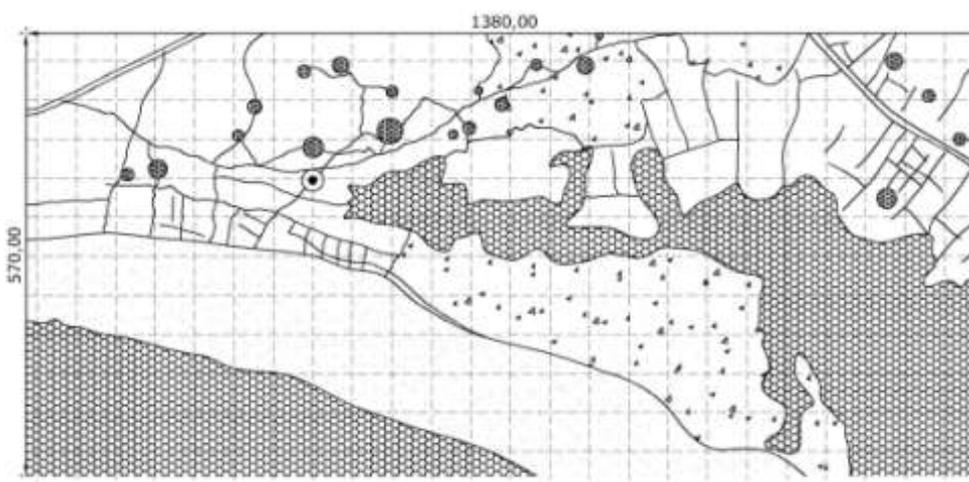


Fig.78 Mapa parcial de Goronga

Apesar das diferentes escalas, todos os mapas assentam numa matriz quadrangular de 50m x 50m, de modo a podermos comparar a suas densidades e eventuais dimensões. No entanto, o motivo principal da sua elaboração está em poder verificar a sua estrutura (que se repete numa dispersão linear), na dependência da água (seja rio ou lago) e fonte de alimentação, que neste caso diverge entre a predominância da agricultura e a pesca.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

ANEXO I

De: pedrolcordeiro@hotmail.com
Enviada: sexta-feira, 4 de Abril de 2014 19:00:43
Para: vasco@gorongosa.net

Caro Vasco Galante,

Sou o Pedro Lemos Cordeiro, foi um prazer encontrá-lo novamente (no Open day Univ. Coimbra) e verificar o entusiasmo com que a vossa equipa fala do projecto de restauração da Gorongosa. Um sentimento que se alastra a quem vos ouve e se entranha em quem já teve o prazer de visitar o PNG. Queria por isso, antes de mais, reforçar vivamente o reconhecimento das virtudes do vosso projecto.

No meu caso particular, e após estes três anos de investigação sobre a recuperação do PNG, tive a satisfação de compreender a abrangência e o mérito do vosso trabalho.

A minha tese de doutoramento (na área de arquitectura e paisagem) baseia-se na análise da reabilitação do território. Escolhi o PNG pela sua grande complexidade, por ser um local menos evidente e por pensar que me asseguraria o entusiasmo, como se tem vindo a verificar.

O objectivo central da tese é a construção de uma metodologia pluridisciplinar aplicada às especificidades deste território. O que me levou a fazer uma pesquisa muito alargada, entre os elementos geofísicos, históricos e antropológicos.

Com isso, e através das iniciativas do PNG construí uma análise crítica do território, onde se inserem as diversas iniciativas implementadas e os seus principais actores.

No contexto do meu programa de doutoramento, tenho de prestar particular atenção ao planeamento das diversas infraestruturas do PNG, da reabilitação às novas construções, assim como às construções indirectas como aquelas que favorecem as comunidades que habitam no parque e a sua periferia.

Neste sentido e como lhe tinha proposto em Coimbra gostava de saber a sua opinião sobre algumas questões associadas à implementação do projecto:

Na generalidade das matérias apreciadas no meu trabalho encontrei informação satisfatória. Contudo a informação sobre o processo transladação de algumas comunidades é escassa, como é o exemplo do processo que decorre com a comunidade de Mueredze. Pergunto se o PNG prevê também deslocar as comunidades de Goinha e Goronga?

Depois de apreciar os mapas de K. Tinley sobre os assentamentos de palhotas existentes em 1977, onde podemos verificar uma grande população a residir dentro dos limites do PNG, procurei mapear a situação actual tendo em conta as referencias pré-existentes e as evidencias do google earth. Para minha surpresa cheguei à conclusão de que não há grande diferença entre 1977 e 2014. O que permite adivinhar que pelo menos 5 000 nativos deverão ainda viver dentro do PNG?

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa: Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Ainda no caso de Mueredze, a informação que obtive diz-me que é uma população que vive essencialmente da pesca no lago Urema. Será para estes possível manter esta actividade se forem habitar para os arredores da vila de Muanza?

Parte importante do meu trabalho concentra-se na compreensão da população nativa, dos seus modos de habitar, nas tipologias das habitações e sistemas construtivos mais utilizados (tradicionais). A necessidade de criar novas infraestruturas para a população deverá implicar um conhecimento da sua cultura e se possível o seu envolvimento.

Neste sentido, e pegando nas palavras de Mia Couto, a cultura nativa moçambicana deve ser compreendida para além da razão. Devemos incluir o exoterismo e as crenças ancestrais como parte de uma forma de estar na vida. Um tema que releva a preponderância de certas formas geométricas, quer no desenho das aldeias quer na organização dos recintos familiares como na construção das palhotas. Esta complexidade do habitar faz parte da Gorongosa, não só na paisagem como do seu ecossistema, no sentido mais lato.

Noutros pontos do planeta como parque de Virunga (R. do Congo), em Rudrapur (bangladesh) ou a ilha das flores (Indonésia) poder-se-ão encontrar respostas para um bom entendimento entre formas de conservação da natureza, cultura e tradição dos nativos residentes.

Talvez o PNG também possa vir a encontrar a pertinência na necessidade de conjugar um mutualismo duradouro entre a conservação do ecossistema e a cultura nativa, como um modelo de uma construção colectiva. Considerando assim, a cultura local e o seu modo de habitar, sempre que precise de uma recepção, de residências turísticas, escolas, centro de saúde, novas casas e aldeias, etc... No sentido em que se pode reforçar o carácter de um lugar, de uma paisagem que é inevitavelmente cultural e com isso potenciar dividendos turísticos complementares.

Com isto, fica a sugestão de que as tipologias edificadas de inspiração sul-africana e outras, divergentes, não acrescentam sentido de identidade local e carácter paisagista ao parque. Pois, por mais que força que a paisagem tenha, como é o caso imensurável da Gorongosa, será sempre importante a capacidade de compreender os alicerces e as tradições culturais. Interpretá-las para construir novas edificações, estabelecendo ligações formais, utilizando princípios construtivos e se possível envolvendo a população - motivando-a.

Já vai demasiado longa esta exposição em modo de suposta "entrevista". Mas não encontrei outra forma de o fazer, pois ainda não lhe tinha comunicado o contexto do meu trabalho.

Compreenda que esta eventual lacuna de que falo é para mim a excepção que confirma a regra. Uma regra de excelência que caracteriza o vosso projecto para o PNG, e com o qual me sinto incondicionalmente ligado.

*Agradecia muito o seu comentário,
Obrigado!*

*Os melhores cumprimentos,
Pedro Lemos Cordeiro*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

De: Vasco Galante (vasco@gorongosa.net)
Enviada: sábado, 5 de Abril de 2014 08:22:59
Para: pedrolcordeiro@hotmail.com
Cc: mmutemba@gorongosa.net

Estimado Pedro,

Muito obrigado pelo seu email e pelas palavras de apoio ao Projecto de Restauração da Gorongosa.

Coloco em cópia o Administrador do Parque Nacional da Gorongosa, Mateus Mutemba, que poderá comentar, melhor do que eu, as questões que coloca em relação às comunidades de Mueredze, Goinha e Goronga, bem como do número de nativos a viver dentro do Parque.

*Melhores cumprimentos,
Vasco Galante*

6.7. O exemplo da comunidade de Mueredze

“O Governador da província de Sofala, Carvalho Muária, lançou no dia 1 de Julho a 1a. pedra que marcou o início das obras de construção de 72 casas no novo “bairro Mueredze”, que dista 1,5 quilómetros da vila sede de Muanza.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)

“De acordo com Mateus Mutemba, o Administrador do PNG, que falava na ocasião: "ao fim de negociações que duraram anos entre o Parque e a comunidade e que culminaram em Setembro do ano passado com a assinatura de um acordo entre as partes, ficamos comprometidos no sentido de trabalhar com esta comunidade para que esta possa levar uma vida melhor fora do Parque, longe da ameaça de animais.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)

“Na sua alocução, o dirigente máximo da província de Sofala afirmou: "saudamos a comunidade de Mueredze por terem aceite a sua retirada daquela zona, uma zona em que sempre viveram e que algumas vezes nem compreendem o porquê sair. De facto era necessário ter aceite a vossa retirada. Nós como Governo e através do Parque estamos a criar estas condições aqui de longe melhores que aquelas às condições em que vocês hoje habitam. Aqui terão casas definitivas. As crianças estarão aqui a viver de forma confortável, muito próximo da vila enquanto a vila se expande para cá.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)

“O programa do evento, que foi muito concorrido, começou com a realização do Ntsembe, a cerimónia tradicional dirigida pelo Régulo Nhantandza. Seguiram-se o esclarecimento sobre o parcelamento dos talhões e planos de construção, uma breve visita aos talhões, o plantio da primeira árvore de fruta pelo Governador da província, a entrega simbólica de um título de uso e aproveitamento da Terra ao Régulo de Mueredze para além

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

do acto de lançamento da 1.a pedra ambos efectuados pelo Governador da província.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)

“Este acto significou também, no dizer do administrador do Parque Nacional da Gorongosa que as famílias de Muanza passaram a dispor de uma nova situação no que concerne à maior segurança de posse da terra ao receberem os títulos que lhes conferem o direito de ocupação das parcelas de 1.200 metros quadrados para habitação o que não sucedia no parque por se tratar de uma área protegida onde aqueles direitos não podem ser concedidos.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)

Em Julho de 2013, o PNG previa que durante o ano de 2014 fossem transferidas as primeiras 16 famílias, contudo a 15 de Julho de 2015 ainda não havia ninguém a habitar o “novo Bairro de Mueredze”, na proximidade da vila de Muanza.



Fig.79 e 80: Formalização do acordo com a comunidade de Mueredze

A propósito da obra do CEC Carlitos José Sunza, do departamento de comunicação do PNG, afirma: *“Dado importante, digno de realce, é que para a construção da infra-estrutura nem uma única árvore adulta foi derrubada senão alguns arbustos, assegurando deste modo a protecção de contornos naturais, bem como minimizando o impacto visual.” (BLOG DA GORONGOZA: 2012)*

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.81: Novo Bairro de Mueredze, junto à Vila de Muanza



Fig.82: Tipologia habitacional do novo Bairro de Mueredze, junto à Vila de Muanza

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

ANEXO II

De: pedrolcordeiro@hotmail.com
Enviada: sábado, 1 de Março de 2014 11:49:11
Para: Marc Stalmans

Caro Marc Stalmans,

como lhe tinha sugerido, precisava que, se possível, me disponibilizá-se elementos gráficos sobre os planos das casas construídas na nova aldeia de Mueredze. O mais importante para mim seria o esclarecimento das suas dimensões e a organização interior. Assim como compreender se todas as tipologias (nº de divisões interiores) são iguais ou se têm algum tipo de variação.

Se possível gostaria ainda de saber se foram disponibilizados terrenos para as machambas familiares, assim como a sua localização e dimensão.

Em caso afirmativo gostaria de saber se foi indicado pelos serviços do PNG algum tipo de produção agrícola mais adequado aos solos disponibilizados?

Em julho de 2013 disse-me que cerca de metade das famílias já tinham mudado para a nova aldeia, este processo já terminou ou continua a ser feito?

Através das imagens satélite verifiquei que tanto Goronga como Goinha são muito grandes, o processo de deslocalização destas comunidades será bastante mais complicado, tem algum tipo de prazo para a sua execução? Assim como planos para as novas aldeias.

Desculpe-me a quantidade de questões,
responda-me apenas ao que for possível.
Obrigado!

Os melhores cumprimentos,

Pedro
.....

De: Marc Stalmans (stalmans@gorongosa.net)
Enviada: segunda-feira, 3 de Março de 2014 06:23:48
Para: pedrolcordeiro@hotmail.com

Dear Pedro

Our Park Administrator, Snr Mateus Mutemba, has instructed his secretary to scan the house plans. I will send that to you as soon as I receive them.

Kind regards
Marc

CAPITULO V:

7. MODELOS DE INTERPRETAÇÃO DO PNG

7.1. “Ecological Urbanism”

Neste trabalho, o modelo que serve de base para a interpretação do projeto de reabilitação do PNG baseia-se numa estrutura interpretativa, flexível, à semelhança da usada nos projetos selecionados no evento *Ecological Urbanism* (Harvard, 2009). O seu contexto pedagógico circunscreve-se na leitura de um mundo com efetivos problemas ecológicos, no modo insustentável como são explorados os recursos naturais e na ideia sistémica desses problemas como um incontornável problema global. Deste modo, sugere-se a todos os intervenientes nesse processo, e em particular aos planeadores do território, em todas as suas escalas, que não descuidem essa realidade e projetem o futuro sobre premissas e princípios ecológicos mais adequados às suas responsabilidades profissionais.

Qualquer proposta de intervenção no território deve assim preceder a uma análise abrangente, *transdisciplinar*, capaz de uma interpretação completa e adequada a todas as particularidades locais, evitando uma prévia simplificação do problema, fórmulas ou mesmo listagens de procedimentos básicos. Pretendendo com isso uma construção original e específica adaptada à diversidade do lugar em causa.

Um outro aspeto estrutural neste processo é o modo como se releva a extrapolação das fronteiras do território em causa, entendendo-o do ponto de vista das suas articulações com outros lugares, mais ou menos distantes, dependendo das sinergias existentes, como poderá ser o caso de um destino turístico, ou de uma centralidade académica como máquina produtora de conhecimento, ou ainda um tecido empresarial específico, a sua articulação com a investigação tecnológica e parceiros de desenvolvimento, matéria-prima mais abundante, em suma, pretende-se sublinhar uma leitura global entre as diversas relações e dependências de outros locais com vista à

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

construção de uma síntese consciente da dimensão e complexidade presentes nesse específico sistema.

Um sistema de relações e elementos projetam sempre uma qualquer identidade, diferenciadora no panorama territorial analisado. Compreender essa eventual diferença pode levar-nos a potenciar o seu melhor e com isso torná-la numa paisagem (natural/cultural) mais produtiva.

Pretende-se que através de uma estrutura metodológica de análise, encontrada de caso a caso, possa permitir à intervenção humana no território desviar-se de um caminho aleatório. Não significa porém, bem pelo contrário, que não se considere relevante o fator pessoal, individual. A sensibilidade deve estar ao serviço da interpretação e da capacidade de esclarecer problemas, pois só a sua complexidade poderá suscitar essa descoberta. Confia-se na sensibilidade de cada um, mais do que na razão de cada um, por isso, a necessidade de reforçar uma metodologia de análise que não deixe à deriva as orientações para o futuro. Confia-se, pois, na intuição para indicar problemas e caminhos assim como nos instrumentos *cartesianos*⁴⁰ para uma análise sistemática.

Encaremos então a intuição ou o estímulo de cada um para encontrar problemas, mais do que para simplificar soluções. Assim, o exercício de análise torna-se o único capaz de fundamentar o sentido mais adequado às respostas.

Em suma, o método proposto consiste no uso de uma análise estruturada assente numa metodologia adaptável a cada objeto de estudo. Não é o resultado do exercício que é fundamental questionar mas as premissas ou os critérios e hierarquias de análise escolhidas, definidos através de temas diferenciados à semelhança dos usados no projeto “ecological urbanism” como são exemplo os temas das *Paisagens Produtivas*, da *Curadoria de*

⁴⁰Descartes, René – Quatro regras básicas do método cartesiano: verificar se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenómeno ou coisa estudada; analisar, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades mais simples e estudar essas coisas mais simples; sintetizar, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro; enumerar todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Recursos, da Mobilidade, da Infra-estrutura e Energia, da Medição, da Ecologia, da Engenharia e Tecnologia/ Percursos, etc. (MOSTAFAVI & DOHERTY: 2009)

Deste modo, o reconhecimento da complexidade da paisagem, dos seus problemas e recursos, remete-nos para uma “*curadoria de recursos*”, assim como seu eventual aproveitamento energético transformará a paisagem em “*paisagem produtiva*” e a sua eficácia tão “mensurável” como a “*mobilidade – infraestrutura e energia*”.

A necessidade de incluir a população local no futuro do PNG remete-nos ainda para um desejável “*planeamento participado*” naquele território. Por fim, a identificação dos recursos energéticos, sistemas construtivos e materiais naturais projeta a “*ecologia, engenharia e tecnologia*” como substância fundamental para a discussão sobre o futuro das intervenções no PNG.

7.2. Enquadramento Eco

Os critérios eco instalaram-se no exercício profissional da arquitetura e urbanismo, com intensidades diversificadas dependendo dos lugares e das suas urgências. Tornaram-se até, em alguns casos, uma condição de programa. Parece porém, haver a necessidade de encontrar um sentido mais mobilizador, *uno*, capaz de atribuir densidade filosófica ao momento, clarificando o seu lugar no ciclo de uma história da arquitetura, das cidades e do planeta. Mais distante da imediata resposta técnica a um problema, que seguramente veio para ficar.

Compreender os desígnios da natureza não visa somente e a longo prazo cuidar da sobrevivência de uma civilização, mas apreender desta métodos e técnicas que nos permitam viver sem comprometer o equilíbrio do *eco* sistema em que vivemos. Para isso exige-se uma complexidade e um saber *transdisciplinar* que permita que todas as frentes sejam tomadas como fundamentais, para dar lugar a uma consciência mais alargada e sobretudo mais responsável.

7.3. “Transdisciplinaridade”

“The discipline of architecture has gone through something of a metamorphosis in recent years. There is evidence of a clear shift both in the nature of debates within architecture and in its relationship with other academic disciplines. Not only are architects and architectural theorists becoming more and more receptive to the whole domain of culture theory, but cultural theorists, philosophers, sociologists and many others are now to be found increasingly engaged with questions of architecture and build environment.” (LEACH, Neil: 1997: vii)

A “transdisciplinaridade” não é de todo uma novidade para a disciplina de arquitetura. Pelo contrário, a abrangência temática da formação do arquiteto é, em si, uma particularidade de referência relativamente às outras áreas disciplinares, convencionalmente mais específicas.

Por norma, o contexto da prática profissional da arquitetura habituou-se a fazer uma leitura interpretativa (síntese) dos dados disponíveis, e que de algum modo pudessem influenciar as opções de carácter formal, construtivo e de vocação programática em prol do objeto de intervenção.

O que se propõe com o prefixo *trans* (disciplinar) é promover o sentido para uma posição proactiva do arquiteto face à necessidade de compreender melhor o contexto das suas intervenções, tendo em conta uma nova consciência pressuposta na condição de uma influência sistémica da parte no todo territorial.

Para tal, é preciso garantir a ponderação de todas as dinâmicas capazes de influenciar uma qualquer intervenção, o que obriga a uma atitude mais sistemática, quer na leitura dos dados, quer no estabelecimento das prioridades a hierarquizar.

Neste sentido a transdisciplinaridade, pela sua complexidade, implica a construção de uma metodologia aplicada às especificidades do objeto de

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

intervenção, seja este uma construção ou um plano, encontrando pela diversidade de atores a síntese mais adequada ao território visado.

7.4. Responsabilidade social do arquiteto

Entrevista ao coletivo *Urban-Think Tank (U-TT)*, distinguidos na 13ª Bienal de Arquitetura de Veneza:

“Veniamo da secoli in cui gli architetti e gli urbanisti vivevano in un clima in cui venivano messi sul piedistallo mentre il disegno, socialmente orientato, veniva considerato un retropensiero. Nel tempo questa tendenza ha perso di rilievo. Oggi il mondo chiede qualcosa di più complesso dagli architetti e dai designer e ci auguriamo che il nostro lavoro, sia nella pratica che nella ricerca, possa essere parte di questo cambio di paradigma.” (URBAN-THINK TANK: 2012)

Os U-TT sublinham assim o seu desempenho como consequência de uma adaptação a um novo paradigma mundial, social, e por conseguinte a uma nova realidade profissional para a arquitetura.

Também a propósito das propostas apresentadas na 13ª Bienal de Veneza, Pedro Campos Costa e Stefan Tornieri referem o trabalho de Toyo Ito “arquitetura como plataforma”, no âmbito de uma resposta à tragédia do tsunami de 2011, como um trabalho que é *“uma verdadeira plataforma construtiva. Os resíduos foram os materiais para uma composição em que o domínio da forma e da linguagem perderam o sentido. O testemunho de Ito ensinou-nos que a ambição e o objetivo da pesquisa arquitetónica deve redirecionar os seus esforços no sentido de voltar a dar significado ao fazer arquitetura. Questionando, ao mesmo tempo, os fantasmas da última década sobre a redefinição da profissão de arquiteto. Acreditando no projeto como participação e como oportunidade de diálogo com as pessoas. Afastando-se das torres de marfim do conceito de arquiteto como figura autónoma.”* (TORNIERI & COSTA: 2013).

A revisão de um papel profissional da arquitetura tem aqui um claro sentido social, o que não põe em causa os princípios básicos da disciplina, enquanto

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

ciência da construção e intervenção física no mundo, mas lhe reforça o seu desígnio primordial enquanto arte social.

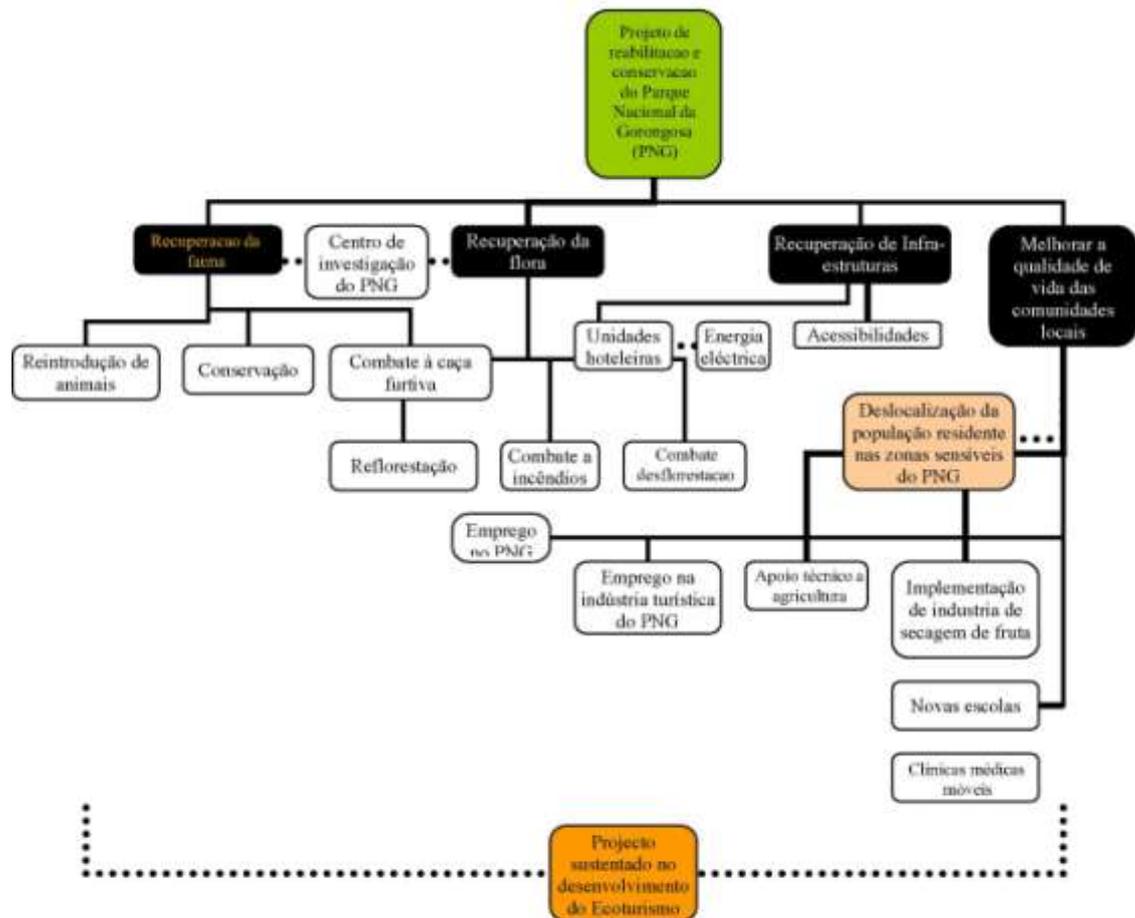


Fig.83: Organograma de ações e interdependências do projeto PNG

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

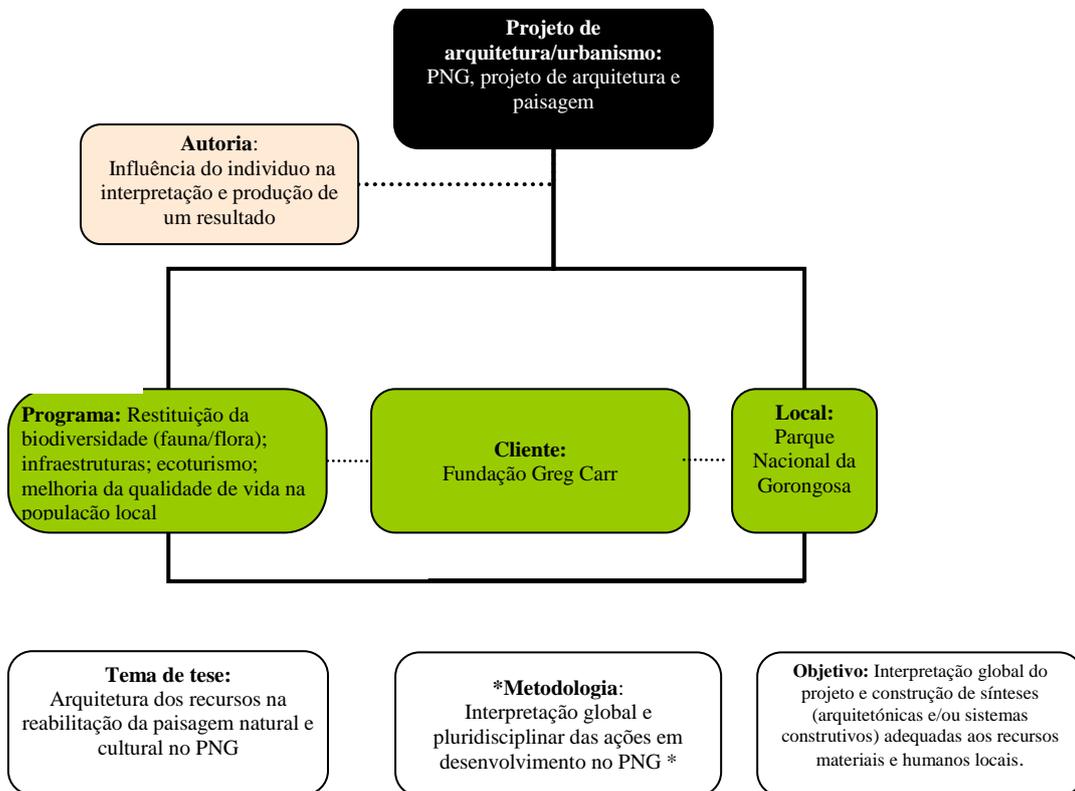


Fig.84: Organograma comparativo

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

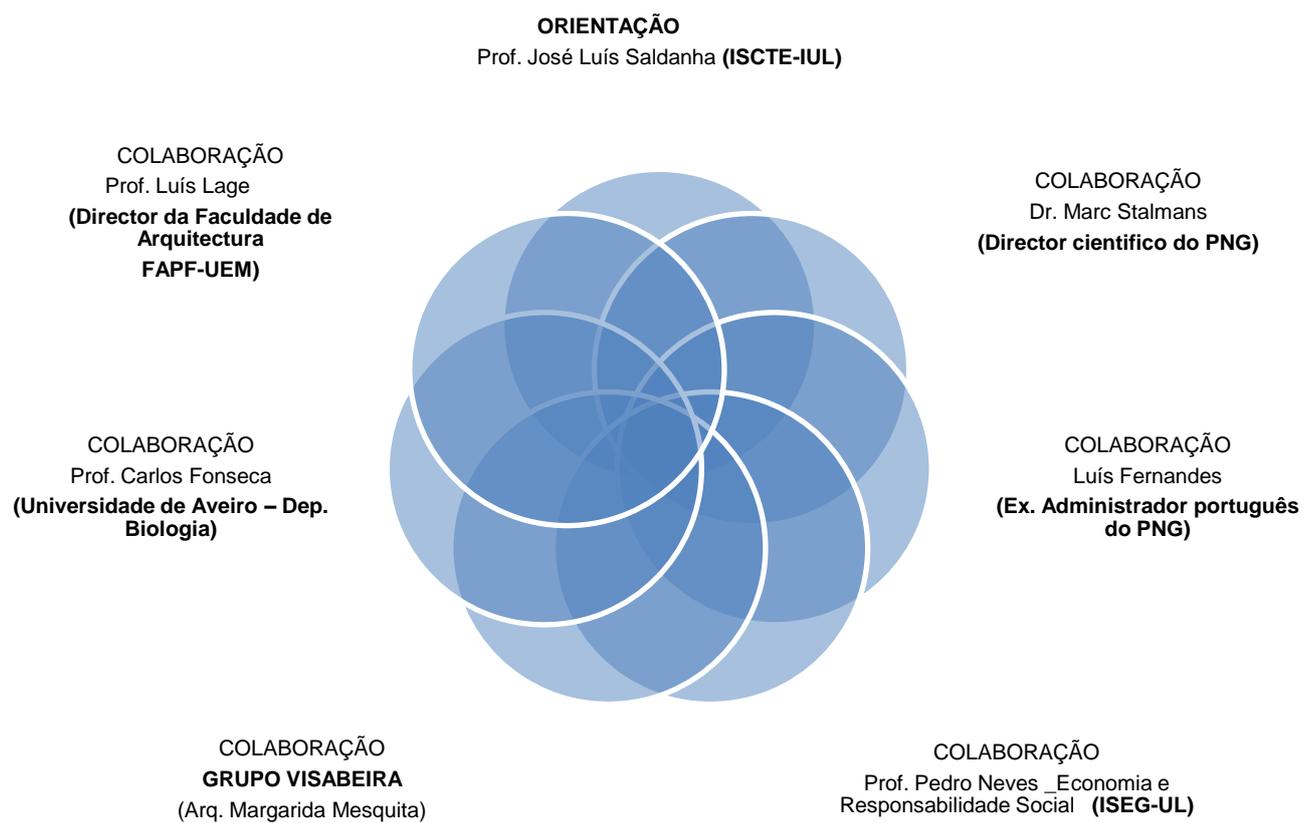


Fig.85: Esfera de colaboração transdisciplinar

7.5. O PNG á luz da atual idade na conservação da natureza

“Os filósofos do século XIX são responsáveis pela criação de uma imagem da natureza selvagem, imaculada, como sendo algo não só desejável como essencial à vida do ser humano e como tal uma obrigação para com todos. Este conceito resulta, provavelmente, como uma consequência da era da industrialização, uma representação que aparenta estabelecer uma oposição entre natureza e cultura, o mundo natural e o homem”⁴¹. (NÓVOA: 2112: 29)

Atualmente, nos ramos da geografia, da paisagem ou ecologia existe uma percepção coletiva que faz convergir conceitos como cultura e natureza, pois a consciência de uma dinâmica integrada entre o homem e o meio, independentemente da expressão que este tem sobre o território, esclarece melhor um processo que é feito de dependências na sua eventual construção ou destruição.

O caso do projeto do PNG tem como ponto de partida para a recuperação e conservação da natureza a necessidade de incluir o maior envolvimento possível das comunidades locais que habitam dentro (ou nas proximidades) do parque. Um envolvimento que deve passar não só pela sensibilização das comunidades para o valor de uma biodiversidade que se quer recuperar e conservar, como para as suas próprias vantagens nessa participação. Essa inclusão deve ser maximizada para que o projeto possa responder o mais eficazmente possível às suas particulares necessidades, tendo em conta identidades, suscetibilidades, crenças e preferências.

“This term (community conservation) is used to describe a wide of different kinds of projects and programmes but we define it here as ‘those principals and practices that argue that conservation goals should be pursued by strategies that emphasize the role of local residents in decision-making about

⁴¹ Tradução pessoal do inglês.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

natural resources`. This includes community-based conservation, community wildlife management, collaborative management, community-based natural resource management, and integrated conservation and development programmes.” (ADAMS & HULME 2001: 13)

A inclusão e participação ativa das comunidades nativas nos processos de conservação da natureza têm sido defendidas por diversos cientistas, justificando a sobrevivência da biodiversidade que se pretende proteger no facto de ter existido, durante um longo período de tempo, uma convivência harmónica entre essas comunidades e o restante ecossistema.

No entanto, outras vozes criticam esta ideia, sugerindo que as comunidades são dinâmicas e heterogéneas, o que não garante uma convergência de vontades e atitudes perante a conservação de um certo património natural e cultural. Esta suposição refere-se sobretudo à hipótese de construção da imagem perfeita das populações locais incluídas nos processos de conservação, o que poderá ser um modo de encobrir a sua situação submissa face às ambições ou até proveitos de quem gere o projeto. Uma ideia também explorada pelo romancista americano Jonathan Franzen no livro “Freedom”.

Sobre este olhar crítico, Olivier de Sardan rotula a ideia generalizada de uma inclusão das comunidades nativas para a conservação como uma forma de “populismo ideológico” (SARDAN, O.: 2005: 8). Neste sentido emerge a necessidade de, em paralelo com a conservação da natureza, contemplar os benefícios económicos para as comunidades, sendo estes os seus ganhos visíveis, e nos quais reconhecerão mais facilmente a utilidade de um esforço em prol de um projeto de conservação.

No contexto do projeto do PNG existem diversificadas formas de apoio às comunidades, as mais evidentes das quais serão, para além da empregabilidade, que ultrapassa já os 500 funcionários, a implementação de um sistema de apoio à saúde, quer através da construção de centros de saúde, como de um serviço móvel de saúde que vai ao encontro das comunidades, assim como, na implementação de escolas primárias para as comunidades que

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

vivem nas proximidades do parque. É claro que o problema se coloca na sua dimensão e abrangência, face a uma população superior a 200 000 habitantes a residir nas imediações do parque.

Dentro das suas atividades, o PNG exerce ainda outros papéis sociais, quer na formação de pessoal, funcionários ou colaboradores, quer no apoio técnico aos agricultores, procurando adequar a diversidade dos solos às culturas agrícolas desenvolvidas.

Um outro papel relevante, e que levou o PNG a construir um equipamento específico, é o Centro de Educação Comunitário (CEC), lugar onde se manifesta um atenção particular num conceito arquitetónico que se promove como “arquitetura verde”, incluindo todos os dispositivos para uma autossuficiência energética, assim como, um desenho que se esforça por uma maior integração na paisagem.

“O CEC tem como objectivo contribuir para a criação de uma nova ética social e ambiental, aliando a preocupação com os problemas globais ligados ao processo de degradação do meio ambiente, aos problemas actuais, resultantes da acção predatória do homem.” (CAICC: 2013)

De regresso ao contexto dos benefícios sentidos pela população circundante ao parque admite-se que o PNG poderá, e estará, a desenvolver ações muito benéficas. No entanto, terá sempre um problema de escala, pois pelo menos durante os próximos anos a sua influência não poderá cobrir grande parte dessas comunidades, o que criará sempre alguma resistência às necessidades principais do projeto, quer na reposição e conservação da biodiversidade como no envolvimento positivo de todos os habitantes locais. O que pode comprometer a sua eficácia no que respeita ao controle da caça furtiva, nos fogos, na desflorestação ou na poluição dos rios, ou seja, nas diversas atividades que persistem em prejudicar a implementação do projeto.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O modelo de um Ecoturismo como meio principal de sustentabilidade económica do PNG é uma convicção de base neste projeto. As dificuldades inerentes a esta atividade prendem-se com o seu dimensionamento e equilíbrio, entre “uma terra selvagem e um lugar de lazer”. Essa gestão é por agora quase desnecessária pois, tal como pude verificar durante a minha estadia, o PNG tem uma taxa de ocupação turística diminuta, sendo que a maioria dos seus ocupantes são investigadores e funcionários – é certo que este particular cenário deve ter em conta o momento de conflito político vivido no momento (Julho de 2013), com consequências evidentes para a desconfiança dos visitantes assim como nas acrescidas dificuldades logísticas, que também pude verificar.

Como não encontrei uma versão institucional relativa às taxas de ocupação turística, em previsões ou necessidades do projeto para o seu equilíbrio financeiro, sirvo-me das declarações do presidente da fundação Carr, Greg Carr, numa entrevista à National Geographic na qual avança com um número de referência, ideal, de 100 000 visitantes por ano.

Essa projeção levanta algumas questões do foro logístico, pois neste momento a capacidade hoteleira do PNG não deverá suportar mais de 100 hóspedes por dia, o que resultaria em cerca de 35 000 por ano, número que se aproxima dos melhores dias da década de 60, conhecida pela maior taxa de ocupação de sempre no PNG.

O número de visitantes tem ainda um outro aspeto que se pode debater com a história deste parque, reconhecido pelo seu carácter selvagem face ao exemplo mais comparado do Kruger Park, em África do Sul. Manter a integridade de uma natureza selvagem dificilmente conviverá com a criação de outras infraestruturas turísticas e logísticas, necessárias a um eventual aumento da taxa de ocupação / visitantes.

Por outro lado, em geral, esta ideia de ecoturismo, que tem de ser afirmada em todas as frentes de ação e não apenas como um panfleto publicitário, é por muitos criticada por facilmente se transformar sobretudo num instrumento ao serviço dos propósitos económicos. Este é também um dado que está na base de um outro conceito de ecoturismo já desenvolvido, no qual são as comunidades

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

locais que exploram, enquanto proprietárias, o alojamento disponível, o que permite que o valor adquirido permaneça dentro da comunidade.

No caso do PNG, a sua administração e concessionários gerem todas as receitas que entram no parque, partilhando a posteriori uma percentagem com as comunidades locais. Naturalmente as comunidades mais beneficiadas são aquelas mais próximas do centro de ação do PNG (acampamento de Chitengo), como por exemplo a comunidade de Vinho, ou eventualmente outras que estão dentro dos limites do parque, e com quem o PNG há muito negocia a sua deslocalização.

“A destruição do mundo Natural em diversos pontos do mundo, devido principalmente à ação do Homem, “inspirou” os primeiros passos de uma estratégia que passa por separar porções de território para preservar a vida não humana do globo. Para tal, organizações governamentais e não-governamentais (ONG), adotaram uma fórmula que visa proteger e, muitas vezes, excluir ao máximo os efeitos nefastos que as ações humanas, como por exemplo a caça exaustiva ou a poluição, tenham no meio ambiente.” (BROCKINGTON et al., 2008: 1, apud PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012:2)

Para tal a *International Union for Conservation of Nature* (IUCN) definiu *Área Protegida* (AP) como um espaço geográfico claramente definido, reconhecido, dedicado e gerido, através de meios legais ou outros capazes de alcançar, a longo prazo, a conservação da natureza, protegendo os ecossistemas e os valores culturais associados.

A IUCN define ainda um sistema de categorias de AP diferenciadas por níveis de proteção que variam entre a separação total ou parcial da intervenção humana (categorias I a IV) e modelos que procuram uma integração das estratégias de Conservação com as do Desenvolvimento Sustentável (V e VI). (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 2)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Para além das AP, o esforço global para a Conservação inclui outros fenómenos como a promoção de legislação para a proteção das espécies, a produção de conhecimento científico (de que é exemplo o PNG) ou a propagação de campanhas mediáticas, assim como a proliferação de ideologias relacionadas com a conservação do mundo natural. Atividades que tornaram possível o apoio generalizado de cidadãos, governos e ONGs, os quais, em limite, compreendem a necessidade dessa abordagem como a proteção da própria vida humana.

“Se em finais do século XIX são poucos os casos registados de AP, hoje em dia 100 mil destas reservas pontuam todo o globo, cobrindo um total de dois milhões de quilómetros quadrados, ou seja, 12% da superfície da Terra (ADAMS E HUTTON, 2007: 150 apud PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012)

No contexto generalizado das AP a maioria das dúvidas continuam a resultar de abordagens desvalorizadoras da inclusão das comunidades locais na conservação e de uma visão mais purista da natureza, partindo do princípio da necessidade de uma exclusão humana.

“...uma das principais críticas às AP é a de que este tipo de uso da terra tem sido feito à custa da apropriação e desalojamento em massa das comunidades que nelas viviam há séculos. Ao separar as pessoas que aí viviam anteriormente dos recursos naturais que até aí faziam parte do seu modo de vida, o movimento da Conservação estaria a colocar deliberadamente milhões de pessoas em posições de exclusão e pobreza. (DOWIE: 2009).

Em limite, algumas das comunidades nativas que sempre caçaram num determinado território passam, num contexto de um programa de Conservação a ser encarados como caçadores furtivos e dessa forma perseguidos pelas autoridades.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Esta visão (bio)cêntrica, desde logo proposta em “Gaia” por Lovelock, é hoje reconhecida pelo mundo como uma “fortress conservation”, que talvez possamos traduzir por uma “conservação fortificada”, mas que em suma propõe um modelo de Conservação que deixa de fora o homem, visando a recuperação dos ecossistemas “naturais”, como condição sem a qual não seria possível assegurar a sua regeneração.

No sentido contrário, enquanto via alternativa à exclusão das comunidades locais, existem modelos como o “Community Based Natural Resource Management” (CBNRM) que propõem a manutenção das comunidades locais, apoiadas com os benefícios, como as receitas turísticas, que advêm da implementação do projeto de Conservação da natureza.

De uma forma sustentável, esta abordagem defende uma visão Antropocêntrica, pretendendo unir as estratégias de Desenvolvimento e Conservação num modelo único de benefícios partilhados.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 3)

Deste modo, temos de um lado os sociólogos e os antropólogos que se posicionam privilegiando o ponto de vista das comunidades e dos seus benefícios com a Conservação. Num outro, os biólogos, ambientalistas e ecologistas, preocupados com os ecossistemas naturais e conservação da biodiversidade, sugerem a necessidade de separar as comunidades das áreas protegidas, como único meio possível para salvar o que resta do património natural.

O continente africano é comumente reconhecido pela natureza e dimensão selvagem avaliada pela capacidade única de resistir à dominância humana e civilizacional. Contudo, esta ideia da “última fronteira” de uma natureza dominante é cada vez menos real dado o aumento exponencial da população humana e da exploração dos recursos no continente, que nos remete para uma realidade bem diferente.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“Nos anos de 1980, a vida selvagem existia, na grande maioria, apenas confinada em áreas reservadas à sua protecção. Ao contrário do que seria espectável, cerca de 90% da biomassa animal de África era gado doméstico, sendo os restantes 10% reservados aos Elefantes, Zebras e Leões, e demais animais selvagens.” Cerca de 90% da biomassa animal de África era gado doméstico, sendo os restantes 10% reservados aos Elefantes, Zebras e Leões, e demais animais selvagens.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 4,5)

A ideia de uma África selvagem repleta de animais, como um lugar integral, pouco humanizado é hoje puramente ficcional. Pelo contrário, o que podemos verificar é um continente em que o aumento de população humana conjugado com a exploração dos recursos minerais e agrícolas, a par do desenvolvimento tecnológico/industrial, tem feito baixar drasticamente a expressão da fauna bravia, assim como dos lugares com pouca influência do homem.

“Contudo, mesmo as AP que existem nos mapas nem sempre são sinónimo de que tenham no seu interior vida selvagem, sendo conhecidos como “paper parks” ou, em português, “parques no papel” em que as AP estão apenas desenhados sem ter qualquer tipo de gestão ou protecção.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 5)

O caso particular de Moçambique, nas últimas décadas mais conhecido pelos conflitos armados e pela pobreza dos seus habitantes, tem na sua história (como esperamos venha a ter no futuro) um passado famoso pelas planícies imensas e densamente povoadas por animais como Leões, Elefantes, Zebras, Rinocerontes e Gnus.

“As experiências de “community conservation” realizadas na África Austral abraçam uma grande variedade de orientações, que partem de formas de participação passiva, onde as comunidades têm um controle limitado sobre as fases de tomada de decisão, para uma plena e directa participação na gestão

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

dos recursos, definida participação activa. Entre esses dois extremos existem várias combinações, que estimularam a discussão no contexto científico, bem como a identificação de várias classificações, que concentraram-se em aspectos diferentes, incluindo o nível de participação, o regime de propriedade ou a abordagem participativa ou contratual.” (BELLOTI: 2012:1, 2)

Grosso-modo a aceitação dos projetos de conservação divide-se entre uma população que encontra ali uma oportunidade para uma vida melhor e uma população que questiona o facto de ser forçada a mudar de vida, rompendo eventualmente com tradições relevantes para o seu equilíbrio emocional, social e religioso.

“Outra questão determinante a ter em conta para convencer as populações locais a aderir ao projecto poderá estar no facto de a vida selvagem poder ser potencialmente mais competitiva do que outras formas de utilização da terra, nomeadamente em savanas secas e com pouca potencialidade para a agricultura ou para pasto para a pecuária.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 17)

É nesta ideia de mudança, sobretudo para os mais novos, que se encontra a maior aderência aos projetos de conservação, sobretudo no que confere à possibilidade de poder obter um emprego nas diversas atividades do parque. Uma ambição generalizada e vista como um meio para ter uma vida mais desafogada.

Por outro lado, a conjuntura de paz moçambicana e o desenvolvimento económico tem vindo a aumentar o espaço e a sensibilidade para a valorização dos seus recursos naturais, sobretudo no que respeita à recuperação dos parques nacionais. Neste sentido, em parceria com privados e entidades públicas internacionais, foram implementados diversos programas de recuperação dos Parques Nacionais assim como programas para Áreas de Conservação Transfronteiriças (ACT). Um modelo que permite alargar os parques para fora

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

das fronteiras nacionais, permitindo uma escala que naturalmente favorece o equilíbrio complexo dos ecossistemas.

Inevitavelmente, o plano principal do atual debate sobre as estratégias de conservação da natureza assenta nos benefícios e nos moldes em que estes serão partilhados com as comunidades locais, pois só assim se poderá alcançar, com alguma propriedade, um ambicionado desenvolvimento sustentável.

“... As populações rurais devem ser fornecidas ferramentas adequadas que lhes permitam tomar as rédeas da conservação, como legítimos donos do seu território, valorizando, paralelamente, os saberes e os conhecimentos tradicionais, que durante séculos tenham regulamentado a relação simbiótica entre o homem e a natureza.” (BELLOTI: 2012:2)

De acordo com a Community Based Natural Resources Management (CBNRM), distinguem-se três formas de participação das comunidades nos projetos de conservação nomeadamente: a participação passiva (*Protected Area Outreach*), a co-gestão (*Collaborative Management*) e a participação activa (*Community Based Natural Resources Management – CBNRM*). (CENCINI, 2004:143)

O que os diferencia é sobretudo o grau de participação das comunidades e a sua real influência na gestão dos projetos, que por norma tende a ser relativamente incipiente. Uma ideia que resulta de um discurso inclusivo para uma participação e partilha, mas que tende a diluir-se na aplicação das medidas, privilegiando claramente a proteção dos ecossistemas e da biodiversidade.

Contudo, é inegável a atenção cada vez maior dos decisores políticos para o problema da conservação e da sua coexistência com as comunidades nativas, assim como a vontade destes em reerguer algumas áreas protegidas. Sejam estas ações que resultam de um sentimento de dever público ou mesmo de

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

uma qualquer necessidade compensatória, face à proliferação de concessões na exploração dos recursos do país.

Mesmo sendo este um modelo tradicional na governação de Moçambique, como pudemos verificar nas históricas Companhias de Moçambique e de Niassa, o momento é visivelmente de emergência face à dimensão das concessões minerais e agrícolas, pelo que urge ter uma visão global da sustentabilidade dos recursos e da organização territorial do país.

Apesar de tudo, essa vontade generalizada dos governantes do país em encontrar soluções para recuperar a maior parte das áreas protegidas (APs), sobretudo aquelas que são para estes historicamente mais relevantes, tem tido resultados práticos evidentes, de que são exemplos claros do Parque Nacional da Gorongosa (PNG), do Parque Nacional de Zinave (PNZ) e do Parque Nacional do Limpopo (PNL).

“Não só a Gorongosa, verdadeira montra da então colónia portuguesa, mas muitos quilómetros quadrados de território que antes da guerra civil eram de uma forma ou de outra protegidos para fins ligados à Conservação. Apesar de a vida selvagem moçambicana ter agora uma imagem desoladora de parques nacionais e coutadas despidas de vida, o país volta à ribalta do esforço internacional pela preservação.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 7)

7.6. O exemplo do Projeto do Grande Limpopo

Relativamente ao PNL (localizado sobre a região do rio Limpopo) encontra-se presentemente em desenvolvimento um projeto para o Parque Nacional do Limpopo que prevê a associação deste parque nacional moçambicano à área protegida sul-africana (Kruger Park), do outro lado da fronteira.

Como tal, ao projeto que visa reunificar um território que foi dividido por fronteiras políticas chamou-se Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo (PTFGL), assim como ao seu programa Área de Conservação Transfronteiriça do Grande Limpopo (ACTFGL).

“A primeira ocasião em que esta ideia esteve nos planos de Moçambique e África do Sul, surgiu muitas décadas antes por via de um ecologista português, Gomes de Sousa, que em 1938 lançou a ideia de juntar a então Coutada 16 (actual Parque Nacional do Limpopo) ao Parque Nacional do Kruger.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 11)

Atualmente, a ideia principal do projeto prende-se com o tema de uma ecologia que se compreende sem fronteiras, e estas como sendo um sério obstáculo às necessidades migratórias dos animais.

“Uma das ideias que está subjacente ao projeto do Grande Limpopo baseia-se na convicção de que, muito antes do estabelecimento das fronteiras políticas que hoje vigoram, definidas pelas potências europeias que colonizaram o interior do continente africano durante os Séculos XIX e XX, estas regiões eram palco de migrações, tanto da vida selvagem como dos seus habitantes humanos. Estas rotas tradicionais seriam agora repostas, libertando uma barreira artificial feita aliás tendo em causa interesses alheios a argumentos ecológicos ou das populações que poderiam beneficiar se estas fossem suprimidas.” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 9)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Deste modo as estratégias de conservação debatem-se com a relevância de uma abolição das fronteiras artificiais (políticas) para a fauna, mas também com o desenvolvimento das comunidades, enquadradas nos benefícios da gestão de uma área mais alargada, potencialmente mais complexa e originadora de oportunidades.

“Os efeitos do debate entre estratégias de Desenvolvimento e Conservação têm de facto influenciado os termos em que os projectos transfronteiriços têm sido tratados pelos seus respectivos promotores. Grande parte do discurso que pretende unir as duas realidades, apelando cada vez mais ao Desenvolvimento Sustentável e por isso incluindo as comunidades locais, tem-se verificado na zona austral do continente africano. Muito por causa disso, os modelos transfronteiriços passaram agora a incluir, como parte central da sua estratégia, valores tanto do Desenvolvimento como da Conservação.”
(PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 10)

Contudo, e apesar das propostas, os factos dizem-nos que o Kruger Park é parco em comunidades nativas no seu interior, o que significa que uma futura abolição das fronteiras na região do Limpopo tenderia para o usufruto das comunidades moçambicanas. Uma matéria para a qual não se encontram quaisquer desenvolvimentos, sendo por isso aqui também uma mera suposição.

“Esta abordagem holística permite assim que se desenvolvam inúmeras actividades que vão muito além das estratégias de Conservação, incluindo a gestão de recursos naturais partilhados pelas comunidades rurais dos diferentes países, através de uma relaxamento das fronteiras políticas permitindo uma harmonização das estratégias de desenvolvimento e conservação existentes em ambos os lados das fronteiras” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 10)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

No entanto, a supremacia histórica sul-africana, no que respeita à dimensão e gestão de áreas protegidas assim como na sua exploração turística, diz-nos que os interesses em causa estarão para além da Conservação, e que *“A indústria sul-africana olha para o PTFGL como uma oportunidade única para estender os seus negócios além fronteiras. Estes factos estão a levar a que o projecto possa vir a tornar-se num “Kruger-plus” vincando ainda mais as características de Parque Nacional que o projecto tem tido.”* (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 13,14)

Nesta ideia evidencia-se a especificidade do Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo (PTFGL) e a sua frágil condição face à expressão dominante do Kruger Park. Ao mesmo tempo que se verificam problemas e dicotomias comuns aos diversos projetos de conservação como a exploração turística e a (ex/in)clusão das suas comunidades, manifestas na atualidade da complexidade do tema da conservação da natureza.

De acordo com os investigadores (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012), o ponto crucial do Grande Limpopo decorre do modo como se irão resolver as questões que afetam as populações locais, pois, mesmo que o programa preveja um conjunto de vantagens para estas, as dúvidas permanecem nos impactos negativos da sua implementação.

Estas suspeições acontecem sobretudo quando o desenvolvimento do PTFGL propõe o “reassentamento” de cerca de 2500 pessoas que habitam atualmente no interior do Parque Nacional do Limpopo.

“Num comentário registado por Marja Spierenburg, sobre o processo de reassentamento, no Parque Nacional do Limpopo, poderá sentir-se o pulso que a implementação do Parque está a ter para os habitantes do Parque: [they say that the resettlement is not forced, but that is not true. We are forced because we are no longer allowed to live our lives as before, we can no longer cultivate where we want, we can no longer take our cattle out to graze. Yes, we agreed to move, but we did not do so freely].

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“De acordo com um relatório promovido pelo Refugee Research Programme (RRP) da Universidade de Witwatersrand, na África do Sul, realizado junto das populações rurais do Parque, 40% dos habitantes entrevistados nunca tinha sequer ouvido falar do PTFGL.” (SPIERENBURG et al.2008: 94 apud PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 15)

O mesmo estudo sul-africano (RRP) refere que uma grande maioria da população (cerca de 83%) não tem qualquer intenção de mudar para outro lugar, mesmo coabitando com todo o tipo de animais, refere a vontade de permanecer no território dos seus antepassados.

Uma outra preocupação assenta na ideia de que o turismo, enquanto promotor do desenvolvimento económico do Grande Limpopo, poderá abdicar das atividades rurais, o que resultaria numa simplificação dos modos de vida das comunidades locais, cingidos ao ecoturismo e turismo cinegético.

“No entanto, os implementadores do Grande Limpopo admitiram já que a próxima fase do projecto terá que se focar em compreender como é que essas populações, e suas instituições, poderão ser incluídas no processo de decisão” (PINTO, A. & CARDOSO, L.: 2012: 16)

A necessidade do compromisso com as populações implica a sua participação nas decisões fundamentais, sobretudo aquelas que lhes dizem diretamente respeito, de que é exemplo maior a alteração dos seus modos de vida. No entanto, e antes de mais, terão de compreender realmente o que está em causa nessas mesmas decisões, proporcionando-lhes estar, igualmente e de forma independente, tão bem informados quanto os promotores do projeto. De outro modo, teremos um poder de negociação que até pode ser partilhado, mas que se expressa por uma capacidade de influência muito diferenciada.

7.7. O exemplo do Parque Nacional de Zinave

O Parque Nacional de Zinave (PNZ) localiza-se na província de Inhambane e foi criado em 1973 com o objetivo de proteger espécies como a avestruz, a girafa e a zebra.

Como na generalidade das áreas protegidas de Moçambique, o PNZ também passa por um programa de reabilitação e regulamentação que visa a conservação das espécies protegidas e dos seus ecossistemas. Processo este que levanta, uma vez mais, questões relacionadas com a adequabilidade das acções que envolvem as comunidades nativas, a sua manutenção dentro do parque, a inclusão nos processos de gestão e a preservação da cultura e das suas tradições.

Um tema explorado por Sara Belloti em “Community Conservation na África Austral” apoiado no “caso de estudo do Parque Nacional do Zinave” (2012), e no qual se evidencia “*a necessidade de aprofundar o conhecimento da estrutura sócio-territorial*” das comunidades que habitam os parques como meio de contrariar uma atitude que tende a privilegiar “*a preservação dos ecossistemas*”, promovendo assim um verdadeiro conceito de conservação e desenvolvimento sustentável.

“...através de uma análise da organização sócio-territorial dos povoados existentes hoje no PNZ, afim de recuperar os conhecimentos básicos, úteis quer para melhorar a gestão e o planeamento das acções futuras por parte da administração, quer para a valorização turística de toda a área protegida.”
(BELLOTI: 2012:5)

Verifica-se que a iniciativa generalizada do governo moçambicano em recuperar as áreas protegidas tem como intento (re)fundador a promoção turística, enquanto princípio basilar na sustentabilidade financeira dos parques e conseqüente desenvolvimento local. Neste sentido, a investigadora resume a informação analisada dos documentos do PNZ na recorrência de três palavras-chave: *participação, sustentabilidade e desenvolvimento*.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“Os relatórios, de facto, põem as áreas protegidas no centro das estratégias de promoção do turismo, como principal recurso para promover o desenvolvimento local, através da implementação de uma gestão sustentável em que as comunidades locais resultam ser as principais protagonistas.”
(BELLOTI: 2012:5)

No entanto, as ações implementadas apontam para uma direção que coloca o seu ênfase nas questões ambientais e proteção dos ecossistemas, deixando para segundo plano o sistema social das comunidades e sua relação com o território, podendo assim *“evitar conflitos e promover um desenvolvimento harmonioso”*.

“...o território não é só um conjunto de recursos naturais, mas remete-se aos valores simbólicos e culturais que contribuem a construir a identidade da mesma comunidade.” (BELLOTI: 2012: 6)

A instalação administrativa portuguesa em Moçambique provocou mudanças profundas na estrutura política tradicional. O resultado foi *“o fraccionamento das possessões das linhagens aristocráticas, renomeados regulado ou cabado”*, reduzindo a sua influência. (YAÑEZ CASAL, 1996:86 apud BELLOTI: 2012: 7)

“Os poderes tradicionais tornaram-se instituições políticas ambíguas, enquanto apesar de representar a organização sócio-territorial local, foram simultaneamente integrados e submetidos pela administração colonial, através da publicação de uma série de normas (Reforma Administrativa ultramarina RAU de 1907 e 1933, Acto Colonial de 1930) que atribuíam às autoridades tradicionais o reconhecimento de diferentes tarefas (recolha do imposto da palhota, controle do acesso de estrangeiros no regulado, ...)
(BELLOTI: 2012:7, 8)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Com a conquista da independência, as estruturas sociais assentes em organizações tradicionais foram novamente atingidas, em nome dum “homem novo” para Moçambique. A FRELIMO desenvolveu um conjunto de medidas políticas que visavam a ideia de uma sociedade moderna igualitária. Neste sentido, a hierarquia tradicional foi rapidamente substituída por uma estrutura política partidária.

“A estrutura política tradicional foi completamente banida e foi proibida a realização de cerimónias tradicionais, consideradas essenciais para a reprodução socioeconómica das populações rurais.” (YAÑEZ CASAL 1996:86-87 apud BELLOTI: 2012: 7, 8)

Eventualmente, o decreto legislativo nº15 de 20 de Junho de 2000 devolve oficialmente parte da importância da organização tradicional às comunidades, embora num contexto de inferioridade face às autoridades oficiais. É sobre esta ambiguidade de poderes tradicionais e oficiais que se estrutura atualmente a organização político-territorial de Moçambique, o que lança alguma confusão entre os diversos chefes do poder tradicional e as autoridades governamentais. Sobretudo pela sobreposição dos poderes e da sua ambiguidade hierárquica, assim como, pela própria sobreposição de fronteiras territoriais e os desencontros entre limites tradicionais e oficiais.

“...mediante numerosos encontros com as diversas autoridades, oficiais e tradicionais, e o uso de uma cartografia participativa realizada em conjunto com as pessoas encontradas no terreno, foi realizado um primeiro mapa da organização tradicional do Parque.” (BELLOTI: 2012:9)

No contexto da investigação sobre a organização das comunidades no Parque Nacional de Zinave, Sara Belloti conclui que, apesar de todos os contratemplos, a estrutura tradicional “sobreviveu” e que a sua principal ameaça advém dessa sobreposição ambígua entre os seus poderes e os das

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

autoridades oficiais. Com isso refere que “...o Plano de Gestão do PNZ ignora quase completamente a organização e a hierarquia dos povoados tradicionais, em vez de valorizar a sua especificidade, sendo mais preocupado em alterar os limites do parque, a fim de excluir o maior número de pessoas da área protegida, que de parar e analisar as dinâmicas em acto no território.” (BELLOTI: 2012: 14)

Verificamos assim, o modo como as tradições culturais e as atividades das comunidades tendem a ser interpretadas pela gestão e conservação dos parques. O exemplo do aumento das explorações agrícolas e eventual introdução de novas espécies de plantas são abordadas como uma interferência no sistema biótico natural, que serve de sustento ao ecossistema que os gestores pretendem defender. São, por isso, temas de grande preocupação para os ecologistas e conseqüentemente condicionadores dos modelos de gestão implementados nos parques.

Do ponto de vista das comunidades, a exploração dos recursos assenta na “lei natural das coisas”, tendo como síntese principal a ideia comum de que os animais precisam de espaço e pasto para viver e que se forem todos caçados deixarão de existir, mas também a noção de que os abusos cometidos sobre o meio têm um castigo implícito, o que obriga e estabelece uma consciência e um nível de sensatez como uma verdadeira ordem natural.

“A agricultura é itinerante e vê a exploração de uma porção de terra para um máximo de cinco anos, após o que é abandonado durante um tempo muito longo, mais do que dez anos, necessários por restaurar a fertilidade do solo, devido à falta de práticas de fertilização por parte da população local. O direito de acesso à terra, bem como o uso de outros recursos, como animais bravios, madeira, materiais de construção, frutos silvestres, é permitido ao indivíduo porque membro de uma rede de relacionamentos, a linhagem, e regulamentada pelo nganakana. Acredita-se que qualquer utilização abusiva

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

ou ilegal do território pode estar sujeita a punição pelos espíritos dos antepassados, os legítimos "donos" da terra.” (BELLOTI: 2012:16)

Por fim, na conservação da natureza e concretamente na gestão dos parques naturais, torna-se evidente um desequilíbrio de valores entre a investigação feita em prol dos ecossistemas e da sua biodiversidade, comparada ao trabalho desenvolvido em prol da compreensão das comunidades locais, dos seus modos de vida e das suas sobreposições/interações com o território.

“...pelos documentos produzidos pela administração destaca-se um conhecimento geral das actividades tradicionais realizadas pela população local, mas carece uma análise minuciosa das mesmas, detalhada para cada povoado, com a identificação das áreas consideradas mais importantes pela comunidade, a fim de cruzar os dados sociais com os do valor biológico das diferentes áreas e para determinar quais delas devem ser objecto de uma protecção especial e quais podem continuar a ser utilizadas pelas populações locais para satisfazer as suas próprias necessidades.” (BELLOTI: 2012: 21, 22)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

7.8. Opiniões de ex-responsáveis do PNG



Fig.86: Entrevista a Luís Fernandes



Fig.88: Entrevista a Carlos Fonseca

A especificidade do presente texto é complementada com informação de carácter menos formal mas com relevância para os objetivos da pesquisa – e no interesse de uma familiaridade maior com a mesma - como são os artigos dos Media ou conversas com algumas personalidades com ligações ao PNG.

Luís Fernandes, último administrador do PNG do período colonial, residiu na Gorongosa entre 1961 e Julho de 1975, primeiro como adjunto da administração do Parque e nos últimos dois anos como seu maior responsável.

Fala-nos com particular emoção de como era o Parque durante o período que antecedeu a guerra civil em Moçambique, da fauna imensa e da diversidade que encantava qualquer visitante, quer pela frequência de animais quer pelo conforto e escala do parque. Recorda aventuras diversas, como a entrada de um grupo de leões ou de uma manada de elefantes no interior do recinto turístico de Chitengo, entre muitas outras sérias e caricatas situações. Também por diversas vezes perseguiu animais que tiraram a vida a pessoas no Parque, guardando ainda hoje consigo a cabeça de um búfalo que matou

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

um funcionário do PNG. Descreve dramaticamente como encontrou o cadáver de um motorista que vinha fazer um serviço ao parque e, sem que se entenda o motivo, saiu da estrada e entrou numa picada sem retorno. No dia seguinte seguiu um rasto de sangue e encontrou o que restava dele, no meio do capim, a uns metros de distância do jipe, envolto em pegadas de leões.

Numa outra vez, um motorista que circulava nas picadas turísticas do PNG teve uma avaria no carro, possivelmente por estar muito próximo do acampamento de Chitengo, tentou fazer o caminho a pé, sendo fatalmente atacado por um leopardo.

Luís Fernandes residiu no parque durante catorze anos e confessa saudoso que apesar de muito gostar daquela vida, sentia por vezes, a necessidade de sair, ir à cidade da Beira ou outro meio urbano qualquer. Passou grandes temporadas no parque e sentiu na pele as agruras do isolamento no PNG.

Comenta que durante o período de transição, final da guerra colonial e passagem administrativa do parque para o novo estado independente, a gestão do PNG decorreu com uma certa normalidade, tendo havido uma ou outra situação de pequeno conflito mas que não deixaram relevantes recordações.

Lembra que o PNG tinha cerca de quinhentos funcionários e que a maioria dos visitantes era de nacionalidade sul-africana.

Mais tarde, em 2008, volta à Gorongosa, agora na qualidade de convidado do projeto de recuperação do PNG. Divide-se naturalmente pela tristeza duma realidade muito diferente, verifica que o desaparecimento da fauna foi quase total, mas acompanha-o a esperança de que o projeto em desenvolvimento venha a repor a beleza que sempre caracterizou o PNG.

Conta como foi emocionante encontrar após trinta e três anos alguns homens com quem trabalhara diariamente, assim como outros, mais novos, que também se lembravam dele mas sobretudo da sua mulher, Zilda da Conceição Henriques, enquanto professora dos filhos dos funcionários do parque⁴².

⁴² Durante o seu período de atividade a escola do PNG teve sempre entre oitenta a noventa alunos.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Já depois da minha visita ao PNG questioneei o Sr. Luís Fernandes sobre os hipotéticos traumas de guerra nos animais, e se estes poderão estar na origem de uma particular agressividade atribuída aos elefantes deste parque. A resposta foi contundentemente negativa, pois não crê que os elefantes do período da guerra sejam os mesmos de agora, assim como reconhece que sempre foram os animais mais perigosos do parque.

Ainda no contexto da segurança dos visitantes, aproveita para manifestar a sua discórdia face à possibilidade de acampar em Chitengo, pois na sua opinião ninguém consegue garantir a segurança daqueles que optam por pernoitar em tendas, sobretudo com o previsível aumento da população animal, referindo no entanto que neste caso, basta uma cobra para arranjar sérios problemas.

Por outros motivos, mas incluindo a segurança, revela-nos o sonho que tinha em deslocar as infraestruturas turísticas do acampamento de Chitengo para o lugar de Bué-Maria, com o objetivo do parque poder receber turistas durante todo o ano, pois, nessa altura como atualmente, o PNG encerra as portas aos visitantes durante toda a estação das chuvas (Dezembro a Março). Diz-nos que esta deslocação de Chitengo associada à abertura de outras picadas para safaris, permitiria rentabilizar o parque o ano inteiro.

Sobre as comunidades que habitam dentro dos limites do parque, que sublinha terem sido mais do que as que lá permanecem agora, refere que já entre 1972 e 1973 foi criado um grupo de trabalho para proceder à sua deslocação. Desta forma, as pessoas responsáveis pelo empreendimento (Eng. Florestal da Beira; Eng. Agrónomo; Médico Veterinário da Beira e Administrador do Parque) elegeram um lugar a sul do parque, conhecido por Ding-Ding, obtiveram a concordância do Régulo local e iniciaram a preparação dos terrenos, tendo para tal feito um grande investimento. A implementação da comunidade neste novo lugar previa a construção de uma escola e de um centro de saúde, à semelhança do que foi executado pela atual administração do PNG na comunidade de Vinho.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Houve também oportunidade de trocar impressões sobre as atividades do atual projeto de recuperação do PNG com o Dr. Carlos Fonseca, investigador do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro (U.A.) e Coordenador da Unidade de Vida selvagem (UVS).

A U.A. foi a primeira instituição universitária a assinar um protocolo com a fundação Carr, e foi neste contexto que Carlos Fonseca coordenou uma equipa de investigadores portugueses que acompanharam a reintrodução dos primeiros animais no parque.

“Tive a sensação de estar a pisar um lugar mágico, repleto de passado, presente e histórias futuras, onde o homem tem tido o privilégio de viver em equilíbrio com a Mãe Natureza que, neste caso particular do mundo, é em todos os aspetos exuberante e único... o seu lago, a floresta e a montanha. Se o apreciarmos este património com intensidade e inteligência podemos saber como o preservar.” Carlos Fonseca

Como Biólogo, Carlos Fonseca manifesta a singularidade daquele território e a necessidade de recuperar o ecossistema destruído durante o período da guerra civil em Moçambique. Do seu ponto de vista, aquele país africano tem neste projeto uma oportunidade única para reabilitar um pedaço importante do seu património, desde que todos os seus intervenientes estejam empenhados em dar os passos necessários que garantam as prioridades de uma ação como esta. Desta forma, Carlos Fonseca coloca alguma preocupação ao nível da gestão do parque, por eventualmente se poder estar a privilegiar a projeção mediática e turística reduzindo a atenção à investigação e monitorização científica.

Desde Maio de 2013, a instabilidade política tem-se vindo a acentuar na república de Moçambique. Na sua origem estará seguramente uma grande complexidade de fatores, no entanto, durante a minha passagem pela Gorongosa ouvi, por diversas vezes, comentários que evidenciavam um certo

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

clima de injustiça baseado numa ideia de um sul do país mais privilegiado e um centro e norte de Moçambique que se sente abandonado.

Este fator parece continuar a ser o centro do conflito atual, no entanto as suas origens são por vezes apontadas à fundação dos partidos políticos moçambicanos, como a FRELIMO, acusada pela RENAMO de, desde logo, rejeitar cargos de responsabilidade a militantes do centro e norte do país.

Este é um problema subjetivo e exigente no ajuizar mas aparentemente concreto no clima popular e político moçambicano. Fica a ideia de um território político fraturado pelo rio Save, que delimita e inflama a instabilidade de todo o país.

Um problema que parece ter-se agudizado face às recentes descobertas de recursos naturais no centro e norte do país, e nos quais os seus habitantes reconhecem legítimos direitos. Sendo que para já, os resultados mais evidentes do crescimento económico, como o crescimento do emprego e a construção, se concentram no sul do país, em Maputo.

Assim, reclama-se, para além do mesmo direito de governar, o direito aos proveitos dessa governação. A isto soma-se um conjunto de situações provocadoras por parte da RENAMO, ameaçando com a hipótese de um regresso ao conflito militar, que havia terminado em 1992 com a assinatura das partes no Acordo Geral de Paz, em Roma.

Recentemente, durante Outubro de 2013 e após ataques de ambas as partes, a RENAMO declarou pôr termo ao acordo de Paz de 1992, o que levou o estado português a recomendar aos portugueses que se encontram em Moçambique que não se deslocassem para norte de Maputo, principalmente para cidades como a Beira, Nampula, e com especial atenção para a província de Sofala, em particular para a região da Gorongosa, conhecida por ser um bastião da RENAMO.

Por outro lado, mas ainda no contexto da descoberta de mais recursos naturais em Moçambique, tem sido noticiada a existência de ouro na Gorongosa. A mesma é assinalada pela crescente “corrida ao ouro”, quer por

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

garimpeiros locais, quer por pedidos de exploração do minério, apresentados por empresas de todo o mundo. (PÚBLICO.PT: 2013)

Esta abordagem demonstra a complexidade que caracteriza o projeto de implementação do PNG, que apesar das dificuldades normais e inerentes a um processo de recuperação de um ecossistema e desenvolvimento das comunidades locais, convive com um problema de conflito armado que se manifesta ativo, assim como com a pressão direta e indireta da prospeção do ouro. Um conjunto de dificuldades que põem em causa o sucesso de uma ação que é bastante condicionada pela opinião pública, pois tem por base a sustentação em receitas de turismo.

CAPITULO VI: **8. ANÁLISE CRÍTICA**

8.1. Natura versus Cultura

No dicionário de português a palavra Natura é um sinónimo de natureza que se inclui sobretudo no foro de uma linguagem poética. A dimensão poética é, talvez a mais particular das condições humanas e como tal um baluarte da cultura da humanidade. A Cultura por sua vez, é a mais significativa representação humana, o símbolo da humanização e o que tem distinguido o homem e as suas ações de um eventual mundo sem homens, como é vulgar pensar a natureza.

Assim, temos porventura uma natureza poética representada por “Natura” que é também um símbolo da “Cultura”, ou seja, existe no homem e na cultura uma natureza inclusiva que se explica e separa de um modo abstrato, como se não fizesse parte de um todo ocasional e um universo indivisível. Esta é uma reflexão em sentido lato, que serve de introdução a um outro problema com que se debate a conservação da natureza, ou seja, a proteção de uma integridade natural face a uma artificialidade em estabelecer conceitos e limites num ecossistema, pois mesmo tendo como objeto de estudo um ecossistema natural, a intervenção humana - quer pela sua preservação ou destruição - é sempre uma manipulação humana, e por conseguinte um ato cultural.

A civilização, sobretudo aquela que denominamos por ocidental, entende hoje que não pode continuar a devastar a totalidade dos recursos do planeta, pelo que é também necessário preservar o que ainda subsiste de “natural”. A paisagem, a biodiversidade e os ecossistemas naturais fazem parte desses locais elegidos e a proteger. Os agentes destas ações são tão diversos como as suas motivações, uns porque amam a natureza, outros porque a habitam, assim como aqueles que ali encontram uma plataforma de oportunidades. Certo é que são todos indispensáveis para a sua melhor implementação.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

A perspectiva mais utilitarista/imediatista do conceito de conservação inscreve a sua atividade como um valor prático, deste modo, deverá estar sujeita à atribuição de um preço e por conseguinte, a encaixar numa lógica normal de mercado.

É aqui que se encontram as propostas para o turismo natureza e os diversos conceitos de ecoturismo, parte integrante de um processo abrangente de proteção ambiental, de sustentabilidade e desenvolvimento. Contudo, está sempre presente uma certa contradição nestas ações, sempre dependentes de uma força exterior que organize e estabeleça os seus limites em prol da preservação de algo que é de todos, embora mais de uns do que de outros.

Acontece que por norma, os lugares onde ainda há algo de “genuíno” a preservar são, do ponto de vista civilizacional, pouco desenvolvidos e como tal aparentemente inábeis no encontrar de soluções que permitam restabelecer e conservar o ecossistema, assim como no implementar de estratégias “aceleradas” que permitam melhorar as suas condições de vida.

É aqui, que um mundo supostamente “esclarecido” encontra uma oportunidade para, através de uma “boa causa”, satisfazer as necessidades de um mercado turístico, sedento de uns momentos de aventura confortável na natureza em “estado selvagem”.

Do outro lado está uma população local que encontra nos programas de conservação a oportunidade para retirar benefícios monetários, através da empregabilidade direta ou indireta das suas atividades, sendo estas a fiscalização, a construção, a manutenção ou escoamento de produtos locais vendáveis.

8.2. Propostas e intervenções no PNG

A fig. 89, gentilmente cedida pelo arquiteto Luís Lage (atual diretor da faculdade de arquitetura) apresenta a proposta de projeto do ateliê do arquiteto José Forjaz para a intervenção no acampamento de Chitengo, requerida em 2005 pela Fundação Carr.

Neste trabalho podemos encontrar sugestões inclusivas de uma possível “arquitetura moçambicana”, a qual também tem servido de mote essencial na investigação da Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane (em Maputo), onde José Forjaz teve um papel dirigente entre 1985 e 2009.

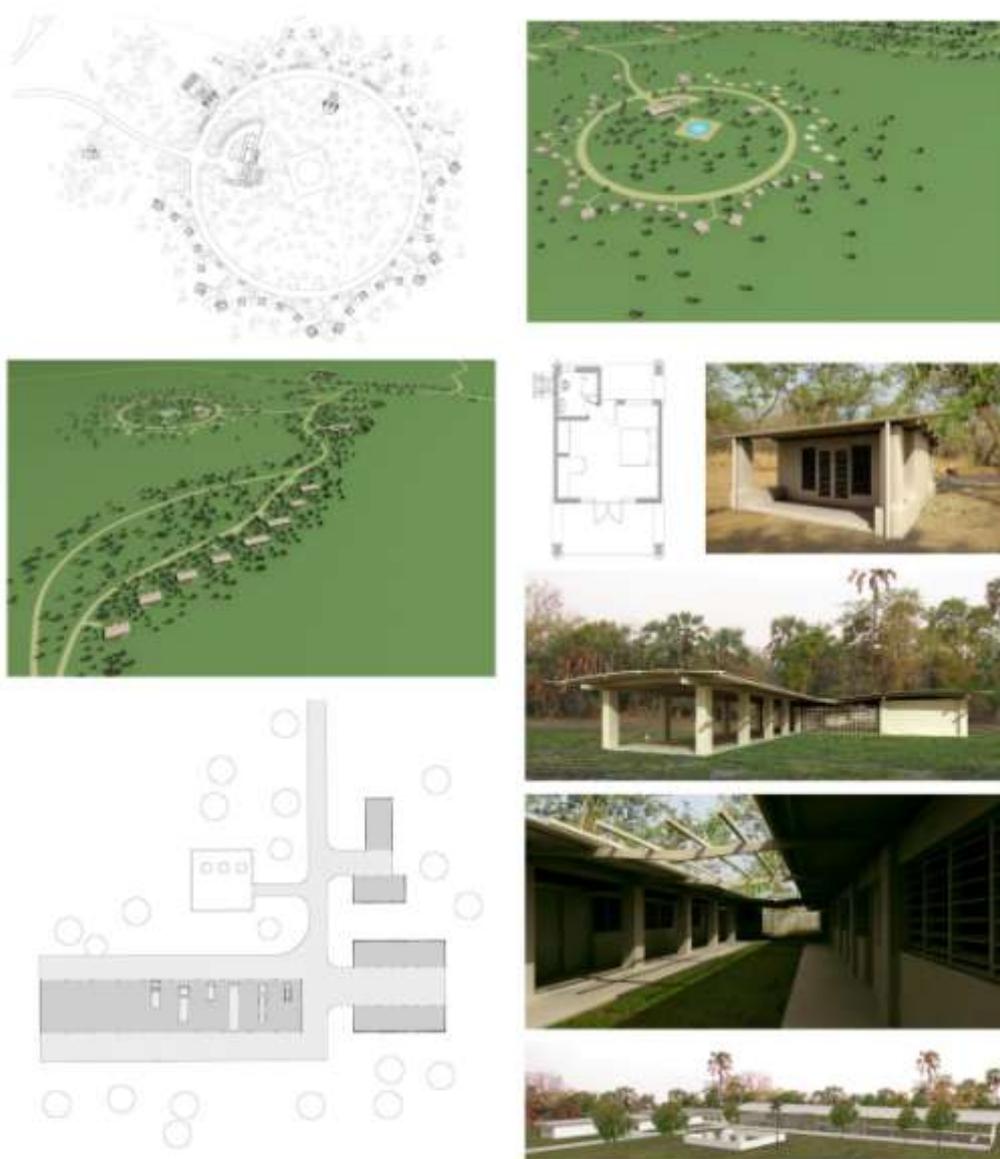
Algumas dessas características incidem sobre o esquema organizacional das diversas tipologias e programas. A estrutura circular e a dispersão que se evidencia na proposta geral parecem ser aproximações a uma organização identificada nos “assentamentos” moçambicanos. Como tal, nesta proposta parece existir uma intencionalidade clara em modelar uma organização espacial identitária moçambicana.

Em conversa com o professor arquiteto Luís Lage, a propósito das obras desenvolvidas no PNG, o mesmo refere que ali prevaleceu a implementação de uma suposta “arquitetura Sul-africana”.

Paralelamente, às referências de uma identidade arquitetónica moçambicana e tipificação orgânica de implantação, podemos também identificar no projeto para o PNG do arquiteto José Forjaz, quer pelo rigor do desenho quer pela materialidade proposta, uma matriz de influência moderna, e deste modo associá-lo também a um património arquitetónico reconhecível no contexto urbano moçambicano.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

MASTERPLAN PARA AS INFRAESTRUTURAS DE EXPLORAÇÃO DA GORONGOSA



Data de Projecto: Março de 2005

Masterplan para as infraestruturas de exploração da Gorongosa

Cliente e localização: Fundação Carr Gorongosa

Descrição: Criação de um conceito de desenvolvimento integrado e projectação dos edifícios para a instalação de um centro de investigação científica equipado com laboratórios, acomodação, refeitório, auditórios e instalação turística para observação da natureza.

Data de Obra:

em curso

JOSÉ FORJAZ • ARQUITECTOS

Av. 24 de Julho, 47 • Maputo • Moçambique • Tel: 338 2149400 / 338 2149301 • Fax: 338 2149304
• Email: jforjaz.arquitectos@feccbb.co.mz • WWW.JOSÉFORJAZARQUITECTOS.COM

Fig.89: Proposta do Arquitecto José Forjaz para o PNG (cortesia do Professor Arquitecto Luís Lage em Julho de 2013)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

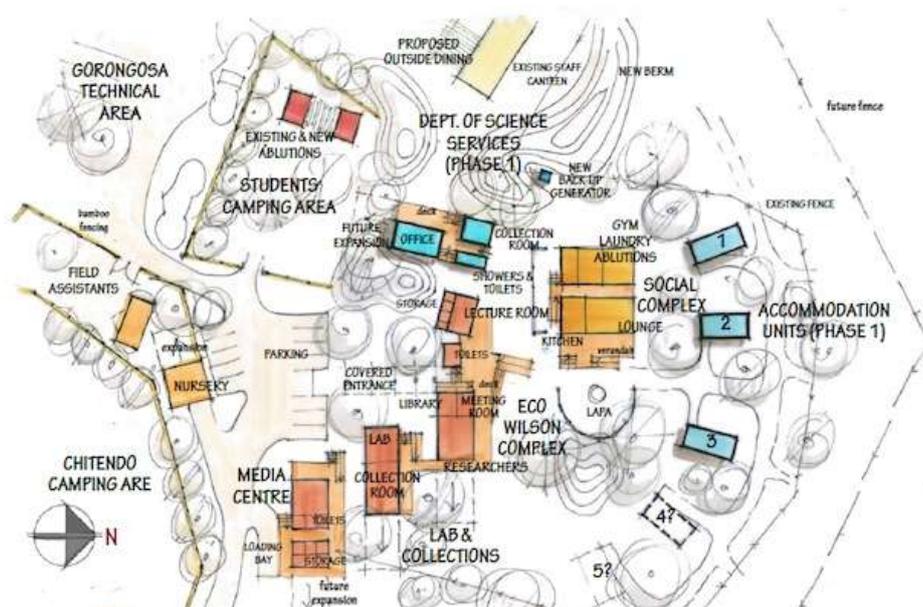


Fig.90: Proposta do Atelier Crafford&Crafford (desenho cedido por Dr. Marc Stalmans – Diretor Científico do PNG)

No esboço que se apresenta em anexo, bem diferente da formalidade gráfica do arquiteto José Forjaz, encontramos a proposta do ateliê sul-africano Crafford&Crafford para o Centro de Investigação do PNG, no acampamento de Chitengo. Este ateliê tem vindo a executar todos os projetos do PNG, o que nos leva a admitir que Crafford & Crafford são os arquitetos do PNG.

À exceção do Centro de Educação Comunitário (CEC) e das instalações associadas à hotelaria como restaurante, bungalows e vilas (quartos geminados) da responsabilidade da “Visabeira Turismo”, aqui denominado por “Girassol Gorongosa Lodge & Safari”, a grande maioria das instalações tem a assinatura do mesmo ateliê de Joanesburgo “Crafford & Crafford Architecture without boundaries – Ecotourism Architecture & Planning”. (CRAFFORD & CRAFFORD ARCHITECTS: 2013)

Como o nome indica, o ateliê apresenta-se como especialista em “sustentabilidade eco/arquitetura verde, faz consultadoria em ecoturismo e planeamento ambiental, planos e estudos de viabilidade para o desenvolvimento turístico”. De acordo com a informação encontrada desde

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

1993, desenvolve projetos em reservas de caça e destinos de ecoturismo por toda a África austral.

Baseado nessa experiência, o ateliê apresenta-se capaz de adequar os projetos às particularidades do lugar encontrando opções que respondam a “*cuidadas avaliações no local tendo em conta as características da paisagem, história, património cultural e recursos humanos disponíveis*”.

O ateliê descreve-se justificando o *slogan* de “*Uma arquitetura sem fronteiras*” no sentido em que a sua arquitetura é parte da paisagem, e tal como esta, também não tem limites. Por outro lado, assume o desígnio realista e da autenticidade, no sentido em que experimenta alcançar uma certa verdade natural como um “regresso à essência” – um conceito estilístico auto denominado por “eco-minimalism”. (CRAFFORD & CRAFFORD ARCHITECTS: 2013)

O que podemos verificar em ambos os ateliês merece análise, pois, aparentemente o ateliê de José Forjaz como o atelier Crawford & Crawford têm discursos com princípios semelhantes apesar das respostas arquitetónicas se apresentarem diferentes.

Tanto um como outro referem a importância do lugar e as suas referências diversas como algo preponderante para as propostas lançadas, o que nos leva a pensar que aquilo que é substancialmente diferente é a interpretação do lugar, sendo este, à priori, a característica menos mutante, seja no âmbito da paisagem e do seu ecossistema como da história da presença humana e do seu património cultural.

A arquitetura, como os homens, tem esta capacidade de aplicar um discurso para um rol de respostas diferentes, o que nos pode levar a pensar na relevância pessoal das mesmas. Neste caso concreto, também há diferenças substanciais nos argumentos ou nos discursos que resumem os princípios balizares de cada ateliê. Em José Forjaz existe um óbvio apelo a uma apetência específica para intervir em território moçambicano “*competente para responder a todas as dimensões do espaço habitável, no contexto Africano em geral e, principalmente, no contexto moçambicano*” (JOSÉ

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

FORJAZ ARQUITECTOS: 2013) o que contrasta com o slogan de Crawford & Crawford “*Architects without boundaries*”.

Uma outra premissa do arquiteto moçambicano refere um código de princípios éticos e profissionais que validam a relevância social das suas propostas, incluindo a sustentabilidade ambiental. Para tal, afirma ser da sua responsabilidade “*estabelecer padrões de profissionalismo, que não são normalmente exigidos pelo cliente, mas que consideramos indispensáveis para a construção de uma plataforma de referências que, por razões históricas, desapareceram apagando o ethos da construção em Moçambique.*”

Por último, mas não menos relevante, é a declarada “*intransigência com o construtor*” no contexto em que é do dever do ateliê agir “*em benefício do cliente, do desenvolvimento de um sector essencial e da evolução da sociedade moçambicana*”. (JOSÉ FORJAZ ARQUITECTOS: 2013)

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

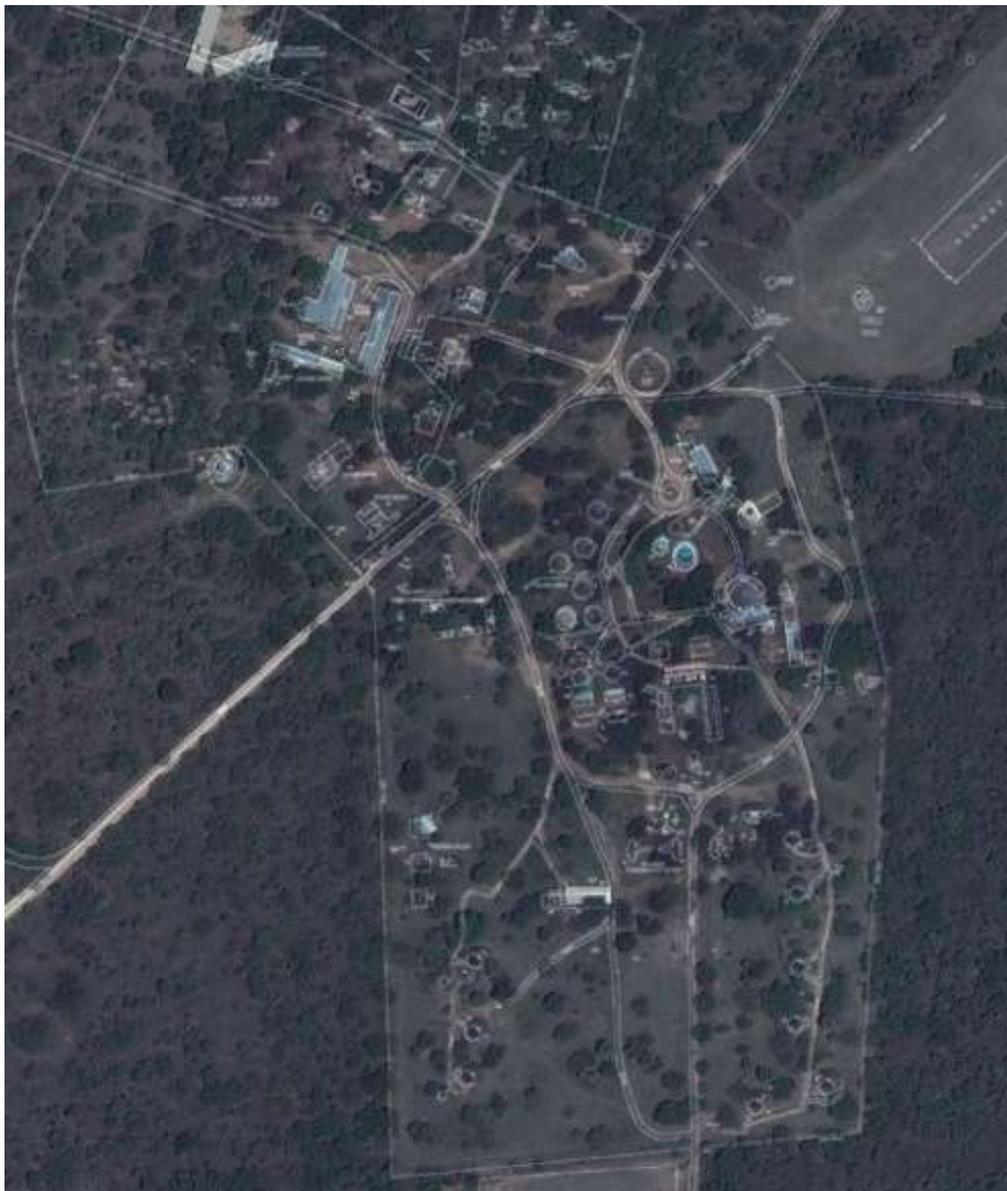


Fig.91: Levantamento do acampamento de Chitengo sobre imagem do Google Earth. Levantamento cedido pela Arquiteta Margarida Mesquita, da direção de projeto do Grupo Visabeira, concessionário da unidade hoteleira do antigo acampamento de Chitengo, atual *Girassol Gorongosa Lodge & Safari*.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Intervenções recentes e em desenvolvimento no atual “acampamento de Chitengo”



Fig.92: Vista geral de Chitengo



Fig.93: Nova recepção de Chitengo



Fig.94: Refeitório do Centro de Investigação



Fig.95: Residência de investigadores tipo T2



Fig.96 e 97: Tipologias pré-fabricadas em sistemas mistos de construção

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.88: Sistema modular de pré-fabricação metálica Estrutura mista (madeira de eucalipto vermelho)

Por ter verificado que a maioria, senão a totalidade, dos materiais naturais utilizados nas diversas construções no PNG são originários de África do Sul questionei o Dr. Marc Stalmans sobre a possibilidade de se utilizarem materiais locais, ou pelo menos Moçambicanos. Este explicou que a exploração industrial sul-africana permite, por exemplo, fornecer a madeira “vermelha” de eucalipto (muito utilizada em estruturas), a um preço bastante inferior à madeira moçambicana. Por outro lado, o caso do capim (como revestimento de coberturas) com origem na Gorongosa não garante a mesma resistência e durabilidade do capim importado de África do Sul, dizendo que “a sua fraca qualidade” deve-se a nascer nos solos férteis da Gorongosa enquanto o capim importado tem origem em solos muito fracos, o que aumenta a sua resistência.

Ao que eventualmente pode acrescer a influência dos autores dos projetos de arquitetura (neste caso os sul-africanos Crafford & Crafford) ao prescreverem materiais que melhor conhecem.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O projeto do Centro de Educação Comunitário (CEC) instalado dentro do PNG, mas fora do acampamento de Chitengo, é o mais representativo objeto de arquitetura do parque.

“Co-financiado pela Cooperação Portuguesa através do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e pela Fundação Carr num investimento estimado em mais de um milhão de euros”, nasce de uma coautoria entre o ateliê português Sketch⁴³, sediado em Maputo, e o conceituado arquiteto e ecologista sul-africano Allan Schwarz⁴⁴, o que permitiu aliar um desenho cuidado à utilização de sistemas ecologicamente avançados.

“O empreendimento tem por o objectivo principal contribuir para a criação de uma nova ética social e ambiental na sua área de influência, aliando a preocupação com os problemas globais ligados ao processo de degradação do meio ambiente, aos problemas actuais, resultantes da acção predatória do Homem.”⁴⁵

Expressa uma preocupação estética, técnica e ambiental que está além da básica vontade do “politicamente correto”, como é comum na maioria dos

⁴³ Representado pelas arquitectas Diana Pitzer e Maria Menezes.

⁴⁴ Professor Arquitecto e Ecologista fundou e leccionou no M.I.T. o programa curricular “design with nature”. Em 1994 funda Mezimbite Forest Centre em Moçambique: *“The Mezimbite Forest Center is a community based programme with an integrated sustainable design, forest management and education/training centre. The Center was founded in 1994 by Allan Schwarz, an architect, environmentalist and former teaching fellow at MIT, and gained formal legal status in 1996. Mezimbite works to eliminate poverty in forest communities by providing sustainable economic alternatives that protect and restore the forest ecosystem. The Mezimbite Forest Center is located 50 km Northwest of Dondo (population 80,000) and south west of Mafambisse in central Mozambique. It is beginning to extend its services and programmes into neighbouring countries. The Center directly employs close to 100 Mozambicans, and through its various activities and programmes is one of the largest employers in the area. The Center is active in a variety of fields, including: the production of timber products, all heirloom quality and consumer ready made from sustainably harvested African noble hardwood; the production of non timber forest products such as foods and personal care items; reforestation with original species; carbon offsetting; environmental damage repairs; consulting services to design products and projects in service of a sounder environment and lifestyles.”* - <http://mezimbite.com/>

⁴⁵ Carlitos José Sunza, Departamento de Comunicação do PNG.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

“Lodges” sul-africanos. Deste modo, e apesar das evidências materiais e formais do país dominante da África austral, o CEC é um modelo genuíno de como fazer arquitetura para um determinado programa funcional, incluindo e tirando partido do lugar, tendo em conta as suas características, luz, clima e desejada autonomia de recursos.

Na construção do CEC foram utilizados materiais com reduzido impacto no meio ambiente, nomeadamente blocos estabilizados (compostos por areia e cerca de 6% de cimento), madeira de Chanfuta e de coqueiro (abatidos como medida de prevenção para controlar a proliferação de uma doença difundida na Zambézia).

Através do isolamento térmico e do sistema de ventilação natural, o projeto garante uma redução de cinco graus na temperatura e uma boa qualidade do ar. A captação das águas pluviais é numa primeira fase conduzida para cisternas internas dos edifícios, que depois de cheias escoam para grandes depósitos com uma capacidade global de 300 000 litros. Após filtragem a água é utilizada para consumo de um modo controlado e o seu abastecimento faz-se por gravidade e bombas de baixa voltagem, alimentadas por painéis solares, visando minimizar o consumo de energia elétrica dependente.

A construção do CEC teve o cuidado em atenuar alterações na paisagem, quer por minimizar o abate de vegetação, conseguindo que nenhuma árvore adulta fosse derrubada, quer pelo encostar de terra às edificações, reforçando o isolamento térmico ao mesmo tempo que atenua o impacto visual na paisagem.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

CEC (Centro de Educação comunitário) do PNG



Fig.99: Alçado nascente (refeitório)



Fig.100: Alçado nascente (quartos)



Fig.101: Lavatórios exteriores (refeitório)



Fig.102: Refeitório (vista interior)



Fig.103: Sala de trabalho polivalente



Fig.104: Quartos para educandos

“O CEC é um local único em Moçambique - foi construído com uma arquitectura ecológica, utilizando recursos e trabalhadores locais para a construção. Existem 13 edifícios no centro, incluindo seis dormitórios, uma escola, um escritório, um refeitório e outras instalações! Como poderá ver

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

pelas fotos, está integrado com a natureza, o que era a motivação primária - para minimizar o impacto visual e ambiental.” (BLOG DA GORONGOSA: 2012)

Acontece que a localização deste relativamente ao seu impacto visual é manifestamente secundária, pois é precedida de várias edificações sem esse tipo de preocupações, como são os aposentos dos educadores do PNG.

De facto, as intervenções arquitetónicas no parque caracterizam-se por uma grande heterogeneidade de opções de projeto, o que, será normal para a maioria dos envolvidos, mas menos convincente para aqueles que o visitam.

O projeto de restauração do PNG tem em toda a sua essência um carácter idealista, e um contexto muito particular que o torna uma possibilidade real. E é assente nestas condições que almejam a uma possível perfeição. Do meu ponto de vista, a sua maior lacuna poderá passar pela organização das infraestruturas, na sua disposição, implantação e diversidade de conceitos arquitetónicos edificados.

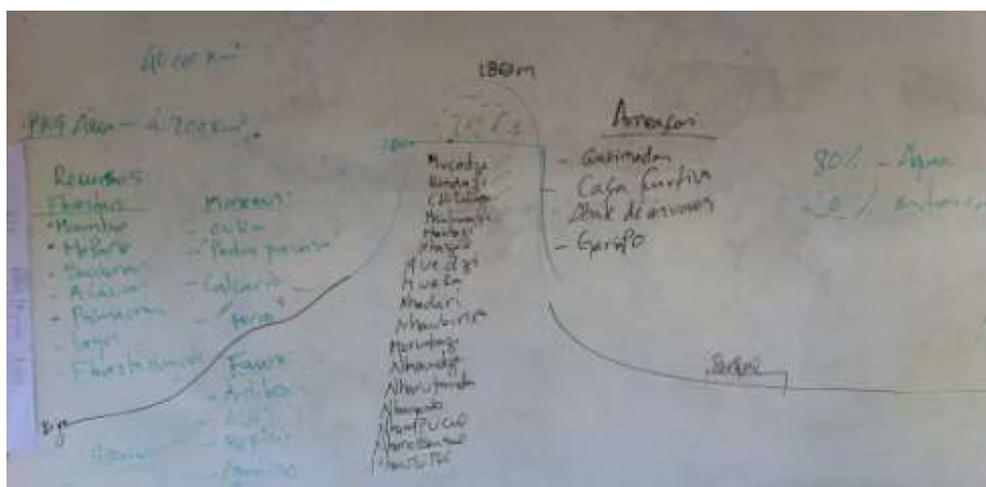


Fig.105: Resultado gráfico de sessão de esclarecimento no Centro de Educação Comunitário_CEC

No quadro acima pode-se observar o tipo de explicação dada às crianças que visitam o CEC. Neste caso, destaca-se a necessidade de compreenderem a

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

importância da Serra da Gorongosa para todo o ecossistema do parque, assim como para os recursos das comunidades que habitam à sua volta.

À esquerda descrevem-se os recursos florestais, à direita e sucessivamente descrevem-se os recursos minerais, hídricos, a fauna, as diversas comunidades, a localização destas face às cotas altimétricas e planimétricas da Serra, assim como os principais problemas que se colocam para coexistência vantajosa dos seus principais intervenientes (comunidades, PNG e modos de exploração/conservação dos recursos). Alerta ainda para as atividades que ameaçam o PNG como as queimadas, a caça furtiva, o abate de árvores e o garimpo.

Por norma, cada visita de campo ao CEC alberga trinta crianças e dura três dias. Entre outros esclarecimentos, uma educadora ambiental do parque (Adrienne McGill) afirma que as crianças se sentem muito felizes por passar esses dias no PNG, pois apesar de viverem na sua proximidade, não conhecem muitos dos animais que o habitam.

“Para elas é como passar umas férias com pensão completa, aprendem a brincar, passeiam, vêm filmes, fazem jogos, comem bem e dormem melhor. È comu hesitarem no regresso a casa depois da estadia no CEC.” (GNP: 2012)

8.3. O exemplo do Parque Nacional de Virunga

À semelhança do PNG, o território do Parque Nacional de Virunga⁴⁶ tem uma forte densidade humana, o que cria muitas dificuldades para a conservação da natureza naquele lugar, internacionalmente famoso pelos magníficos gorilas da montanha.

Entre a diversidade de problemas que se colocam na convivência do homem com a estabilização de ecossistemas complexos, onde habitam animais de grande porte, a conservação da floresta é entendida como condição indispensável para a sobrevivência da biodiversidade.

Assim como no resto do planeta, as comunidades locais que habitam o parque ou os seus limites aproveitam regularmente os recursos da floresta para empreender as suas atividades. Neste sentido, o abate de árvores pela população surge tanto da necessidade de limpar os terrenos para a agricultura como para uso da madeira como combustível, até aqui indispensável para a confeção dos alimentos.

Por isso em 2009, através da sensibilização das populações e da distribuição de “prensas” o Parque Nacional de Virunga iniciou o processo de introdução de uma técnica artesanal para a produção de matéria combustível, envolvendo as comunidades que vivem no interior e envolvente do parque a combater o problema de desflorestação, substituindo assim a lenha por “briquetes”⁴⁷. (GORILLACD.ORG: 2009)

O aumento exponencial do efeito de desflorestação por via do homem é um evidente problema em todo o continente africano, sendo também um processo que se tem acentuado por via do aumento populacional, associado aos altos índices de pobreza e desinformação.

⁴⁶ O parque nacional de Virunga (anteriormente parque nacional Albert) prolonga-se desde as Montanhas Virunga, aos Montes Ruwenzori, na República Democrática do Congo, limitado pelo Parque Nacional dos Vulcões, no Ruanda, e pelo Parque Nacional dos Montes Ruwenzori, no Uganda. Cobre cerca de 7.800 km² e foi estabelecido em 1925 como o primeiro parque nacional em África. Está classificado como Património Mundial da UNESCO desde 1979.

⁴⁷ Biomassa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Desde 2012 que outros países, como a Guiné-Bissau ou o Senegal, auxiliados por ONGs, têm procurado alternativas que permitam a população cozinhar sem a devastação das suas florestas. Nestes casos, a solução implementada são os fogões solares, possíveis de produzir artesanalmente e aconselhados a locais de forte incidência solar - uma fonte de energia térmica inesgotável e apropriada a grande parte do planeta.

O exemplo de Virunga e da produção de briquetes tem aqui a pertinência de poder ser uma sugestão para o Parque Nacional da Gorongosa, pois o problema é idêntico, no que diz respeito aos principais motivos da desflorestação, e por conseguinte os resultados poderiam ser igualmente interessantes, não havendo à priori motivos particulares que impedissem ou sequer dificultassem a sua implementação.



Fig.106: Produção de *briquetes* no Parque Nacional de Virunga

8.4. O exemplo de Mbarau Niang

O exemplo de reabilitação das casas tradicionais de Mbarau Niang⁴⁸ representa a valorização das construções tradicionais⁴⁹ enquanto património que deve ser compreendido e tido em conta como ensinamento para novos modelos e novas construções.



Fig.107: Aldeia antiga de Mbarau Niang, Ilhas das Flores, Indonésia

O processo de recuperação e preservação da aldeia de Mbarau (Ilha da Flores) teve por primeiro impulso a visita de um grupo de jovens arquitetos que adquiriram o bom hábito de viajar por aquele enorme arquipélago. E assim, confrontaram-se com um local onde ainda resistiam quatro exemplares destas construções tradicionais, embora duas destas já estivessem em ruínas.

Os atuais residentes já não sabiam como as recuperar, talvez porque os conhecimentos sobre este tipo de técnicas tenham ficado perdidos nas anteriores gerações.

⁴⁸ “Preservação de Mbarau Niang, Wae Rebo Village, Ilha das Flores, Indonésia” é um projeto finalista (short list) do Aga Khan Award for Architecture 2013, dos arquitetos Rumah Asuhe e Yori Antar.

⁴⁹ Casas cónicas de madeira 'worok' e bambu amarrado na reunião. Construção 'rattan' com telhados de colmo são as construções arquetípicas desta ilha remota.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Assim, os jovens arquitetos (Rumah Asuhe e Yori Antar) impulsionados pela descoberta e pela sensação de poder redescobrir as técnicas ancestrais destas construções, conscientes da importância do modelo e do seu valor patrimonial e apoiados pelas comunidades locais, empenharam-se em reavivar as técnicas de construção das casas de Mbarau Niang. Atualmente, esta é uma matéria que “ganha raízes” no ensino da arquitetura indonésia e tem por consequência um largo espectro de aprendizes interessados na preservação e conservação do património cultural indonésio.



Fig.108: Reabilitação da aldeia de Mbaru Niang, Ilhas das Flores, Indonésia.

Descreve-se assim o contexto da recuperação das casas tradicionais da Ilha das Flores, para evidenciar o acaso com que se desperdiça ou reconquista um património ancestral desta relevância, sabendo porém que este está na base da compreensão de uma cultura e de um modo de viver.

8.5. O exemplo de Rudrapur

No âmbito das atividades da ONG Dipshikha, do Bangladesh, os arquitetos Anna Heringer e Eike Roswag projetaram e construíram em 2005 a Escola de Rudrapur, vencedora do Prémio Aga Khan em 2007.

Este é um projeto que se distingue pela utilização dos recursos locais, materiais e reinvenção de técnicas construtivas tradicionais, assim como pela ampla participação da comunidade local nos seus diminutos quatro meses de construção. E ainda, não menos relevante, os seus 325 m² de área de construção foram edificados pelo valor total de 22 835 dólares americanos. Uma verba irrisória face à generalidade dos valores da construção que prescreve a ideia de sustentabilidade.

Espacialmente o edifício procura combinar o lugar de aprendizagem com a informalidade de um abrigo onde se pode brincar. A luz é tão controlada como a temperatura é condicionada por espessuras de paredes, sombras e circuitos de ventilação.

Assim, para além do que esta intervenção significa no sucesso da utilização dos recursos locais, na minimização do desperdício, como no envolvimento das comunidades e nos resultados potencialmente benéficos e sistémicos para outras comunidades no Bangladesh, estamos perante o objeto arquitetónico (re)inventado e estritamente adequado às circunstâncias, tal como é convencionado o desígnio do Belo na arquitetura.

Este é, do meu ponto de vista, um exemplo a seguir enquanto matéria complexa e dinâmica das sinergias da globalização, sobretudo por ser manifesto o apreço pelas singularidades locais na reabilitação ou construção de novas infraestruturas, em lugares sensíveis e de poucos recursos financeiros. Só assim se garante o respeito pela cultura e identidade local, que penso ser imensurável e como tal sempre do mesmo valor de uma outra qualquer.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.109



Fig.110

CAPITULO VII:

9. SÍNTESES

Resenha geofísica da região do PNG

Dos elementos analisados, verifica-se que a convergência no território do PNG entre as planícies inundáveis do Tando, assentes na grande depressão do vale do Rifte, e a proximidade da Serra da Gorongosa transformaram aquela paisagem num lugar único do ponto de vista da sustentabilidade e biodiversidade dos seus ecossistemas.

Com os seus 1800 metros de altitude, a Serra da Gorongosa absorve a humidade gerada no oceano indico, transformando-a em água que por sua vez irriga tudo à sua volta, tendo como ponto de convergência principal, a bacia do lago Urema, localizado no centro do PNG.

A circunstância de haver mais água que no restante território envolvente e a sua capacidade para a reter são, por si, motivos para uma especificidade impulsionadora para a proliferação da vida animal no PNG.

Do mesmo modo, as oscilações entre a época seca e húmida criam níveis de oscilação das águas que aumentam muito a capacidade de regeneração das pastagens e da fertilidade dos solos.

Assim, a convergência de condições físicas e microclimáticas do território fazem do PNG uma exceção na paisagem da África austral, tendo em conta a diversidade de ambientes que se concentram na totalidade dos seus 10,090 km² (1,009,000 hectares)⁵⁰. (STALMANS & BEILFUSS: 2008: 6)

⁵⁰ Esta área inclui os 3,688 Km² (368,000 hectares) dos limites do Parque Nacional e a restante zona de protecção, incluindo a serra da Gorongosa.

Resenha étnica da região do PNG

Uma leitura geral da história dos povos africanos e das suas dinâmicas migratórias, que já foi desenvolvida no capítulo V do presente trabalho, visou uma compreensão mais alargada sobre as possíveis origens dos povos que hoje habitam dentro e nas proximidades do PNG.

Deste modo, sabemos que o “Bosquímano” (com uma existência próxima dos 100000 anos) é provavelmente o mais antigo homem autóctone, pois a sua origem está determinada na África austral. Sendo assim e devido às migrações do povo Bantu (iniciadas à cerca de 2000 anos a partir do centro de África), o “Bosquímano” foi progressivamente empurrado para lugares mais inóspitos do sul do continente africano, deixando os Bantu livres de ocupar todo o território do sul de África.

Os Bantu, por sua vez e naturalmente separados por grupos, deram origem a diversas sub-etnias, entre as quais encontramos os povos que usam o dialético linguístico de origem Shona, também conhecidos pelo grupo étnico dos Shona.

Os Shona localizam-se sobretudo no Zimbabwe, sendo que o seu raio de disseminação cultural afeta ainda todo o centro do atual mapa moçambicano, incluindo o distrito de Sofala e a Gorongosa.

Entre os aspetos mais comuns dos Shona salientam-se os valores sociais e humanos, muito evidentes no seu comportamento e justiça social (GELFAND, M.: 1973).

Dentro de um vasto panorama das comunidades de origem Shona encontram-se diversos grupos regionais, que por sua vez falam outras ramificadas línguas locais.

Na região da Gorongosa, em particular as comunidades que habitam dentro e na envolvente do PNG, são chamadas de Ma-gorongose, e provêm da fusão dos Shona, dos Sena, dos Ndaue e Barué, mas reconhecem-se como pertencendo ao conjunto da tribo Ndzinza, povo que apesar das dinâmicas de miscigenação preservou o nome de origem, Ndzinza. As línguas mais

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

comuns são o Chi-gorongosi e o Xi-duma, dependendo das comunidades e locais.

Resenha sobre o Habitat das comunidades na região do PNG

Mesmo num contexto abrangente do território, como o centro de Moçambique, não existem evidências que estabeleçam uma correspondência entre as etnias locais e modos característicos de construir casas ou organizarem as aldeias.

No entanto, há uma diferença manifesta entre os modelos existentes no interior de Sofala e aqueles que se encontram no litoral, influenciados pela arquitetura Swahili e pela adoção de elementos da arquitetura indiana e portuguesa. (CARRILHO: 2005: 6)

Atualmente na Gorongosa, e em particular nas comunidades mais isoladas, os modelos mais comuns da organização das aldeias e das suas construções ainda se insinuam nos ancestrais valores cosmogónicos, como é o exemplo da eterna renovação das construções, refletida na utilização de materiais perenes como o caniço, o barro e as estacas de pau.

Normalmente o território divide-se em três zonas principais, a aldeia, os campos agrícolas (machambas) e a floresta. As machambas familiares situam-se na zona intermédia entre a aldeia e a floresta e servem como zona de transição entre a ordem da aldeia e o caos da floresta.

Por norma as aldeias organizam-se de uma forma dispersa e ao longo do rio, num desenvolvimento linear.

Cada família constrói os seus aposentos dentro de um recinto, cuidado e sempre limpo de qualquer vegetação, o que resulta num conjunto disposto em forma circular. As diversas dependências que servem as atividades de uma família, sejam quartos, cozinha, galinheiro, pombal, secador de louça, estão hierarquicamente distribuídas no recinto.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Atualmente, as habitações predominantes são de planta quadrangular, embora ainda se encontrem as originais plantas circulares. Com isto, podemos também confirmar que a importância do círculo e das suas origens cosmogónicas está a dissipar-se pela cultura nativa das comunidades da Gorongosa.

Implementação do projeto de “restauração” do PNG

O projeto implementado no PNG baseia-se no estabelecimento de um protocolo por vinte anos no sentido de uma administração conjunta entre o estado moçambicano e a fundação Greg Carr, assim como na capacidade de financiamento de Greg Carr e dos seus parceiros, como é o exemplo do governo de Portugal e ONGs, de apoio ambiental e vocação social.

O filantropo americano encontrou na Gorongosa a possibilidade de recuperar um pedaço de mundo, que compreendeu ser especial, e que se encontrava totalmente destruído pelo drama de uma guerra recente.

Desde logo, esta nova organização do PNG, conhecendo a realidade da conservação atual da natureza, entendeu que o objetivo de recuperar aquele ecossistema implicaria mudar modos de vida das comunidades locais assim como criar a maior cumplicidade possível com estas nas ações do parque.

Assim, o PNG munuiu-se de uma equipa multidisciplinar concentrada nas suas principais ações:

- a) A reposição e conservação da fauna;
- b) A reflorestação, o controlo dos incêndios e da desflorestação;
- c) A sensibilização ambiental, o que resultou na construção de um centro educativo comunitário (CEC);
- d) A recuperação de infraestruturas do parque, acessibilidades e instalações turísticas;
- e) A atribuição de concessões de exploração turística;

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

f) O melhoramento da qualidade de vida das populações na proximidade do PNG, através da implementação de furos de água, apoio técnico á agricultura, construção de escolas, centros de saúde locais e disponibilização de clínicas móveis.

g) O aproveitamento mediático, fazendo convergir a ideia de um lugar de referência para a investigação científica (sobretudo ecologia e biologia), ao mesmo tempo que se divulga um destino turístico singular, onde se pode fruir a natureza na sua condição integral, diversificada e exuberante.

Evidentemente a convergência destas ações é evidentemente complexa e nem sempre se pode traduzir em resultados imediatos. Contudo, a situação atual, após oito anos de implementação do projeto, é bastante satisfatória, estando os progressos mais visíveis relacionados com o grande aumento da população de animais, o que por si revela a aplicação de medidas que diminuíram substancialmente a caça furtiva, apesar dos números ainda apontarem para cerca de 3000 animais abatidos anualmente.

Outra ação fundamental e em franco desenvolvimento é o programa de reflorestação da floresta húmida da serra da Gorongosa, uma recuperação fundamental para a contenção da erosão da serra e da sua capacidade em conter as humidades que irrigam o PNG.

Apesar dos esforços na fiscalização da floresta e da replantação de milhões de árvores (cerca de 1 000 000 por ano), ainda não foi possível erradicar plenamente o seu abate, pois a população utiliza a madeira para consumo doméstico e para a produção de carvão, assim como os terrenos da floresta para a produção agrícola de subsistência. Ao que acresce ainda a existência de alguma atividade comercial da madeira ilegal. A este ritmo, o PNG prevê que a floresta da serra da Gorongosa leve cerca de 200 anos a recuperar a sua dimensão original.

No que diz respeito aos incêndios no PNG, nos últimos anos têm-se fixado em valores razoáveis para a renovação dos pastos, o que equivale a cerca de 30% por centro de área ardida por ano.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Uma outra frente de renovação assenta nas infraestruturas do parque, com particular visibilidade nas instalações turísticas e científicas do acampamento de Chitengo.

Com a exceção de alguns Bungalows turísticos recuperados, a maioria das edificações são construções novas, mais adequadas ao atual programa de ações desenvolvidas pelo PNG. Os mais significativos exemplos são o novo espaço de restaurante, a nova receção, mas sobretudo o espaço para conferências, assim como o complexo de instalações para os serviços científicos do PNG.

Destaca-se ainda a construção do CEC, enquanto expressão da maior relevância que os serviços do parque atribuem à sensibilização / formação ambiental das crianças, e das comunidades em geral, que vivem dentro e nas proximidades do PNG.

Principais dificuldades na implementação do projeto do PNG

Apesar dos notáveis progressos, as dificuldades de implementação do projeto continuam a ser muitas, sobretudo no que diz respeito à alteração dos hábitos das comunidades envolventes, e tendo em conta o número de pessoas que habitam dentro dos limites de proteção do PNG, que serão aproximadamente 200 000. Temos por exemplos dessas dificuldades:

- a) A densidade humana daquele território;
- b) A dificuldade do envolvimento de todos no projeto;
- c) A desflorestação da Serra da Gorongosa;
- d) Os fogos descontrolados;
- e) O corte de madeira para comercialização de carvão;
- f) A produção agrícola inadequada;
- g) A caça furtiva;
- h) A prospeção de ouro e a poluição das linhas de água;

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

- i) Problemas associados à deslocalização das comunidades que habitam dentro do PNG;
- j) A adequabilidade dos planos para as novas aldeias fora dos limites do PNG;
- k) O contexto político moçambicano e a sua influência no turismo do PNG;
- l) A futura sustentabilidade do projeto baseada em receitas turísticas.

Embora o elenco de dúvidas e factos que dificultam a execução do projeto de recuperação, dever-se-á ter presente que a sua implementação foi prevista para acontecer durante um período de 20 anos, o que poderá ser suficiente para encontrar soluções para problemas que comprometam a “restauração” do PNG.

Entre outras ações que o PNG desenvolveu, no intuito de poder contribuir para a melhoria das condições de vida das populações, esteve a abertura de uma fábrica de secagem de fruta, aproveitando assim a grande quantidade de produção que é sazonalmente desperdiçada, uma vez que não é possível colhê-la e escoá-la em tempo útil (sem que se degrade). Contudo esta, atividade não durou muito, devido a problemas com as capacitações técnicas e de gestão do pessoal.

Medidas colaborativas com a implementação do projeto do PNG

Após a análise da informação concedida pelo departamento científico do PNG sobre o programa de deslocalização das comunidades que se inserem no interior do parque, como é o caso em curso da pequena comunidade de Mueredze, assim como o seu cruzamento com a informação resultante desta pesquisa, no que diz respeito a interpretação geofísica e antrópica do território, verificámos as afinidades existentes entre os pressupostos considerados e as propostas acionadas.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Deste modo, podemos considerar que através do levantamento de dados sobre a história antropológica destas comunidades e da interpretação do seu habitat, quer do ponto de vista dos seus modos de vida, quer dos modelos estereotipados das suas aldeias e habitações, nos habilitamos a estar mais preparados a compreender melhor as suas necessidades mais elementares, o que nem sempre se limita a um teto e quatro paredes.

É claro que se houvesse a possibilidade de clarificar ambições e carências de forma direta com as comunidades, poder-se-ia alcançar uma maior aproximação à proposta ideal, assim como acompanhar todo o processo num modelo de planeamento participado – o que seria ainda melhor.

Contudo, as limitações do tempo e da distância não permitiram ir além de contactos com nativos da comunidade de Vinho ou com funcionários do parque, pois mesmo *in loco* as dificuldades em encontrar interlocutor são evidentes. A maioria da população entende mal o português e em alguns casos, como pude verificar na minha passagem pela serra da Gorongosa, revelaram-se mesmo totalmente inescrutáveis.

Por isto, a análise do passado, do lugar e de um programa em desenvolvimento para a transladação residencial da comunidade de Mueredze compreende uma enorme relevância neste trabalho. Pois é, para já, o único exemplo onde podemos verificar os resultados práticos da construção de uma nova aldeia.

E aqui sobressai um conjunto de interrogações que se prendem com o que parece ser uma atitude muito prosaica na resolução de um problema, que também é prático, mas como sabemos deverá pressupor um conjunto de invisibilidades (sociais e humanas) que por norma tendem a ditar o seu real sucesso.

Entre outras sugestões, poderemos evocar as palavras de Mia Couto quando refere que a compreensão dos habitantes locais está para além da ciência e da razão, assim como a relação destes com o território se insere na ideia de “uma terra, que sendo pequena, tem uns braços muito grandes”.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

No entanto, o que se depreende da nova aldeia de Muerdze é uma proposta que se evidencia por uma racionalidade abstrata que começa no desenho organizacional do “bairro” e se consoma na geometria do casario e nos seus materiais.

Neste sentido, importa reconhecer a proposta (não implementada) do arquiteto José Forjaz, no projeto que desenvolveu para o “*Master plan das infra-estruturas de exploração da Gorongosa*” (2005), como uma clara aproximação aos modelos tradicionais das comunidades, através de um desenho explícito na sua disposição dispersa, e pela marcação de conjuntos edificados circunscritos num recinto circular, tal como nos exemplos analisados das comunidades de Vinho, Goinha, Goronga e Muerdze.

Um outro aspeto verificado pela Antropóloga Teresa Nóvoa, está na relevância deste processo ter ou não considerado a transladação de uma comunidade tradicionalmente associada à pesca no lago Urema, mas que agora irá habitar na periferia da Vila de Muanza, longe do lago ou de um rio. O que obriga, inevitavelmente, a grandes alterações nos seus modos de vida.⁵¹

Em suma, o que está em causa não são as motivações do PNG mas os modelos e os princípios definidores do “novo bairro de Muerdze”, nos quais se denota a ausência de substância complexa na matéria apreciada, assim como na articulação prática entre os modelos tradicionais e a proposta edificada - particularmente relevantes em proposições que incidem sobre culturas tão diversas do ponto de vista das suas referências e presumíveis ambições. Uma atitude consagrada no exemplo citado da escola de Rudrapur, no Bangladesh, onde se juntaram sistemas construtivos tradicionais e mão-de-obra local com a inovação arquitetónica, conseqüente com o clima, com a paisagem e com o programa ambicionado.

⁵¹ Na atualidade da conservação da natureza, como é manifesta a convicção do investigador Mark Dowie, existe uma forte conceção que assenta na necessidade da permanência dos nativos nos parques e nas zonas protegidas, na medida em que devem ser considerados como os seus principais conservadores.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Do ponto de vista dos resultados desta pesquisa, centrada na análise transversal sobre as ações do PNG, destacaria a nova Mueredze como o seu principal fracasso, comparado ao virtuosismo geral do projeto. Isto é apenas, no sentido em que se torna evidente um resultado que assenta num pragmatismo simplista, ignorando questões tão relevantes como a cultura e os modos de habitar dos seus destinatários.

No entanto, apesar do tema central da deslocalização das comunidades e das suas mais visíveis consequências, dever-se-á elencar todos os problemas detetados e as suas principais sugestões como:

- a) A necessidade de desenvolver propostas de implantação de aldeias, projetos turísticos e outras construções, mais coerentes/conscientes das particularidades identitárias locais;
- b) A necessidade de um maior envolvimento das comunidades na construção das infraestruturas (o exemplo de Rudrapur);
- c) A necessidade de combater a desflorestação e os fogos descontrolados (o exemplo de Virunga);
- d) A necessidade de uma interpretação abrangente para um ecoturismo (ex: sistemas construtivos, materiais e a sua origem);
- e) A contribuição da diversidade, material e formal, dos edifícios implementada nas intervenções do PNG para uma imagem esteticamente desligada, sem a evidência de uma projeção do todo;
- f) A dispersão de infraestruturas no PNG é questionável do ponto de vista da sua duplicação de meios (ex: localização do CEC e residências de formadores);
- g) Os problemas com acessibilidades, a segurança dos acessos e preços especulativos dos transferes como possíveis inibidores turísticos;
- h) A instabilidade política e suas consequências nas taxas de turismo.

Considerando que os principais objetivos da pesquisa são:

- a) Juntar as peças fundamentais para uma reconstrução plausível da história do lugar (no sentido lato do território), na sua dimensão geofísica e

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

antrópica, e deste modo reconhecer as suas especificidades perante o contexto de um mundo supostamente global;

b) Conhecer a história do PNG e todas as suas fases até à implementação do projeto em curso;

c) Compreender o conceito do projeto de recuperação e conservação do PNG em todas as suas frentes e dimensões;

d) Identificar as suas particularidades e problemas;

e) Produzir uma síntese articulada entre a identidade cultural de um lugar, as motivações de um projeto de reabilitação no território e a coerência ou não das ações implementadas.

Assim como a sua utilidade futura:

a) Na compreensão holística do projeto;

b) Na capacidade de extrapolação para outras ações semelhantes (dado a proliferação de parques nacionais e zonas protegidas em África e no mundo);

c) Na compreensão do papel do arquiteto e da sua possível participação, enquanto um profissional habilitado, no desenvolvimento destas ações (justificada na instrução/aptidão para a construção de sínteses e na necessidade de permanência do sentido do todo).

CAPITULO VIII: 10. CONCLUSÃO

10.1. Considerações finais

A ideia comum da arquitetura enquanto última profissão do Renascimento é suportada pela sua longa resistência à especialização e assente na necessidade de olhar o mundo de um modo particularmente abrangente. Uma constatação que se firma com particular relevância no legado de Buckminster Fuller, diversas vezes comparado a Leonardo da Vinci, enquanto arquiteto, engenheiro, cosmólogo, matemático, filósofo e poeta.

“Os nossos fracassos são evidentemente consequência de muitos fatores, mas possivelmente um dos mais importantes é o facto da sociedade operar de acordo com a teoria de que a especialização é a chave do sucesso, não compreendendo que a especialização impede o pensamento global.” (FULLER, Buckminster: 1969: 5)

Uma resistência que ainda perdura face ao caminho da maioria das outras áreas científicas e que não permitiu transformar a disciplina de arquitetura numa parcela de conhecimento especializado, sob pena de perder o seu sentido profissional e a necessária capacidade de diálogo com as outras áreas disciplinares.

“É perversa a tendência actual para a criação de saídas profissionais especializadas, sectorizando o território da arquitectura, em quintais de saberes distintos, como se arquitectura não fosse coisa em si, síntese de saberes a constituir coisa nova, nunca classificável pela integração de qualquer das parcelas que faz desaparecer o projecto. A arquitectura não é classificável em ramos conforme os saberes que utiliza. Cada projecto implica um especialista, sempre o mesmo: um arquitecto.” (ALVES COSTA, A.: 2014)

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

A ideia sublinhada do arquiteto enquanto ator fundamental na compreensão do território assenta, desde logo, na base da sua formação académica, em que o espectro disciplinar é substancialmente alargado comparativamente às demais áreas profissionais. Uma base de aprendizagem necessariamente abrangente, transversal a áreas disciplinares tão diversas como: a matemática, a física, a geometria, o desenho, a geografia, o ambiente, a sociologia, a antropologia, a história e a filosofia. É pois neste sentido que podemos aferir a abrangência como uma parte da especialização do arquiteto.

Por outro lado, e não menos relevante, advém do sentido mais comum da atividade do arquiteto que é grosso-modo catalisada em síntese, quer para o desenvolvimento de uma proposta de plano como para o desenho de um objeto arquitetónico ou até no simples desenho de uma peça de mobiliário. Pois, em toda a atividade arquitetónica há também esta ideia de sistema entre o todo e o detalhe, que lhe confere valores sinérgicos como a coerência processual e formal, e nos remete para uma matriz de combinações teoricamente denominadas por Daniel Libeskind como processo de “associações complexas”. Um contexto que está na génese da convicção de que a beleza advém desta combinação complexa entre as partes e que a sua adequação perfeita se traduz na arquitetura, como noutras áreas profissionais, em prazer estético, como um derradeiro indicador das suas virtuosas qualidades.

“When I’m working on a problem, I never think about beauty. But when I’ve finished, if the solution is not beautiful I know it’s wrong.” (FULLER, B. apud DAVID, D.: 2004: 34)

É pois neste contexto que em teoria a condição do arquiteto lhe confere um estatuto privilegiado para uma leitura diversificada das diferentes áreas disciplinares que envolvem o território e assim o colocam como potencial intérprete para uma visão holística do problema, e deste modo poder vir a ter um papel decisivo na articulação das diferentes, muitas vezes divergentes,

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

perspetivas dos agentes de transformação do território, procurando sempre o equilíbrio possível de todas as forças envolvidas, garantindo que a solução de uns não se transforma num problema para outros.

Penso que neste sentido o papel do arquiteto não se afasta daquilo que é o seu lugar convencional, substanciando-se a diferença na escala e na complexidade invulgar do projeto do PNG, assim como numa reforçada consciência para a responsabilidade do processo. Contudo, a abordagem profissional continua a depender da melhor leitura do contexto e do programa proposto, para com isso obter uma síntese competente com os desígnios, mais relevantes e com menos falhas⁵², do projeto.

“Embora classificados de especialistas, os arquitectos e planeadores, e em particular estes últimos, têm um âmbito ligeiramente mais vasto do que as outras profissões.” (FULLER, Buckminster: 1969: 34)

O sentimento da necessidade de uma clarificação mais generalizada da disciplina, possivelmente visando o reforço da situação técnica e do seu reconhecimento no mercado de trabalho, pode ter resultado num eventual desvio das bases da função da arquitetura, no que diz respeito ao princípio da abrangência disciplinar e sua implícita capacidade de síntese.

Prosseguir na diversificação do arquiteto “em quintais de saberes” é amputar a disciplina na sua condição fundamental, enquanto interlocutora abrangente do contexto e da sua diversidade. Esta é a condição do arquiteto e a sua verdadeira utilidade.

A vantagem de sublinhar o papel do arquiteto na intervenção do território inscreve-se sobretudo no argumento da tendência para uma maior responsabilização e consciência das consequências da prática profissional assim como, ao mesmo tempo, propor um olhar mais desligado do legado

⁵²Pois como em qualquer outra abordagem a um problema cultural de grande amplitude é comum haver falhas, falhas passíveis de serem apontadas, e que representam por si a utilidade de um registo. Pois acredita-se que, tal como sugere Samuel Beckett, é possível *“Falhar. Falhar de novo. Falhar cada vez melhor.”*

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

peçoal, e com isto motivar e privilegiar a capacidade de construir algo maior. Acredito que aqui reside a emergência de um “novo” paradigma profissional, como lugar ideal para sedimentar a condição do arquiteto que se baseia numa leitura abrangente e na capacidade de síntese em prol do mundo. O que não obriga a um sacrifício do ego mas a colocar-se num outro plano de elevação, mais útil.

Por outro lado, o que se propõe neste trabalho é a sugestão de uma construção metodológica mais sistematizada, tendo em conta uma análise do território mais interessada em acrescentar rigor à compreensão de todos os pressupostos e da sua imprescindível articulação. Sem a pretensão de um novo alcance, mas sim com o intuito de resgatar os princípios mais elementares da disciplina de arquitetura como a consciência do todo. Consiste sobretudo em garantir que os conteúdos analisados são na sua totalidade considerados e que o seu resultado estratégico está para além do empirismo ou da mera intuição individual. Uma sugestão que tem como objetivo principal permitir uma maior correspondência entre os problemas detetados e as propostas lançadas. Um processo de trabalho mais exigente no contexto da construção de uma consciência global, relativamente a um mundo cada vez mais suscetível à intensidade e multiplicidade de ações que afetam a base do seu frágil equilíbrio.

O desejo para uma metodologia processual mais inclusiva e transversal da teia disciplinar da arquitetura e do planeamento advém sobretudo de uma consciência mais generalizada sobre a necessidade de diminuir o erro na transformação cultural do território, de modo a que todas as suas frentes de influência possam ser ponderadas.

Esta é uma linha de ideias bastante divulgada por Mohsen Mostafavi, ex-diretor da Harvard University Graduate School of Design e filosoficamente apoiada por Homi K. Bhabha (director do centro de humanidades de Harvard School) enquanto apelo à necessidade de olhar simultaneamente o pormenor e o global. Este último desenvolve um trabalho que visa sobretudo o plano das interações entre os povos e as respetivas consequências dos hibridismos culturais.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Contudo, depreendemos que esta dinâmica - para além de surgir dum certo clima de emergência cultural, ambiental e conseqüentemente territorial, se inspira fortemente no trabalho de Richard Buckminster Fuller, em particular na ideia de um mundo que se afastou demasiado dos princípios e relações da natureza e que se aproxima assim aceleradamente de uma catástrofe (à semelhança da apologia do acidente de Paul Virilio). A não ser que seja capaz de reinventar modelos apoiados em sinergias que consigam estancar a sangria do consumo dos recursos existentes.

Esta aproximação ao trabalho de Buckminster Fuller constata-se desde logo na demanda da GSD Harvard quando ecoa a expressão “more for less”, que advém claramente da célebre frase “more and more with less and less until eventually you can do everything with nothing” (FULLER, B.: 1938: 252). Uma sugestão que visa melhorar progressivamente a eficiência dos processos de trabalho, compreendendo os problemas no seu modo mais abrangente, através do desenho de sistemas entre os diversos elementos envolvidos, naturais e culturais.

Neste sentido, a busca para um maior rigor analítico face aos problemas procura incentivar a consciência de uma complexidade que nem sempre é possível determinar pelo desígnio individual do arquiteto. No entanto, esse mesmo processo pessoal não deixa de continuar a ter o seu papel na construção da estratégia e na hierarquia das opções, pois será sempre necessário, assim como inevitável, à interpretação dos dados, elaboração de sínteses e planos de intervenção.

“Ao arquitecto de hoje só «um critério de experiencia» é lícito; um critério que não recuse dado algum do real que, esse sim, existe, nunca como matéria a sujeitar a soluções apriorísticas, mas sempre decorrente de interpretações e desígnios pessoais.” (ALVES COSTA, A.: 2014)

O posicionamento metodológico do Professor Alves Costa insere-se na complexidade de referências que influem as opções de intervenção no

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

território edificado, e nas suas considerações sobre o património arquitetónico. A eventual sugestão de um modelo estratégico mais “empírico”, e inclusivamente errante pela dependência das “interpretações e desígnios pessoais”, são sugeridas como parte essencial do exercício profissional do arquiteto. Pois apesar da sua inevitável “condição errante” continua a ser em potência o mais bem preparado interlocutor da realidade, na articulação dos dados e na construção das sínteses implícitas na intervenção do território.

“É, pois, o nosso desígnio, que vai evidenciando a necessidade da análise: a histórica e todas as outras, as geográficas, as morfo/tipológicas ou sociológicas e antropológicas, ou ainda, as políticas, por estarmos no campo dos direitos dos cidadãos.” (ALVES COSTA, A.: 2014)

Esta citação reforça a ideia basilar da necessidade de construir uma consciência ampla sobre os aspetos “vivos” que devem influir na ponderação do exercício da arquitetura. O que está em causa, pela diferença, é o processo de construção dessa consciência, que deverá assentar no rigor e na transversalidade dos dados que advêm do reconhecimento do território, tão multidisciplinar quanto possível.

“Começamos por inventariar todas as variáveis importantes conhecidas que se encontrem operativas no problema. Porém, se não soubermos avaliar exactamente as suas implicações, corremos o risco de deixar de fora do sistema variáveis desconhecidas, mas críticas, que não deixarão de nos importunar.” (FULLER, Buckminster: 1969: 35)

Uma metodologia que visa reduzir a margem de erro e as suas consequências, ao mesmo tempo que pressupõe uma consciência mais avisada para a complexidade dos problemas e das suas múltiplas frentes, assim como reforçar os pressupostos para a prática de uma profissão que se distingue por

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

qualificar a vida humana no presente mas também contribuir para assegurar a sustentabilidade do seu futuro.

Neste sentido, este trabalho serve de base para uma possível articulação “sinérgica” dos dados recolhidos. Uma ambição que se fundamenta primeiro na construção de um processo de trabalho apoiado em colaboradores que permitissem a necessária abrangência disciplinar. Logo, haverá que encontrar especialistas nas diversas áreas da pesquisa que envolvem um projeto tão complexo como o PNG, assim como, sempre que possível, incluir aqueles que participam ou tenham participado em atividades associadas ao projeto do PNG.

É pois neste contexto que surge uma rede diversificada de colaboradores que se destacaram de outros contactos estabelecidos que não foram igualmente construtivos. Estas colaborações visavam poder tornar mais direto o processo de investigação, assim como conseguir um contacto mais próximo com os atores envolvidos nas diversas atividades do projeto do PNG. Em rigor, esta rede de sinergias assenta primeiramente numa ordem metodológica de construção deste concreto processo de investigação.

Num outro plano, a construção de sinergias projeta-se na eventual capacidade que o projeto de investigação e as suas possíveis conclusões teriam para influenciar as atividades do PNG, em particular as que articulam a sua regeneração biótica com a melhoria de vida das comunidades locais. Neste sentido, e tanto quanto possível, a investigação ambiciona alargar o seu campo de conhecimento por forma a obter uma visão holística do projeto, e assim obter uma síntese que permita localizar as eventuais lacunas do projecto do PNG, um pouco à imagem do exemplo poético de Leonard Cohen que sugere, em “Anthem”, que “é pelos buracos que entra luz”. É ainda no âmbito destas eventuais “falhas” que a compreensão do todo se torna fundamental, pois só assim se poderão obter melhoramentos que não acentuem outras tantas fragilidades.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

“...ring the bells still can ring
forget your perfect offering
there is a crack, a crack in everything
that’s how the light gets in”

A ideia de que o homem é o principal e decisivo elemento na condução da história do planeta é factualmente conhecida pelo antropocentrismo, por oposição a uma ideia teocêntrica, particularmente associada à Idade Média. O impulso das ciências e da razão fundou o homem do Renascimento e está na origem da ideia de que há uma explicação científica para todas as coisas, privilegiando o pensamento racional e lógico. Este foi um período da história muito significativo para o desenvolvimento da ciência em áreas como a biologia, a matemática, a física, a astronomia, a botânica, a anatomia e a química. Este contexto promoveu o conhecimento mais alargado das ciências e das suas inter-relações e permitiu obter uma mais ampla compreensão do mundo, levando a que homens como Leonardo da Vinci desenvolvessem estudos em áreas do conhecimento tão diversas como a geometria, a engenharia mecânica e a anatomia humana.

O trabalho de Leonardo simboliza o exemplo maior da abrangência disciplinar que caracteriza o homem do Renascimento, mas que hoje representa sobretudo o princípio do rigor e da sistematização metodológica usada no desenvolvimento científico.

Por motivos óbvios, hoje é absolutamente impensável pretender o domínio profundo das diversas áreas disciplinares, pois, a vastidão de assuntos associados a cada área disciplinar não permite essa mesma competência.

É precisamente neste contexto que a formação alargada do arquiteto o habilita a ser um potencial interlocutor entre as diversas áreas do conhecimento que estudam fatores associados ao território, do ponto de vista geofísico e cultural, assim como no desenvolvimento de propostas mais conscientes e responsáveis.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

O presente trabalho pretende encontrar um contexto, o mais realista possível, para a compreensão holística daquele território. No entanto e desde logo, estava presente que se tratava de uma pesquisa que, ambicionando uma leitura completa e transdisciplinar, significava apenas a tentativa de aproximação a uma realidade que é sempre mais complexa, e que assenta em pressupostos dinâmicos, muitas vezes, impossíveis de fixar. Deste modo, o resultado deve ser interpretado dentro do contexto das referências e fontes de informação encontradas, como no contexto do tempo real da pesquisa e correspondência efetiva de sinais, enquanto sujeitos que influíram na orientação da pesquisa.

Apraz ainda referir que, além das fontes convencionais, textos diversos e pessoas contactadas, no que a visita de campo ao PNG foi absolutamente fulcral. Com grande evidência na agudização do mais antigo conflito político do país e na divergência declarada entre um governo (do Sul) e uma oposição (do Centro/Norte), que reclama uma mais equilibrada distribuição de direitos. Para alguns moçambicanos este é um problema crónico que pode pôr em causa a estabilidade alcançada, impedindo o desenvolvimento normal e necessário do país.

A Gorongosa situa-se precisamente no centro de Moçambique e serve de residência/bastião ao líder da RENAMO, a famosa Casa Banana, situada no limite norte do PNG. Por isso, durante o momento “quente” de Junho de 2013, o PNG cancelou reservas e pediu aos seus hóspedes que abandonassem o Parque.⁵³

53

Marc Stalmans
26-06-2013
Para: pedrolcordeiro@hotmail.com

Caro Pedro

Como você já ouviu falar que há muita incerteza no momento. Como precaução, na quinta-feira da semana passada, pedimos o nosso convidado no Chitengo para deixar o Park. Até agora, não tivemos quaisquer interrupções no Park.

Estamos à espera de mais notícias sobre a situação política antes que eu possa dizer-lhe como proceder com seus preparativos.

Cumprimentos

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Os dias que se sucederam deram lugar a uma agenda de conversações entre a FRELIMO e a RENAMO, o que viabilizou a minha viagem, em condições de quase normalidade. Fica no entanto o registo deste acontecimento, que perturbou e tem continuado a perturbar o Projeto de Reabilitação e Conservação do Parque Nacional da Gorongosa, sobretudo no que diz respeito às receitas com o turismo.

Dependente do modelo de conservação utilizado (das suas limitações sociais e políticas); do uso dos recursos locais (materiais e mão-de-obra); do reconhecimento das comunidades locais e das suas carências.

O modelo proposto confere ao arquiteto a responsabilidade de aproximar todos os intervenientes visando o equilíbrio e uma maior convergência das propostas disciplinares, por forma a poder controlar o erro em prol da eficácia global do projeto.

O meio de incluir o arquiteto num projeto como o do PNG partirá do maior reconhecimento público sobre as suas competências e vocação interdisciplinar na generalidade das intervenções do território, assim como na aptidão demonstrada para a construção de sínteses articuladas com todos os requisitos essenciais do projeto.

Neste sentido parece haver muito por fazer, pois os contactos feitos reforçaram duas ideias comuns: primeiro, o arquiteto continua conotado como alguém que apenas procura tornar “belo”, sendo que para isso pode negligenciar o funcionamento e o orçamento das intervenções; segundo, grosso-modo, o arquiteto personifica a ideia do ego e da individualidade, o que é um verdadeiro embaraço para os desígnios essenciais da sua participação no desenvolvimento civilizacional, assim como para o que deve ser a base das suas competências profissionais.

“No que confere à arquitetura em particular o Eu tem um sentido acrescido de responsabilidade nas propostas que apresenta ao mundo, a sua

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

consciência é tão ou mais relevante que a sua liberdade para o mudar. Neste sentido, a arquitetura no seu desígnio social tem a capacidade de influenciar comportamentos e significados, pelo que o Eu, enquanto arquiteto e instrumento de transformação, comporta a responsabilidade de constituir de modelo para os outros.” (CORDEIRO, P.L.: 2015: 7)

Por um lado o estigma do arquiteto e do seu ego, por outro a necessidade de demonstrar que na base da sua aptidão está a competência para uma abordagem genérica capaz de conduzir a um processo mais consciente e clarificador das intervenções do território. Neste sentido cabe sobretudo ao arquiteto clarificar as suas competências por forma a poder influenciar/transformar a opinião pública sobre a sua real utilidade social, desvanecendo esta ideia de uma visão ensimesmada, assente numa estética que se sobrepõe a uma ética. Só então poderemos alcançar a confiança de terceiros para uma participação determinante em processos como o “projeto de restauração e conservação do PNG”.

Neste caso particular o trabalho foi desenvolvido com um certo “pé na porta”, pois apesar de educadamente acolhido pela administração do parque, os contactos não se concretizaram numa abertura generalizada para todos os assuntos do parque, sobretudo no que diz respeito aos temas associados às comunidades que residem no seu interior. Sem este torna-se difícil, senão impossível, desenvolver a operacionalidade das sinergias transdisciplinares. Neste sentido seria também importante que a administração do PNG entendesse a vantagem de pesquisas como esta, fora do âmbito disciplinar da biologia e da ecologia, e deste modo encontrar oportunidade para gerar um equilíbrio mais generalizado entre o projeto de “restauração” do PNG, a sua futura conservação e o desenvolvimento económico e social da população nativa. Fica por isso o registo das diversas problemáticas envolvidas e as principais divergências ou incompatibilidades que em suma se traduzem nos proveitos e conflitos entre a conservação e o desenvolvimento humano das comunidades locais, mais concretamente no problema da deslocalização das comunidades

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

que residem no interior do PNG, na implícita transformação das suas atividades tradicionais e na sua subsistência, na compatibilização das diversas atividades do parque com essas comunidades e por fim na legitimidade das partes e no que será o seu nível de envolvimento no futuro daquele território.

10.2. O Belo e a Eco-cultura na arquitetura

No contexto de uma cultura *eco* a arquitetura deverá comportar na complexidade das suas opções os princípios de uma ecologia de meios, na adequabilidade formal e espacial, na origem e nos materiais utilizados, na capacidade técnica e de execução existente, na eficácia energética, nas influências diversas e interações dinâmicas com outros locais, no *todo* como um princípio holístico da disciplina.

O papel da beleza neste modelo de compreensão da disciplina de arquitetura mantém-se como algo inerente ao humano e inevitável ao seu impulso de construir. Como tal, o papel da beleza repete-se porque “*a estética está indissoluvelmente ligada a questões biológicas*” (NIETZCHE: 1888), quer por uma questão de impulso criativo quer pela interpretação do belo, enquanto resultado bioquímico e cultural.

Este sentido fisiológico da arte sugerido por Nietzsche sustenta a ideia de que o sentido criativo do homem não se limita ao agir pela sobrevivência. Com isto e na sua génese, a (im) probabilidade das pinturas rupestres, espalhadas “por todo o mundo” serem uma mera consequência da sua utilidade como instrumento de uma qualquer estratégia de caça, ou de um resultado da disseminação cultural, à época, e a uma escala global. O que reforça a consistência de uma ideia existencial associada a um estímulo inato no homem para a criação do belo.

Neste sentido, poder-se-á dizer que o belo na arquitetura como nas artes não tem como condição para sua existência, a dependência de um contexto ou das suas premissas, pois é muito provável que a sua continuidade seja tão incondicional como a aspiração à liberdade.

Recentemente uma equipa de investigadores do University College de Londres, liderada pelo neurocientista Semir Zeki e impulsionada com a ideia do prazer estético nos matemáticos face ao seu encantamento pela beleza de certas fórmulas abstratas, concluiu que as áreas cerebrais ativadas por estes quando encontram uma fórmula bela são as mesmas que se ativam quando

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

qualquer um de nós fica fascinado por uma peça artística. (ZEKI, Semir et al: 2014)

A inclusão desta ideia não se deve à caracterização do que é ou não belo, mas sim ao reforço de um belo que pertence à condição humana, um belo que está em nós, como um coletivo de substância reconhecível e diverso. É neste sentido que o belo na arquitetura não pode depender de contextos e programas, pois a sua condição é algo latente à simples criação.

A cultura de uma arquitetura responsável face a problemas concretos como é o caso do ambiente, dos ecossistemas, da paisagem e da biodiversidade, não exclui, muito pelo contrário, o seu principal beneficiário – o homem. Na verdade, o problema para a disciplina põem-se apenas no aumento da sua complexidade e necessidade de interagir com o mundo, sobretudo na necessidade de fazer uma leitura mais rigorosa e abrangente dos fatores que influenciam o seu melhor desempenho. Pois, como sabemos, a criação artística na procura do belo não consiste na representação de um problema mas na sua eventual superação. O que não compromete mas reforça a máxima de Fedor Dostoievski quando sugere que “*a beleza salvará o mundo*”.

Por outro lado, e de um modo que se poderia assemelhar a períodos naturalistas ou românticos, a natureza também é reconhecida como a representação do sublime, composta por ligações dinâmicas (eco sistémicas), que se influenciam entre si e encontram uma harmonia para o todo.

A beleza no homem ou nas suas ações, que de um modo mais ou menos consciente estará próxima da bitola da natureza, como um modelo de reconhecida perfeição, sustenta-se igualmente num sistema de ligações entre as partes que agem como um todo, encontrando na arte e na otimização das suas proporções, cores, gestos, forma, espaço, um sentido para o todo, capaz dessa evocação do belo. Assim, e no mesmo sentido em que a natureza tende para uma certa harmonia, apesar de dinâmica, a beleza também depende de um conjunto de elementos que, compostos como um sistema (de ligações “naturais”), apresentam esse mesmo sentido de unidade.

10.3. “Paraíso”



Fig.111: Arcadia, Thomas Cowperthwait Eakins Peter (1844-1916)

A Arcadia representa o conceito de paraíso na mitologia grega, a comunhão do belo entre a humanidade e a natureza como o lugar perfeito. Um lugar imaginado que inspirou autores como Virgílio (70 a.C. – 20 a.C.) ou Dante Alighieri (1265-1321). Contudo, este é um paraíso centrado no homem e na sua espiritualidade, propício à inspiração artística e cultural, na qual a natureza é considerada um refúgio da verdade e da beleza.

Ao contrário do Jardim do Éden, que se fundamenta na gênese da vida do homem e no seu criador associado a conceitos do bem e do mal, a Arcadia Grega é sobretudo um lugar idílico, assente numa cultura antropocêntrica capaz de uma satisfação própria, circunscrita numa harmonia entre a natureza e a cultura através da poesia e da música.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.112: Adão e Eva na Dignidade do Paraíso, Peter Paul Rubens (pintado entre 1610-1615)

“8 E o Senhor-Deus plantou um jardim no Éden, para Oriente e aí colocou o homem que formara. 9 Fez, pois, o Senhor-Deus germinar do solo todas as árvores agradáveis à vista e boas para alimento e, no meio do jardim, a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal. 10 E um rio saía do Éden, para regar o jardim; daí se dividindo em quatro braços. 11 O nome do primeiro é Pison: é o que corre ao longo da terra de Hevilá, onde há ouro; 12 o ouro desta terra é ótimo. Lá se encontram também resinas aromáticas e a pedra ónix. 13 O nome do segundo rio é Gion: é o que atravessa toda a terra da Etiópia. 14 O nome do terceiro rio é Tigre: é o que passa a oriente de Assur. O quarto rio é o Eufrates. 15 Tomou, pois, o Senhor-Deus a Adão e colocou-o no jardim do Éden para cultivar e cuidar dele. 16 E o Senhor Deus preceitou a Adão: «Podes comer de toda a árvore do jardim; 17 contudo, da árvore da ciência do bem e do mal não comas, pois no dia em que comeres dela morrerás, de certeza».” (BIBLIA: 48)

No livro a Génesis, Deus, depois de criar o Homem, leva-o para o Jardim do Éden para que este possa reconhecer que aquele lugar não lhe pertence mas que apenas lhe foi concedido (BIBLIA: 49). Este facto bíblico remete-nos

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

para a ideia de um homem a quem foi permitido viver no paraíso (como um mundo perfeito) e a quem restava ser responsável para ali poder continuar a viver. Do mesmo modo que no jardim da Arcadia, o jardim do Éden demonstra uma convivência perfeita entre a natureza e o homem. No entanto, esse mesmo clima de harmonia total é representado por Thomas Eakins sob um diferente contexto paisagístico e cultural. Na Arcadia a paisagem é serena, focada no humano, na sua felicidade lúdica e contemplativa da beleza. Em Rubens, o paraíso é sugerido por uma natureza exuberante, evidenciando o sentido original de um mundo pouco ou nada influenciado pelo homem e na qual a felicidade apenas estaria dependente de cuidar do que lhe foi concedido por Deus.

10.4. “Paraíso perdido”



Fig.113: Ilustração de Gustave Doré (1866) para a edição de “Paradise Lost” de John Milton (1667).

Após terem comido a maçã da “*árvore da ciência do bem e do mal*” Adão e Eva são expulsos para sempre do Paraíso. Este facto bíblico simboliza o fim de uma harmonia imaginada entre o homem e o mundo, pois, uma vez fora do paraíso, o homem terá que lidar com todas as dificuldades que são próprias da vida, tal como a conhecemos.

Tal como no passado, a alusão a um “paraíso perdido” africano continua a ser recorrente em trabalhos artísticos, jornalísticos ou do foro científico, sobretudo na área da biologia e da ecologia. A conotação da palavra “perdido” poderá ter aqui um duplo sentido, pois, por um lado refere-se à constatação de um continente em forte transformação com particular incidência na destruição dos seus relevantes ecossistemas e na difícil tarefa de os preservar. Por outro, um território em que ainda é possível encontrar novas espécies de animais, como as recentemente descobertas na serra da Gorongosa.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**



Fig.114: Fotografia de Nick Brandt in “the Ravaged Land”, 2013.



Fig.115: Fotografia de Nick Brandt in “the Ravaged Land”, 2013.

As fotografias de Nick Brandt sobre o tema “the Ravaged Land”⁵⁴ (NICK BRANDT: 2013), são parte de uma trilogia de imagens que documentam o desaparecimento do mundo natural e dos animais no Sudeste Africano, da qual se apresentam duas imagens ilustrativas da dimensão do problema da conservação da natureza e das diversas frentes de combate que se impõem.

⁵⁴ Tema do último livro do fotógrafo Nick Brandt publicado em Setembro de 2013.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

Para além dos conflitos armados que ainda são comuns no continente africano e da exponencial transformação da paisagem motivada pelo aumento de população e da exploração dos recursos naturais, é ainda muito significativo o impacto da caça ilegal, sobretudo quando motivada por um mercado poderoso, como é o enorme mercado asiático, ávido de luxos exóticos e de outras infelizes excentricidades como são os cornos de rinoceronte ou os dentes de elefante.

No Quênia estima-se que a caça ilegal mata cerca de cem elefantes por ano, nos últimos cinco anos, e apesar das capturas de marfim ilegal terem triplicado, o aumento da procura aumentou o seu valor para o dobro, o que se reflete também no aumento do número de caçadores furtivos.

Em Moçambique e em particular na Gorongosa, a sugestão de um “paraíso perdido” contém também uma ambiguidade de sentidos, de que se destaca a sua história de guerra recente, a qual transformou o muito citado “paraíso” num palco de guerrilha entre as facções opostas da guerra civil (1976-1992), com terríveis consequências para a devastação do ecossistema do PNG, assim como para a instalação do caos entre as populações nativas, envolvidas à força num conflito que não compreendiam, mas que as lançava na fome e no medo. Um clima de terror que se reergue cada vez que se potencia o reacendimento do conflito, cuja circunstância atual parece basear-se, mais em situar aquele território.

A circunstância do atual conflito parece basear-se, mais do que em divergências políticas, na ganância pelos dividendos das recentes descobertas de recursos minerais no país, sendo ainda relevante o facto de que a maioria das jazidas se encontra a norte do rio Save, território de maior domínio da Renamo. Neste caso, podemos associar, ao jeito de parangona jornalística, o atual estado de Moçambique a um paraíso que se perde pela cobiça, pelo poder e pelo dinheiro, mas ainda que seja possível remeter o problema para a ideia do “pecado original” impõe-se o rigor de o inserir no centro da mais antiga e notável história da humanidade.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

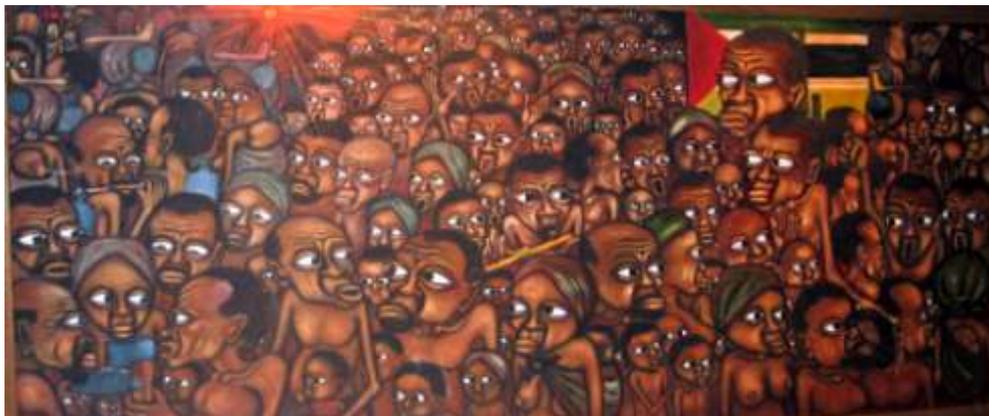


Fig.116: Pintura de Malangatana

Nesta expressiva tela revisitamos, como em muitas das obras do pintor Malangatana Ngwenya (1936-2011), o clima de medo, de desorientação e desconfiança instalado na população durante e depois das guerras que assolaram Moçambique.

10.5. “Correcções”

Recuperar a ideia de uma arquitetura em plena harmonia com a natureza, mais próxima das suas origens como terá sido “a casa de Adão no paraíso”⁵⁵ (RYKWERT: 1972), não significa voltar aos primórdios da existência humana e ao seu modo de habitar. Atualmente, dispomos de instrumentos que nos ajudam a encontrar respostas para problemas técnicos, necessitando por isso de desenvolver propostas que compreendam as dinâmicas dos sistemas, de modo a que resolução de um problema não seja a causa para o agravamento de um outro.

É por isso desaconselhável ao arquiteto intervir no território e confiar unicamente nas suas capacidades intuitivas, como o é ao conservacionista descurar a presença humana num ecossistema ou ao sociólogo ou antropólogo fechar os olhos à presença do homem como elemento integrante na recuperação e até conservação da biodiversidade.

O que parece claro é a necessidade de incluir todos os problemas e desejos num sistema que aconselhará a dar passos mais seguros, evitando ao máximo as abstrações especializadas, naturalmente limitadas.

A palavra abstração carrega ainda quase um século de vigência num modelo predominantemente “modernista” de pensar a arquitetura, por motivos e contextos históricos muito enraizada no deslumbramento tecnológico do homem e em si mesmo. Uma herança que se instituiu na ideia de uma arquitetura da eficácia face aos progressos científicos e tecnológicos.

As circunstâncias desse tão grande impulso acompanharam o desenvolvimento e crescimento exponencial da população mundial, assim como as suas exigências face à qualidade de vida adquirida.

Neste sentido, também a arquitetura se transformou numa disciplina frequentemente ensimesmada, muitas vezes sem a bitola de uma preservação

⁵⁵ Ensaio em que Rykwert inscreve a necessidade da arquitectura recuperar um suposto estatuto de entendimento com a natureza, simbolizado pela ideia de Adão ter construído a sua casa no paraíso.

Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:

Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território

identitária e muito menos ecológica. Pelo contrário, a ambição era “inventar” soluções que melhor representassem um progresso que prometia não ter mais travão para o domínio do homem sobre o mundo.

Contudo, podemos verificar que também neste período, sobretudo entre os anos 20 e 70 do século XX, alguns arquitetos de inspiração e pressupostos modernistas, assentes na depuração da forma e no funcionalismo, ponderavam a integração/expressão do objeto arquitetónico no território, como uma composição harmoniosa com a paisagem.

Hoje, através da ideia de sistemas de influências culturais e naturais, verificamos que é tão certo como insuficiente focar a paisagem enquanto “envolvente” que emoldura a obra arquitetónica, visando unicamente atribuir mais-valias ao seu eventual valor estético.

É necessário compreender o objeto arquitetónico para além do modelo cultural e pessoal do autor, e colocar o mesmo sob o ponto de vista do seu utilizador e do território em que se vai inserir, ponderar o contributo para a qualidade da vida humana e dos ecossistemas associados, assim como garantir a sustentabilidade dos mesmos.

Para isso é necessário compreender as especificidades locais e as suas diversas dinâmicas, centrípetas e centrífugas, naturais e culturais, de modo a poder propor sem comprometer o que deve permanecer fundamental.

Neste sentido, este trabalho é um exemplo especulativo de uma disciplina que precisa de se adequar procurando na essência dos seus princípios a melhor forma de servir a humanidade.

Considerar o todo não é uma novidade para a matéria da arquitetura e paisagem, muito pelo contrário, ser arquiteto é não deixar nada de parte. Deste modo, a sistematização metodológica não substitui, até pela sua inevitabilidade, uma interpretação pessoal, mas funcionará como forma de melhor garantir e demonstrar quais os fatores/dados/elementos considerados. Neste sentido, este trabalho é uma teorização metodológica exemplificativa para uma abordagem mais adequada aos problemas que se colocam na contemporaneidade, visando fundamentalmente uma maior adequabilidade

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

do exercício profissional da arquitetura relativamente ao futuro da humanidade.



Fig.117: “Mending Earth” – Robert and Shana ParkeHarrison

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

LISTA DE REFERÊNCIAS:

10. BIBLIOGRAFIA

AGA KHAN, H. et al: “Aga Khan Award for Architecture: Intervention Architecture – Building for Change”. I.B. Tauris & Co Ltd, 2007.

ALVES COSTA, A.: “O Património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade”. Compilação de textos datados entre Dez. 2003, Out. 2011 e Fev. 2014.

AZEVEDO, Ário L.: “An Attempt to characterize the mediterranean climate”. Portug. Acta Biol. (A) XVI (1-4): 11-18. Universidade de Évora, 1980.

BARGNA, Ivan: “Arts Et Sagesses D’Afrique Noir”. Zodiaque, 1998.

BERLAUNT, Arnold: “Living in the Landscape. Towards an Aesthetics of Environment”, University Press of Kansas, 1997.

BHABHA, Homi K.: “The location of culture”. Routledge London and New York, 1994.

BURKE, Edmund: “A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful”, University of Notre Dame Press Notre Dame, London 1968.

CASAL, A.Y. : “Antropologia e desenvolvimento: as aldeias comunais de Moçambique”, Lisboa I.I.C.Tropical, 1996.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

CHONCHOL, Maria Edy: “environnement naturel développement et organization villageoise au Mozambique – Guide Bibliographique“. Études et recherches n°44-79, Dakar, Octobre 1979.

COUSINS, Norman: “Nature Near – late essays of Richard Neutra”, Edited by William Marlin, 1989.

DAVID, Darling: “The Universal Book of Mathematics”, Jonh Wiley & Sons, Inc. New York, 2004.

DOWIE, Mark: “Conservation Refugees – The Hundred-Year Conflict between Global Conservation an Native Peoples”, The MIT Press, Cambridge - Massachusetts, 2009.

DUDLEY, Stamp; MORGAN, W.T.W.: “Africa: A Study in Tropical Development”, Jonh Wiley & Sons, Inc. New York, 1953.

FERNANDES, F.: “Os solos da Gorongosa e a sua capacidade de utilização”. Comunicação 7, Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique, Lourenço Marques, 1968.

FERNANDES, F.: “Os solos do Parque Nacional da Gorongosa”. Comunicação 19, Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique, Lourenço Marques, 1968.

FULLER, R. Buckminster: (1938) “Nine chains to the moon”. Anchor Books, New York, 1971.

FULLER, R. Buckminster: (1969) “Manual de Instruções para a Nave Espacial Terra”. Via Optima, Oficina Editorial, Lda. Porto, 1998.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

GELFAND, M.: “The Genuine Shona: Survival Values of an African Culture”, Mambo Press, 1973.

GEFFRAY, Christian: “A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique”, Edições Afrontamento, 1991.

GÖTZ, Lothar: “Zambia 69 – Report on a study trip to África”, University of Stuttgart, 1969.

GUNN, Clare A.: “Tourism Planning” Second Edition, Revised and Expanded, EUA 1988.

HALL, Edward T.: “A dimensão oculta” Antropos, Relógio D’Água Editores, 1986.

HARRIES, K.: “A função ética da arquitectura”, (1975). In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.424-427.

HENRIQUES, I.C.: “Espaços e Cidades em Moçambique”, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa 1998.

HOLANDA, Francisco: (1548) “Diálogos em Roma”, Livros Horizonte, 1984.

HOOLLOWAY, Lewis; HUBBARD, Lewis – “People and place - the extraordinary geographies of everyday life”, Pearson Education Limited 2001.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

JAMES, William: “On a Certain Blindness in Human Beings”, Penguin Books
- Great Ideas 75, 2009.

JAMES, William: “Pragmatism and Other Writings”, Penguin Classics 2000.

JANSON, H. W.: “História da Arte”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa,
1992.

LEACH, Neil et al: “Rethinking Architecture, a reader in cultural theory”,
Routledge, London 1997.

LEOPOLD, Aldo: (1949) “A Sand County Almanac – And Sketches Here
and There”, Oxford University Press, New York 1989.

LÉVI-STRAUSS, C.: “Tristes Trópicos”, Edições 70, 1993.

LOVELOOK, James: “Gaia – a new look at life on earth”, Oxford University
Press, 1979.

MAZULA, Brazão: “Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-
1985”, Coleção Armas e os Varões, Edições Afrontamento, 1995.

MCDONOUGH, W.: “Projecto, Ecologia, Ética e a produção das coisas”,
(1994). In: NESBITT, Kate (Org.). Uma nova agenda para a arquitetura:
antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006, p.428-438.

MCHARG, Ian L.: “Design with Nature”, Natural History Press, New York
1969.

MEDEIROS, Eduardo: “Etnias e Etnicidades em Moçambique”, Coleção
Raízes Culturais, nº1 [S.I.: s.n.], 1996.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

- MERCIER, Paul: “Remarques sur la signification du «tribalism actuel» en Afrique noire”, Cahiers internationaux de sociologie, XXI PUF, Paris 1961.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY: Gareth: “Ecological Urbanism”, Harvard University Graduate School of Design, Lars Muller Publishers, 2009.
- MONDLANE, Eduardo: “The Struggle for Mozambique”, Penguin Books, 1969.
- NEGRÃO, José: “Sistemas costumeiros da terra em Moçambique”. In Santos and Trindade (eds) 2000. Conflito e transformação Social: uma paisagem das justiças em Moçambique. CEA/CES, Maputo/Coimbra, vol.2, pp.10.1-10.43
- NEWITT, Malyn: “História de Moçambique”, Publicações Europa-América, Dezembro 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich: (1888) “O caso Wagner: Nietzsche contra Wagner”, Epilogo, Companhia das Letras, 1999.
- OLIVER, Paul: “Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World”. ed. Cambridge University Press, 1997.
- PLÍNIO, o Jovem: (Século I) “Villa Laurentine”, cópia de texto traduzido em português, cedido por: Professora Doutora Marieta Dá Mesquita, 2002.
- RODRIGUES, M.J.: “O que é Arquitectura”, Quimera Editores, Lisboa 2002.
- RUDOFISKY, Bernard : “Architecture Without Architects – A Short Introduction to Non-Pedigreed Architecture”, New York: Museum of Modern Art, 1964.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

RYKWERT, Joseph: (1972) “La casa de Adán en el Paraíso”, Colección Arquitectura e Crítica, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona, 1974.

SARDAN, Olivier de: (1995) “Introduction. The three approaches in the Anthropology of Development” *in* Olivier de Sardan, “Anthropology and Development. Understanding Contemporary Social Change, London: Zed Books, 2005.

SCHEBESTA, Paul : (1966) “Portugal : a missão da Conquista no Sudeste de África – História das Missões da Zambézia e do Reino Monomotapa” (1560-1920), Missionários do Verbo Divino, Lisboa 2011.

SEYRIG, M.: “Rapport sur la situation actuelle & L’avenir possible du prazo de Gorongosa”, Livraria Ferin, Lisboa 1897.

SHAFTESBURY, A.A. : “Characteristics of Men, Manners, Opinions, Times”, Cambridge University Press 1999.

SILVA, J.A.: “Gorongosa – experiências de um caçador de imagens”, Editora Empresa Moderna – Lourenço Marques, 1964.

SINGER, P.: – “Escritos sobre uma vida ética”, publicações Dom Quixote, Lisboa 2008.

TÁVORA, F.: “Da organização do espaço”, FAUP publicações, Porto 2004.

TINLEY, Lynne.: “Drawn from the Plains – Life in the Wilds of Namíbia and Moçambique”, William Collins Sons & Co Ltd, London, 1979.

TKACZ, V.; MUALA, D. “Tales from Gorongosa – Nganu Za Gorongosa”, Published by the Carr Foundation, Edited by Melissa Mahoney, 2010.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

VAN LENGEN, J.: “Manual do Arquitecto descalço”, Dinalivro, Lisboa 2010.

VASCONCELOS, A.: Primeiro Reconhecimento Petrográfico da Serra da Gorongosa (Moçambique) – Estudos, Ensaios e Documentos (42). Ministério do Ultramar – Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa 1958.

VITRÚVIO: “Vitruvius - Tratado de Arquitectura”, IST Press, 2006.

WOLSTENHLMER, G.E.W. et al: “Man and Africa”, Ciba Foundation, J.&A. Churchill, Ltd., London 1965.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Teses, Dissertações e Artigos

ANTONELLI, Cláudia: “Mudanças em curso no Distrito de Gorongosa, Província de Sofala – Estudo-diagnóstico da situação agrícola numa parte do distrito”, Novembro 2005. 50 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrícola) – Université Paris 1, 2005.

CORDEIRO, Pedro: “A velocidade como meio para novas formas do espaço – Aceleração, descontinuidades e seriações”, Novembro 2004. 131 f. Dissertação (Mestrado em Arquitectura) – Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa 2004.

CORDEIRO, Pedro: “Arquiteturas e a Relevância do Processo”, Março 2015. 22 f. Artigo do II SEMINÁRIO INTERNACIONAL “*ARQUITECTURAS-IMAGINADAS: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA ARQUITECTÓNICA E ‘OUTRAS-IMAGENS’*” “*DESENHO (...) CIDADE (...) EU*” - Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa 2015.

NÓVOA, Teresa: “Mount Gorongosa, A Heritage in the Making – Heritage and nature conservation in Central Mozambique”, 2012. 110 f. Master of cultures and development studies – Faculty of Social Sciences, Katholieke Iniversiteit Leuven, Leuven 2012.

TINLEY, K.L.: “Framework of the Gorongosa Ecosystem”, November 1977. 184 f. D.SC dissertation (Ecology and Wildlife Management), University of Pretoria, Pretoria 1977.

VERÍSSIMO, Celine: “Municipal Development in Mozambique - Lessons from de first decade”, May 2010. Tese (Doutoramento em Planeamento Urbano) Londres, 2010.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Periódicos

BIVAR, G.: “Gorongosa, paiz de caça” Serões, p. 269-274, Vila de Paiva de Andrade, Março de 1910.

BOLETIM, Sociedade de Geografia de Lisboa: Abril 1959, pág.17.

CARR, Greg: “A Gorongosa recupera – A Gorongosa renasceu”: entrevista. [Abril de 2009]. National Geographic.PT, vol.9, n.º97. Entrevista concedida a Gonçalo Pereira.

EÇA de QUEIRÓS, J.M.: “Gorongosa: aspectos e problemas da fauna africana”, GEOGRAPHICA, N.º1; 2; 3; 4. Sociedade de Geografia de Lisboa: Lisboa, 1965.

FERNANDES, A. : “GORONGOZA Eden de Moçambique” IMPÉRIO revista mensal ilustrada N.º2, p. 51, Junho de 1951.

HENRIQUES, Júlio et al: “Flauta de Luz” Boletim de Topografia n.º1, Janeiro de 2013.

IGREJA, V.; DIAS-LEMBRANCA, B.; RITCHERS, A.: “Gamba spirits, gender relations, and healing in post-civil war Gorongosa, Mozambique”. JRAI – Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.) 14, p.353-371, 2008.

MACEDO, J.: Gorongosa – “O Gouveia”, MONUMENTA – Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique, N.º4, p.20-24, 1968.

MATOS, A.: “Recordando Gorongosa”. N.º 235 LABOR, Volume XXIX, p. 220-222, Janeiro 1965.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

MATOS, A.: “Recordando Gorongosa II”. N.º 236 LABOR, Volume XXIX, p. 242-245, Fevereiro 1965.

MATOS, A.: “Recordando Gorongosa III”. N.º 237 LABOR, Volume XXIX, p. 319-321, Março 1965.

MATOS, A.: “Recordando Gorongosa IV”. N.º 238 LABOR, Volume XXIX, p. 379-381, Abril 1965.

MATOS, A.: “Recordando Gorongosa V”. N.º 239 LABOR, Volume XXIX, p. 422-424, Abril 1965.

PINTO, J.X.: “Districto de Manica – Gouveia, Serra Gorongosa, Sede provisória do districto de Manica, 23 de Dezembro de 1885”. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 6ª série, p.9-13, 1886.

REGO, A.S.; SANTOS, E.: “Atlas – Missionário Português”, Junta de investigações do ultramar e centro de estudos ultramarinos, p.101-117, Lisboa, 1964.

SOUSBERGHE, L.: “Structures de parenté des Sena Gorongosa (Mozambique). L’HOMME – Revue française d’anthropologie, Tome V, p.93-101, Janvier-Mars 1965.

WILSON, Edward O.: “O renascimento da Gorongosa” in National Geographic, 125º aniversário – Os Novos Exploradores. Junho 2013. Vol.13, nº147.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Documentos em suporte eletrónico

ADMINISTRAÇÃO DISTRITAL DE GORONGOSA: “Plano Estratégico Distrital de Desenvolvimento de Gorongosa”, Fevereiro de 2006. Disponível em:

<http://www.gorongosa.org/sites/default/files/research/006-pedd_gorongosa.pdf> Acesso em: Fevereiro 2012.

BELOTTI, Sara: “Meio ambiente e turismo sustentável em Moçambique: organização territorial e conhecimentos culturais no Parque Nacional do Zinave”, Università degli Studi di Bergamo/Università degli Studi di Napoli “L’Orientale”, IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, Outubro 2012. Disponível em:

<<http://2012congressomz.files.wordpress.com/2013/08/t11c04.pdf>> Acesso em 20 de Outubro de 2013.

BERTA, Rafael: “Relatório sobre o processo de visionagem da Comunidade de Tambarara - Programa de Desenvolvimento Rural, Sofala”, 15 de Jun.2004. Disponível em:

<<http://www.gorongosa.org/our-story/science/reports/relat%C3%B3rio-sobre-o-processo-de-visionagem-na-comunidade-de-tambarara>> Acesso em 3 de Abril de 2012.

CAICC (centro de apoio à informação e comunicação comunitária):

Comunicação do Parque Nacional da Gorongosa. Disponível em:

http://www.caicc.org.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=273:leonor-piuza-destacada-pelo-sucesso-na-%20argelia&catid=16:noticias&Itemid=28: Acesso em Agosto 2013.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

CHICHAVA, Sérgio: “Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique”, Abril de 2008. Disponível em:
<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf> Acesso em 28 de Julho de 2012.

CRAFFORD & CRAFFORD ARCHITECTS: Disponível em:
<<http://za.linkedin.com/in/abrec>> Acesso em Setembro de 2013.

JANOT, L.F. (entrevista): “CAU/RJ entrevista Luiz Fernando Janot, Conselheiro Titular”, 11 de Outubro de 2013. Disponível em:
<http://www.caurj.org.br/?p=9276> Acesso em 15 de Novembro de 2013.

KANT, I.: “Critica da Faculdade do Juízo”, Primeiro Volume, Publicação em 10 volumes, S.C. da Misericórdia do Porto, 1997. Disponível em:
<pt.scribd.com/doc/50477694/Kant-Critica-da-Faculdade-do-Juizo-TXT-Livro> Acesso em 5 de Fevereiro 2012.

LIESEGANG, G. (entrevista): “Entrevista a Gerhard Liesegang – Cientistas Sociais de Língua Portuguesa”, 12 de Jun. 2008. Disponível em:
<<http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/gerhardliesegang>> Acesso em 19 de Novembro de 2013.

PINA-CABRAL, J.: “Os albinos não morrem: crença e etnicidade no Moçambique pós-colonial”, 2004. Disponível em:
<http://pina-cabral.org/PDFs/083_Os_albinos_nao_morrem.pdf> Acesso em Agosto de 2013.

PINTO, A.V.; CARDOSO, L.A.: “Quando os elefantes lutam e a erva sofre estratégias de desenvolvimento e conservação no parque nacional do Limpopo em Moçambique”, IICT – Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa, Outubro 2012. Disponível em:

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

<<http://2012congressomz.files.wordpress.com/2013/08/t11c03.pdf>> Acesso em 20 de Outubro de 2013.

RAMUSIO, G.B.: "Delle Navigazioni et Viaggi, Veneza" 1550. In : "Monomotapa : O Reino do Ouro" post 2010. Disponível em : <<http://civilizacoesafricanas.blogspot.pt/2010/06/monomotapa-o-reino-do-ouro.html> > Acesso em Maio 2013.

SERRÃO, A.V.: "*Filosofia e paisagem. Aproximações a uma categoria estética*", Philosophica, Lisboa, 2004. Disponível em: <<http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/23/5.pdf>> Acesso em 12 de Outubro de 2012.

TORNIERI, S.; COSTA, P.C.: "Dress sexy at my funeral: para que serve a Bienal de Arquitectura de Veneza?", 11 de Março de 2013. Disponível em: <http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=94> Acesso em Abril de 2013.

URBAN-THINK TANK (entrevista): "Biennale Architettura, intervista al Leone d'oro 2012. Torre David il Common Ground abita aqui" In: IL GHIRNALDAIO, Magazine di Real Estate, Arte e Architettura. Entrevista concedida a Antonella Benanzato. Disponível em: <<http://www.ilghirlandaio.com/top-news/69510/biennale-architettura-intervista-al-leone-d-oro-2012-torre-david-il-common-ground-abita-qui/>> Acesso em Outubro de 2013.

ZEKI, Semir et al: "Os mesmos centros cerebrais servem para sentir a beleza de uma equação ou de uma obra de arte" In: Jornal Publico.pt, 15 de Fev. 2014. Reportagem de Ana Gerschenfeld. Disponível em: <<http://www.publico.pt/ciencia/noticia/os-mesmos-centros-cerebrais-servem-para-sentir-a-beleza-de-uma-equacao-ou-uma-obra-de-arte-1623723>> Acesso em: 15 de Fev. 2014.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Websites e Blogs

BIBLIOTECA MOÇAMBIQUE. Disponível em:

<<http://www.malhanga.com/biblioteca/bm/>> Acesso em Setembro 2012.

BLOG DA GORONGOSA, MOÇAMBIQUE (Parque Nacional da Gorongosa). Disponível em:

<<http://gorongosa.blogs.sapo.mz>> Acesso em Agosto 2012.

GORILLACD.ORG. Disponível em:

<http://gorillacd.org/2009/02/19/briquette-production-the-beginning-of-an-alternative-source-of-fuel-around-virunga/> Acesso em Março de 2012.

GNP (Gorongosa National Park). Disponível em:

<<http://www.gorongosa.org/pt> > Acesso desde Janeiro de 2012.

GREENPEACE (Greenpeace Portugal). Disponível em:

<<http://www.greenpeace.org/portugal/pt/greenpeace/historia-da-greenpeace/>>

Acesso em Junho de 2013.

JOSÉ FORJAZ ARQUITECTOS. Disponível em:

<<http://www.joseforjazarquitectos.com/>> Acesso em Setembro de 2013.

PÚBLICO.PT. Disponível em:

<<http://www.publico.pt/economia/noticia/regiao-da-gorongosa-em-mocambique-intensifica-prospeccoes-de-ouro-1610648>>

Acesso em 29 de Outubro de 2013.

ROBERT AND SHANA PARKEHARRISSON. Disponível em:

<<http://www.parkeharrison.com/>> Acesso Abril 2012

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

NICK BRANDT. Disponível em: < <http://www.nickbrandt.com/>> Acesso em Agosto 2013.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Documentos FAPF-UEM

BRUSCHI, S.: “Campo e cidades da África antiga”. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM, Edição: Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat, Maputo, Novembro de 2001.

BRUSCHI, S.; CARRILHO, J.; LAGE, L.: “era uma vez uma palhota... história da casa moçambicana”. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM, Edição FAPF, Maputo, 2005.

CARRILHO, J.: “IBO, a casa e o tempo”. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM, Edição FAPF, Maputo, 2005.

CARRILHO, J. et al: “um olhar para o habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo”. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM, Edição: Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat, Maputo, Junho de 2001.

MENEZES, Carlos: “Mito e cosmogonia na concepção do assentamento africano” *in* “um olhar para o habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo”. Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM, Edição: Centro de Estudos e Desenvolvimento do Habitat, Maputo, Junho de 2001.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Filmes e Vídeos

ÁFRICA minha. Direção: Sydney Pollack. Produção: Sydney Pollack, EUA 1985. 1 DVD (161 min). Universal Studios. Título original: Out of África

DERSU Uzala. Direção Akira Kurosawa. Produção: Mosfilme 1975. 1 DVD (144 min). R.U.S.C.I.C.O.

MELANCHOLIA. Direção: Lars Von Trier. Produção: Zentropa 2011. 1 DVD (130 min). Nordisk Film.

RAÍZES do Céu, As. Direção: John Huston. Produção: Darryl F. Zanuck. Twentieth Century Fox, 1958. 1 DVD (121min). Multimédia S.A. Título original: The roots of Heaven.

TABU. Direção: Miguel Gomes. Produção: O Som e a Fúria. Co-produção: Komplizen Film, Gullane, Shellac Sud e ZDF/ARTE 2012. 1 DVD (114 min). Alambique.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Literatura complementar

ATLAS de Portugal ultramarino e das grandes viagens portuguesas de descobrimento e expansão. Ministério das Colónias, Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, Lisboa 1948.

BÍBLIA. Português. *Livro da Génesis - O Paraíso* (8,17) In. Bíblia Ilustrada. Editorial Universus, Porto, 1961.

CAMÔES, Luís de: *Os Lusíadas* (1572). Direcção: José António Saraiva, José António Lima, Henrique Monteiro. Edição Expresso (10 Volumes), 2003.

CASTRO, Fernanda de: *Fim de Semana na Gorongosa* (Romance de Aventuras) – Edição Especial patrocinada pela Direcção Geral de Educação Permanente, Lisboa, 1969.

COUTO, Mia: *Terra Sonâmbula*, Editorial Caminho 1992.

COUTO, Mia: *a confissão da leoa*, Editorial Caminho 2012.

FRANZEN, Jonathan: *Correcções*, D. Quixote, 2003. Título original: *Corrections*.

FRANZEN, Jonathan: *Liberdade*, D. Quixote, 2011. Título original: *Freedom*.

HEMINGWAY, Ernest: *As verdes colinas de África*, Edição «Livros do Brasil» Lisboa, 1999. Título original: *Green hills of África*.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

M. TAVARES, G.: *Uma viagem à Índia*, Editorial Caminho, 2010.

MICHENER, James: (1980) *A Aliança*, Editora Record 1983. Título original:
The Covenant.

PORTAS, Miguel: *Quatro macacos* In: *E o resto é paisagem*. Publicações
Dom Quixote, Julho de 2002.

KIPLING, Rudyard: *O livro da selva*, Livros Brasil, Lisboa 2006. Título
original: *The jungle book*.

KUNDERA, Milan: (1995) *A lentidão*, Edições ASA 2002. Título original:
La lenteur.

SEPÚLVEDA, Luis : *O velho que lia romances de amor*, Porto Editora 2012.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Letras de músicas

COHEN, Leonard. In the future – Leonard Cohen. Columbia Records, 1992 (CD).

DYLAN, Bob: *Mozambique* (3). In Desire – Bob Dylan. Columbia Records, 1976 (LP).

GODINHO, Sérgio: *Isto anda tudo ligado* (2). In: Na Vida Real – Sérgio Godinho. Polygram, 1986 (LP).

VELOSO, Caetano: *alegria, alegria* (4). In: Tropicália – Caetano Veloso. Philips, 1968 (LP).

VELOSO, Caetano: *Os Argonautas* (6). In: Irene – Caetano Veloso. UNIVERSAL, 1972 (LP).

VIEIRA, Manuel J.: *Gorongosa* (24). In: Mundo Catita – Irmãos Catita. Portugal, 2001 (CD).

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

Eventos

CARR, Greg: O Parque Nacional da Gorongosa e o Projecto de Restauração da Gorongosa. Palestra proferida no “Open Day”, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 14 de fev. 2014.

GALANTE, Vasco: O Parque Nacional da Gorongosa e o Projecto de Restauração da Gorongosa. Palestra proferida no “Open Day”, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 14 de fev. 2014.

STALMANS, Marc: Ciência e Conservação no Parque Nacional da Gorongosa. Palestra proferida no “Open Day”, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 14 de fev. 2014.

ECHEVERRIA, Susana R.: O Projecto de Investigação do Centro de Ecologia Funcional no Parque Nacional da Gorongosa. Palestra proferida no “Open Day”, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra em 14 de fev. 2014.

**Projeto de recuperação e conservação do Parque Nacional da Gorongosa:
Paisagem Natural versus Cultural – análise crítica do território**

11.1. FONTES PRIMÁRIAS

GORONGOSA 1969. António Rugeroni de Saldanha, 1969. Super-8 (6,41 min).

SANTOS PEIXE, N.: “Gorongosa” In “Terras e Casas onde eu vivi” (pág. 40 – 48), 2013. [Relato de Nerina Ester Maria do Carmo Nascimento Santos Peixe, esposa de Júlio dos Santos Pereira, administrador da Circunscrição da Gorongosa entre 28 de Março de 1955 e 6 de Outubro de 1958]

STALMANS, Marc; BEILFUSS, Richard: “Landscapes of the Gorongosa National Park - final draft” (unpublished, Gorongosa National Park internal report), June 2008.